



OBSERVATÓRIO AGRÍCOLA



**ACOMPANHAMENTO
DA SAFRA BRASILEIRA**

grãos

V. 5 - SAFRA 2017/18- N. 9 - Nono levantamento | **JUNHO 2018**



Monitoramento agrícola

Presidente da República

Michel Temer

Ministro da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa)

Blairo Maggi

Diretor - Presidente da Companhia Nacional de Abastecimento (Conab)

Francisco Marcelo Rodrigues Bezerra

Diretor - Executivo de Operações e Abastecimento (Dirab)

Jorge Luiz Andrade da Silva

Diretor - Executivo de Gestão de Pessoas (Digep)

Marcus Luis Hartmann

Diretor - Executivo Administrativo, Financeiro e de Fiscalização (Diafi)

Danilo Borges dos Santos

Diretora - Executiva de Política Agrícola e Informações (Dipai)

Cleide Edvirges Santos Laia

Superintende de Informações do Agronegócio (Suinf)

Aroldo Antônio de Oliveira Neto

Gerência de Levantamento e Avaliação de Safras (Geasa)

Cleverton Tiago Carneiro de Santana

Gerência de Geotecnologias (Geote)

Tarsis Rodrigo de Oliveira Piffer

Equipe Técnica da Geasa

Bernardo Nogueira Schlemper

Eledon Pereira de Oliveira

Fabiano Borges de Vasconcellos

Francisco Olavo Batista de Sousa

Juarez Batista de Oliveira

Juliana Pacheco de Almeida

Martha Helena Gama de Macêdo

Equipe Técnica da Geote

Aquila Felipe Medeiros (menor aprendiz)

Bárbara Costa da Silva (estagiária)

Fernanda Seratim Alves (estagiária)

Fernando Arthur Santos Lima

Gilson Panagiotis Heusi (estagiário)

João luis Santana Nascimento (estagiário)

Joaquim Gasparino Neto

Lucas Barbosa Fernandes

Superintendências Regionais

Acre, Alagoas, Amapá, Amazonas, Bahia, Ceará, Distrito Federal, Espírito Santo, Goiás, Maranhão, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Minas Gerais, Pará, Paraíba, Paraná, Pernambuco, Piauí, Rio de Janeiro, Rio Grande do Norte, Rio Grande do Sul, Rondônia, Roraima, Santa Catarina, São Paulo, Sergipe e Tocantins.



Conab Companhia Nacional de Abastecimento



OBSERVATÓRIO AGRÍCOLA

**ACOMPANHAMENTO
DA SAFRA BRASILEIRA**

grãos

V. 5 - SAFRA 2017/18 - N. 9 - Nonº levantamento | **JUNHO 2018**

Monitoramento agrícola

ISSN 2318-6852

Acomp. safra bras. grãos, v. 9 Safra 2017/18 - Nonº levantamento, Brasília, p. 1-178, junho 2018.

Copyright © 2018 – Companhia Nacional de Abastecimento (Conab)
Qualquer parte desta publicação pode ser reproduzida, desde que citada a fonte.
Disponível também em: <<http://www.conab.gov.br>>
Depósito legal junto à Biblioteca Josué de Castro
Publicação integrante do Observatório Agrícola
ISSN: 2318-6852

Colaboradores

João Marcelo Brito Alves (Geint)
João Figueiredo Ruas (Gefab - feijão)
Mozar de Araújo Salvador (inmet)

Leonardo Amazonas (Gerpa-soja)
Thomé Luiz Freire Guth (Gerpa - milho)
Bruno Pereira Nogueira(Gefab-algodão)

Sérgio Roberto G. S. Júnior (Gefab - arroz)
Rodrigo Gomes de Souza (Gerpa - trigo)
Candice Mello Romero Santos (Suinf)
Patrícia Maurício Campos (Suinf)

Colaboradores das Superintendências

André Araújo e Thiago Cunha (AC); Aline Santos, Antônio de Araújo Lima Filho, Cesar Lima, Lourival de Magalhães (AL); Glenda Queiroz, José Humberto Campo de Oliveira, Pedro Jorge Barros (AM); Ednabel Lima, Gerson Santos, Israel Santos, Jair Lucas Oliveira Júnior, Joctá do Couto, Marcelo Ribeiro (BA); Cristina Diniz, Danylo Taíra, Eduarda de Oliveira, Fábio Ferraz, José Iranioldo Araújo, Lincoln Lima, Luciano Gomes da Silva (CE); José Negreiros (DF); Kerley Souza (ES); Adair Souza, Espedito Ferreira, Gerson Magalhães, Lucas Rocha, Manoel Ramos de Menezes Sobrinho, Michel Lima, Roberto Andrade, Rogério Barbosa (GO); Dônovan Nolêto, Humberto Souza Filho, José de Ribamar Fahd, José Francisco Neves, Olavo Oliveira Silva, Valentino Campos (MA); Eugênio de Carvalho, Hélio de Rezende, José Henrique de Oliveira, Márcio Carlos Magno, Patrícia Sales, Pedro Soares, Telma Silva, Túlio de Vasconcellos (MG); Edson Yui, Fernando Silva, Marcelo Calisto, Maurício Lopes, Luciana Diniz de Oliveira (MS); Allan Salgado, Gabriel Heise, José Júlio Pereira, Pedro Ramon Manhone, Raul Pio de Azevedo, Cícero Cordeiro, Benancil França, Edson Piedade, Humberto Kothe, Patricia Leite, Rodrigo Slomoszynski, Rafael Arruda (MT) Nicolau da Silva Beltrão Júnior, Eraldo da Silva Sousa, Gilberto de Sousa e Silva (PA); Samuel Ozéias Alves, João Tadeu de Lima (PB); Francisco Dantas de Almeida Filho, Rosângela Maria da Silva (PE); Jerônimo Contín, Leônidas Kaminski, Rafael Fogaça, Rosimeire Lauretto (PR); Hélcio Freitas, Thiago Miranda,Francisco Antonio de Oliveira Lobato, Antonio Cleiton Vieira da Silva, Edgard Sobrinho (PI); Cláudio Figueiredo, Jorge de Carvalho, Matheus Ribeiro, Olavo Godoy Neto, Wilson de Albuquerque (RJ); Luis Gonzaga Costa, Manuel Oliveira (RN); Erik Colares de Oliveira, João Adolfo Kasper, Niécio Campanati Ribeiro, Thales Augusto Duarte Daniel (RO); Alciderman Pereira, Karina de Melo, Luciana Dall'Agnese (RR); Carlos Bestetti, Alexandre Pinto, Marcio Renan Weber Schorr, Matheus Carneiro de Souza, Iure Rabassa Martins, Jordano Luís Girardi (RS); Cezar Rubin, Ricardo Oliveira, Ricardo Paschoal, Luana Schneider (SC); José Bomfim de Oliveira Santos Junior, José de Almeida Lima Neto, Bruno Valentim Gomes (SE); Cláudio Ávila, Elias Tadeu de Oliveira, Marisete Belloli (SP); Alzeneide Batista, Francisco Pinheiro, Eduardo Rocha, Luiz Miguel Ricordi Barbosa, Rafael Alvez da Silva, Samuel Valente Ferreira (TO).

Informantes

Secretaria de Estado da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Seapa/RR); Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural de Rondônia (Emater/RO); Agência de Defesa Sanitária Agrosilvopastoril do Estado de Rondônia (Idaron); Secretaria de Estado de Extensão Agroflorestal e Produção Familiar (Seaprof/AC); Instituto de Desenvolvimento Agropecuário e Florestal Sustentável do Estado do Amazonas (Idam); Agência de Fomento do Estado do Amazonas (Ateam); Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Pará (Emater/PA); Instituto de Desenvolvimento Rural do Estado do Tocantins (Ruraltins) e a Agência de Defesa Agropecuária do Estado do Tocantins (Adapac); Agência Estadual de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural (Agerp/MA); Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Ceará (Ematerce); Instituto de Assistência Técnica e Extensão Rural do Rio Grande do Norte (Emater-RN); Secretaria de Agricultura, da Pecuária e da Pesca do Rio Grande do Norte (Sape); Empresa de Pesquisa Agropecuária do RN (Emparn); Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural da Paraíba (Emater/PB); Instituto Agrônomico de Pernambuco (IPA); Instituto de Inovação para o Desenvolvimento Rural Sustentável de Alagoas (Emater/AL); Empresa de Desenvolvimento Agropecuário de Sergipe (Emdagro); Secretaria de Desenvolvimento Rural (SDR/BA); Secretaria da Agricultura, Pecuária, Irrigação, Pesca e Aquicultura (Seagri) ; Federação da Agricultura e Pecuária do Estado da Bahia (Faeb); Banco do Nordeste do Brasil (BNB); Companhia de Desenvolvimento e Ação Regional (CAR/BA); Agência de Defesa Agropecuária da Bahia (Adab); Instituto de Defesa Agropecuária do Estado de Mato Grosso (Indea); Empresa Mato-grossense de Pesquisa, Assistência e Extensão Rural (Empaer); Secretaria Municipal de Desenvolvimento Econômico; Agência de Desenvolvimento Agrário e Extensão Rural do Mato Grosso do Sul (Agrae/MS); Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural de Goiás (Emater-GO); Agência Goiana de Defesa Agropecuária (Agrodefesa); Secretaria Estadual de Agricultura de Goiás (Seagro); Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Distrito Federal (Emater-DF); Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural de Minas Gerais (Emater-MG); Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Rio de Janeiro (Emater-RJ); Coordenadoria de Assistência Técnica Integral (Cati-SP); Departamento de Economia Rural (Deral/PR); Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural do Rio Grande do Sul (Emater-RS); Instituto Rio-Grandense do Arroz (Irga).

Editoração

Estúdio Nous (Célia Matsunaga e Elzimar Moreira)
Superintendência de Marketing e Comunicação (Sumac)
Gerência de Eventos e Promoção Institucional (Gepin)

Diagramação

Martha Helena Gama de Macêdo, Guilherme Rodrigues

Fotos

Superintendência Regional do Piauí

Normalização

Thelma Das Graças Fernandes Sousa – CRB-1/1843

Impressão

Superintendência de Administração (Supad)/ Gerência de Protocolo, Arquivo e Telecomunicações (Gepat)

Catalogação na publicação: Equipe da Biblioteca Josué de Castro

633.1(81)(05)
C737a

Companhia Nacional de Abastecimento.
Acompanhamento da safra brasileira de grãos. – v.1, n.1 (2013-) – Brasília : Conab, 2013-
v.

Mensal

Disponível em: <http://www.conab.gov.br>

Recebeu numeração a partir de out./2013. Continuação de: Mês Agrícola (1977-1991); Previsão e acompanhamento de safras (1992-1998); Previsão da safra agrícola (1998-2000); Previsão e acompanhamento da safra (2001); Acompanhamento da safra (2002-2007); Acompanhamento da safra brasileira: grãos (2007-).

ISSN 2318-6852

1. Grão. 2. Safra. 3. Agronegócio. I. Título.

SUMÁRIO



1. Resumo executivo ----- 8



2. Introdução ----- 10



3. Estimativa de área plantada ----- 12



4 . Estimativa de produtividade ----- 19



5. Estimativa de produção ----- 25



6. Crédito rural ----- 32



7. Prognóstico climático - Inmet----- 39



8. Monitoramento agroclimático----- 44

**9. Análise das culturas ----- 49**

9.1. Culturas de verão -----	49
9.1.1. Algodão-----	49
9.1.2. Amendoim-----	55
9.1.3. Arroz-----	60
9.1.4. Feijão -----	68
9.1.5. Girassol-----	90
9.1.6. Mamona -----	92
9.1.7. Milho-----	93
9.1.8. Soja -----	136
9.1.9. Sorgo-----	142
9.2. Culturas de inverno -----	146
9.2.1. Aveia-----	146
9.2.2. Canola -----	149
9.2.3. Centeio-----	150
9.2.4. Cevada -----	151
9.2.5. Trigo -----	152
9.2.6. Triticale-----	155

**10. Receita bruta ----- 157****11. Balanço de oferta e demanda ----- 164**

11.1. Algodão-----	164
11.2. Arroz -----	165
11.3. Feijão -----	165
11.4. Milho -----	166
11.5. Soja -----	167
11.6. Trigo -----	168

**12. Calendário agrícola de plantio e colheita ----- 170**





1. RESUMO EXECUTIVO

A estimativa para a safra atual é que a produção brasileira de grãos alcance 229,75 milhões de toneladas. Isso equivale a uma redução de 3,3% em relação à safra anterior. As reduções nas precipitações impactaram o potencial produtivo do milho segunda safra e são responsáveis pela queda de 1,2% em relação ao levantamento anterior, cerca de 2,9 milhões de toneladas. Essa é a segunda maior cultura do país em volume de produção.

A área plantada é estimada em 61,6 milhões de hectares, crescimento de 1,2% ou 708,2 mil hectares se comparada à safra 2016/17.

Algodão: a cultura se encontra em frutificação/maturação e a redução nas precipitações tem favorecido a qualidade da fibra. O expressivo aumento de área (25,2%) aliado ao ganho de produtividade de 2,2%, resulta numa produção de 1,96 milhão de toneladas de pluma.

Arroz: com a colheita próxima do fim, restando apenas alguns estados na Região Norte e Nordeste, os números apontam para uma produção de 11,7 milhões de toneladas, sendo 1,2 milhão de toneladas oriundas de cultivo em sequeiro e 10,5 advindas de áreas com plantio irrigado.

Feijão segunda safra: com a colheita no ápice, a produção deve ser de 1,3 milhão de toneladas. Se confir-

mada, serão 538,5 mil toneladas de feijão-comum cores, 177,2 mil toneladas de feijão-comum preto e 616,6 mil toneladas de feijão-caupi.

Feijão terceira safra: com o plantio avançado, a estimativa é de redução de área em 4,8%. A produtividade é estimada em 1.252 kg/ha.

Milho primeira safra: colheita finalizada na Região Centro-Sul e colheita iniciando no Nordeste, a produção se aproxima 26,8 milhões de toneladas, ainda 12,1% inferior à safra passada, influenciada, principalmente, pela redução na área semeada.

Milho segunda safra: com a colheita iniciando e parte da produção impactada por forte estresse hídrico, a produtividade sofreu forte impacto e resulta numa produção de 58,2 milhões de toneladas, 13,5% inferior à safra passada e 7,5% inferior ao levantamento anterior.

Soja: a produção de soja alcança recorde de 118 milhões de toneladas, 3,5% superior à safra passada.

Trigo: a estimativa é de aumento de 4% na área semeada, estimada em 2 milhões de hectares, resultando numa produção de 4,86 milhões de toneladas.





2. INTRODUÇÃO

Visando fornecer informações e os conhecimentos relevantes aos agentes envolvidos nos desafios da agricultura, segurança alimentar, nutricional e do abastecimento do país, a Companhia Nacional de Abastecimento (Conab) tem dentre os primordiais objetivos, há de citar o acompanhamento da safra brasileira de grãos.

É bom ressaltar que no citado processo de acompanhamento da safra brasileira de grãos, gera-se um relatório construído de maneira a registrar e indicar variáveis que auxiliem na compreensão dos resultados da safra, inserindo-se como parte da estratégia de qualificação das estatísticas agropecuárias, do processo de transparência e da redução da assimetria da informação.

Assim, a Companhia, para a consecução desse serviço, utiliza métodos que envolvem modelos estatísticos, pacotes tecnológicos modais das principais culturas em diversos locais de produção, acompanhamentos agrometeorológicos e espectrais, pesquisa subjetiva de campo, como outras informações que complementam os métodos citados.

Nesse foco, além das diversas variáveis levantadas, abordam-se informações da área plantada com as culturas de inverno e de terceira safra, que se encontram em desenvolvimento, e a de segunda safra, que se encontram em processo de colheita.

Aos resultados das pesquisas empreendidas pela Companhia, em todo território nacional, agregam-se

outros instrumentos como: indicadores econômicos nas áreas de crédito rural, mercado de insumos, custos de produção, exportação e importação, câmbio, quadro de oferta e demanda e preços, como também, informes da situação climática, acompanhamento agrometeorológico e espectral e a análise de mercado das culturas pesquisadas.

É importante realçar que a Companhia detém a característica de suprir suas atividades de levantamento de safra de grãos por meio do envolvimento direto com diversas instituições e informantes cadastrados por todo o país.

Dessa maneira, os resultados quando divulgados devem ter ali registrados a colaboração e os esforços dos profissionais autônomos, dos técnicos de escritórios de planejamento, de cooperativas, das secretarias de agricultura, dos órgãos de assistência técnica e extensão rural (oficiais e privados), além dos agentes financeiros, dos revendedores de insumos, de produtores rurais e do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

A Conab registra, pelo empenho e dedicação profissional, quando instados a colaborarem, nosso especial agradecimento a todos.





3. ESTIMATIVA DE ÁREA PLANTADA

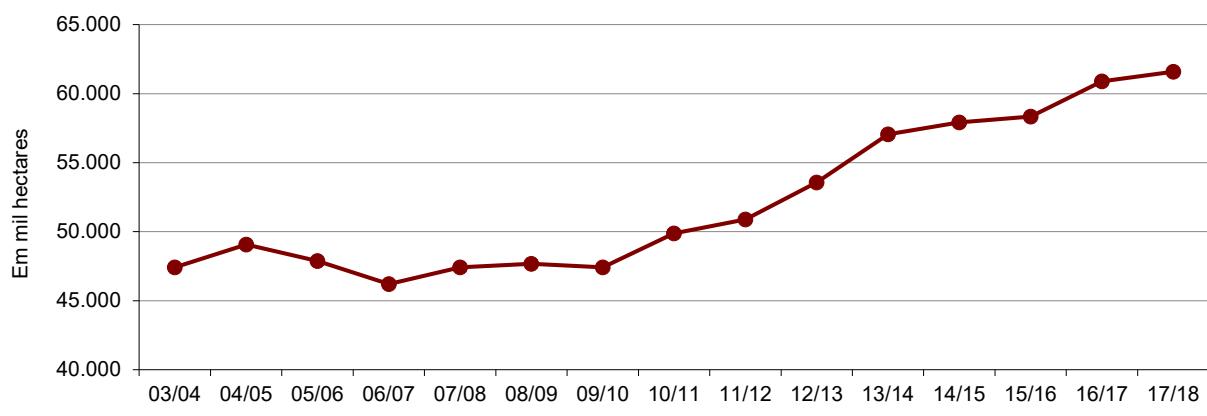
Nesse nono levantamento, a estimativa da Conab aponta para uma área de 61,6 milhões de hectares. Essa estimativa representa a maior área semeada no país. O incremento estimado é de 1,2% ou 709,6 mil hectares em relação à safra passada. Se comparado ao mês anterior, houve um aumento de 0,1% ou 52,6 mil hectares.

O país teve uma redução de área de milho nas duas safras deste ano. Principalmente pela expectativa futura de mercado, a área de milho primeira safra reduziu de 5,5 para 5,1 milhões de hectares e a área de segunda safra reduziu de 12,1 para 11,6 milhões de hectares.

Em contrapartida, a soja teve um expressivo aumento da área semeada, saindo de 33,9 para 35,1 milhões de hectares na safra atual, um ganho absoluto de 1,2 milhão de hectares, o maior entre todas as culturas avaliadas.

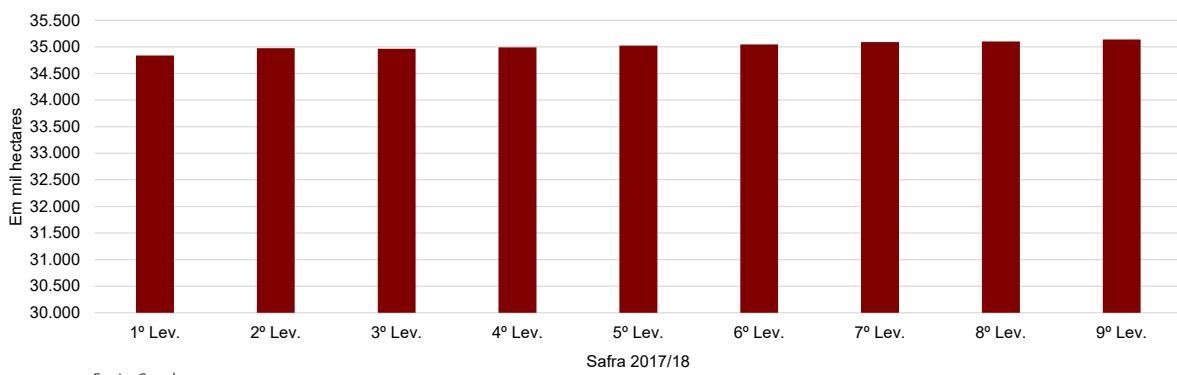
Outras culturas também tiveram ganho absoluto de área nessa safra, tais como o algodão, que alcançou 1,2 milhão de hectares (ganho de 236,9 mil hectares) e do feijão segunda-safra, que atingiu 1,5 milhão de hectares (aumento de 121,3 mil hectares), sobretudo o feijão-caupi, que deve ter 173,8 mil hectares a mais na atual safra, atingindo 1.035,7 mil hectares.

Gráfico 1 – Evolução da área de grãos



Fonte: Conab.

Gráfico 2 – Comportamento da área de grãos na safra 2017/18



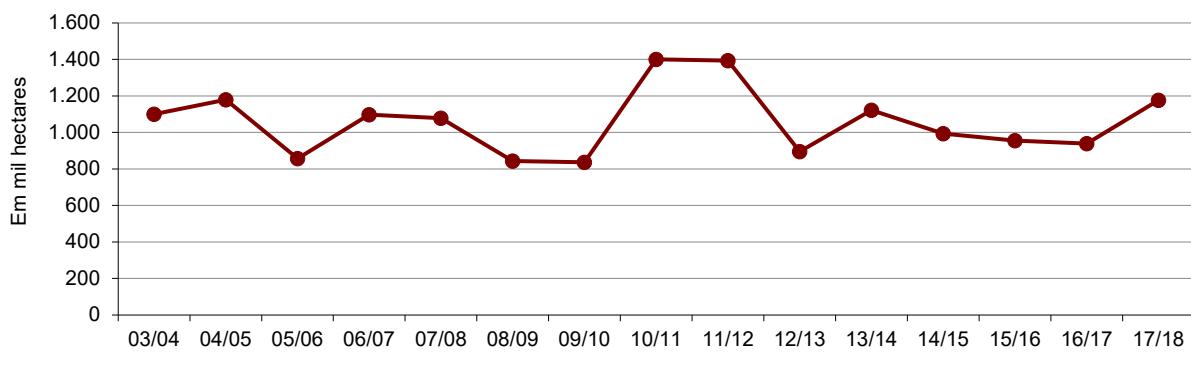
Fonte: Conab.

3.1. ALGODÃO

Com exceção de Roraima, a semeadura já se encerrou no restante do país. São 1.176 mil hectares em desenvolvimento nas 13 Unidades da Federação que cultivam essa oleaginosa. O algodão tem um incremento estimado de 25,2% na área depois de três safras consecutivas de queda. A melhora no preço pago ao

produtor tem sido responsável pelo estímulo à cultura. O avanço é tão expressivo nessa safra que ela se tornou a segunda maior em ganho absoluto de área semeada, atrás apenas da soja. São 236,9 mil hectares superior à safra 2016/17, sendo essa safra a maior das últimas seis.

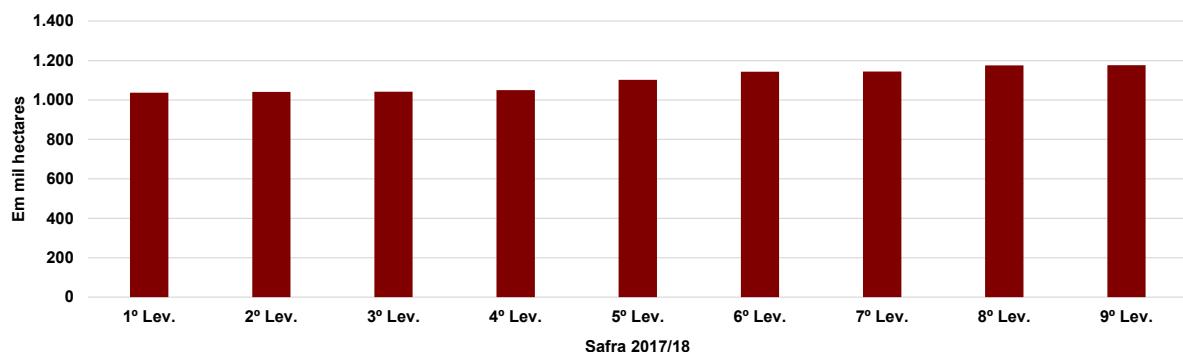
Gráfico 3 – Evolução da área de algodão



Fonte: Conab.



Gráfico 4 – Comportamento da área de algodão na safra 2017/18



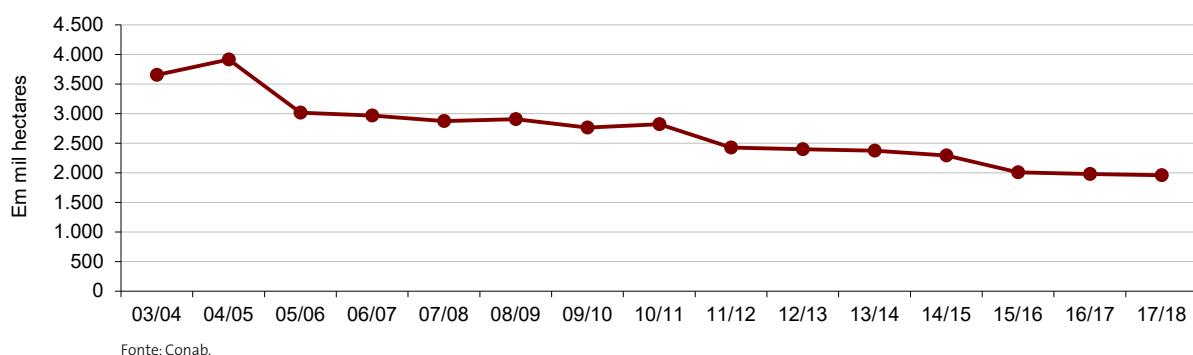
Fonte: Conab.

3.2. ARROZ

O arroz tem sido uma das culturas que mais tem perdido área semeada ao longo das safras. As áreas que mais perderam foram as semeadas em manejo de sequeiro, substituídas por culturas mais rentáveis, como soja e milho. A irrigação tem se mantido estável, forte-

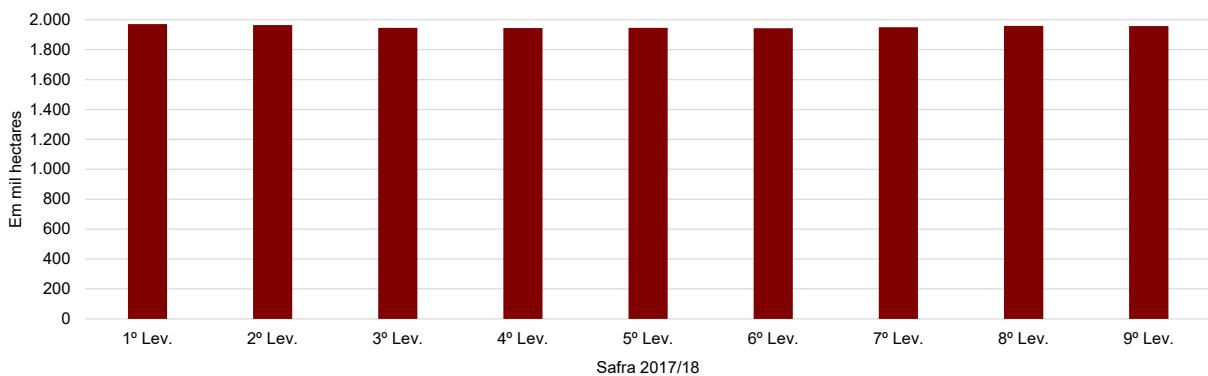
mente concentrada no sul do país, mas experimentou uma redução nessa safra decorrente da rotação com outras lavouras. A estimativa é que a área brasileira de arroz seja 1,2% menor em relação à área da safra 2016/17, totalizando 1,96 milhão de hectares.

Gráfico 5 – Comportamento da área de arroz



Fonte: Conab.

Gráfico 6 – Comportamento da área de arroz na safra 2017/18



Fonte: Conab.

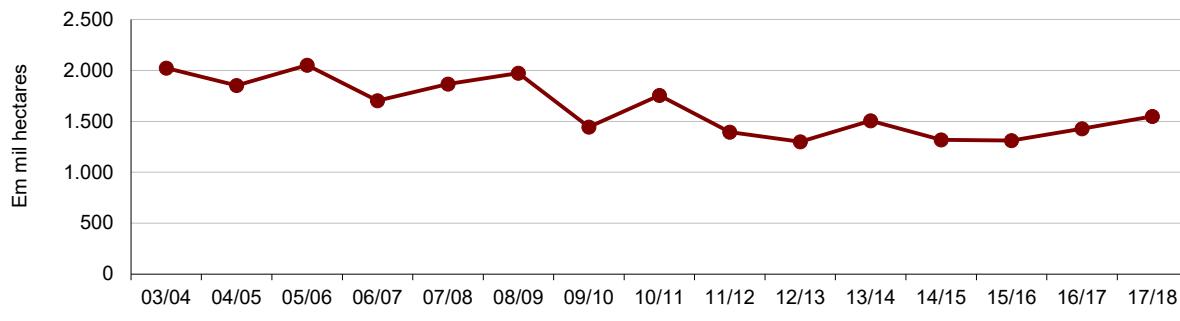


3.3. FEIJÃO SEGUNDA SAFRA

O feijão segunda safra teve o terceiro maior incremento absoluto de área semeada, resultado dos baixos preços do milho no momento da tomada de decisão na segunda safra levaram alguns produtores a apostarem no plantio de feijão segunda safra, sobretudo no Centro-Oeste do país. A recuperação da área seme-

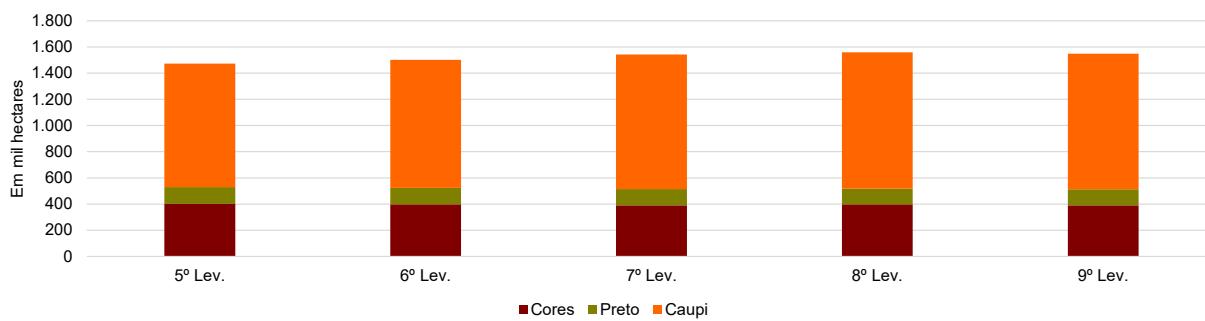
ada na Região Nordeste, visto as condições climáticas mais favoráveis nessa safra, também tem contribuído para tal aumento. A Região Norte, última a terminar a semeadura, finalizou em maio. Á área total cultivada no país deve ser de 1.548,2 mil hectares, aumento de 8,5% ou 121,3 mil hectares em relação à safra 2016/17.

Gráfico 7 – Comportamento da área de feijão segunda safra



Fonte: Conab.

Gráfico 8 – Comportamento da área de feijão segunda safra na safra 2017/18



Fonte: Conab.

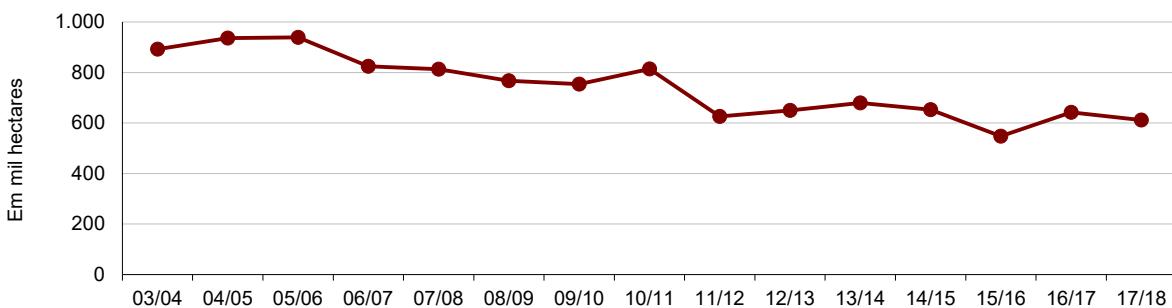
3.4. FEIJÃO TERCEIRA SAFRA

O feijão terceira safra é regulador da safra brasileira. Sua produção é determinada pelo comportamento da primeira e segunda safras e serve para ofertar o grão na entressafra (inverno). A cultura é irrigada na Região Centro-Sul e cultivada em regime de sequeiro na Região Norte/Nordeste, uma vez que nesse momento

é o período chuvoso nessas regiões, o que dispensa o uso de irrigação. A boa oferta nas safras de primeiro e segundo ciclos refletiram na redução de área nessa safra, sendo estimada uma redução de 4,8% (31 mil hectares), saindo de 642,4 mil hectares na safra 2016/17 para 611,4 mil hectares na safra 2017/18.



Gráfico 9 – Comportamento da área de feijão terceira safra



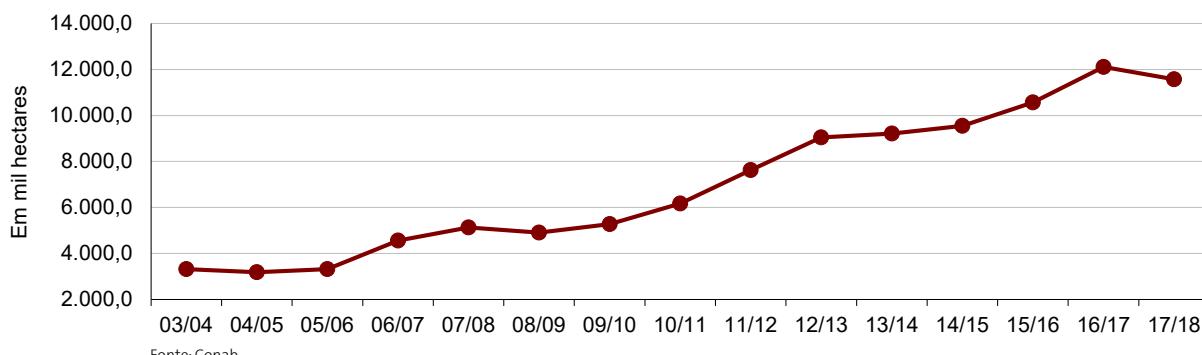
Fonte: Conab.

3.5. MILHO SEGUNDA SAFRA

Com a semeadura finalizada, praticamente em todo o país, faltando um pequeno percentual na Região Norte/Nordeste, consolida-se a redução da área de milho nessa safra. A previsão é de redução na área da

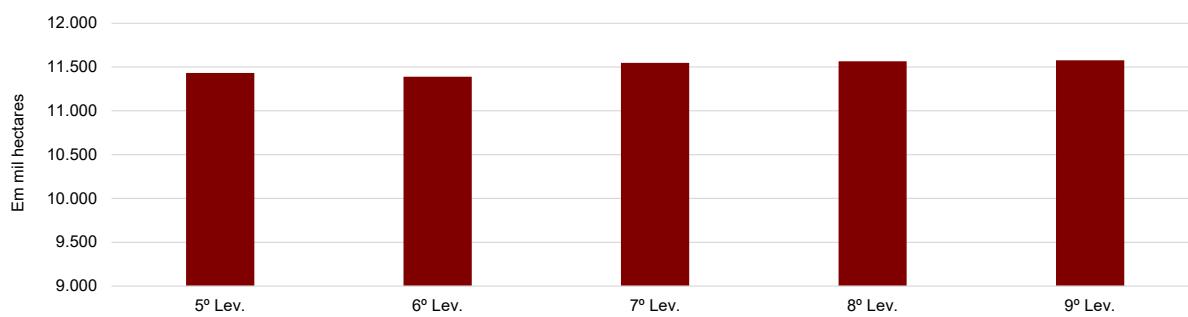
segunda safra do cereal, agora estimada em queda de 4,4%, comparada com o ano anterior. A estimativa é de plantio de 11.575,8 mil hectares. Será a primeira queda nos últimos nove anos.

Gráfico 10 – Comportamento da área de milho segunda safra



Fonte: Conab.

Gráfico 11 – Comportamento da área de milho segunda safra



Fonte: Conab.

3.6. SOJA

Na safra atual, 2017/18, o país consolida o 11º aumento consecutivo na área total cultivada com essa oleaginosa. A estimativa é de 35,1 milhões de hectares, sendo 3,6% superior ao cultivado na safra 2016/17 e 69,9% maior do que a safra 2006/07.

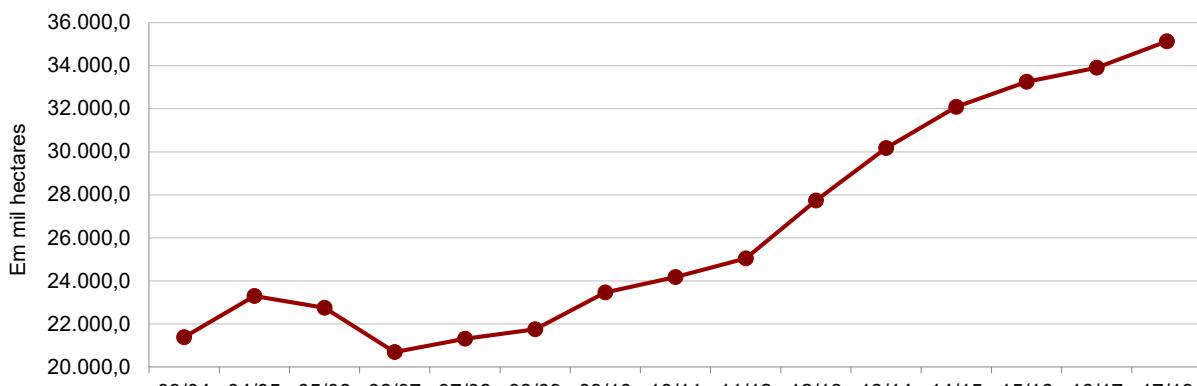
A área de soja ultrapassou a área de milho total na safra 1997/98 e, desde então, ocupa o primeiro lugar em área semeada no país. Nas últimas 12 safras o Brasil teve um incremento de 14,5 milhões hectares novos de soja, tornando a cultura a protagonista no aumen-



to da área no país. Atualmente corresponde à cerca de 57% da área total semeada com grãos no país. A boa

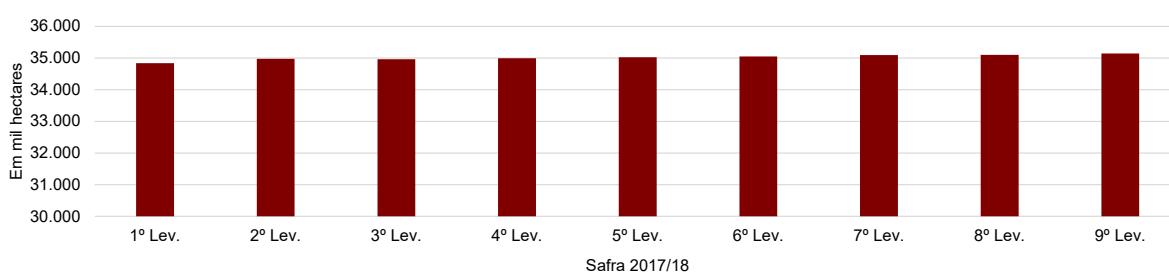
rentabilidade da cultura estimularam os produtores a cultivá-la.

Gráfico 12 – Comportamento da área de soja



Fonte: Conab.

Gráfico 13 – Comportamento da área de soja na safra 2017/18



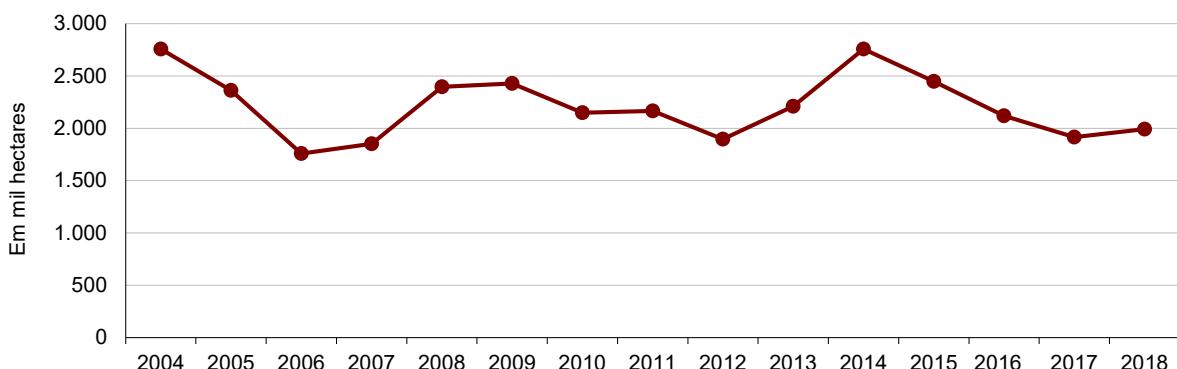
Fonte: Conab.

3.7. TRIGO

Em virtude da escassez de chuvas no sul do país, principal região produtora do Brasil, o plantio atrasou, mas com o retorno das precipitações o plantio acele-

rou e a estimativa é que a área supere a de 2017 em 4%, atingindo 1,9 milhão de hectares.

Gráfico 14 – Comportamento da área de trigo



Fonte: Conab.



Tabela 1 – Estimativa de área plantada de grãos

(Em 1000 t)

CULTURAS DE VERÃO	SAFRAS			VARIAÇÃO	
	2016/17 (a)	2017/18		Percentual	Absoluta
		abr/2018 (b)	mai/2018 (c)	(c/a)	(c-a)
ALGODÃO	939,1	1.175,9	1.176,0	25,2	236,9
AMENDOIM TOTAL	129,3	139,6	139,2	7,7	9,9
AMENDOIM 1ª SAFRA	118,3	133,1	133,1	12,5	14,8
AMENDOIM 2ª SAFRA	11,0	6,5	6,1	(44,5)	(4,9)
ARROZ	1.980,9	1.958,6	1.956,8	(1,2)	(24,1)
ARROZ SEQUEIRO	524,4	526,6	526,9	0,5	2,5
ARROZ IRRIGADO	1.456,5	1.432,0	1.429,9	(1,8)	(26,6)
FEIJÃO TOTAL	3.180,3	3.244,3	3.197,2	0,5	16,9
FEIJÃO TOTAL CORES	1.447,3	1.390,4	1.347,7	(6,9)	(99,6)
FEIJÃO TOTAL PRETO	323,7	313,9	316,4	(2,3)	(7,3)
FEIJÃO TOTAL CAUPI	1.409,3	1.540,0	1.533,1	8,8	123,8
FEIJÃO 1ª SAFRA	1.111,0	1.054,4	1.053,8	(5,1)	(57,2)
CORES	478,2	462,8	462,4	(3,3)	(15,8)
PRETO	174,7	180,5	180,2	3,1	5,5
CAUPI	458,1	411,1	411,2	(10,2)	(46,9)
FEIJÃO 2ª SAFRA	1.426,9	1.559,5	1.548,4	8,5	121,5
CORES	430,3	398,0	390,8	(9,2)	(39,5)
PRETO	134,7	119,1	121,9	(9,5)	(12,8)
CAUPI	861,9	1.042,4	1.035,7	20,2	173,8
FEIJÃO 3ª SAFRA	642,4	630,4	595,0	(7,4)	(47,4)
CORES	538,8	529,6	494,5	(8,2)	(44,3)
PRETO	14,3	14,3	14,3	-	-
CAUPI	89,3	86,5	86,2	(3,5)	(3,1)
GIRASSOL	62,7	96,6	96,6	54,1	33,9
MAMONA	28,0	32,1	31,6	12,9	3,6
MILHO TOTAL	17.591,7	16.645,0	16.664,8	(5,3)	(926,9)
MILHO 1ª SAFRA	5.482,5	5.080,1	5.089,0	(7,2)	(393,5)
MILHO 2ª SAFRA	12.109,2	11.564,9	11.575,8	(4,4)	(533,4)
SOJA	33.909,4	35.099,7	35.139,6	3,6	1.230,2
SORGO	628,5	632,8	657,5	4,6	29,0
SUBTOTAL	58.449,9	59.024,6	59.059,3	1,0	609,4
CULTURAS DE INVERNO	SAFRAS			VARIAÇÃO	
	2017 (a)	2018		Percentual	Absoluta
		abr/2018 (b)	mai/2018 (c)	(c/a)	(c-a)
AVEIA	340,3	341,7	347,4	2,1	7,1
CANOLA	48,1	45,1	45,0	(6,4)	(3,1)
CENTEIO	3,6	4,3	3,7	2,8	0,1
CEVADA	108,4	111,9	112,2	3,5	3,8
TRIGO	1.916,0	1.996,4	1.992,5	4,0	76,5
TRITICALE	23,0	22,3	22,4	(2,6)	(0,6)
SUBTOTAL	2.439,4	2.521,7	2.523,2	3,4	83,8
BRASIL	60.889,3	61.546,3	61.582,5	1,1	693,2

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em junho/2018.



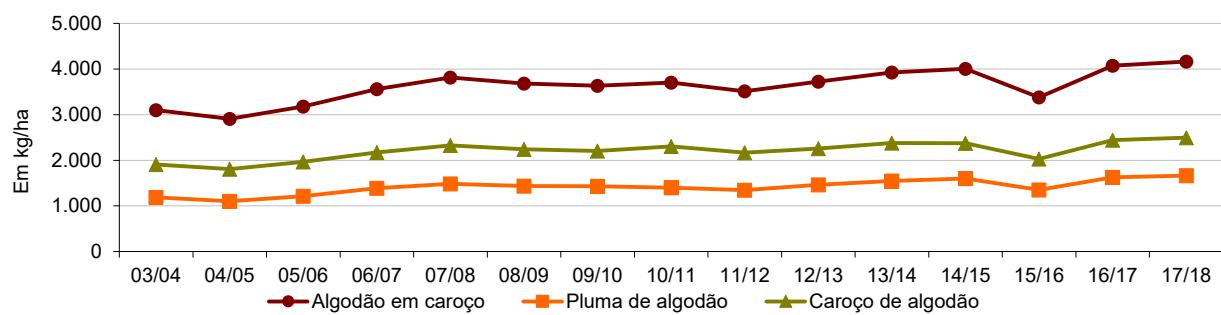


4. ESTIMATIVA DE PRODUTIVIDADE

4.1. ALGODÃO

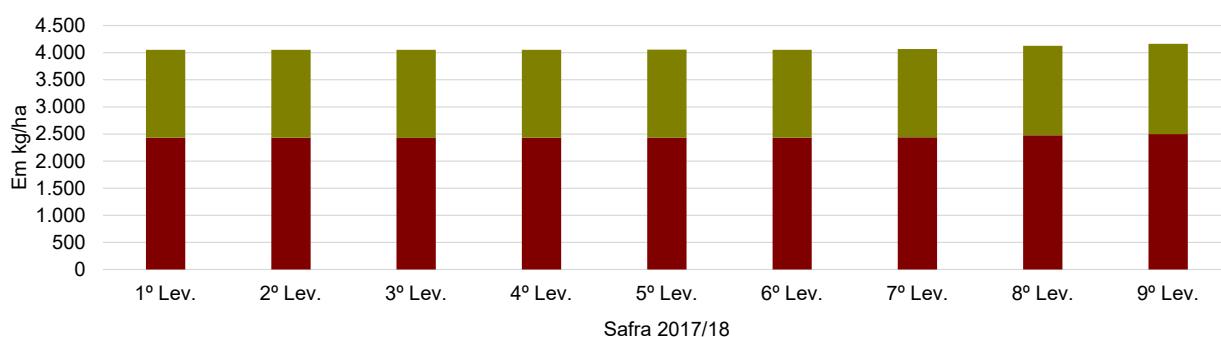
Nessa safra as condições climáticas têm sido novamente favoráveis para a cultura. Depois de volumes consideráveis de precipitações e temperaturas favoráveis ao longo do desenvolvimento, a redução nas precipitações, nesse momento, tem favorecido a frutificação e início da maturação. Por utilizar o melhor pacote tecnológico disponível, o algodão é cultivado nas áreas mais férteis das fazendas e ficam dependentes apenas das condições climáticas. A estimativa é que essa seja a melhor produtividade alcançada para a cultura, estimada em 4.086 kg/ha de algodão em caroço, sendo 1.594 kg/ha de pluma, o que equivale 106@/ha. Se confirmada, está entre as três médias acima dos 4.000 kg/ha.

Gráfico 1 – Comportamento da produtividade de algodão no Brasil



Fonte: Conab.

Gráfico 2 – Comportamento da produtividade de algodão na safra 2017/18



Fonte: Conab.

4.2. ARROZ

A maior parte do arroz já foi colhida e a produtividade estimada alcança 5.995 kg/ha, a segunda melhor da série histórica, inferior apenas à safra 2016/17, tendo

em vista que apesar das condições climáticas próximas do normal, elas não foram totalmente favoráveis como na safra passada.

Gráfico 3 – Evolução da produtividade de arroz

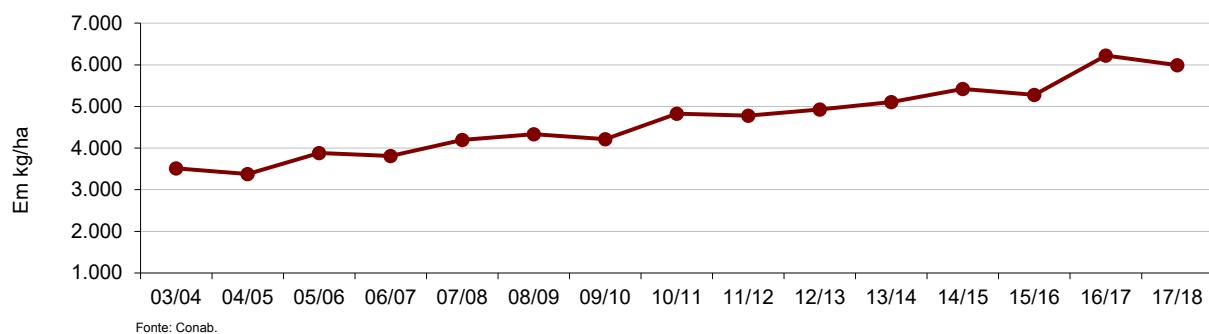
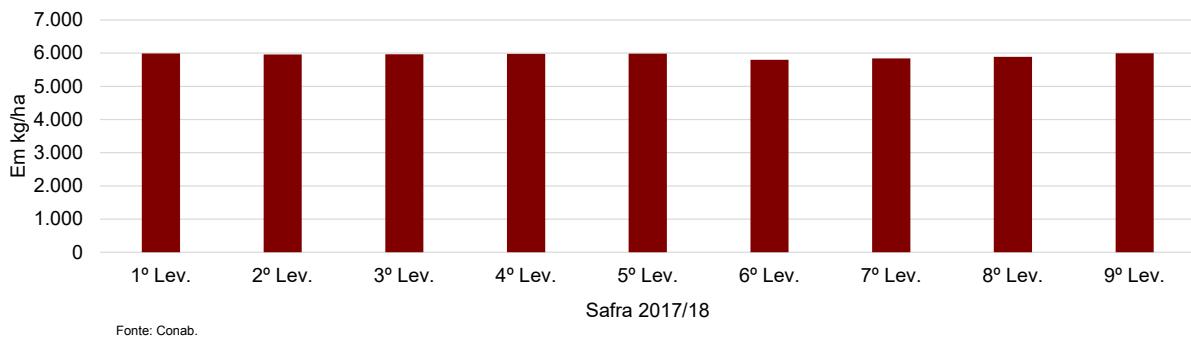


Gráfico 4 – Comportamento da produtividade de arroz na safra 2017/18



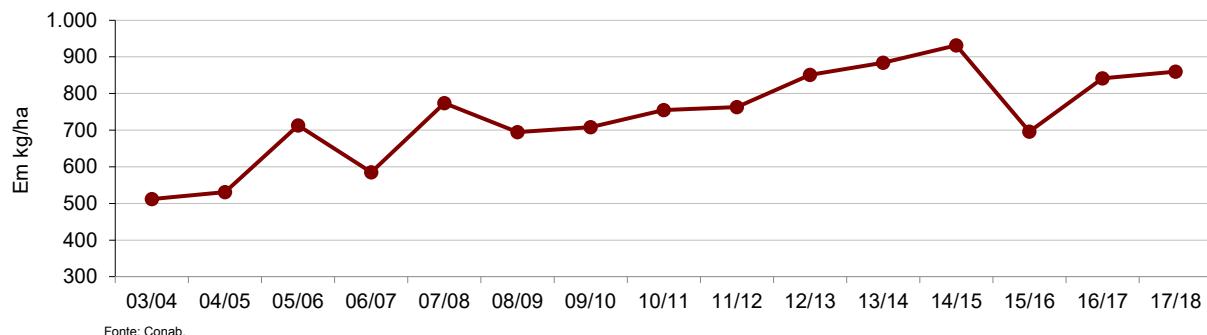
Fonte: Conab.

4.3. FEIJÃO SEGUNDA SAFRA

Com a colheita ocorrendo nas principais regiões produtoras, a estimada é que o país colha uma média de 860 kg/ha, o que equivale a um valor 2,2% superior à safra passada, em que alcançou 842 kg/ha. O feijão-comum cores deve ter um incremento de 3%, saindo de 1.338 kg/ha na safra 2016/17 para 1.378 kg/ha na

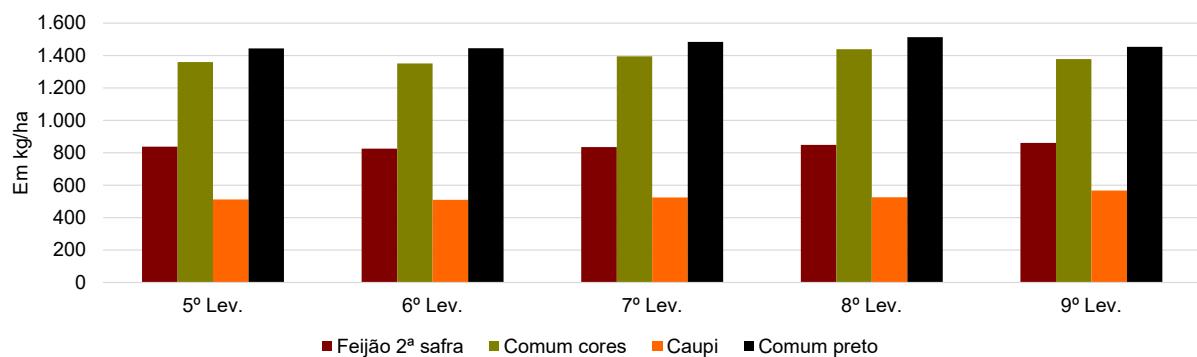
safra 2017/18. Em relação ao feijão-comum preto, o ganho é maior ainda, saindo de 1.338 para 1.453 kg/ha, aumento de 8,5%. Para o feijão-caupi, a estimativa de 567 kg/ha é 9,8% superior à safra 2016/17, que alcançou 516 kg/ha.

Gráfico 5 – Evolução da produtividade de feijão segunda safra



Fonte: Conab.

Gráfico 6 – Comportamento da produtividade de feijão segunda safra na safra 2017/18



Fonte: Conab.

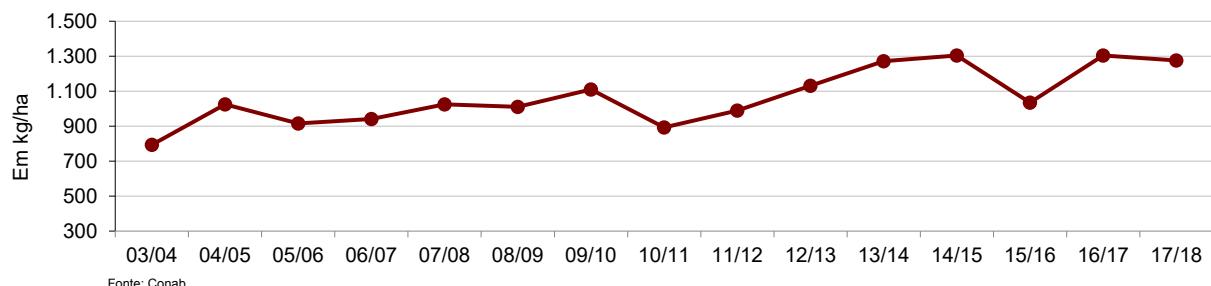


4.4. FEIJÃO TERCEIRA SAFRA

O feijão terceira safra é cultivo sob regime de irrigação na Região Centro-Sul e cultivada em regime de sequeiro na Região Norte/Nordeste, uma vez que nesse momento é o período chuvoso nessas regiões, o que dispensa o uso de irrigação. Com as barragens abas-

tecidas nas regiões de cultivo irrigado e bom regime pluviométrico nas regiões de cultivo de sequeiro, a estimativa é de produtividade próximas do normal, levemente inferior à safra passada, que foi recorde para a cultura.

Gráfico 7 – Comportamento da produtividade de feijão terceira safra



4.5. MILHO SEGUNDA SAFRA

Com o plantio finalizado foi constatado que grande parte dos produtores reduziram o pacote tecnológico utilizado nessa safra, uma opção para reduzir os custos da cultura, o que já reduziu o potencial produtivo da cultura. O desenvolvimento vegetativo da cultura, em geral, correu dentro da normalidade, mas grande par-

te da produção no estágio reprodutivo (floração e enchimento do grão) foi impactada com a redução das precipitações no final de abril e em maio. O resultado foi novamente uma redução da produtividade estimada, mas ainda acima dos 5.000 kg/ha.

Gráfico 8 – Comportamento da produtividade de milho segunda safra

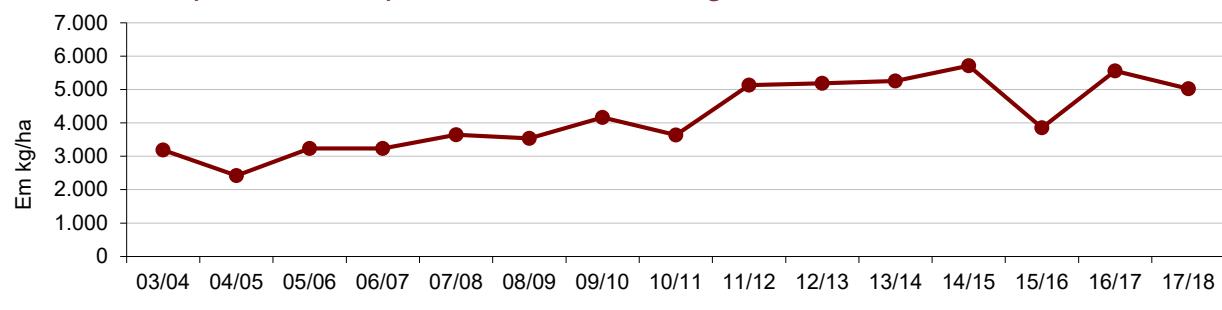
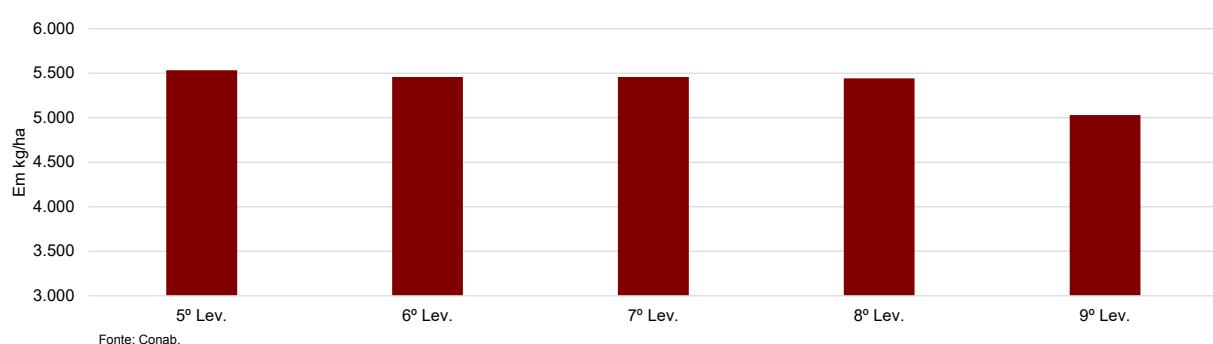


Gráfico 9 – Comportamento da produtividade de milho segunda safra na safra 2017/18

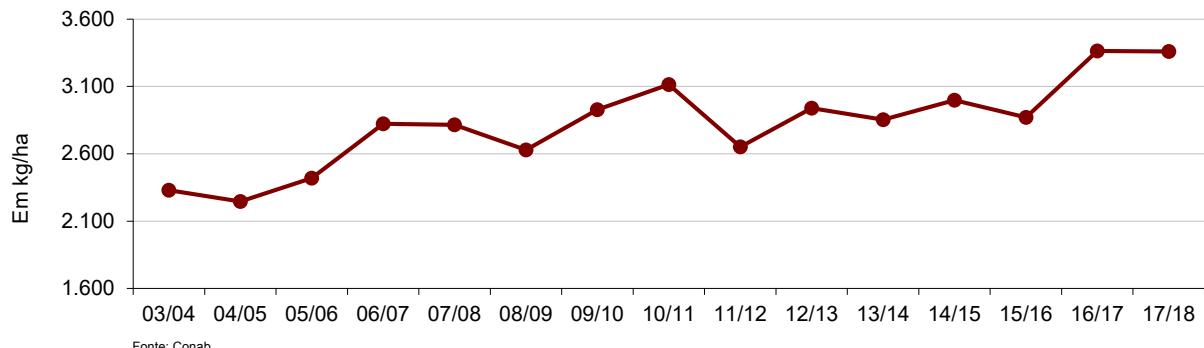


4.6. SOJA

A colheita próxima do fim confirmou os bons resultados para a cultura que não teve problemas no seu desenvolvimento, atingindo 3.359 kg/ha, muito próxima ao recorde alcançado na safra passada, que foi de

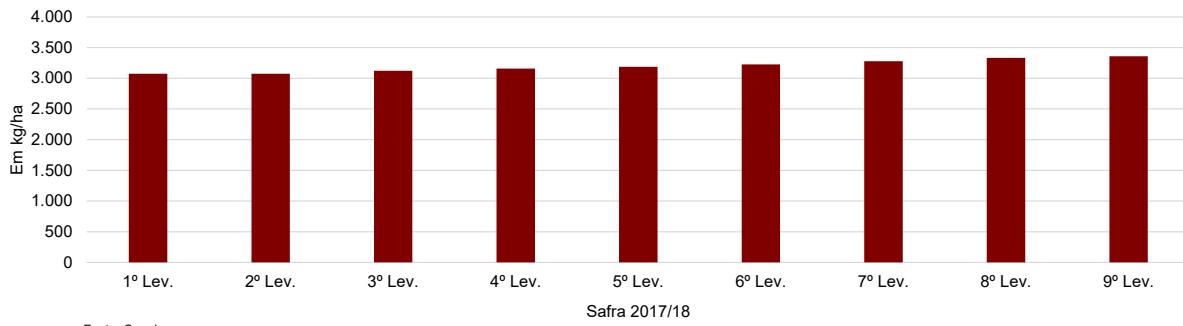
3.364 kg/ha. A produtividade dessa safra é resultado da aplicação de um bom pacote tecnológico, aliado a precipitações e temperaturas favoráveis, apesar de alguns problemas no Sul do país.

Gráfico 10 – Evolução da produtividade de soja



Fonte: Conab.

Gráfico 11 – Comportamento da produtividade de soja na safra 2017/18



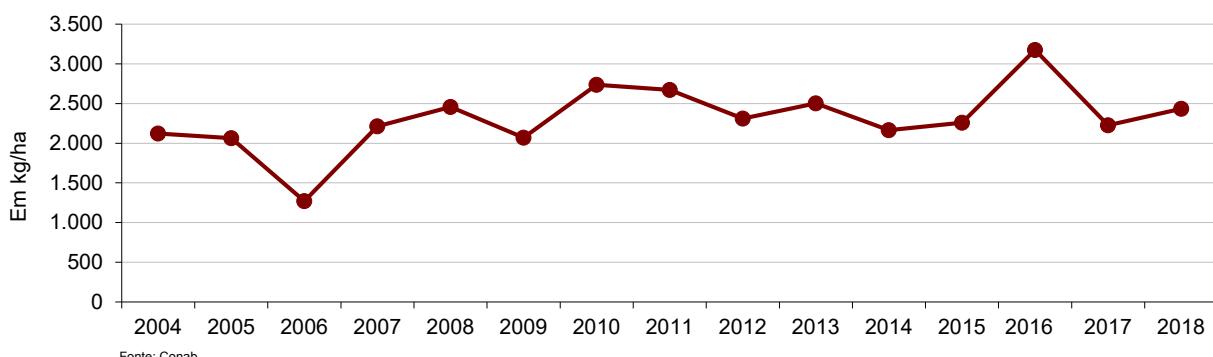
Fonte: Conab.

4.7. TRIGO

As estimativas iniciais, baseadas no pacote tecnológico utilizado pelo produtor e nas condições climáticas atuais, apontam para uma produtividade superior à

safra passada em 9,4%. O aumento tem relação com melhores condições climáticas nessa safra, em relação ao ano passado.

Gráfico 12 – Comportamento da produtividade de trigo no Brasil



Fonte: Conab.



Tabela 1 – Estimativa de produtividade – Grãos

(Em kg/ha)

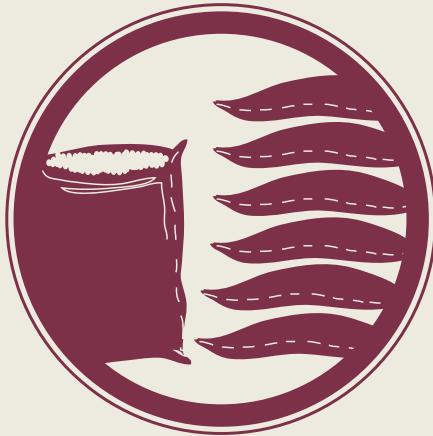
CULTURAS DE VERÃO	SAFRAS			VARIAÇÃO	
	2016/17 (a)	2017/18		Percentual	Absoluta
		abr/2018 (b)	mai/2018 (c)	(c/a)	(c-a)
ALGODÃO - CAROÇO (¹)	2.445	2.476	2.498	2,2	53,0
ALGODÃO EM PLUMA	1.629	1.652	1.666	2,3	37,2
AMENDOIM TOTAL	3.606	3.676	3.702	2,7	96,9
AMENDOIM 1ª SAFRA	3.709	3.770	3.796	2,3	86,7
AMENDOIM 2ª SAFRA	2.494	1.756	1.668	(33,1)	(825,7)
ARROZ	6.223	5.888	5.997	(3,6)	(225,9)
ARROZ SEQUEIRO	2.347	2.344	2.365	0,8	18,1
ARROZ IRRIGADO	7.619	7.191	7.336	(3,7)	(283,0)
FEIJÃO TOTAL	1.069	1.047	1.043	(2,4)	(26,1)
FEIJÃO TOTAL CORES	1.505	1.512	1.474	(2,1)	(31,0)
FEIJÃO TOTAL PRETO	1.568	1.557	1.532	(2,3)	(36,8)
FEIJÃO TOTAL CAUPI	506	524	563	11,2	56,7
FEIJÃO 1ª SAFRA	1.225	1.205	1.215	(0,8)	(9,7)
CORES	1.779	1.724	1.726	(2,9)	(52,2)
PRETO	1.829	1.655	1.652	(9,6)	(176,3)
CAUPI	416	424	449	7,7	32,2
FEIJÃO 2ª SAFRA	842	849	860	2,2	18,5
CORES	1.338	1.438	1.378	3,0	39,9
PRETO	1.338	1.513	1.452	8,5	113,7
CAUPI	516	525	567	9,8	50,8
FEIJÃO 3ª SAFRA	1.304	1.275	1.213	(7,0)	(90,9)
CORES	1.521	1.381	1.315	(13,6)	(206,7)
PRETO	554	687	687	23,9	132,3
CAUPI	869	722	719	(17,2)	(149,5)
GIRASSOL	1.653	1.516	1.526	(7,7)	(126,8)
MAMONA	470	604	615	31,0	145,5
MILHO TOTAL	5.562	5.359	5.101	(8,3)	(461,1)
MILHO 1ª SAFRA	5.556	5.169	5.264	(5,3)	(292,4)
MILHO 2ª SAFRA	5.564	5.443	5.029	(9,6)	(535,3)
SOJA	3.364	3.333	3.359	(0,1)	(4,7)
SORGO	2.967	2.823	2.850	(3,9)	(117,1)
SUBTOTAL	3.976	3.838	3.786	(4,8)	(190,0)
CULTURAS DE INVERNO	SAFRAS			VARIAÇÃO	
	2016/17 (a)	2017/18		Percentual	Absoluta
		abr/2018 (b)	mai/2018 (c)	(c/a)	(c-a)
AVEIA	1.862	2.217	2.212	18,8	350,0
CANOLA	848	1.259	1.260	48,6	412,0
CENTEIO	1.722	1.930	1.919	11,4	197,0
CEVADA	2.602	3.009	3.018	16,0	416,0
TRIGO	2.225	2.440	2.438	9,6	213,0
TRITICALE	2.326	2.619	2.612	12,3	286,0
SUBTOTAL	2.164	2.415	2.412	11,5	248,0
BRASIL (2)	3.903	3.779	3.730	(4,4)	-173,0

Legenda: (1) Produtividade de caroço de algodão; (2) Exclui a produtividade de algodão em pluma.

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em junho/2018.





5. ESTIMATIVA DE PRODUÇÃO

A estimada para a safra 2017/18 aponta para uma produção de 229,7 milhões de toneladas, 2,9 milhões de toneladas inferior ao levantamento passado, resultado dos impactos climáticos no milho segunda safra, mesmo com as boas produtividades alcançadas com a soja e com o milho primeira safra, com a colheita bem próxima do fim. O resultado é 3,4% menor que o da última safra, ou seja, ainda assim o Brasil deve colher a segunda maior safra da história.

A soja e o milho, que possuem os maiores volumes de produção do país, devem ter produção de 118 e 85 milhões de toneladas, respectivamente. Do total da produção de milho, 26,8 milhões de toneladas deverão ser colhidas na primeira safra e 58,2 milhões de toneladas na segunda safra.

Para a atual safra, destaca-se também a estimativa de aumento da produção de algodão em pluma, estimada em 1,9 milhão de toneladas de pluma, representando aumento de 28,1% em relação à safra passada e do feijão segunda safra, estimada em 1,3 milhão de toneladas, aumento de 10,9%.

5.1. ALGODÃO

Gráfico 1 - Evolução da produção de algodão

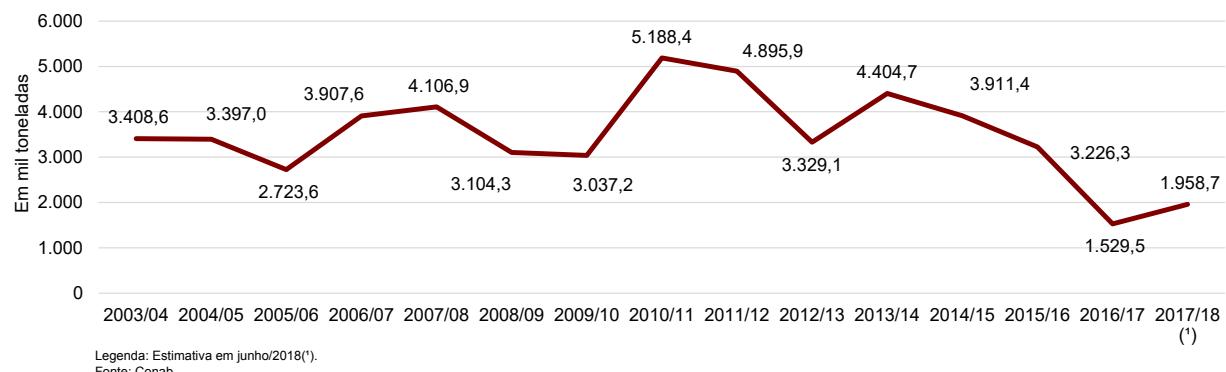
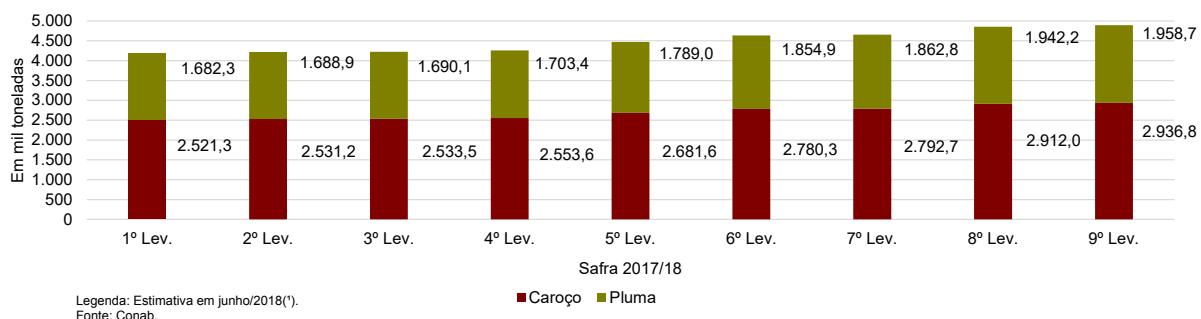


Gráfico 2 - Comportamento da produção de algodão na safra 2017/18



5.2. ARROZ

Gráfico 3 - Evolução da produção de arroz

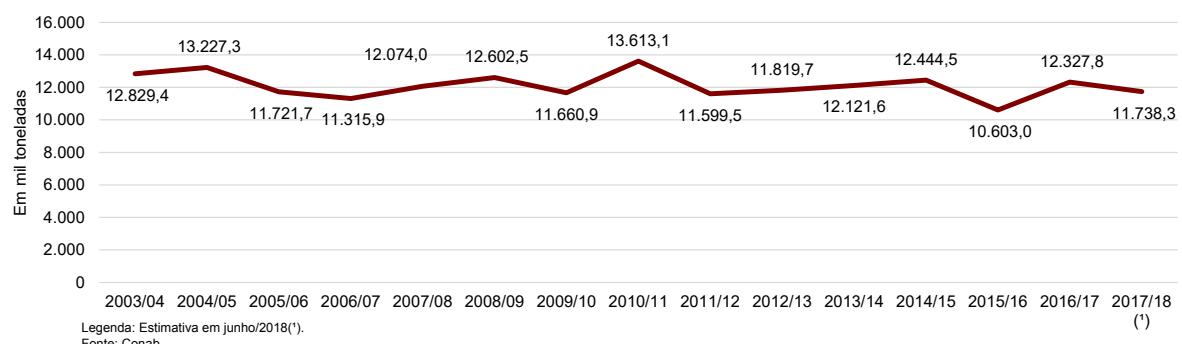
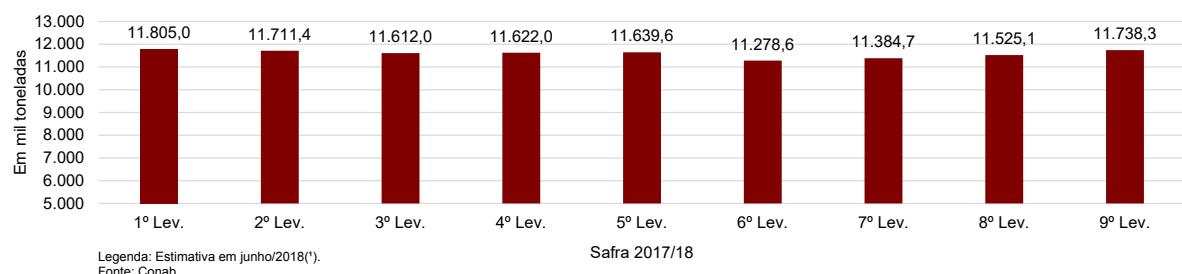


Gráfico 4 - Comportamento da produção de arroz na safra 2017/18



5.3. FEIJÃO PRIMEIRA SAFRA

Gráfico 5 - Evolução da produção de feijão primeira safra

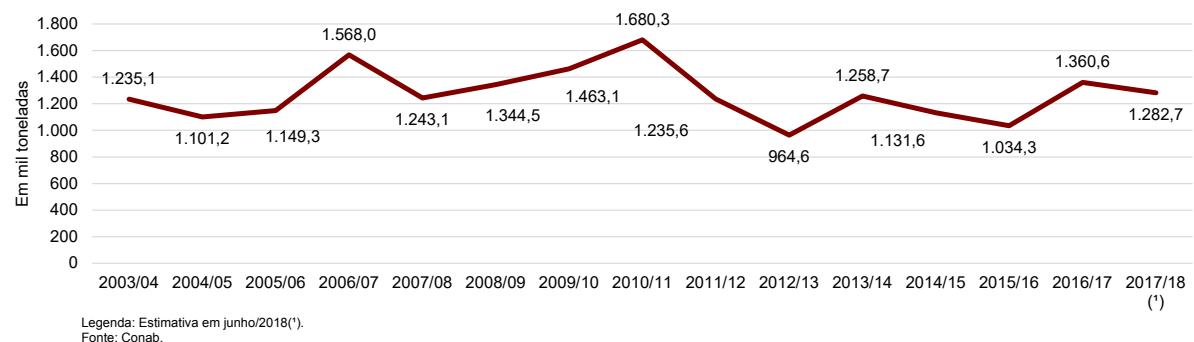
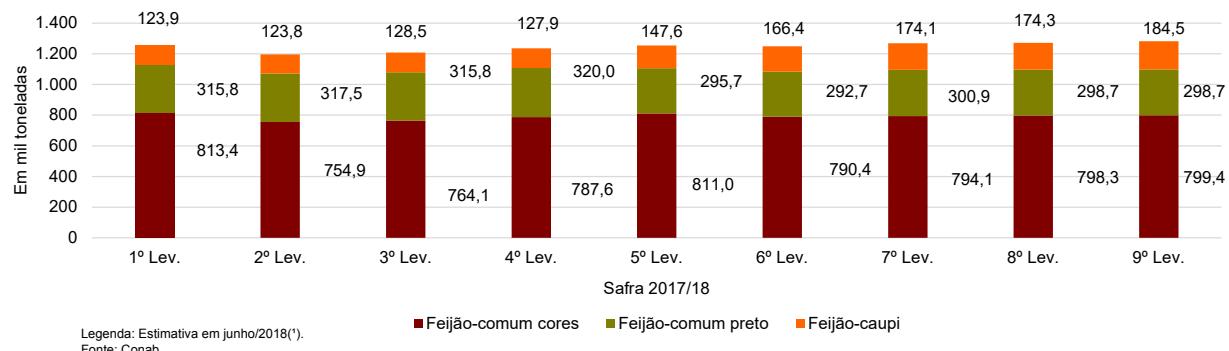


Gráfico 6 - Comportamento da produção de feijão primeira safra na safra 2017/18



5.4. FEIJÃO SEGUNDA SAFRA

Gráfico 7 - Evolução da produção de feijão segunda safra

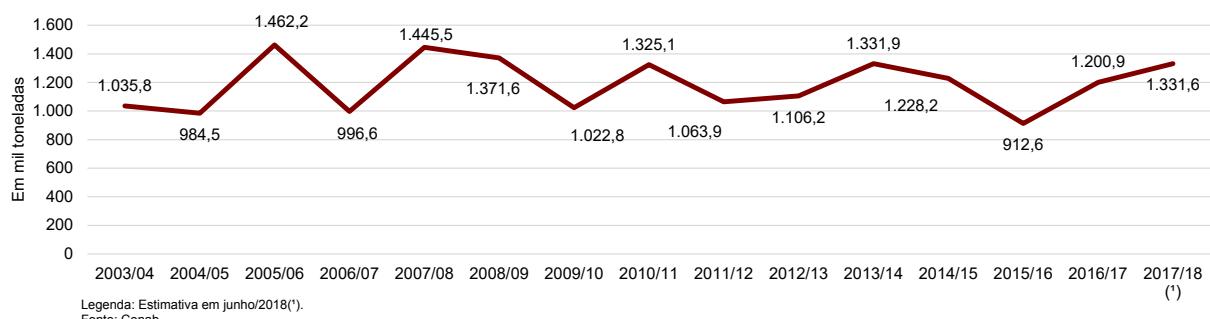
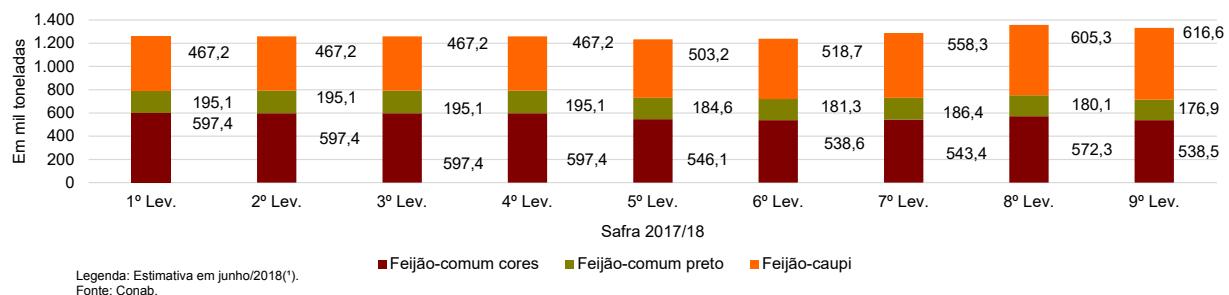
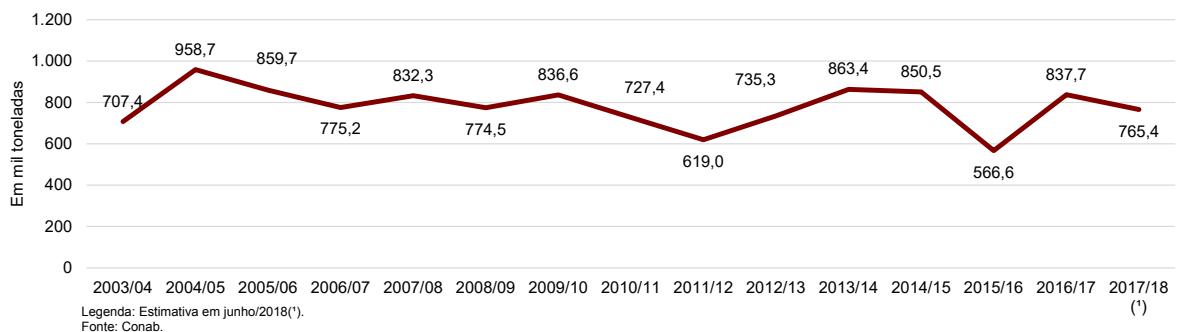


Gráfico 8 - Comportamento da produção de feijão segunda safra na safra 2017/18



5.5. FEIJÃO TERCEIRA SAFRA

Gráfico 9 - Evolução da produção de feijão terceira safra



5.6. MILHO PRIMEIRA SAFRA

Gráfico 10 - Evolução da produção de milho primeira safra

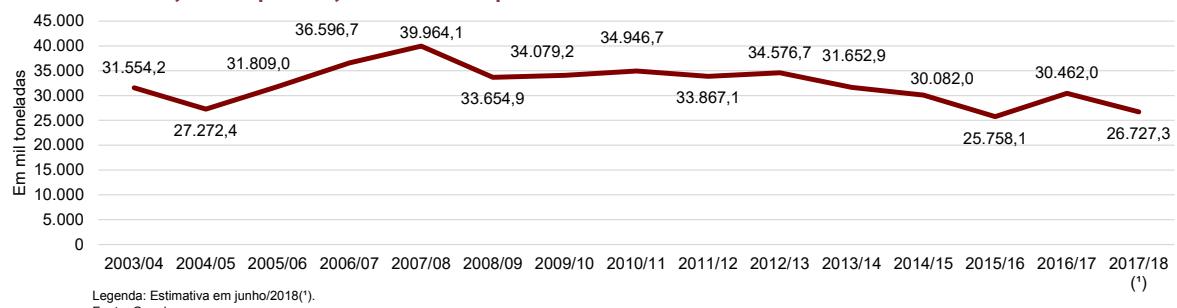
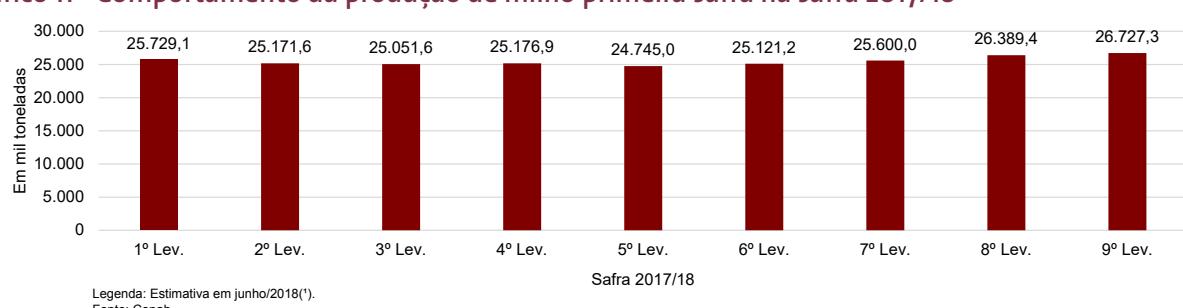


Gráfico 11 - Comportamento da produção de milho primeira safra na safra 2017/18



5.7. MILHO SEGUNDA SAFRA

Gráfico 12 - Evolução da produção de milho segunda safra

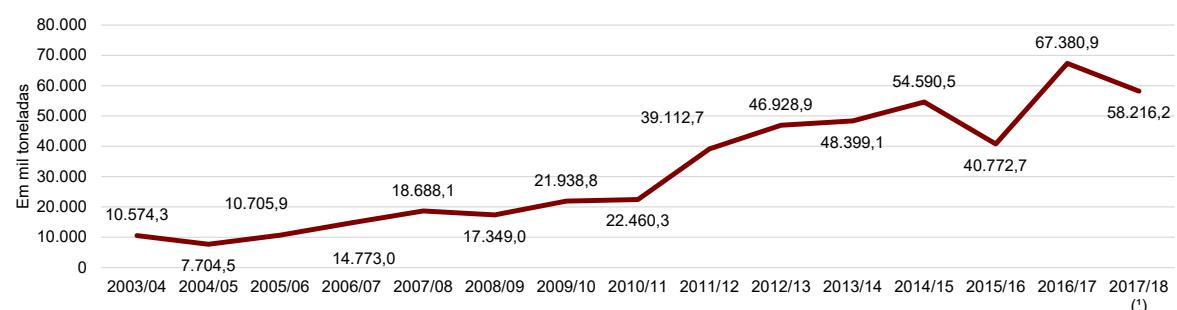
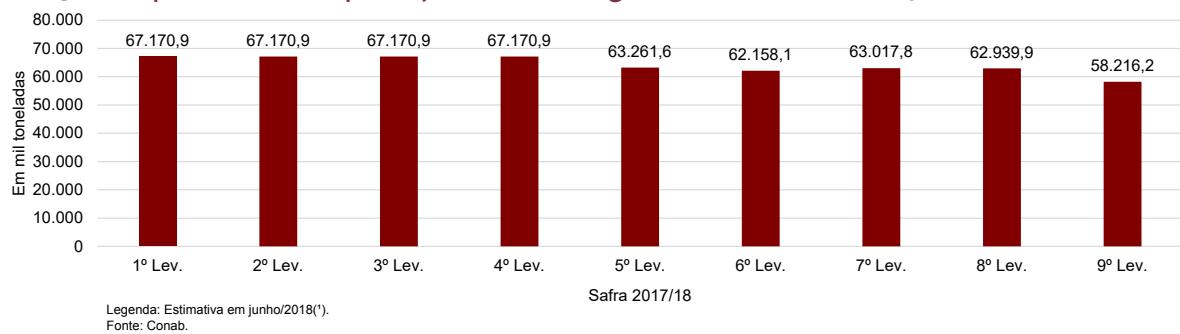


Gráfico 13 - Comportamento da produção de milho segunda safra na safra 2017/18



5.8. SOJA

Gráfico 14 - Evolução da produção de soja

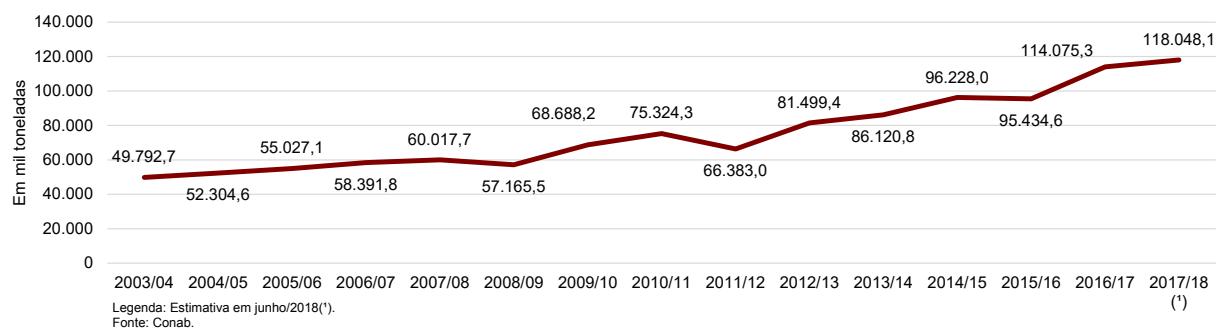
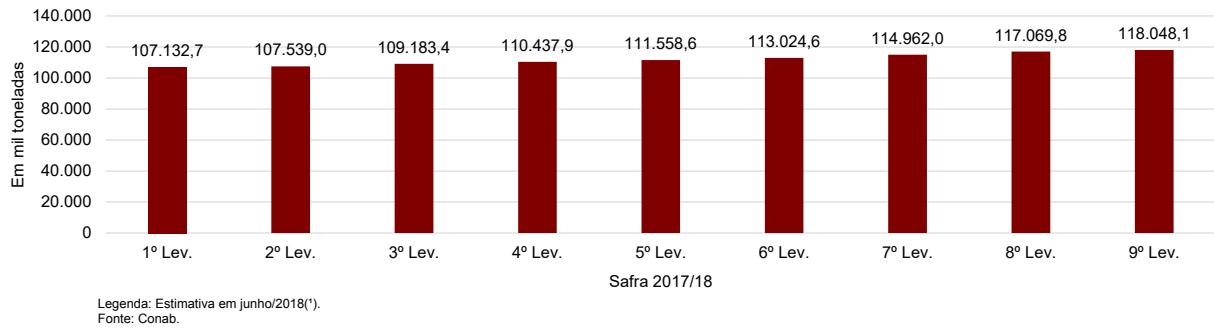


Gráfico 15 - Comportamento da produção de soja na safra 2017/18



5.9. TRIGO

Gráfico 16 - Evolução da produção de trigo

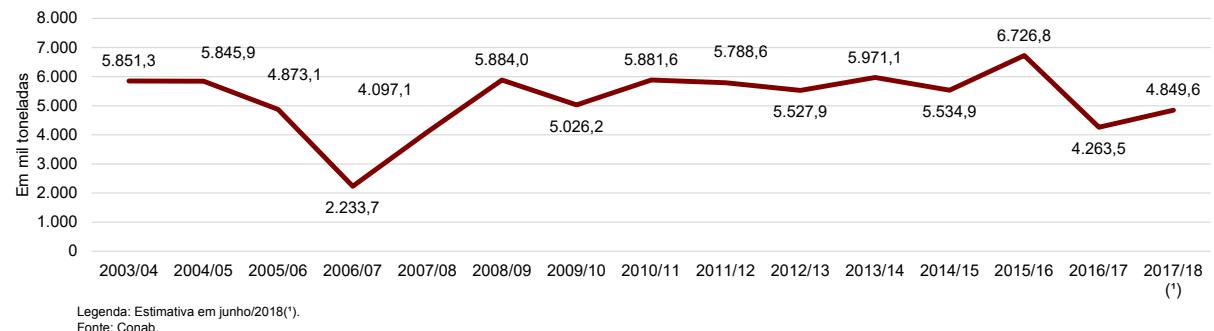


Tabela 1 – Estimativa de produção – Grãos

(Em 1000 t)

CULTURAS DE VERÃO	SAFRAS			VARIAÇÃO	
	2016/17 (a)	2017/18		Percentual	Absoluta
		abr/2018 (b)	mai/2018 (c)	(c/a)	(c-a)
ALGODÃO - CAROÇO (1)	2.298,3	2.912,0	2.938,0	27,8	639,7
ALGODÃO - PLUMA	1.529,5	1.942,2	1.959,4	28,1	429,9
AMENDOIM TOTAL	466,2	513,2	515,4	10,6	49,2
AMENDOIM 1ª SAFRA	438,8	501,8	505,2	15,1	66,4
AMENDOIM 2ª SAFRA	27,4	11,4	10,2	(62,8)	(17,2)
ARROZ	12.327,8	11.531,8	11.735,8	(4,8)	(592,0)
ARROZ SEQUEIRO	1.230,7	1.233,9	1.246,0	1,2	15,3
ARROZ IRRIGADO	11.097,1	10.297,9	10.489,8	(5,5)	(607,3)
FEIJÃO TOTAL	3.399,5	3.398,1	3.334,4	(1,9)	(65,1)
FEIJÃO TOTAL CORES	2.178	2.102	1.987	(8,8)	(191,7)
FEIJÃO TOTAL PRETO	508	489	485	(4,5)	(22,8)
FEIJÃO TOTAL CAUPI	713	808	863	21,0	149,9
FEIJÃO 1ª SAFRA	1.360,6	1.271,0	1.280,6	(5,9)	(80,0)
CORES	850,4	798,0	798,2	(6,1)	(52,2)
PRETO	319,5	298,7	297,8	(6,8)	(21,7)
CAUPI	190,7	174,3	184,5	(3,3)	(6,2)
FEIJÃO 2ª SAFRA	1.200,9	1.323,4	1.331,9	10,9	131,0
CORES	575,8	572,5	538,5	(6,5)	(37,3)
PRETO	180,2	180,2	177,2	(1,7)	(3,0)
CAUPI	445,0	570,8	616,6	38,6	171,6
FEIJÃO 3ª SAFRA	837,7	803,8	721,7	(13,8)	(116,0)
CORES	752,1	731,4	649,9	(13,6)	(102,2)
PRETO	7,9	9,8	9,8	24,1	1,9
CAUPI	77,6	62,6	62,1	(20,0)	(15,5)
GIRASSOL	103,7	146,5	147,4	42,1	43,7
MAMONA	13,1	19,3	19,4	48,1	6,3
MILHO TOTAL	97.842,8	89.207,6	85.003,5	(13,1)	(12.839,3)
MILHO 1ª SAFRA	30.462,0	26.260,2	26.787,1	(12,1)	(3.674,9)
MILHO 2ª SAFRA	67.380,9	62.947,5	58.216,2	(13,6)	(9.164,7)
SOJA	114.075,3	116.995,9	118.048,1	3,5	3.972,8
SORGO	1.864,8	1.786,6	1.873,9	0,5	9,1
SUBTOTAL	232.391,5	226.511,0	223.615,9	(3,8)	(8.775,6)
CULTURAS DE INVERNO	SAFRAS			VARIAÇÃO	
	2016/17 (a)	2017/18		Percentual	Absoluta
		abr/2018 (b)	mai/2018 (c)	(b/a)	(b-a)
AVEIA	633,8	757,7	768,5	21,3	134,7
CANOLA	40,8	56,8	56,7	39,0	15,9
CENTEIO	6,2	8,3	7,1	14,5	0,9
CEVADA	282,1	336,7	338,6	20,0	56,5
TRIGO	4.263,5	4.871,5	4.857,3	13,9	593,8
TRITICALE	53,5	58,4	58,5	9,3	5,0
SUBTOTAL	5.279,9	6.089,4	6.086,7	15,3	806,8
BRASIL (2)	237.671,4	232.600,4	229.702,6	(3,4)	(7.968,8)

Legenda: (1) Produção de caroço de algodão; (2) Exclui a produção de algodão em pluma.

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em junho/2018.



Tabela 2 – Comparativo de área, produtividade e produção – Produtos selecionados (*)

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			VAR. %	PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %		Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)	
NORTE	2.934,9	3.004,7	2,4	3.246	3.204	(1,3)	9.527,5	9.626,4	1,0	
RR	54,8	69,1	26,1	4.210	3.919	(6,9)	230,7	270,8	17,4	
RO	553,0	572,6	3,5	3.371	3.513	4,2	1.864,0	2.011,6	7,9	
AC	46,8	44,2	(5,6)	1.976	1.925	(2,6)	92,5	85,1	(8,0)	
AM	19,2	18,8	(2,1)	2.214	2.154	(2,7)	42,5	40,5	(4,7)	
AP	23,5	24,7	5,1	2.498	2.538	1,6	58,7	62,7	6,8	
PA	861,5	877,7	1,9	3.129	2.888	(7,7)	2.696,0	2.534,6	(6,0)	
TO	1.376,1	1.397,6	1,6	3.301	3.306	0,2	4.543,1	4.621,1	1,7	
NORDESTE	7.852,4	8.271,6	5,3	2.319	2.519	8,6	18.206,1	20.833,0	14,4	
MA	1.565,3	1.707,7	9,1	3.061	3.155	3,1	4.790,7	5.387,2	12,5	
PI	1.476,8	1.534,2	3,9	2.469	2.819	14,2	3.645,5	4.324,8	18,6	
CE	932,0	942,2	1,1	591	730	23,5	550,4	687,8	25,0	
RN	67,6	89,3	32,1	426	480	12,8	28,8	42,9	49,0	
PB	179,5	224,2	24,9	393	698	77,6	70,5	156,5	122,0	
PE	344,3	449,7	30,6	329	465	41,3	113,4	209,0	84,3	
AL	80,1	80,1	-	790	754	(4,5)	63,3	60,4	(4,6)	
SE	193,0	195,7	1,4	4.468	3.830	(14,3)	862,4	749,5	(13,1)	
BA	3.013,8	3.048,5	1,2	2.681	3.023	12,7	8.081,1	9.214,9	14,0	
CENTRO-OESTE	24.963,6	25.310,0	1,4	4.144	3.961	(4,4)	103.449,8	100.240,7	(3,1)	
MT	15.119,1	15.335,0	1,4	4.100	3.975	(3,0)	61.986,5	60.964,2	(1,6)	
MS	4.441,3	4.507,9	1,5	4.229	3.723	(12,0)	18.784,2	16.781,8	(10,7)	
GO	5.241,5	5.304,6	1,2	4.173	4.085	(2,1)	21.873,1	21.670,4	(0,9)	
DF	161,7	162,5	0,5	4.985	5.073	1,8	806,0	824,3	2,3	
SUDESTE	5.486,0	5.551,8	1,2	4.221	4.261	1,0	23.157,8	23.657,4	2,2	
MG	3.372,7	3.336,4	(1,1)	4.175	4.310	3,2	14.080,0	14.379,3	2,1	
ES	24,0	28,2	17,5	2.058	1.926	(6,4)	49,4	54,3	9,9	
RJ	4,8	4,9	2,1	1.938	2.000	3,2	9,3	9,8	5,4	
SP	2.084,5	2.182,3	4,7	4.327	4.222	(2,4)	9.019,1	9.214,0	2,2	
SUL	19.652,4	19.444,4	(1,1)	4.240	3.875	(8,6)	83.330,2	75.345,1	(9,6)	
PR	9.732,7	9.549,8	(1,9)	4.197	3.839	(8,5)	40.851,4	36.657,6	(10,3)	
SC	1.312,8	1.266,9	(3,5)	5.303	4.955	(6,6)	6.962,1	6.277,0	(9,8)	
RS	8.606,9	8.627,7	0,2	4.127	3.757	(9,0)	35.516,6	32.410,5	(8,7)	
NORTE/NORDESTE	10.787,3	11.276,3	4,5	2.571	2.701	5,1	27.733,6	30.459,4	9,8	
CENTRO-SUL	50.102,0	50.306,2	0,4	4.190	3.961	(5,5)	209.937,8	199.243,2	(5,1)	
BRASIL	60.889,3	61.582,5	1,1	3.903	3.730	(4,4)	237.671,4	229.702,6	(3,4)	

Legenda: (*) Produtos selecionados: Caroço de algodão, amendoim (1ª e 2ª safras), arroz, aveia, canola, centeio, cevada, feijão (1ª, 2ª e 3ª safras), girassol, mamona, milho (1ª e 2ª safras), soja, sorgo, trigo e triticale.

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em junho/2018.





6. CRÉDITO RURAL

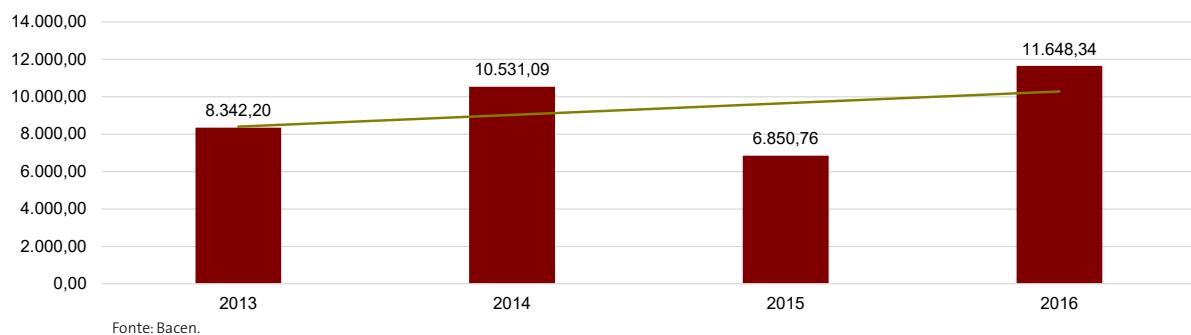
As informações do crédito rural são utilizadas para compreensão e acompanhamento das principais culturas avaliadas pela Companhia. As análises realizadas tomam como base o crédito liberado pelas instituições financeiras oficiais, mas tem-se a consciência que outras fontes de crédito são utilizadas pelos produtores rurais. A análise apresentada terá como foco o valor agregado de janeiro a abril de 2013 a 2018.

O foco são os dados de custeio que foram obtidos do Sistema de Operações do Crédito Rural e do Proagro (Sicor), do Banco Central do Brasil (Bacen), cujo último acesso foi realizado em 9 de maio de 2018, para o Programa Nacional de Apoio ao Médio Produtor (Pronamp), o Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (Pronaf) e o Financiamento Sem Vínculo a Programa Específico.

6.1. ANÁLISE DAS INFORMAÇÕES DO SICOR E DO BACEN

A utilização do crédito de custeio no acumulado janeiro a abril de 2018 tem queda em relação ao mesmo período do ano imediatamente anterior, cerca de 4%. No período analisado (2013 a 2018), o montante do crédito de 2018 é inferior apenas ao observado em 2017 e superior ao encontrado nos demais anos. Para o Financiamento sem Vínculo a Programa Específico o volume foi de R\$ 8,81 bilhões de reais, para o Pronamp o volume observado foi de R\$ 1,87 bilhão de reais e para o Pronaf o total de aporte foi cerca de R\$ 1,09 bilhão.

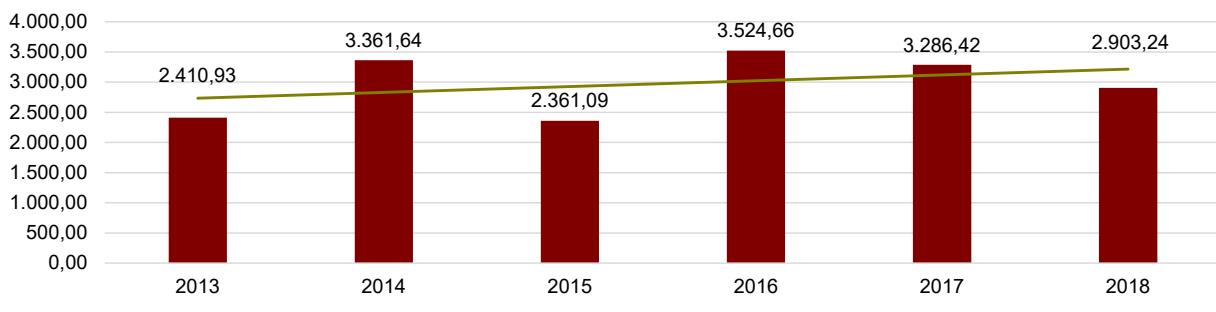
Gráfico 1 – Financiamento total – Janeiro a março de 2013 a 2018



Fonte: Bacen.

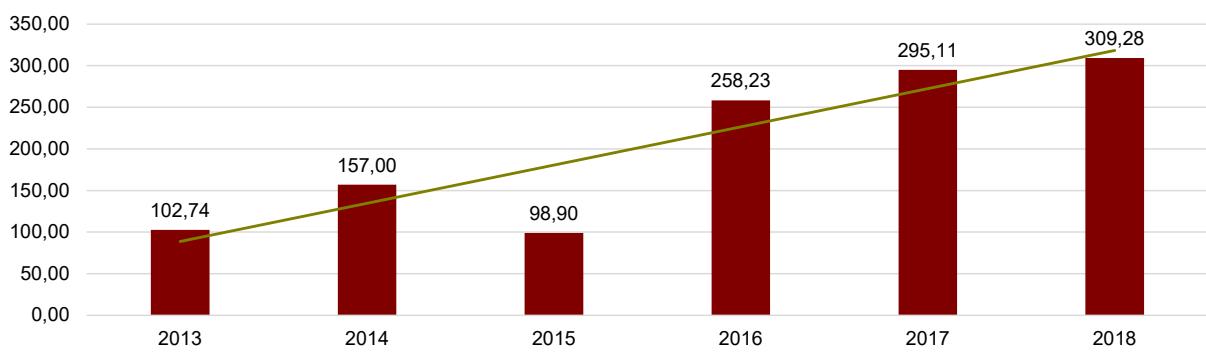
Uma outra maneira de visualizar e compreender o aporte do crédito rural no âmbito do custeio está no valor observado em cada região geográfica brasileira. Isso posto, o valor aportado para a Região Centro-Oeste entre janeiro e abril de 2018 foi de 4,77 bilhões de reais, para o Nordeste se observa 927 milhões de reais, para o Norte 309 milhões de reais, para o Sudeste o valor foi de 2,86 bilhões e para a Região Sul se tem o total aportado de 2,90 bilhões de reais. Para as Regiões Sul e Sudeste foram observados decréscimos percentuais no aporte quando comparado com o mesmo período do ano anterior – 2017 – a menor queda percentual foi de 11,6% no Sul, já para as Regiões Centro-Oeste, Norte e Nordeste foram verificados incrementos percentuais no aporte, esses aumentos variam de 4,2% a 4,8%. Os gráficos 2 e 3 apresentam os valores totais para as regiões de maior queda e maior incremento percentuais, respectivamente.

Gráfico 2 – Sul – Valores absolutos - Janeiro a abril de 2013 a 2018



Fonte: Bacen.

Gráfico 3 – Norte – Valores absolutos - Janeiro a abril de 2013 a 2018



Fonte: Bacen.

As análises seguintes serão particularizadas para os produtos algodão, arroz, feijão, milho e soja, tendo como

fonte as informações do crédito rural obtidas do Sicor/Bacen, nos anos de 2013 a 2018.

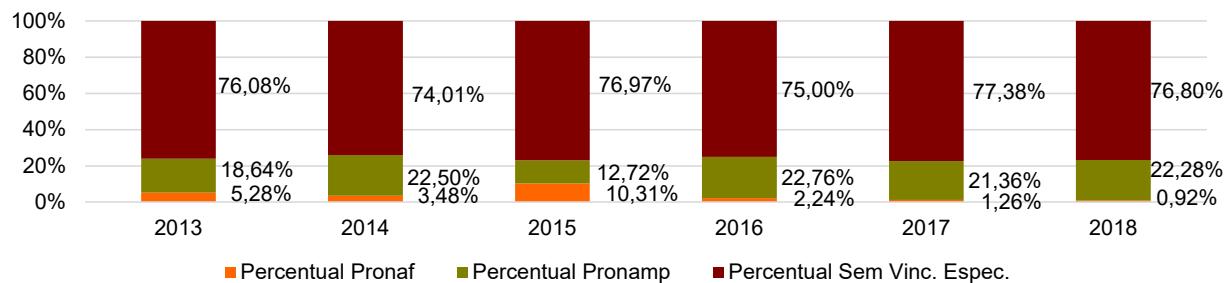


6.2. A CULTURA DO ARROZ

As informações constantes do Gráfico 4 apresentam a baixa utilização de crédito pelo Pronaf e do Pronamp,

quando comparado ao aporte observado Sem Vínculo à Programa Específico.

Gráfico 4 – Arroz - Tipo de financiamento – Participação por programa - Janeiro a abril de 2013 a 2018



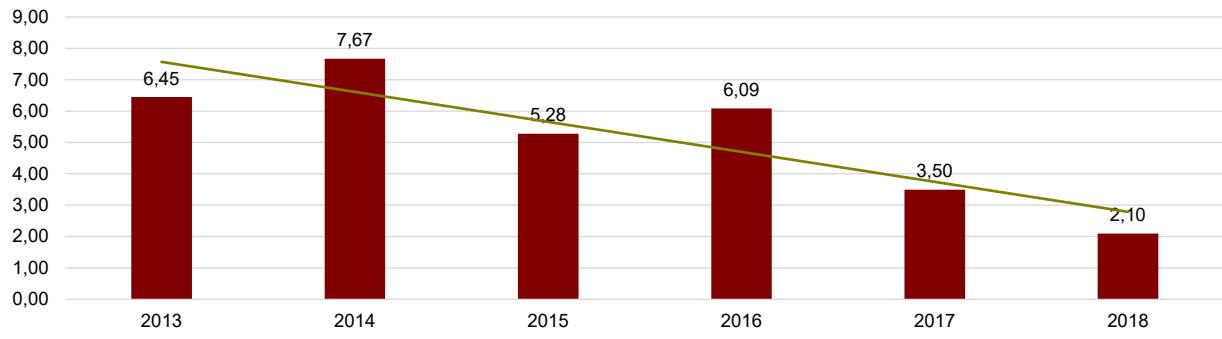
Fonte: Bacen.

É importante ressaltar as tendências de crescimento no aporte para o Pronamp e no aporte sem vínculo quando comparados os valores de 2013 até 2018. Por outro lado, nota-se tendência de decréscimo no valor disponibilizado via Pronaf. Esse cenário é indicativo da

presença de grandes produtores e de uso de tecnologia na cultura do arroz.

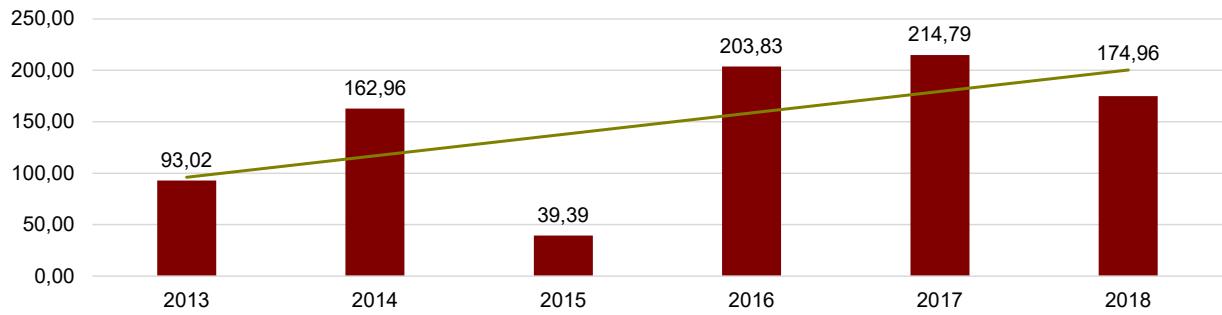
Os gráficos 5 e 6 representam graficamente as tendências supracitadas.

Gráfico 5 – Arroz - Pronaf - Janeiro a abril de 2013 a 2018



Fonte: Bacen.

Gráfico 6 – Arroz – Sem vínculo - Janeiro a abril de 2013 a 2018



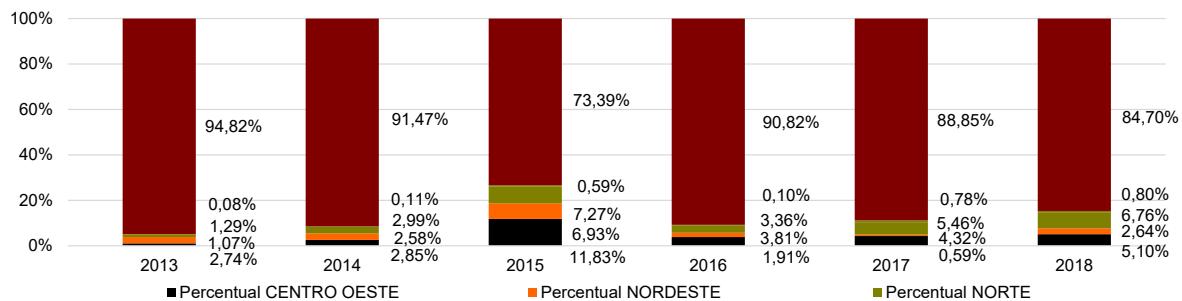
Fonte: Bacen.

Pode-se comentar que a concentração do plantio na Região Sul explica as informações da participação por região (Gráfico 7). É importante destacar a retomada

da utilização do crédito para a Região Nordeste, com crescimento em relação ao período do ano anterior de 4,38 milhões de reais (1,63 milhão de reais em 2017).



Gráfico 7 – Arroz - Participação por região - Janeiro a abril de 2013 a 2018



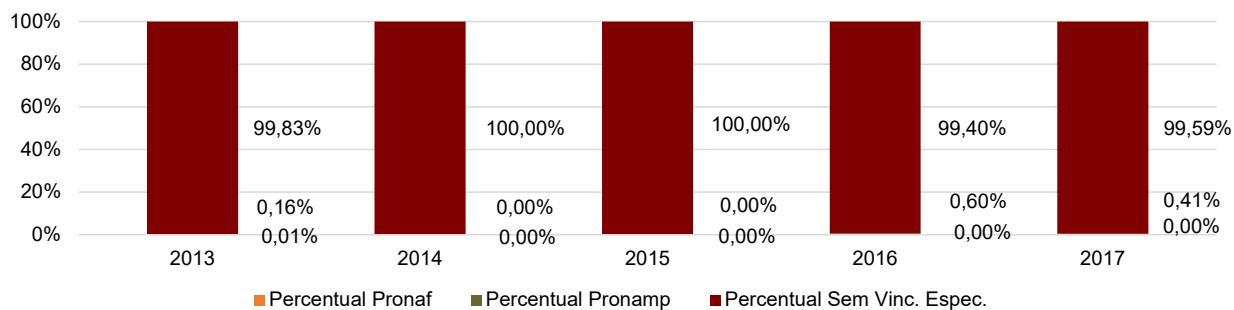
Fonte: Bacen.

6.3. A CULTURA DO ALGODÃO

O plantio do algodão exige alta tecnologia, o que explica a concentração do Financiamento Sem Vínculo Específico (Gráfico 8). Para o acumulado entre janei-

ro a abril de 2018, observa-se retração na obtenção de crédito para custeio do algodão (-10,36%).

Gráfico 8 - Algodão – Participação por programa - Janeiro a abril de 2013 a 2018

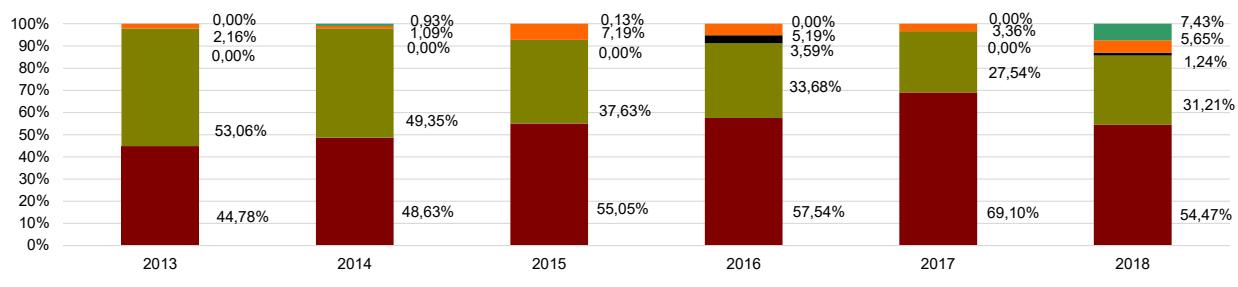


Fonte: Bacen.

As Regiões Centro-Oeste e Nordeste compreendem as Unidades da Federação com maior produção de algodão, o que explica as informações do Gráfico 9. Todavia, verificam-se comportamentos distintos na obtenção de crédito nessas regiões. Por um lado, a Re-

gião Nordeste experimenta um crescimento quando comparados os valores de 2018 e 2017. Já a Região Sul vivencia queda na participação da região no aporte nacional.

Gráfico 9 – Algodão –Participação por região - Janeiro a abril de 2013 a 2018



Fonte: Bacen.



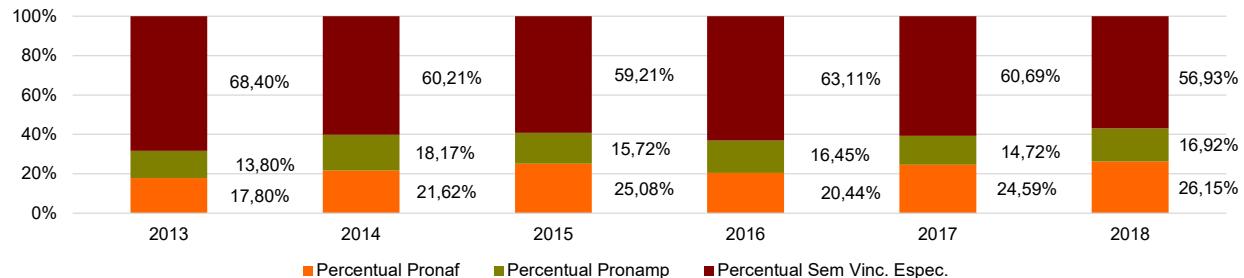
6.4. A CULTURA DO FEIJÃO

Para a cultura do feijão observam-se os seguintes valores para o aporte, em cada tipo de programa: para o aporte sem vínculo a programa específico o valor foi de R\$ 102 milhões, para o Pronamp o valor encontrado foi de 30,46 milhões de reais e, por fim, para o Pronaf o montante foi de R\$ 47,08 milhões. Esses valores cor-

respondem, quando comparados ao mesmo período de 2017 às seguintes variações percentuais: 12,18%; 7,64% e -0,43%, respectivamente.

O Gráfico 10 apresenta a participação de cada programa no total do aporte para os anos de 2013 a 2018.

Gráfico 10- Feijão – Participação de programa - Janeiro a abril de 2013 a 2018

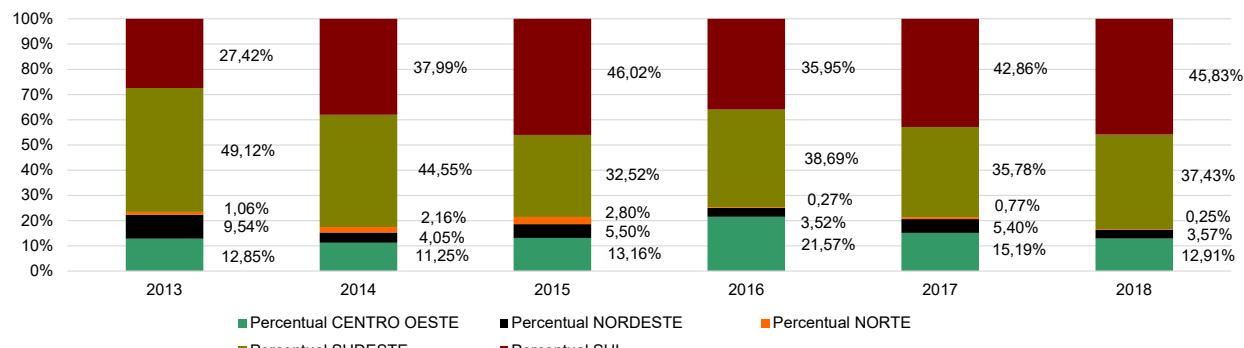


Fonte: Bacen.

Para a Região Sul o valor do aporte foi de 82,5 milhões de reais em 2018, esse valor esse pode ser compreendido como uma manutenção do valor buscado, na mesma região, para o ano de 2017 (R\$ 82,41 milhões).

As maiores regiões produtoras são as Regiões Sul, Sudeste e o Centro-Oeste, isso posto, as informações constantes do Gráfico 11 são compatíveis com as principais regiões produtoras.

Gráfico 11 – Feijão - Participação por região - Janeiro a março de 2013 a 2018



Fonte: Bacen.

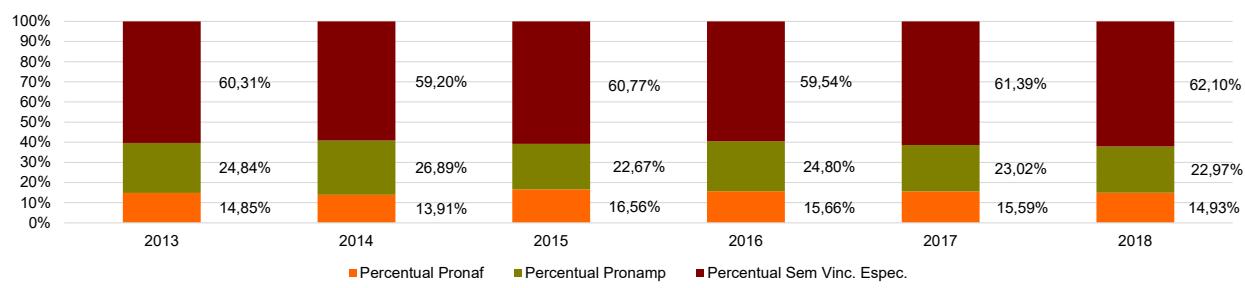
6.5. A CULTURA DO MILHO

No acumulado entre Janeiro a abril de 2018, o total nacional aportado para a cultura de milho foi de R\$ 1,98 bilhões de reais, valor esse cerca de 8,68% menor ao observado no mesmo período de 2017. Todavia, a dis-

tribuição da participação de cada um dos programas de custeio federal manteve-se estável no período em análise, conforme observado no Gráfico 12.



Gráfico 12 – Milho - Participação de Programa - Janeiro a abril de 2013 a 2018

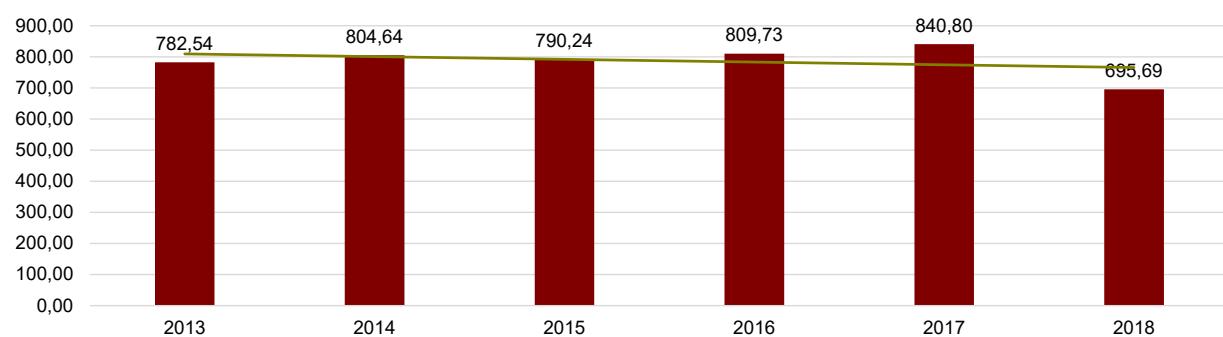


Fonte: Bacen.

Dado a queda apresentada no valor total para o país, no parágrafo anterior, ressalta-se a diminuição relativa no aporte em todas as regiões brasileiras. Observa-se um decréscimo médio de 5,31% entre as regiões. A maior região produtora de milho é a Região Cen-

tro-Oeste, para essa, a diminuição no valor aportado foi de R\$ 145 milhões (-17,26%). O Gráfico 13 representa os valores totais para essa região, de 2013 a 2018 (janeiro a abril).

Gráfico 13 – Milho – Aporte total – Centro-Oeste - Janeiro a abril de 2013 a 2018



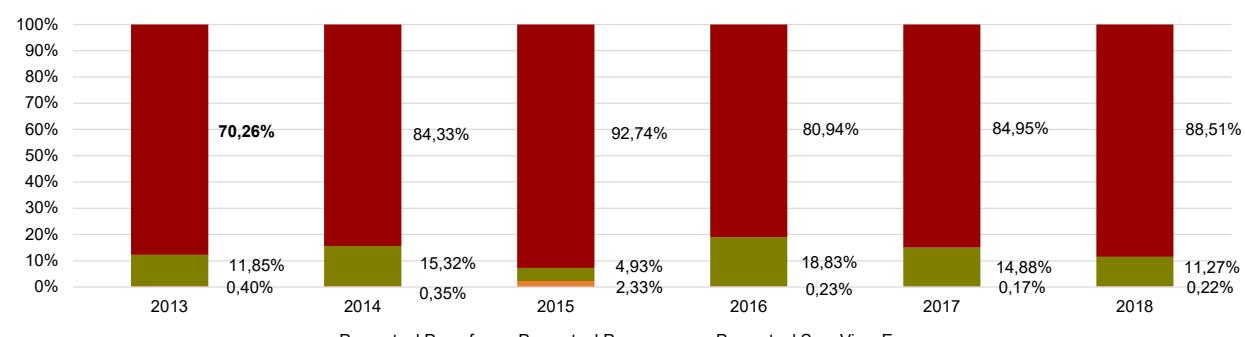
Fonte: Bacen.

6.6. A CULTURA DA SOJA

O valor aportado entre janeiro a abril de 2018 foi de R\$ 5,36 bilhões de reais. A distribuição das participações de cada programa de crédito manteve a tendência de

aumento para o aporte sem vínculo a programa específico, conforme (Gráfico 14).

Gráfico 14 – Soja - Participação de programa - Janeiro a abril de 2013 a 2018



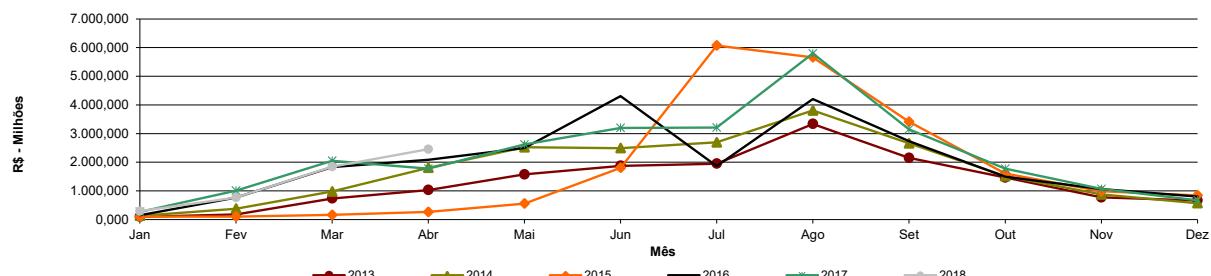
Fonte: Bacen.



Ainda o contexto nacional, é salutar destacar o valor aportado em Abril de 2018. O valor de 2,45 bilhões de reais para a cultura da soja é o maior já observado na

série em análise. O Gráfico 15 evidencia graficamente a importância desse valor quando comparado aos demais anos.

Gráfico 15 – Soja – Valores aportados mensais – 2013 a 2018

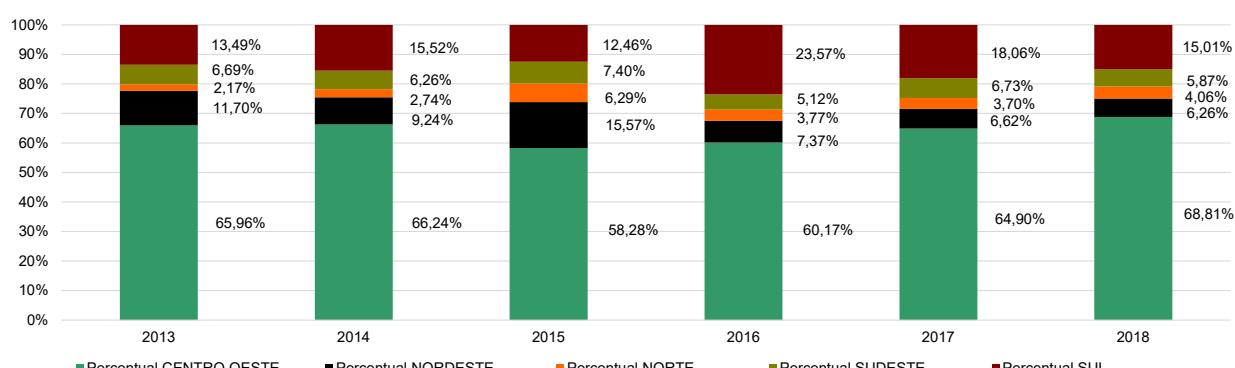


Fonte: Bacen.

No escopo das regiões brasileiras, observa-se a manutenção da Região Centro-Oeste como maior detentora do crédito disponibilizado para o cultivo da oleagi-

nosa. A região supracitada corresponde a mais do que 75% do valor total disponibilizado. O Gráfico 16 representa graficamente a superioridade dessa região.

Gráfico 16 – Soja – Participação por região – Janeiro a abril de 2013 a 2018



Fonte: Bacen.





7. PROGNÓSTICO CLIMÁTICO¹ - INMET

7.1. ANÁLISE CLIMÁTICA DE MAIO

Maio marca o início do período tipicamente seco, na maior parte das regiões produtoras do território nacional, com duração de quatro a cinco meses, dependendo da localidade, apresentou padrão de chuvas dentro da sua característica de baixa pluviosidade. Contudo, mesmo nas localidades onde o mês é tipicamente chuvoso ou apresenta uma média histórica de precipitação significativa, como o leste do Nordeste e a Região Sul, as chuvas foram bastante irregulares, resultando totais abaixo da média em diversas localidades dessas regiões.

Na mesorregião Nordeste da Bahia e em Sergipe, onde o milho segunda safra está em andamento, apesar da ocorrência de chuvas na maioria dos dias de maio, o total acumulado ficou de 10 e 40% abaixo da média histórica na maior parte das localidades, com volumes entre 60 e 120 mm (Figura 1). Em Cipó, na Bahia, o acumulado foi de aproximadamente 70 mm e em Propriá, em Sergipe, o acumulado foi de 100 mm.

Na Região Sul, as chuvas foram extremamente irregulares durante maio. No Paraná, o déficit de chuvas foi o mais crítico, pois os volumes ficaram entre 30 e 90 mm, o que corresponde a menos que 50% da média em alguns casos. Nos municípios de Maringá, Londrina e Castro, por exemplo, os totais de acumulados registrados pelas estações meteorológicas do Inmet foram inferiores a 50 mm, enquanto a média clima-

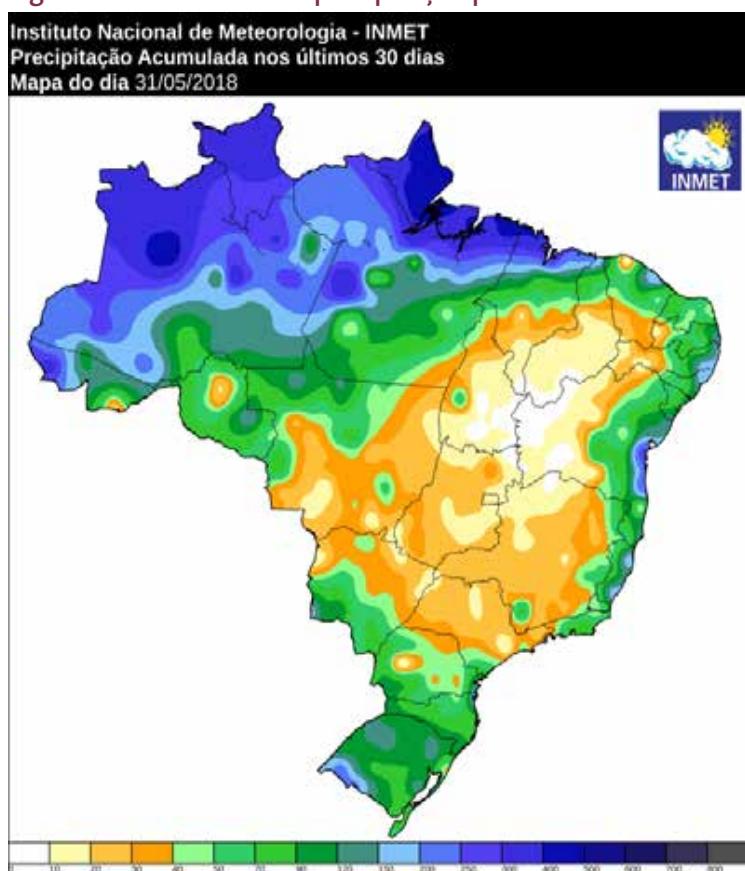
¹ Mozar de Araújo Salvador – Meteorologista do Inmet-Brasília.

tológica nessas localidades é de mais de 100 mm no mês. Não apenas o Paraná, mas também os estados vizinhos do Mato Grosso do Sul e São Paulo apresentaram grandes áreas com deficit pluviométrico. Em Santa Catarina, a precipitação registrou volumes um pouco maiores, entre 50 e 100 mm. Os maiores volumes ocorreram no Rio Grande do Sul, com volumes entre 80 e 120 mm, resultando em volumes dentro da

faixa normal do mês.

Maio se destaca também pela primeira onda de frio na Região Sul, mas que também atingiu outros estados fora da região. Foram registradas temperaturas mínimas inferiores a 5 °C em várias estações meteorológicas das Regiões Sul e Sudeste, o que favoreceu a ocorrência de geadas em diversas localidades.

Figura 1 - Acumulado da precipitação pluviométrica em maio de 2018



Fonte: Inmet.

7.2. CONDIÇÕES OCEÂNICAS RECENTES E TENDÊNCIA

O mapa de anomalias da temperatura na superfície do mar (TSM) da segunda metade de maio mostra que a área com anomalias negativas no Pacífico Equatorial continua diminuindo em extensão e intensidade, estabelecendo uma condição de neutralidade.

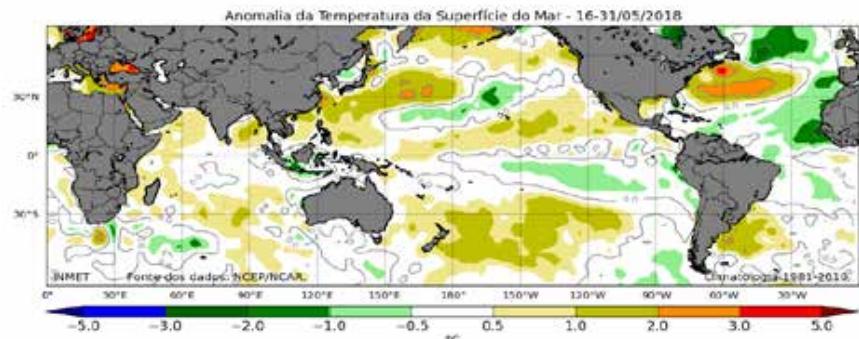
Tal condição é percebida no gráfico diário de índice de

El Niño/La Niña até o dia 5 de junho, onde se observa que nesse período o Pacífico Equatorial na área 3.4 (entre 170° W - 120° W) manteve-se com um padrão médio dentro da faixa de neutralidade.

A faixa de neutralidade está em entre -0,5 °C e +0,5 °C de desvio de TSM nas áreas de El Niño.



Figura 2 - Mapa de anomalias da TSM no período 16 a 31 de maio de 2018



Fonte: NCEP / NCAR.

No sudoeste do Atlântico Sul, entre o litoral norte da Argentina e o Rio Grande do Sul, as anomalias positivas na TSM permaneceram na segunda metade do mês, porém com menor intensidade que na quinzena anterior. As anomalias positivas nessa área do Atlântico

são favoráveis ao aumento da precipitação no Rio Grande do Sul em virtude de um fluxo potencialmente maior de umidade do oceano em direção ao continente.

Gráfico 1 - Monitoramento do índice diário de El Niño/La Niña 3.4



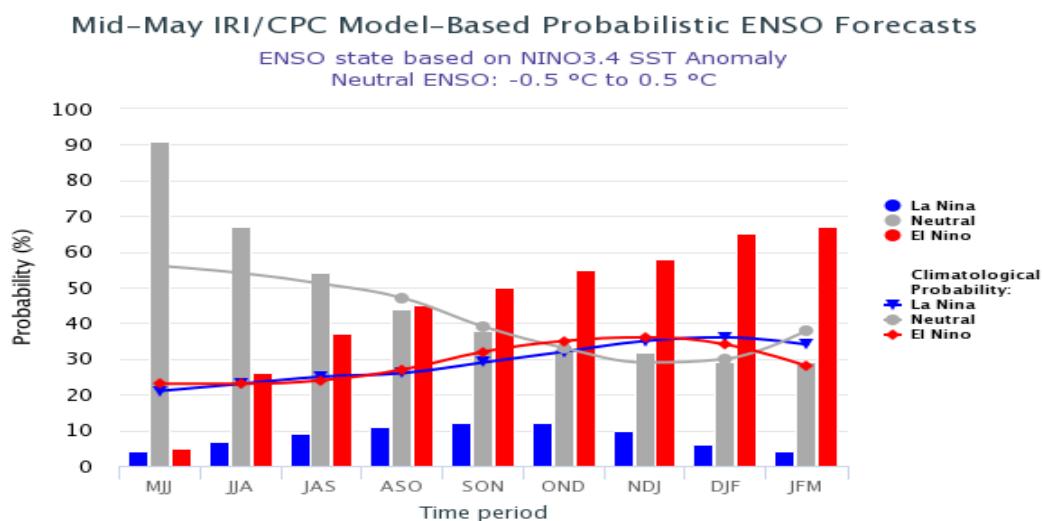
Fonte: <https://www.tropicaltidbits.com/analysis/>.

A média dos modelos de previsão de El Niño/La Niña do IRI (Research Institute for Climate and Society) apresenta uma alta probabilidade de continuidade do processo de enfraquecimento da La Niña com gradativa substituição por uma fase de neutralidade no

Pacífico Equatorial durante os próximos meses. Com base nas saídas dos modelos e nas condições térmicas observadas no Oceano Pacífico, a fase de neutralidade poderá se estabelecer durante o inverno no Hemisfério Sul.



Gráfico 2 - Previsão probabilística do IRI para ocorrência de El Niño ou La Niña



Fonte: IRI- <https://iri.columbia.edu/our-expertise/climate/forecasts/enso/current/>.

7.3. PROGNÓSTICO CLIMÁTICO PARA O BRASIL – PERÍODO JUNHO-JULHO-AGOSTO DE 2018

Os modelos de previsão climática indicam para a Região Sul maior probabilidade de que as chuvas fiquem dentro da faixa normal ou abaixo na maioria das localidades. Porém, em junho, o volume total deve ficar próximo à média na região, principalmente no Rio Grande do Sul, por consequência da chegada de sistemas frontais que causam instabilidade na atmosfera.

As Regiões Centro-Oeste e Sudeste entram no período seco climatológico a partir de maio, e o modelo do Inmet reforça que a condição de baixa precipitação, indicando maior probabilidade dentro da faixa normal ou abaixo em quase a totalidade das duas regiões, com volumes mais significativos em relação aos outros estados, no Mato Grosso do Sul e São Paulo, em junho.

Na Região do Matopiba, o prognóstico climático indica maior probabilidade de chuvas dentro ou acima da faixa normal do trimestre na maior parte da região. Contudo, do mesmo modo que no Centro-Oeste, o

trimestre maio-junho-julho, no Matopiba, é caracterizado por ser tipicamente seco e essa previsão deve ser entendida apenas com a chance de ocorrência localizada de chuvas, mas sem se afastar da sua baixa média histórica de precipitação.

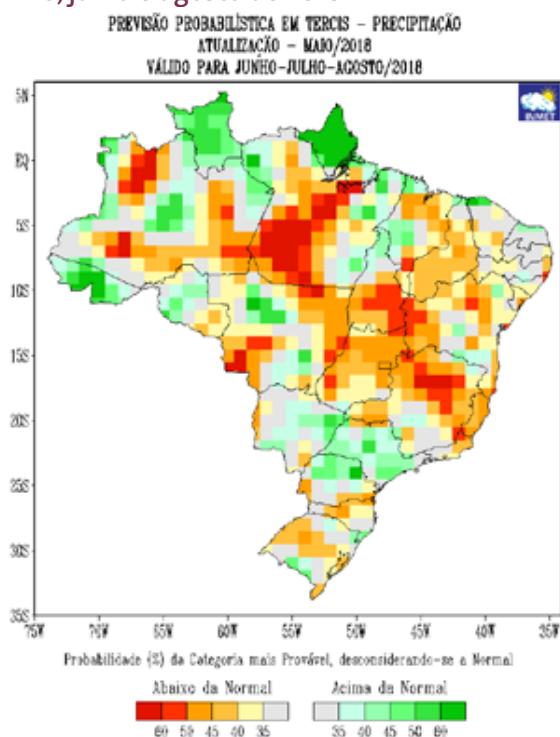
No Nordeste, incluindo o semiárido, a probabilidade maior é de que os volumes acumulados fiquem dentro da faixa normal ou abaixo em praticamente toda a região, segundo o modelo estatístico do Inmet.

Em média, as temperaturas devem ficar dentro da faixa normal ou acima na maior parte do Brasil, nesse trimestre. Na Região Sul, as temperaturas devem ficar dentro da faixa normal, porém, em junho, as ondas de frio podem deixar a temperatura abaixo da sua média climatológica em algumas localidades.

Mais detalhes sobre prognóstico e monitoramento climático podem ser vistos na opção CLIMA do menu principal do sítio do Inmet (www.inmet.gov.br).



Figura 3 - Previsão probabilística de precipitação do modelo estatístico do Inmet para o trimestre junho, julho e agosto de 2018



Fonte: Inmet.





8. MONITORAMENTO AGROCLIMÁTICO

8.1. REGIÃO NORTE

8.1.1. RONDÔNIA

Com relação ao fator climático, as chuvas iniciais atrasaram e o período chuvoso também alongou. O regime atual de chuvas já é bem reduzido, ou seja, as precipitações ocorrem em menor volume, são localizadas e uma vez por semana. No entanto, há bom aporte de água no solo para suprimento das plantas e enriamento de grãos, visto que se observa água empoeçada em estradas vicinais e de igual modo em carreadores entre talhões.

8.1.2. PARÁ

As precipitações se mantiveram em bom nível no Pará, no Baixo Amazonas e porções sul e norte do sudeste paraense. Na porção sul, as chuvas começam a reduzir.

8.1.3. TOCANTINS

As condições climáticas para esta safra estão sendo consideradas muito boas para as lavouras de sequeiro. A partir da segunda quinzena de abril, houve redução considerável nos volumes precipitados e durante o levantamento os relatos foram de atenção à umidade do solo pelos produtores na maioria dos polos de informação. Em maio, as precipitações praticamente não ocorreram.

8.2. REGIÃO NORDESTE

8.2.1. MARANHÃO

A segunda quinzena de maio, marcou o encerramento do período chuvoso nas principais regiões pesquisadas. As previsões climatológicas favoráveis, evidenciadas nos diversos levantamentos anteriores, con-

firmaram-se, sobretudo quanto aos totais mensais de chuvas observados de novembro de 2017 a abril de 2018.

8.2.2. PIAUÍ

Nos municípios da região sul do estado, apesar de ter ocorrido um pequeno atraso em relação ao início das chuvas, estas têm sido bem distribuídas e estão sendo satisfatórias. Na região do semiárido, as chuvas começaram a normalizar a partir de fevereiro. Já na região norte, o período chuvoso iniciou em janeiro e se encontra com chuvas regulares.

Conforme previsto no Prognóstico Climático de Outono, do Instituto Nacional de Meteorologia (Inmet), na região do semiárido, após seis anos seguidos de seca, as chuvas voltaram e estão sendo suficientes para melhorar as condições do solo e contribuir para o escoamento dos rios.

De acordo com o referido prognóstico, os episódios de chuva sobre o leste do nordeste brasileiro foram oca-

sionados pela combinação do calor com alta umidade do ar e a atuação dos Vórtices Ciclônicos de Altos Níveis (VCAN's), enquanto que, sobre a parte norte da região, a aproximação da Zona de Convergência Intertropical (ZCIT) favoreceu a formação de áreas de instabilidade.

A previsão do modelo estatístico do Inmet para o outono indica chuvas de normal a abaixo da média em grande parte da região Nordeste. Além disso, a diminuição da temperatura das águas próximas à costa nordestina pode diminuir as chances de chuvas até o final do outono. Porém, em média, no leste do Nordeste existe um aumento gradativo das chuvas entre as estações de outono/inverno devido à evolução dos Distúrbios Ondulatórios de Leste (DOL).

8.2.3. CEARÁ

Nas regiões norte, Sertão dos Inhamuns e parte da região da Chapada de Ibiapaba, em geral, a precipitação foi bem abaixo do normal, abaixo de 50 mm no mês todo.

Nas regiões sul e centro-sul do estado, choveu acima da média apenas em um município (Mauriti). Os demais ficaram consideravelmente abaixo do normal, com pluviosidade abaixo de 50 mm para maio.

Na região do Sertão Central e Vale do Jaguaribe, ape-

nas dois municípios tiveram chuvas acima da média (Banabuiú e Quixadá). Os índices pluviométricos de maio, em geral, estão bem abaixo da média. Ainda assim, nos cinco primeiros meses do ano, o resultado é próximo da média histórica.

Em níveis de abastecimento de água, a situação encontra-se crítica. Passado o período de maiores chuvas, o maior açude do estado (Castanhão) possui apenas 8,58% de sua capacidade total.

8.2.4. RIO GRANDE DO NORTE

A situação climática tem sido favorável. As chuvas ocorridas de janeiro a maio de 2018 foram superiores ao mesmo período do ano anterior, porém com a ocorrência de um veranico em março de mais de vinte

dias, causado por uma variação intrazonal, que dificultou a formação de chuvas. Em 2018 choveu 61,2% acima da média no estado.

8.2.5. PARAÍBA

Desde janeiro ocorreram precipitações em alguns municípios do estado, que são suficientes para o início do plantio das culturas. As reservas totais de água do estado tiveram um ganho significativo, mas ainda se observa um grande número dos açudes públicos com baixa reserva hídrica, trazendo preocupação. A

mesorregião da Mata Paraibana possui fornecimento regular de água.

As instituições de meteorologia estão prevendo chuvas dentro da média histórica no Cariri, Curimataú e Sertão (Baixo, Médio e Alto).



8.2.6. PERNAMBUCO

Maio deve terminar com um volume de chuvas acumulado abaixo da média normal em todo o estado.

8.2.7. SERGIPE

As precipitações ocorridas durante abril e maio foram muito aquém daquelas ocorridas no mesmo período do ano passado. Em algumas áreas não foram registrados volumes significativos. Parte das regiões produtoras do Sertão e Agreste sergipano foram as mais prejudicadas com esse veranico. As regiões produtoras do sul sergipano e parte do centro-sul apresentam

melhores condições de umidade no solo e precipitações abundantes.

O modelo de previsão probabilística, apresentado pelo Instituto Nacional de Meteorologia (Inmet), indicam chuvas abaixo da normal climatológica para o próximo trimestre de junho, julho e agosto.

8.2.8. BAHIA

De forma geral, o clima em abril e maio foi favorável. No extremo oeste, centro-sul, centro-norte e Vale do São Francisco, a estação das águas está finalizada e o período seco, sem precipitações significativas, foi iniciado. A umidade contida no solo é satisfatória. O

quadro de estiagem, com baixa umidade do ar, transforma os campos em depósito a céu aberto, aguardando o melhor momento para realizar a colheita. No Nordeste, observa-se o início das chuvas.

8.3. REGIÃO CENTRO-OESTE

8.3.1. MATO GROSSO

Em maio, constatou-se continuidade do bom regime de chuvas nas principais regiões produtoras de Mato Grosso. Ainda que se verifique menor volume de precipitações pluviométricas sobre a área que abrange o leste do estado, em especial o Vale do Araguaia, as

regiões com maior parcela da produção estadual foram beneficiadas pela melhor distribuição de chuvas. O Médio Norte do estado acumulou média de mais de 600 mm nos últimos 90 dias.

8.3.2. MATO GROSSO DO SUL

A partir do início do outono de 2018, as temperaturas noturnas começaram a reduzir no estado, apesar de ser comum temperaturas acima de 30° C durante o dia. As precipitações tiveram uma redução expressiva a partir de abril, principalmente na mesorregião Sudoeste do estado. Nas microrregiões de Igua-

mi, Dourados, Bodoquena, Nova Andradina e Campo Grande não houve precipitações significativas na maioria das propriedades em abril e no primeiro decêndio de maio. Nas microrregiões norte e nordeste houve precipitações de forma esparsa.

8.3.3. GOIÁS

Nas principais regiões produtoras de Goiás, sul e leste, as chuvas ocorreram em baixos volumes em maio. Em Rio Verde-GO, a disponibilidade de água no solo em

2018 é inferior a 2017 e maior que 2016. Em Cristalina, na região leste, as condições são melhores quando comparadas ao ano passado.

8.3.4. DISTRITO FEDERAL

Após um longo período de estiagem, as chuvas voltaram a ocorrer no Distrito Federal, ocasionada pela passagem de uma frente fria que favoreceu a formação de nuvens carregadas, registrando precipitações acima de 20 mm.

Assim, a média de chuvas em abril ficou muito próxi-

ma da média normal para o mês. Pela medição do Instituto Nacional de Meteorologia (Inmet), choveu 127,8 mm, apenas 5,6% abaixo da média normal de chuva para o período. A forte massa de ar frio deixou o tempo aberto e a temperatura baixa. Não há previsão de chuva para as próximas semanas.



8.4. REGIÃO SUDESTE

8.4.1. MINAS GERAIS

As condições climáticas são consideradas desfavoráveis. O período sem chuvas é superior a 50 dias.

8.4.2. SÃO PAULO

As poucas chuvas que estão sendo registradas nas diversas regiões produtoras do estado paulista es-

tão sendo consideradas bastante insatisfatórias para manter uma boa umidade do solo.

8.5. REGIÃO SUL

8.5.1. PARANÁ

Em maio, o clima seco se manteve, porém houve a ocorrência de chuvas. Houve dois eventos de ventos fortes na região oeste. A onda de frio que ocorreu no

dia 19 de maio não chegou a causar geada, mas o frio foi intenso.

8.5.2. SANTA CATARINA

Em geral, o clima tem se apresentado favorável para a colheita.

8.5.3. RIO GRANDE DO SUL

No período compreendido entre 27 de abril e 3 de maio ocorreram chuvas significativas em algumas regiões do Rio Grande do Sul. Entre a sexta-feira (27 de abril) e o domingo (29 de abril), a presença do ar quente e úmido manteve as temperaturas elevadas e grande variação de nuvens, com registro apenas de pancadas de chuva, fracas e isoladas. A partir da segunda-feira (30 de abril), a atuação de uma área de baixa pressão provocou chuva, principalmente na Metade Sul e nas áreas de fronteira.

Na metade norte, os totais de chuva registrados foram inferiores a 10 mm e na maioria dos municípios não houve registro de chuva significativa. No restante do estado, os valores oscilaram entre 20 e 50 mm, especialmente na Campanha e na Fronteira Oeste, com registro de valores superiores a 100 mm, em localidades da fronteira com o Uruguai, onde o excesso de precipitação provocou alagamentos em alguns municípios.

Na semana de 4 a 10 de maio, foram registradas chuvas expressivas na Campanha com temperaturas acima da média em todo Rio Grande do Sul. No final de semana, entre a sexta-feira (4 de maio) e o sábado (5 de maio), a presença de uma área de baixa pressão sobre o Uruguai favoreceu a ocorrência de chuva intensa sobre a Campanha, o que provocou inundações em alguns municípios.

A partir do domingo (6 de maio), o tempo permaneceu seco e quente na maioria das regiões, com re-

gistro apenas de chuvas isoladas em alguns pontos. Na quinta-feira (10 de maio) a aproximação de uma frente fria provocou chuva na Metade Sul e no Oeste. Os totais de chuva registrados oscilaram entre 10 e 20 mm na maior parte das regiões. Na Campanha e na Fronteira Oeste os valores superaram os 60 mm e alcançaram 100 mm em alguns municípios da fronteira com o Uruguai.

Entre 11 e 17 de maio, o estado foi marcado com grande amplitude térmica e chuva generalizada. Entre a quinta (10 de maio) e a sexta-feira (11 de maio), a propagação de um sistema frontal provocou chuva na maioria das regiões. No sábado (12 de maio), o ingresso de uma massa de ar seco e frio afastou a nebulosidade e provocou a diminuição das temperaturas, com registros de temperaturas mínimas abaixo de 10°C em todas as regiões e valores inferiores a 5°C no Planalto e na Serra do Nordeste.

O tempo permaneceu seco até a segunda-feira (14 de maio). Na terça (15 de maio) e na quarta-feira (16 de maio), o deslocamento de uma área de baixa pressão provocou chuva, principalmente na Metade Norte. Os totais registrados foram inferiores a 10 mm em parte da Campanha e da Zona Sul, e oscilaram entre 15 e 35 mm na maioria das localidades do estado. Em alguns pontos da Fronteira Oeste, Missões e no Vale do Uruguai, os volumes foram mais elevados e superaram os 50 mm.



Entre 18 e 24 de maio foram registradas chuvas expressivas e temperaturas baixas no Rio Grande do Sul. Entre a sexta-feira (18 de maio) e o domingo (20 de maio) a propagação de uma área de baixa pressão provocou chuva em todas as regiões, com registros de temporais isolados na metade norte.

A partir de segunda-feira (21 de maio), o ingresso de uma massa de ar frio e seco afastou a nebulosidade, determinou o declínio das temperaturas e provocou

formação de geadas, com mínimas abaixo de 5°C em todas as regiões e valores próximos de 0°C no Planalto e na Serra do Nordeste. Na Metade Sul os totais registrados oscilaram entre 10 e 30 mm, mas foram inferiores a 10 mm na Fronteira Oeste. No restante do estado, os volumes oscilaram entre 35 e 50 mm, e em vários municípios superaram 80 mm. Nas Missões e no Vale do Uruguai foram observados valores acima de 100 mm em alguns pontos.





9. ANÁLISE DAS CULTURAS

9.1. CULTURAS DE VERÃO

9.1.1. ALGODÃO

No nono levantamento, da safra 2017/18 de algodão, a expectativa é de aumento de 25,2% na área plantada em relação à safra passada, saindo de 939,1 mil hectares para 1.176 mil hectares na safra atual. A comercialização da safra 2016/17, aliada às boas perspectivas atuais de mercado gerou um ambiente de otimismo no setor produtivo, aumentando a área de cultivo. Em Mato Grosso, o desenvolvimento das lavouras de algodão continua muito bom. A previsão é de início da colheita para meados de junho e a comercialização já se encontra em torno de 85% da produção. Na Bahia, a colheita já iniciou, inclusive na região do extremo oeste do estado.

A Região Norte deverá produzir 30,6 mil toneladas de algodão em caroço em uma área de 7,6 mil hectares.

Em Roraima, o plantio de algodão foi iniciado e concluído em maio, confirmado os 4,8 mil hectares, superando em 92% a área plantada na safra passada. Nessa safra, não haverá produção de algodão irrigado. A pluma deverá ser toda exportada enquanto o caroço de algodão deverá ser processado para ração, no próprio estado.

Em Tocantins, as lavouras se encontram em fase de maturação. Nessa safra, a estimativa é de redução na área cultivada com algodão, estimada em 2,8 mil hectares. O maior entrave para a expansão da cultura, no esta-

do, está relacionado ao fim da isenção do ICMS para o produto.

Na Região Nordeste, segunda região que mais produz no país, a tendência é de forte aumento na área plantada, saindo de 230,8 mil hectares na safra passada para 296,8 mil hectares. O maior aumento absoluto de área foi na Bahia, pois os bons resultados obtidos na safra 2016/17 estimularam o produtor a aumentar os investimentos na cotonicultura.

No Maranhão, as lavouras de algodão se encontram em fase de maturação, havendo previsão para o início de colheita na segunda quinzena de julho.

Nessa safra, a cultura tem experimentado condições climáticas favoráveis, agora estimada em 4.102 kg/ha, o que indica um aumento de produtividade em relação à safra 2016/17. Fica mantida a previsão de área plantada, estimada em 22,3 mil hectares.

No Piauí, a área de algodão deverá ter um incremento de 28,8% em relação à safra anterior, devendo ficar em 7,2 mil hectares. As lavouras se encontram entre as fases de frutificação e maturação. A expectativa de produtividade para o algodão em caroço é de 3.910 kg/ha, aumento de 11,3% em relação à safra anterior, resultante das boas condições climáticas da safra atual.

No Ceará, o aumento da área de algodão, em relação à safra passada, se deve ao incentivo do governo estadual, empresas de pesquisa e diversas entidades ligadas ao setor produtivo, que juntos integram o Programa de Modernização da Cultura do Algodão no Ceará.

A estimativa de área para essa safra é de 1,3 mil hectares, com uma produtividade estimada em 780 kg/ha. No Rio Grande do Norte, o algodão é pouco cultivado. As intempéries climáticas e os preços pouco remuneradores no mercado local fizeram com que a grande maioria dos produtores abandonasse essa atividade, optando por culturas de subsistência, tais como milho e feijão. A expectativa é que sejam cultivados 0,3 mil hectares de algodão em áreas irrigadas, com produtividade média esperada de 4.652 kg/ha.

Na Paraíba está previsto o incremento de 50% das áreas de cultivo quando comparadas com a safra anterior, saindo de 0,4 mil hectares na safra passada para 0,6 mil hectares na atual, com produtividade média de 1.000 kg/ha para o algodão em caroço. A ampliação das áreas de algodão se deve ao apoio técnico e institucional do governo estadual por meio das empresas de assistência técnica, com vistas a atender a demanda de empresas beneficiadoras de algodão colorido e algodão branco orgânico, que estão realizando contrato de compra junto aos produtores, ofertando sementes, ga-

rantindo um preço mínimo e o frete do produto colhido até a unidade de beneficiamento.

Na Bahia, as lavouras deverão ocupar 265,1 mil hectares, entre cultivos de sequeiro e irrigados, com pivô central e gotejamento, em manejo de plantio direto e convencional.

As lavouras de sequeiro tiveram a colheita iniciada. As lavouras irrigadas, da região do extremo oeste do estado, onde há a maior produção, têm a colheita prevista para agosto. Os cultivos apresentam ótimo desenvolvimento, com plantas vigorosas e sem sintomas de pragas e doenças.

As chuvas de fevereiro e abril proporcionaram às plantas boas condições para expressar o potencial produtivo, estando as lavouras de sequeiro em fase de maturação e as lavouras irrigadas em florescimento. Considerando a média, entre os plantios de sequeiro e irrigado, estima-se uma produtividade de 4.410 kg/ha. No extremo oeste do estado, os cultivos de sequeiro estão em fase de maturação e colheita, enquanto os cultivos irrigados estão em fase de florescimento.

No centro-sul e no Vale do São Francisco, as lavouras irrigadas com pivô central estão com a colheita finalizada. As áreas de sequeiro e gotejamento são conduzidas pela agricultura familiar e estão com 20% das áreas colhidas, sendo realizada a colheita de forma manual e mecanizada.

Figura 1 - Lavoura de algodão com colheita em andamento, no município de Baianópolis/BA



Fonte: Conab.

A Região Centro-Oeste é a região onde mais se produz algodão. A área plantada é estimada em 840,8 mil hectares, um crescimento de 23,2% quando comparada com a safra anterior.



Em Mato Grosso, o desenvolvimento das lavouras de algodão continua muito bom e apesar da incidência pontual de pragas, que têm provocado o aumento do número de aplicações, estima-se produtividade média de algodão em caroço de 4.100 kg/ha, elevação de 1,8% em relação aos 4.027 kg/ha contabilizados no último ciclo. O algodão primeira safra se encontra principalmente em maturação e, no que diz respeito à segunda safra, a predominância é da frutificação. A previsão é de início da colheita para meados de junho.

É registrado aumento significativo de área no estado, tendo em conta que a rentabilidade alcançada pelo algodão era superior à do milho no momento da sementeira. Calcula-se o plantio de 777,8 mil hectares, 23,9% superior aos 627,8 mil hectares semeados na safra 2016/17. A comercialização da safra 2017/18 se encontra em torno de 85% da produção.

Figura 2 - Lavoura de algodão em Sorriso – MT



Fonte: Conab.

Em Mato Grosso do Sul, nos municípios de Sidrolândia e Aral Moreira, a cultura já foi colhida e está em fase de beneficiamento nas algodoeiras do sudoeste do estado. Na região norte e nordeste do estado, o algodão está principalmente nas fases de formação de capulhos e abertura das maças. O algodão primeira safra está com o desenvolvimento mais adiantado, enquanto o algodão segunda safra está principalmente nas fases reprodutivas de formação dos botões. O algodão primeira safra está com a maioria das lavouras com capulhos abertos, com perspectivas de iniciar a aplicação de desfolhantes e maturadores nos próximos dias.

O bicho do algodoeiro é a principal praga da cultura no estado e começa a causar danos a partir da formação dos botões florais. A praga foi identificada em maior intensidade nas lavouras do estado, dado o avanço das fases reprodutivas.

Há relatos de ataques de tripes, ácaros, pulgões e mosca branca, essas duas últimas causam perdas qualitativas na pluma. No tocante a doenças, a ramulária tem sido a principal doença que acomete a cultura no momento, sendo necessárias até seis aplicações para o controle da doença.

Em Goiás, as lavouras estão em fase reprodutiva. O clima frio não contribui tanto no momento para o desenvolvimento e abertura das maças, porém a incidência de bicho do algodão está sob controle. O calendário de pulverizações está sendo realizado conforme preestabelecido pelos agricultores.

A colheita deve ter início a partir do dia 15 de junho e se estender até agosto. A falta de chuvas no final de abril e maio não deve prejudicar as lavouras de algodão.

Figura 3 - Lavoura de algodão em Chapadão do Céu-GO



Fonte: Conab.

Na Região Sudeste, a área cultivada com algodão deverá apresentar forte crescimento, estimado em 67,4%, quando comparada com a safra passada.

Em Minas Gerais, estima-se um crescimento de 57,9% na área de algodão, que passa de 15,6 mil hectares na safra passada, para 25 mil hectares nesta safra, somando-se os plantios da safra de verão e da safrinha, nas diversas regiões produtoras (Noroeste, Alto Paranaíba e Norte de Minas), refletindo o otimismo dos cotonicultores diante das boas condições climáticas e dos bons preços alcançados ao longo da safra passada.

Predomina o plantio em áreas de agricultura empresarial, mas na região do Norte de Minas a cotonicultura também é explorada por agricultores familiares. Projetava-se, para o estado, uma produtividade média de 3.675 kg/ha e a produção poderá alcançar 91,9 mil toneladas.

O plantio de algodão, em Minas Gerais, teve início a partir de 20 de novembro, quando se encerrou o período de vazio sanitário de 60 dias. De maneira geral, o plantio é realizado a partir de dezembro. Existem lavouras em fase de maturação e outras em início de frutificação. A colheita é prevista para iniciar em junho.

Em São Paulo, o algodão segue em plena colheita. Estima-se que entre 65% e 70% do algodão já se encontra colhido. Desse total, 40% já foi beneficiado. A colheita ainda deverá se estender até meados de junho.



Quanto à produtividade, a estimativa é que seja de 4.170 kg/ha, aumento de 23,5% em relação à safra anterior. O algodão não sofreu com a estiagem, uma vez que os produtores que plantam são tecnificados e produzem sob sistema de irrigação do tipo pivô central.

Os preços melhores dessa safra foram determinantes para a retomada do plantio do algodão na região de Avaré, polo de maior concentração do algodão no estado.

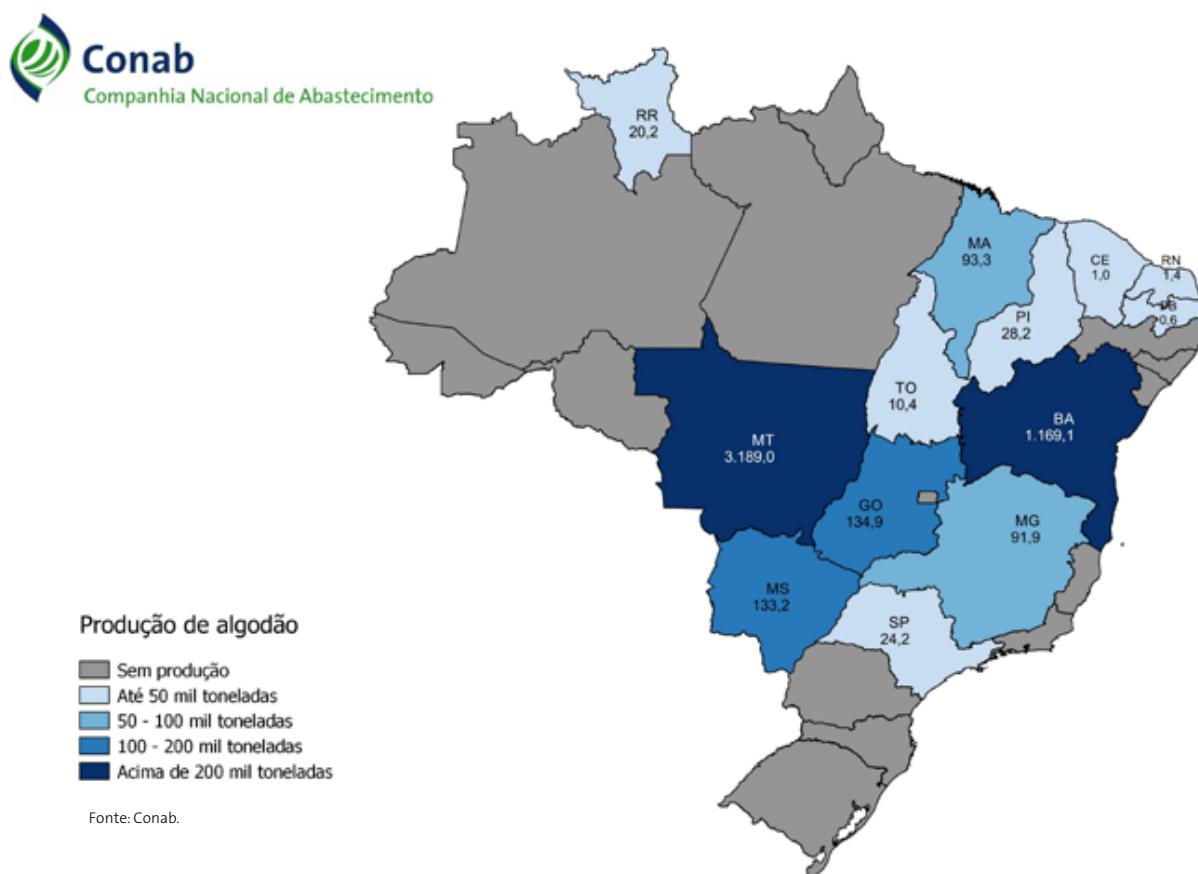
O consumo do algodão segue em expansão, favorecendo, dessa forma, o mercado regional, fato que fez a região de Holambra também incrementar as áreas de plantio.

Figura 4 - Lavoura de algodão em Paranapanema-SP



Fonte: Conab.

Figura 5 - Mapa da produção agrícola - Algodão



Quadro 1 - Histórico das condições hídricas gerais e possíveis impactos nas diferentes fases* da cultura nas principais regiões produtoras do país – Algodão

UF	Mesorregiões	Algodão											
		SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO
MA	Sul Maranhense - 1ª Safra	C			P/G	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M	M/C	C
PI	Sul Maranhense - 2ª Safra	C	C			P	G/DV	DV	F	F/FR	FR/M	M	M/C
BA	Sudoeste Piauiense	C			P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M	M/C	C
BA	Extremo Oeste Baiano	C		P	P/G	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M	M/C	C
	Centro Sul Baiano	C		P	P/G	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M	M/C	C
MG	Noroeste de Minas - 1ª Safra			PP	P/G/DV	DV/F	F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C	C
	Noroeste de Minas - 2ª Safra	C					P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M/C
MS	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba - 1ª Safra		PP	P/G/DV	DV/F	F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C	C	C
	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba - 2ª Safra	C					P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M/C
	Centro Norte de Mato Grosso do Sul - 1ª Safra				P/G/DV	DV/F	F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C	C
	Centro Norte de Mato Grosso do Sul - 2ª Safra	C				P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C
	Leste de Mato Grosso do Sul - 1ª Safra				P/G/DV	DV	F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C	C
	Leste de Mato Grosso do Sul - 2ª Safra	C				P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C
	Norte Mato-grossense - 1ª Safra				P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C	C
	Norte Mato-grossense - 2ª Safra	C				P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C
	Nordeste Mato-grossense - 1ª Safra				P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C	C
	Nordeste Mato-grossense - 2ª Safra	C				P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C
MT	Sudoeste Mato-grossense - 1ª Safra				P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C	C
	Sudoeste Mato-grossense - 2ª Safra	C				P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C
	Centro-Sul Mato-grossense - 1ª Safra				P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C	C
	Centro-Sul Mato-grossense - 2ª Safra	C				P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C
	Sudeste Mato-grossense - 1ª Safra				P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C	C
	Sudeste Mato-grossense - 2ª Safra	C				P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C
	Leste Goiano - 1ª Safra		PP	P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C	C	C
	Leste Goiano - 2ª Safra	C			P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C	C
GO	Sul Goiano - 1ª Safra				P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C	C
	Sul Goiano - 2ª Safra				P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C	C

Legendas:

Baixa restrição - falta de chuvas Favorável Média restrição - falta de chuva Baixa restrição - excesso de chuva

* - (PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

** Total ou parcialmente irrigado. O que não elimina, no entanto, a possibilidade de estar havendo restrições por anomalias de temperatura ou indisponibilidade hídrica para a irrigação.

Tabela 1 – Comparativo de área, produtividade e produção - Algodão em caroço

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	7,3	7,6	4,1	3.540	4.016	13,4	25,8	30,6	18,6
RR	2,5	4,8	92,0	4.200	4.200	-	10,5	20,2	92,4
TO	4,8	2,8	(41,1)	3.196	3.700	15,8	15,3	10,4	(32,0)
NORDESTE	230,8	296,8	28,6	4.226	4.358	3,1	975,3	1.293,6	32,6
MA	22,5	22,3	(0,9)	3.915	4.184	6,9	88,1	93,3	5,9
PI	5,6	7,2	28,8	3.514	3.910	11,3	19,7	28,2	43,1
CE	0,4	1,3	225,0	1.083	780	(28,0)	0,4	1,0	150,0
RN	0,3	0,3	-	4.461	4.652	4,3	1,3	1,4	7,7
PB	0,4	0,6	50,0	819	1.000	22,1	0,3	0,6	100,0
BA	201,6	265,1	31,5	4.293	4.410	2,7	865,5	1.169,1	35,1
CENTRO-OESTE	682,6	840,8	23,2	4.042	4.112	1,7	2.758,9	3.457,1	25,3
MT	627,8	777,8	23,9	4.027	4.100	1,8	2.528,2	3.189,0	26,1
MS	28,6	30,0	5,0	4.350	4.440	2,1	124,4	133,2	7,1
GO	26,2	33,0	25,8	4.056	4.087	0,8	106,3	134,9	26,9
SUDESTE	18,4	30,8	67,4	3.684	3.768	2,3	67,8	116,1	71,2
MG	15,6	25,0	60,0	3.739	3.675	(1,7)	58,3	91,9	57,6
SP	2,8	5,8	107,4	3.377	4.170	23,5	9,5	24,2	154,7
NORTE/NORDESTE	238,1	304,4	27,8	4.205	4.350	3,4	1.001,1	1.324,2	32,3
CENTRO-SUL	701,0	871,6	24,3	4.032	4.099	1,7	2.826,7	3.573,2	26,4
BRASIL	939,1	1.176,0	25,2	4.076	4.164	2,2	3.827,8	4.897,4	27,9

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em junho/2018.



Tabela 2 – Comparativo de área, produtividade e produção - Algodão em pluma

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	7,3	7,6	4,1	1.387	1.553	12,0	10,1	11,8	16,8
RR	2,5	4,8	92,0	1.596	1.596	-	4,0	7,7	92,5
TO	4,8	2,8	(41,1)	1.278	1.480	15,8	6,1	4,1	(32,8)
NORDESTE	230,8	296,8	28,6	1.693	1.746	3,1	390,7	518,1	32,6
MA	22,5	22,3	(0,9)	1.566	1.674	6,9	35,2	37,3	6,0
PI	5,6	7,2	28,8	1.511	1.681	11,3	8,5	12,1	42,4
CE	0,4	1,3	225,0	379	273	(28,0)	0,2	0,4	100,0
RN	0,3	0,3	-	1.695	1.768	4,3	0,5	0,5	-
PB	0,4	0,6	50,0	295	360	22,0	0,1	0,2	100,0
BA	201,6	265,1	31,5	1.717	1.764	2,7	346,2	467,6	35,1
CENTRO-OESTE	682,6	840,8	23,2	1.615	1.645	1,9	1.102,3	1.383,3	25,5
MT	627,8	777,8	23,9	1.611	1.640	1,8	1.011,3	1.275,6	26,1
MS	28,6	30,0	5,0	1.784	1.820	2,0	49,1	54,6	11,2
GO	26,2	33,0	25,8	1.598	1.610	0,8	41,9	53,1	26,7
SUDESTE	18,4	30,8	67,4	1.435	1.499	4,5	26,4	46,2	75,0
MG	15,6	25,0	60,0	1.496	1.470	(1,7)	22,7	36,8	62,1
SP	2,8	5,8	107,4	1.317	1.626	23,5	3,7	9,4	154,1
NORTE/NORDESTE	238,1	304,4	27,8	1.683	1.741	3,4	400,8	529,9	32,2
CENTRO-SUL	701,0	871,6	24,3	1.610	1.640	1,9	1.128,7	1.429,5	26,7
BRASIL	939,1	1.176,0	25,2	1.629	1.666	2,3	1.529,5	1.959,4	28,1

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em junho/2018.

Tabela 3 – Comparativo de área, produtividade e produção - Caroço de algodão

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	7,3	7,6	4,1	2.153	2.463	14,4	15,7	18,8	19,7
RR	2,5	4,8	92,0	2.604	2.604	-	6,5	12,5	92,3
TO	4,8	2,8	(41,1)	1.918	2.220	15,7	9,2	6,3	(31,5)
NORDESTE	230,8	296,8	28,6	2.533	2.613	3,1	584,6	775,5	32,7
MA	22,5	22,3	(0,9)	2.349	2.510	6,9	52,9	56,0	5,9
PI	5,6	7,2	28,8	2.003	2.229	11,3	11,2	16,1	43,8
CE	0,4	1,3	225,0	704	507	(28,0)	0,2	0,6	200,0
RN	0,3	0,3	-	2.766	2.884	4,3	0,8	0,9	12,5
PB	0,4	0,6	50,0	524	640	22,1	0,2	0,4	100,0
BA	201,6	265,1	31,5	2.576	2.646	2,7	519,3	701,5	35,1
CENTRO-OESTE	682,6	840,8	23,2	2.424	2.466	1,7	1.656,6	2.073,8	25,2
MT	627,8	777,8	23,9	2.416	2.460	1,8	1.516,9	1.913,4	26,1
MS	28,6	30,0	5,0	2.567	2.620	2,0	75,3	78,6	4,4
GO	26,2	33,0	25,8	2.458	2.477	0,8	64,4	81,8	27,0
SUDESTE	18,4	30,8	67,4	2.215	2.269	2,4	41,4	69,9	68,8
MG	15,6	25,0	60,0	2.243	2.205	(1,7)	35,6	55,1	54,8
SP	2,8	5,8	107,4	2.060	2.544	23,5	5,8	14,8	155,2
NORTE/NORDESTE	238,1	304,4	27,8	2.522	2.609	3,4	600,3	794,3	32,3
CENTRO-SUL	701,0	871,6	24,3	2.419	2.459	1,7	1.698,0	2.143,7	26,2
BRASIL	939,1	1.176,0	25,2	2.445	2.498	2,2	2.298,3	2.938,0	27,8

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em junho/2018.



Tabela 4 – Comparativo de área, produtividade e produção - Algodão rendimento

REGIÃO/UF	PRODUÇÃO - (Em mil t)						RENDIMENTO % - PLUMA		
	ALGODÃO EM CAROÇO			ALGODÃO EM PLUMA					
	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %
(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d/c)	(e)	(f)	(g)	(h)	(i)
NORTE	25,8	30,6	18,6	10,1	11,8	16,8	39,2	38,7	1,3
RR	10,5	20,2	92,4	4,0	7,7	92,5	38,0	38,0	-
TO	15,3	10,4	(32,0)	6,1	4,1	(32,8)	40,0	40,0	-
NORDESTE	975,3	1.293,6	32,6	390,7	518,1	32,6	40,1	40,1	-
MA	88,1	93,3	5,9	35,2	37,3	6,0	40,0	40,0	-
PI	19,7	28,2	43,1	8,5	12,1	42,4	43,0	43,0	-
CE	0,4	1,0	150,0	0,2	0,4	100,0	35,0	35,0	-
RN	1,3	1,4	7,7	0,5	0,5	-	38,0	38,0	-
PB	0,3	0,6	100,0	0,1	0,2	100,0	36,0	36,0	-
BA	865,5	1.169,1	35,1	346,2	467,6	35,1	40,0	40,0	-
CENTRO-OESTE	2.758,9	3.457,1	25,3	1.102,3	1.383,3	25,5	40,0	40,0	-
MT	2.528,2	3.189,0	26,1	1.011,3	1.275,6	26,1	40,0	40,0	-
MS	124,4	133,2	7,1	49,1	54,6	11,2	41,0	41,0	-
GO	106,3	134,9	26,9	41,9	53,1	26,7	39,4	39,4	-
SUDESTE	67,8	116,1	71,2	26,4	46,2	75,0	39,9	39,8	0,3
MG	58,3	91,9	57,6	22,7	36,8	62,1	40,0	40,0	-
SP	9,5	24,2	154,7	3,7	9,4	154,1	39,0	39,0	-
NORTE/NORDESTE	1.001,1	1.324,2	32,3	400,8	529,9	32,2	40,0	40,0	-
CENTRO-SUL	2.826,7	3.573,2	26,4	1.128,7	1.429,5	26,7	40,0	40,0	-
BRASIL	3.827,8	4.897,4	27,9	1.529,5	1.959,4	28,1	40,0	40,0	-

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em junho/2018.

9.1.2. AMENDOIM

9.1.2.1. AMENDOIM PRIMEIRA SAFRA

Em São Paulo, a plantação de amendoim se faz presente durante a entressafra da cana-de-açúcar, é uma opção bastante utilizada. O amendoim permite a recuperação do solo por meio da fixação de nitrogênio. Essa leguminosa nutri a terra de forma indireta, traz certa economia para os produtores na compra de fertilizantes, bem como entrega um solo bastante enriquecido para as culturas sucessivas, como a cana-de-açúcar. A produtividade aponta leve crescimento em 2,8%. A área cresceu 14% se comparada à safra passada.

Em Minas Gerais, a estimativa de área de cultivo de amendoim se encontra estimada em 2,3 mil hectares, 11,5% menor em relação ao levantamento anterior devido ao atraso do período chuvoso. As áreas de plantio comercial, concentradas na região do Triângulo Mineiro, representam 90% da área de cultivo e 96,8% do volume de produção do estado, caracterizadas por lavouras conduzidas com alta tecnologia, com uso de sementes de boa qualidade e produtividade média variando de 3.000 a 4.250 kg/ha.

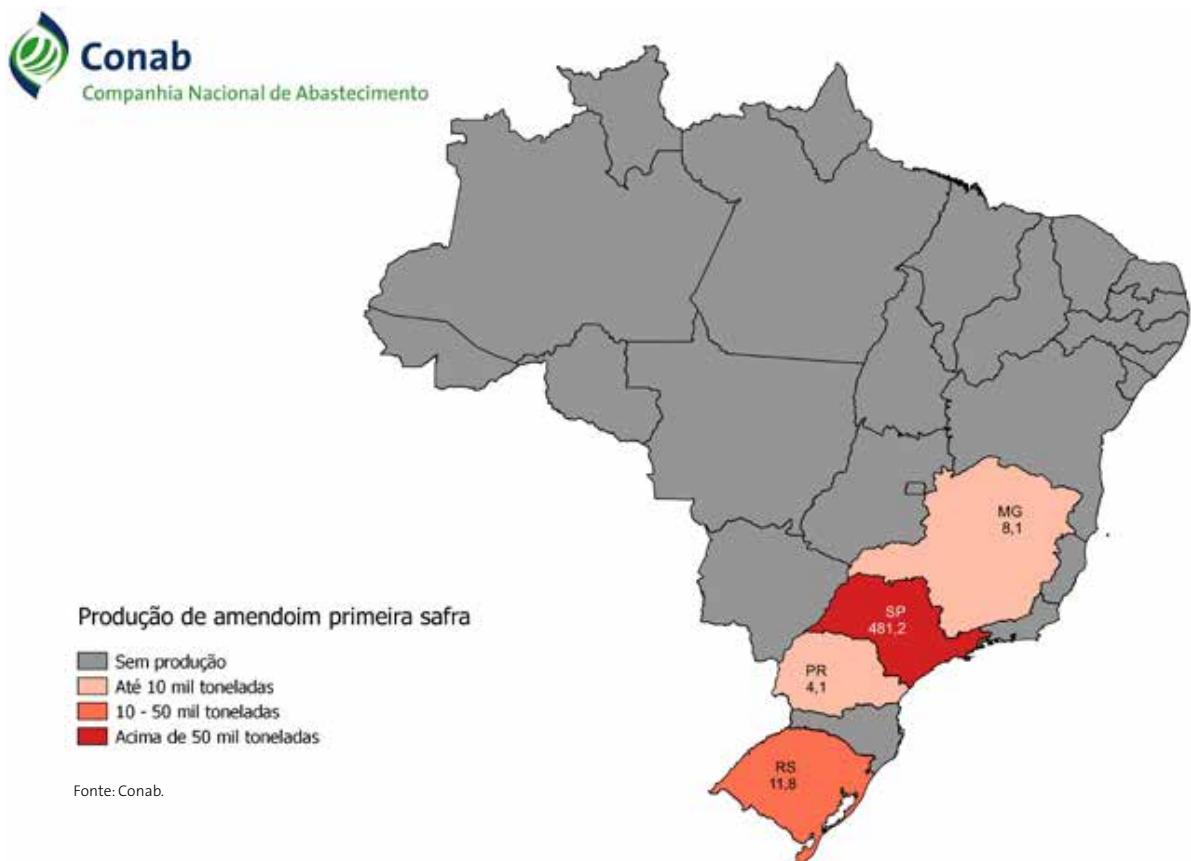
Nas demais regiões do estado predomina o cultivo em áreas de agricultura familiar, conduzidas com baixo nível tecnológico. Com uma produtividade média de 3.527 kg/ha, a produção estadual está estimada em 8,1 mil toneladas. Colheita concluída.

No Paraná, a colheita foi finalizada em todas as regiões, com exceção de Paranavaí, que encerrará em maio. Cerca de 60% das lavouras são de subsistência, com baixo investimento e baixa produtividade. O rendimento até o momento é de 2.747 kg/ha, redução de 19,3% em relação à safra passada.

O clima desfavorável foi o principal fator para que as lavouras não atingissem o potencial produtivo. Faltou chuva no plantio e choveu demais durante o ciclo da cultura. A comercialização está abaixo dos 30% da produção, mas deverá acelerar entre maio e julho em razão do maior consumo por ocasião das festas juninas.



Figura 6 - Mapa da produção agrícola - Amendoim primeira safra



Quadro 2 - Histórico das condições hídricas gerais e possíveis impactos nas diferentes fases* da cultura nas principais regiões produtoras do país – Amendoim primeira safra

UF	Mesorregiões	Amendoim primeira safra											
		SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO
SP	Araçatuba	PP	P/G	G/DV	DV	F/FR	FR/M	M/C	C				
	Araraquara	PP	P/G	G/DV	DV	F/FR	FR/M	M/C	C				
	Assis	PP	P/G	G/DV	DV	F/FR	FR/M	M/C	C				
	Bauru	PP	P/G	G/DV	DV	F/FR	FR/M	M/C	C				
	Marília	PP	P/G	G/DV	DV	F/FR	FR/M	M/C	C				
	Presidente Prudente	PP	P/G	G/DV	DV	F/FR	FR/M	M/C	C				
	Ribeirão Preto	PP	P/G	G/DV	DV	F/FR	FR/M	M/C	C				
	São José do Rio Preto	PP	P/G	G/DV	DV	F/FR	FR/M	M/C	C				

Legendas:

Baixa restrição - falta de chuvas Favorável Média restrição - falta de chuva

* - (PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

** - Irrigado. O que não elimina, no entanto, a possibilidade de estar havendo restrições por anomalias de temperatura ou indisponibilidade hídrica para a irrigação.



Tabela 5 - Comparativo de área, produtividade e produção - Amendoim primeira safra

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
SUDESTE	112,9	128,0	13,4	3.721	3.823	2,7	420,2	489,3	16,4
MG	2,6	2,3	(11,5)	3.615	3.527	(2,4)	9,4	8,1	(13,8)
SP	110,3	125,7	14,0	3.724	3.828	2,8	410,8	481,2	17,1
SUL	5,4	5,1	(5,6)	3.447	3.120	(9,5)	18,6	15,9	(14,5)
PR	2,0	1,5	(25,0)	3.406	2.747	(19,3)	6,8	4,1	(39,7)
RS	3,4	3,6	5,6	3.471	3.276	(5,6)	11,8	11,8	-
CENTRO-SUL	118,3	133,1	12,5	3.709	3.796	2,3	438,8	505,2	15,1
BRASIL	118,3	133,1	12,5	3.709	3.796	2,3	438,8	505,2	15,1

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em junho/2018.

9.2.2.2. AMENDOIM SEGUNDA SAFRA

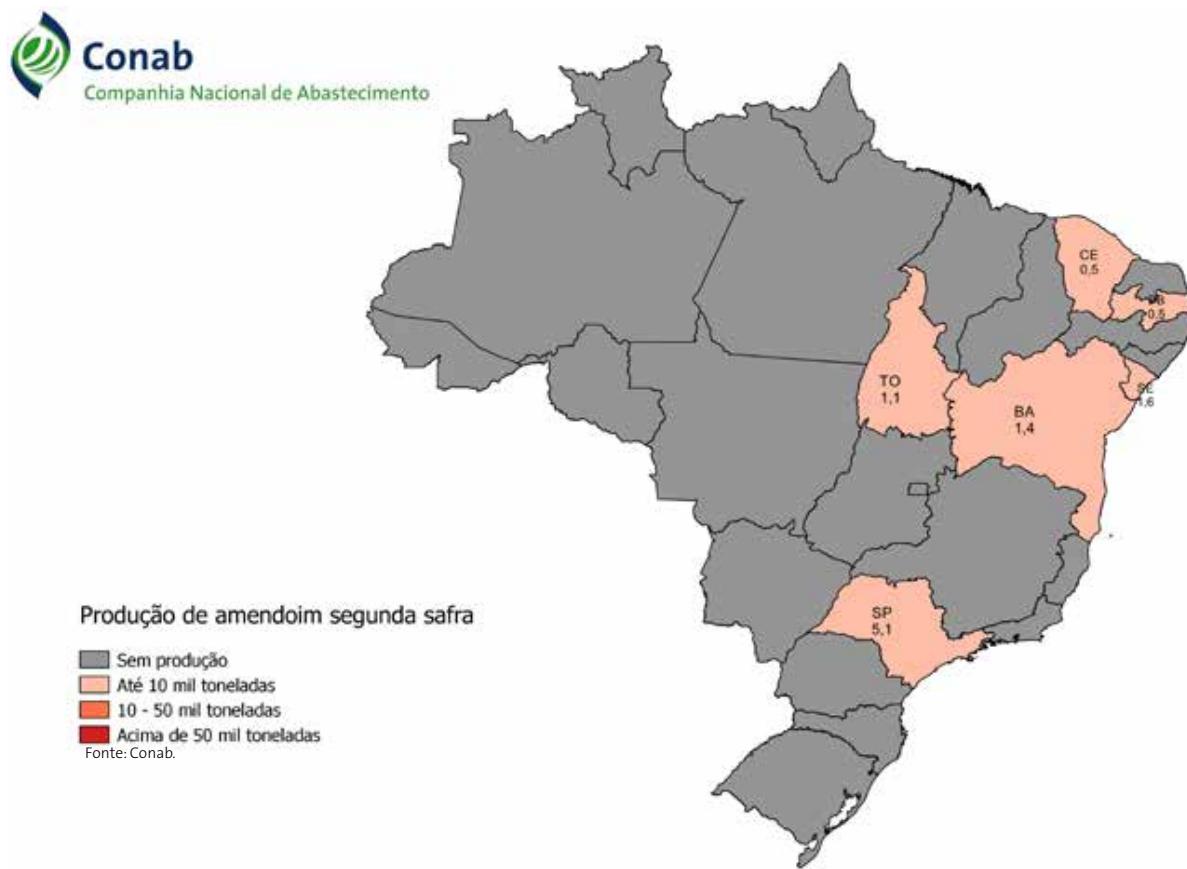
Em Tocantins, a área cultivada se manteve a mesma em relação à da safra passada. Uma das limitações à expansão da cultura no estado é a distância do mercado, uma vez que a comercialização é toda feita para São Paulo. A produtividade foi de 3.787 Kg/ha, retração de 21,1% em relação à safra 2016/17. A cultura já teve seu ciclo encerrado.

Na Paraíba, na safra passada foram plantados 4 mil hectares de amendoim, cuja cultura foi prejudicada pela insuficiência de chuvas e apresentou produtividade de 985 kg/ha. Na presente safra não existe perspectiva de crescimento da área, sendo estimada a repetição das áreas da safra anterior, com produtividade de 1.127 kg/ha.

Em São Paulo, o amendoim segunda safra está todo plantado. A área apresenta redução de 51%, comparada com a safra passada. O amendoim em muitas regiões do estado entra na rotação com a cana-de-açúcar. A produtividade até o momento apresenta redução de 9,9% em razão da estiagem. O plantio de amendoim segunda safra é menor tradicionalmente, o produtor prioriza o plantio da primeira safra e, neste ano, os produtores migraram fortemente para o milho safrinha. Em virtude dos melhores preços, a cultura tem maior potencial financeiro. Portanto é bastante reduzida a exploração do amendoim segunda safra. O estágio do amendoim se encontra com 50% em desenvolvimento vegetativo e 50% em floração



Figura 7 - Mapa da produção agrícola - Amendoim segunda safra



Quadro 3 - Histórico das condições hídricas gerais e possíveis impactos nas diferentes fases* da cultura nas principais regiões produtoras do país – Amendoim segunda safra

UF	Mesorregiões	Amendoim segunda safra											
		SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO
SE	Agreste Sergipano	C							PP	P/G/DV	DV/F	FR	FR/M
BA	Nordeste Baiano	C							PP	P/G/DV	DV/F	FR	FR/M
	Metropolitana de Salvador	C							PP	P/G/DV	DV/F	FR	FR/M
SP	São José do Rio Preto						P	DV	DV/F	F/FR	M/C	C	
	Ribeirão Preto						P	DV	DV/F	F/FR	M/C	C	
	Presidente Prudente						P	DV	DV/F	F/FR	M/C	C	
	Marília						P	DV	DV/F	F/FR	M/C	C	
	Assis						P	DV	DV/F	F/FR	M/C	C	

Legendas:

Baixa restrição - falta de chuvas Favorável Média restrição - falta de chuva
 * - (PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floracão; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

** - Irrigado. O que não elimina, no entanto, a possibilidade de estar havendo restrições por anomalias de temperatura ou indisponibilidade hídrica para a irrigação.



Tabela 6 – Comparativo de área, produtividade e produção – Amendoim segunda safra

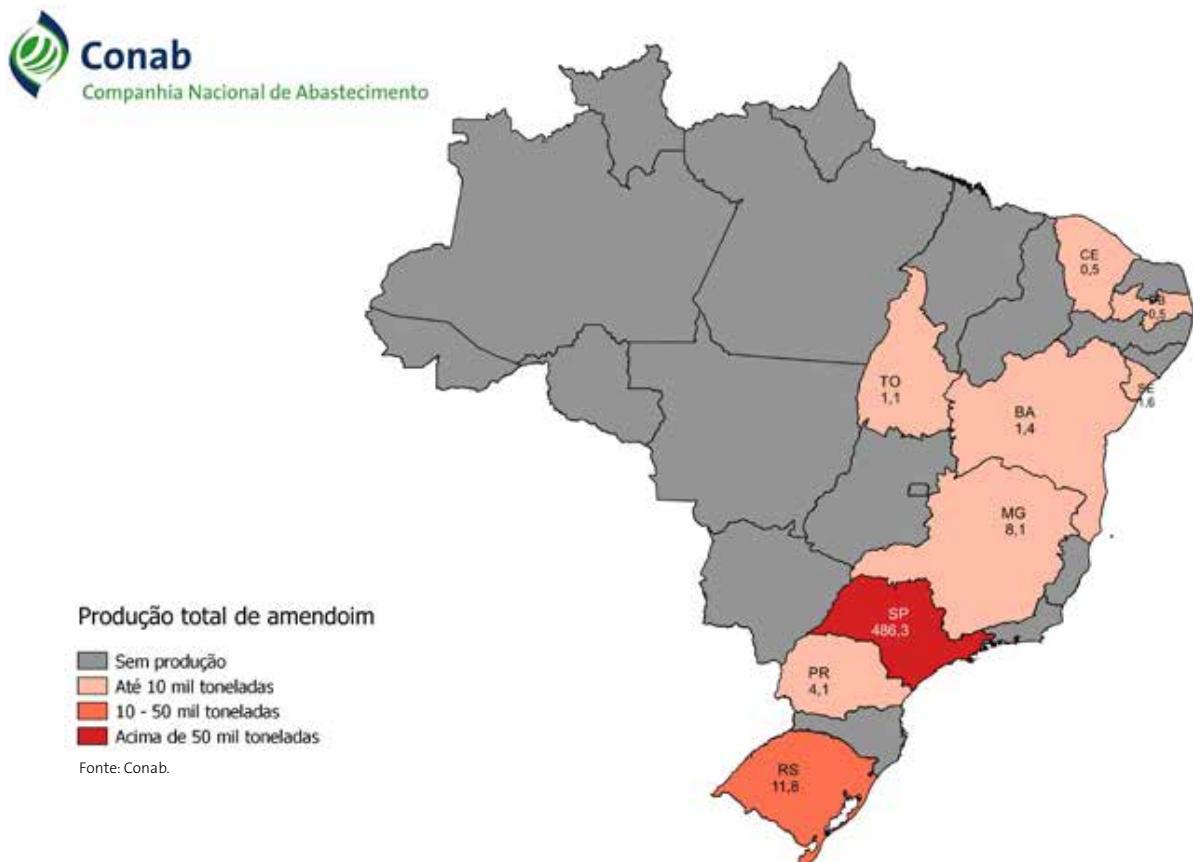
REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	0,3	0,3	-	4.800	3.787	(21,1)	1,4	1,1	(21,4)
TO	0,3	0,3	-	4.800	3.787	(21,1)	1,4	1,1	(21,4)
NORDESTE	3,3	3,4	3,0	1.201	1.163	(3,1)	4,0	4,0	-
CE	0,3	0,4	23,2	1.269	1.236	(2,6)	0,4	0,5	25,0
PB	0,4	0,4	-	985	1.127	14,4	0,4	0,5	25,0
SE	1,1	1,1	-	1.613	1.430	(11,3)	1,8	1,6	(11,1)
BA	1,5	1,5	-	942	957	1,6	1,4	1,4	-
CENTRO-OESTE	2,5	-	(100,0)	4.200	-	(100,0)	10,5	-	(100,0)
MS	2,5	-	(100,0)	4.200	-	(100,0)	10,5	-	(100,0)
SUDESTE	4,9	2,4	(51,0)	2.354	2.120	(9,9)	11,5	5,1	(55,7)
SP	4,9	2,4	(51,0)	2.354	2.120	(9,9)	11,5	5,1	(55,7)
NORTE/NORDESTE	3,6	3,7	2,8	1.501	1.376	(8,3)	5,4	5,1	(5,6)
CENTRO-SUL	7,4	2,4	(67,6)	2.978	2.120	(28,8)	22,0	5,1	(76,8)
BRASIL	11,0	6,1	(44,5)	2.494	1.668	(33,1)	27,4	10,2	(62,8)

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em junho/2018.

9.1.2.3. AMENDOIM TOTAL

Figura 8 - Mapa da produção agrícola – Amendoim total (primeira e segunda safras)



Fonte: Conab.



Tabela 7 – Comparativo de área, produtividade e produção – Amendoim total

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	0,3	0,3	-	4.800	3.787	(21,1)	1,4	1,1	(21,4)
TO	0,3	0,3	-	4.800	3.787	(21,1)	1,4	1,1	(21,4)
NORDESTE	3,3	3,4	3,0	1.201	1.163	(3,1)	4,0	4,0	-
CE	0,3	0,4	33,3	1.269	1.236	(2,6)	0,4	0,5	25,0
PB	0,4	0,4	-	985	1.127	14,4	0,4	0,5	25,0
SE	1,1	1,1	-	1.613	1.430	(11,3)	1,8	1,6	(11,1)
BA	1,5	1,5	-	942	957	1,6	1,4	1,4	-
CENTRO-OESTE	2,5	-	(100,0)	4.200	-	(100,0)	10,5	-	(100,0)
MS	2,5	-	(100,0)	4.200	-	(100,0)	10,5	-	(100,0)
SUDESTE	117,8	130,4	10,7	3.665	3.791	3,5	431,7	494,4	14,5
MG	2,6	2,3	(11,5)	3.615	3.527	(2,4)	9,4	8,1	(13,8)
SP	115,2	128,1	11,2	3.666	3.796	3,6	422,3	486,3	15,2
SUL	5,4	5,1	(5,6)	3.447	3.120	(9,5)	18,6	15,9	(14,5)
PR	2,0	1,5	(25,0)	3.406	2.747	(19,3)	6,8	4,1	(39,7)
RS	3,4	3,6	5,9	3.471	3.276	(5,6)	11,8	11,8	-
NORTE/NORDESTE	3,6	3,7	2,8	1.501	1.376	(8,3)	5,4	5,1	(5,6)
CENTRO-SUL	125,7	135,5	7,8	3.666	3.766	2,7	460,8	510,3	10,7
BRASIL	129,3	139,2	7,7	3.606	3.702	2,7	466,2	515,4	10,6

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em junho/2018.

9.1.3. ARROZ

O plantio de arroz de sequeiro no Acre se inicia no período chuvoso, de outubro a dezembro, época favorável ao desenvolvimento da cultura, visto que este é o único sistema de plantio. O sistema de produção é fator que influência na produtividade do estado devido à utilização de baixa tecnologia e a agricultura ser familiar, cuja a finalidade da produção é para o consumo familiar e o excedente para comercialização.

Geralmente, a cultura é consorciada com outras culturas, como o milho. Após o término do ciclo é realizado o plantio de feijão-comum e posteriormente a cultura da mandioca.

Na safra atual, 2017/18, houve aumento significativo na produção de arroz devido ao aumento de área plantada em Epitaciolândia-AC, que se destaca no cultivo de arroz de sequeiro, com área de 450 hectares, uma vez que toda a área já foi colhida.

A área colhida do arroz de sequeiro no Acre foi de 5 mil hectares, com uma produção de 6,1 mil toneladas, foi constatado que a produtividade média em Kg/ha é superior à média do estado, que varia entre 1.200 a 1.500 Kg/ha. A colheita se iniciou no dia 21 de fevereiro de 2018 e se estendeu até abril devido às diferentes épocas de plantio.

Figura 9 - Arroz de sequeiro após a colheita em Epitaciolândia - AC



Fonte: Conab.

Em Rondônia, considerando os níveis percentuais, as lavouras de arroz no estado, safra e safrinha, são financiadas nas seguintes proporções: 5% por bancos oficiais, 7% com recursos do próprio produtor e 88% por agentes econômicos financeiros que fomentam a rizicultura em todo estado de Rondônia. O cultivo é exclusivamente de sequeiro, safra e safrinha, não havendo cultivos irrigados.



A justificativa para o reduzido volume de recursos financeiros captados em bancos oficiais está relacionada à documentação das terras. A titulação/escrituração de imóveis rurais no estado é muito incipiente, esse fato inviabiliza o acesso dos produtores ao crédito disponível junto aos bancos, o recurso financeiro existe, no entanto, o produtor não consegue captá-lo em sua integralidade. Nesse contexto as tradings e empresas privadas entram como segunda e principal opção ao produtor que necessita de aporte financeiro para investir/custear as lavouras.

A área cultivada estimada para a implantação da cultura do arroz safra e safrinha 2017/18 é de 42,4 mil hectares, desses, 38.414 mil hectares são de arroz safra e 4.000 mil hectares, de arroz safrinha. Ao longo das safras o produtor de arroz não enxerga benefícios concretos e rentáveis para aumentar a área e alguns abandonam a cultura migrando para milho e principalmente para a soja.

A produtividade do arroz safra é de 3.243 Kg/ha, já a produtividade do arroz safrinha tende a ser menor, em torno de 3.006 kg/ha, esse dado pode sofrer flutuação nos levantamentos seguintes. A produção do arroz primeira safra é de 124.591,5 mil toneladas, a produção do arroz safrinha é de 12.024 mil toneladas.

O arroz de sequeiro primeira safra já foi 100% colhido, já o arroz de sequeiro safrinha está nas seguintes fases: florescimento 15%, maturação 60% e colheita 25%.

Muitos produtores implantam o arroz em área de pastagem degradada, ou em área de pousio, já no segundo ano cultivam soja. O arroz se configura como um grande desbravador para culturas anuais sucessoras, principalmente soja. A possibilidade de o arroz retornar à área tende a ser como opção para a rotação/sucessão de culturas, quebrando ciclos bióticos e abióticos nocivos.

A cultivar de arroz amplamente difundida e semeada no estado de Rondônia é a AN Cambará, categoria C₂, safra 2016/17, com 99% de pureza e 80% de germinação. Tal cultivar apresenta ciclo precoce e evidenciou ampla adaptabilidade às condições edafoclimáticas em Rondônia. Outra cultivar largamente utilizada é ANA 6005, categoria C₁, com pureza mínima e germinação de 99 e 80%, respectivamente, safra 2016/17. O ciclo da cultura oscila entre 100 a 115 dias, sendo mais precoce quando submetida a algum tipo de estresse, principalmente o hídrico.

O calendário agrícola segue um pouco atípico devido ao atraso das chuvas iniciais, retardando o estabelecimento de muitas lavouras no campo. De forma geral, a safra foi implantada em novembro e dezembro, a safrinha entre janeiro e fevereiro, esta última sendo inserida em áreas cultivadas com soja safra.

O regime atual de chuvas já é bem reduzido, ou seja, as precipitações ocorrem em menor volume, localizadas e, uma vez por semana, no entanto, há bom aporte de água no solo para suprimento das plantas e enchimento de grãos, visto que se observa água empoeada em estradas vicinais e de igual modo em carreadores entre talhões.

O produtor de arroz em Rondônia tem recebido em torno de R\$ 0,8 a 0,9 por ponto, em média o arroz rondoniense atinge entre 51 a 55 pontos, dessa forma o preço pago ao produtor oscila em torno de R\$ 40,80 a 49,50 por saca de 60 quilos. Boa parte da produção é consumida no próprio estado e o excedente enviado ao Acre e Amazonas, principalmente. Uma pequena quantidade é enviada para a Bolívia e Peru.

Figura 10 - Arroz de sequeiro segunda safra em florescimento, ao fundo a imponente Castanheira (*Bertholletia excelsa*), em São Miguel do Guaporé-RO



Fonte: Conab.

No Tocantins, as lavouras de sequeiro se desenvolveram bem dado aos bons volumes precipitados ocorridos durante todo o ciclo da cultura. Nas lavouras dos agricultores familiares, principalmente os assentados da reforma agrária, a colheita já está próxima do fim. O rendimento médio das lavouras deve ficar acima da média e a qualidade do produto também está melhor do que nas safras anteriores em virtude das excelentes condições pluviométricas nesta safra.



No caso do arroz irrigado, nessa safra houve atraso do plantio devido aos baixíssimos níveis dos reservatórios e rios da região. Todos os produtores tiveram que esperar o retorno das chuvas para poderem realizar o plantio com segurança de abastecimento de água para a inundação dos tabuleiros.

O excesso de chuvas em fevereiro provocou inundação dos tabuleiros, deixando parte das lavouras submersas, inclusive em áreas onde as lavouras já estavam em ponto de colheita. Em razão desse excesso de água nos tabuleiros, aliada a menor disponibilidade de luminosidade, as lavouras têm apresentado uma produtividade um pouco abaixo da esperada pela avaliação visual dessas. As lavouras em estágio de enchimento de grãos foram as mais prejudicadas com essa inundação, apresentando um percentual de grãos chocados acima do normal. A colheita já está finalizada. No Pará, a área total do arroz é de 63,4 mil hectares, 7,8% menor que a safra 2016/17, retração de 2,9% na produtividade e 10,5 na produção em relação à safra anterior. A cultura do arroz se encontra em fase de colheita. Aproximadamente 50% da área plantada já foi colhida, com destaque para o município de Novo Progresso, que já colheu em torno de 60% dos 12 mil hectares semeados, que representam 19% do arroz cultivado no estado.

Na Bahia, o arroz é cultivado no extremo oeste, na região do Coaceral (Formosa do Rio Preto), fronteiriça com o Piauí. De modo geral, o plantio é utilizado para aberturas de novas áreas, em solos de baixa fertilidade. Nos últimos anos essa cultura tem perdido espaço para o sorgo e a soja.

A produção do cereal ocorre em regime de sequeiro, utilizando tanto o sistema de plantio direto quanto o convencional. O cultivo de arroz ocupa a área de 7,8 mil hectares. Espera-se a produtividade de 1.200 kg/ha de grãos de arroz. A colheita está finalizada, com a estimativa de produção em torno de 9,4 mil toneladas.

No Maranhão, as lavouras de arroz de sequeiro, conduzidas normalmente por agricultores familiares, encontram-se com 80% da sua área colhida e 20% em fase de maturação. Com uma produção estimada em 304,3 mil toneladas, distribuídas numa área de 161,5 mil hectares, a cultura avançou 15,2% em relação à safra 2016/17, que teve uma área semeada de 140,2 mil hectares. A produtividade média das lavouras devem permanecer na casa dos 1.884 kg/ha, devido às condições climáticas favoráveis.

Para o arroz irrigado, cultivado na região dos Campos Naturais do Maranhão ou "Baixada Maranhense", mais precisamente nos municípios de Arari, Vitória do Mearim e São Mateus do Maranhão, o arroz irrigado

mantém os dados de área plantada e produtividade média, devendo permanecer no mesmo patamar de 2,9 mil hectares, evidenciado no levantamento anterior, com uma produtividade média de 5.398 kg/ha. As lavouras foram bem estabelecidas e se encontram em sua totalidade no estádio de maturação.

Figura 11 - Lavoura de arroz de terras altas em estádio de maturação, cultivada no Município de Buriti/MA



Fonte: Conab.

Na Paraíba, nas regiões pesquisadas têm-se o histórico do plantio de 12.000 mil hectares de arroz. A impossibilidade de competitividade com os preços do produto vindo de outras regiões do país fez que parte dos produtores deixasse a exploração da cultura do arroz. O baixo regime de chuvas nos últimos cinco anos tornou escassas as reservas d'água para irrigação de salvamento, dificultando a atividade da rizicultura. Dado ao histórico dos prejuízos sofridos na exploração dessa cultura, na safra passada foram plantados apenas 921 hectares de arroz, que por insuficiência de chuvas apresentou produtividade de apenas 875 kg/ha. Apesar das frustrações ocorridas na safra pretérita, para esta safra tem-se a possibilidade de área em torno de 1,1 mil hectares da cultura, com produtividade de 1.200 kg/ha.

Em Pernambuco, em razão da alta taxa de inadimplência dos produtores e do elevado custo de produção da cultura, aliadas ao baixo poder de barganha dos produtores perante o monopólio da única empresa de beneficiamento de arroz do estado, fez que a cultura perdesse expressividade entre os produtores, ao passo que foi drasticamente perdendo seu espaço para outras culturas. Atualmente, toda a área cultivada com arroz no estado é conduzida por agricultores integrados a empresa de beneficiamento de arroz, a qual, segundo um funcionário dela, deve cultivar uma área de 0,4 mil hectares ao longo do ano por meio desse sistema de parceria.



A expectativa para o arroz irrigado primeira e segunda safras no estado do Piauí é de um pequeno aumento de área na ordem de 2,6% em relação à área da safra passada, com esse aumento a área deve atingir 5,3 mil hectares. Para o arroz de sequeiro houve um incremento de 9,2% da área em relação à safra passada, com área de 65,5 mil hectares. Esse aumento de área ocorreu na região de cerrado referente à agricultura empresarial e na região norte do estado referente à agricultura familiar.

O arroz irrigado primeira safra e o arroz de sequeiro se encontra com a área total plantada, o plantio na região sudoeste (cerrado) ocorreu entre a segunda quinzena de dezembro e a primeira de janeiro, já na região norte e centro-norte, onde se concentram as maiores áreas de arroz no estado, o plantio ocorreu entre a segunda quinzena de janeiro e a primeira de fevereiro.

Dessa forma, as lavouras se encontram predominantemente na fase de maturação na região norte e centro-norte, já na região sudoeste a cultura se encontra na fase de maturação, e cerca de 80% da área já foi colhida. A produtividade normal esperada para o arroz irrigado primeira e segunda safras é de 4.478 kg/ha, já para o arroz de sequeiro a produtividade gira em torno de 1.443 kg/ha, representando um aumento de 4,3% em relação à safra anterior e corresponde à expectativa atual dos produtores devido ao bom regime climático até o momento, na safra atual.

No Rio Grande do Norte, a situação do arroz é a mesma que relatamos no último levantamento, ou seja, o plantio é predominantemente de arroz vermelho. É cultivado no Vale do Apodi-RN e trata-se de uma cultura que oferece um excelente suporte econômico e social para a região.

A área total de arroz a ser plantada nesta safra deverá atingir 1,1 mil hectares e se concentra, principalmente, nos municípios situados à margem do Rio Apodi/Mossoró, inseridos na Região do Vale do Apodi. A maior parte do cultivo é feito por meio de irrigação via inundação e em menor escala também é plantada em áreas de várzeas úmidas sem irrigação.

A atividade é basicamente desenvolvida em pequenas propriedades rurais, utilizando-se de mão de obra do grupo familiar. A atividade é de subsistência e em torno de 80% do arroz são consumidos na própria região e o excedente comercializado em outros mercados consumidores. Estima-se para esta safra um aumento de área de 10%.

Em Goiás, nos municípios de Formosa e Flores de Goiás, onde a cultura é irrigada, o arroz já foi praticamen-

te todo colhido, faltando poucos talhões, alcançando uma produtividade média de 6.200 kg/ha. Já nos outros municípios produtores de arroz de sequeiro da região leste e sul, a colheita já foi finalizada, com rendimentos entre 2.000 a 2.300 Kg/ha.

Em Mato Grosso, a colheita dos 137,8 mil hectares de arroz primeira safra foi finalizada em maio. A qualidade do produto é considerada excelente, com produtividade satisfatória, de 3.252 kg/ha, apresentando leve queda de 0,8% em relação aos 3.226 kg/ha registrados no último ciclo. Em termos de mercado, o término da colheita do cereal de sequeiro elevou a oferta disponível no estado, reduzindo as cotações do grão em diversas praças comerciais, cujos preços já se encontravam baixos desde a safra 2016/17. A desvalorização do preço do cereal tem estimulado os produtores rurais a armazenar o produto com expectativas de melhores preços nos próximos meses.

A colheita do arroz irrigado e sequeiro de segunda safra, cujas lavouras se encontram predominantemente na região médio-norte e norte de Mato Grosso, atingiu cerca de 70% dos 5,8 mil hectares cultivados com o arrozal, até o término de maio. Houve relatos de algumas lavouras de sequeiro com redução na qualidade do grão devido ao atraso no plantio da cultura, fato que prejudicou a granação do arrozal, provocado pela redução da precipitação pluviométrica, normal para o período. Contudo, a estiagem não afetou o aproximadamente 1/3 da área que foi cultivado sob pivôs, a fim de realizar a rotação de cultura.

Em Minas Gerais, seguindo a tendência dos últimos anos, a área de arroz sofreu redução em relação à safra anterior. Houve redução de 25,5% na área de plantio em relação à safra 2016/17, ficando estimada em 3,5 mil hectares.

A redução ocorreu principalmente em área de sequeiro devido à menor competitividade dessa cultura em relação a outras mais rentáveis e de menor risco, como milho e soja, ao desestímulo provocado pelo alto custo de produção, que inviabiliza a comercialização junto ao produto do sul do país, ao risco de perdas por estiagens prolongadas, recorrentes nas principais regiões produtoras, além das restrições ao cultivo em áreas de várzea.

A produtividade média estadual deve ficar 10,2% maior em relação à safra anterior devido à predominância das áreas irrigadas, onde se obtém produtividades mais altas. Colheita concluída.

Em São Paulo, como já informado anteriormente, demonstra uma estabilidade de área. O produto é pouco cultivado no estado. O cereal se concentra basi-



camente em dois municípios, Guaratinguetá e Pindamonhangaba, ambos pertencentes ao vale do Paraíba (sentido Rio Janeiro). O arroz consumido em São Paulo é todo oriundo do Rio Grande do Sul.

Os poucos produtores que se dedicam ao plantio do arroz no estado comercializam sua produção à nível de propriedade ou com finalidade de consumo doméstico.

Quanto à área prevista dentro do estado fica em torno de 9,1 mil hectares e, a produtividade média, em torno de 4.133 Kg/ha.

No Rio de Janeiro, o arroz está quase erradicado no Estado, sendo atualmente plantado somente nos municípios de Macaé, Italva e Itaperuna, para comercializações e subsistência (agricultura familiar). A área cultivada se manteve a mesma da safra 2016/17 em 0,3 mil hectares. Houve chuvas excessivas para a cultura. Houve enchente em parte da área produtora e, com isso, houve a perda de cerca de 70% de uma área plantada de 200 hectares. Problemas na colheita, durante a chuva, fez que a produtividade atingisse 1.650 Kg/ha na área colhida. Com isso, considerando a área colhida, a área perdida e as outras áreas e municípios não afetados, a produtividade média está estimada em 1.841. Como a área perdida é muito significativa no universo da cultura, houve forte queda na produção em 45,5% em relação à safra 2016/17.

No Paraná, a safra encerrada com produção final de 6,7 mil toneladas. O volume de chuvas, ainda que demais, parece não ter afetado a cultura, que apresentou boa produtividade, de 1.973 kg/ha, mesmo sendo uma cultura de subsistência. A produtividade só não foi maior que a da safra anterior, que se desenvolveu em condições climáticas excelentes. A produção, em sua grande parte, destina-se ao consumo na propriedade. A pequena parte que se destina à comercialização já foi vendida.

A colheita do arroz irrigado foi encerrada no início de maio com produtividade média de 6.324 kg/ha. A queda na produtividade, 17,9% em relação à safra 2016/17, foi resultado de vários fatores. Houve relato de enchentes. As temperaturas baixas não foram favoráveis para o desenvolvimento da soqueira, ficando o rendimento obtido por conta da primeira colheita. Também, devido ao prolongamento do ciclo, muitos produtores não conseguiram plantar a segunda safra, o que explica a diminuição de área de 19,8 para 19,7 mil hectares, com resultante diminuição de 18,3% na produção, que nesta safra foi de 124,6 mil toneladas.

A falta de compradores é outro problema enfrentado pelos rizicultores, uma vez que pela atual política

de importação não existe taxação para a compra do produto beneficiado. Com isso, as grandes indústrias brasileiras estão optando por trazer o produto do Paraguai, já empacotado e a um custo mais baixo que o arroz brasileiro. Atualmente, apenas 36% da produção foi comercializada, contra 52% neste mesmo período do ano passado.

Em Santa Catarina, o término da colheita principal do arroz comprovou a expectativa de uma boa safra para a cultura no estado. A produtividade média das lavouras está em 7.788 kg/ha, entretanto este número ainda pode sofrer alguma alteração com o andamento da colheita da soca. Nesta safra a área se manteve estável em 146,7 mil hectares, e a produção estimada foi de 1.142,5 mil toneladas.

Assim como a produtividade, a qualidade do grão colhido está boa, fato que se deve principalmente ao clima favorável e à baixa incidência de pragas e doenças ao longo de toda a safra.

Em relação a soca, ou rebrota, grande parte das lavouras já foram colhidas, tanto no norte do estado, onde essa prática é mais comum, como nas poucas lavouras da região sul. O desenvolvimento das lavouras está dentro da normalidade e o corte deve ocorrer até meados de junho. Entretanto, alguns produtores deixaram de investir na soca nessa safra pelo baixo preço da saca de arroz.

A colheita de arroz no Rio Grande do Sul está praticamente encerrada, com pouco menos de 99% da área já colhida, evolução de 16 pontos percentuais em relação ao levantamento anterior. Havia a expectativa, tanto pelos produtores quanto pelos técnicos, que a produtividade média no estado nesta safra sofresse uma significativa redução devido à grande proporção de lavouras que tiveram atraso na semeadura, com implantação fora do período preferencial para a cultura. Esse fato, de acordo com diversas pesquisas já realizadas, proporciona perdas nas lavouras pela redução na incidência de radiação solar no período de maior necessidade pela planta, floração e enchimento de grãos, e favorece a ocorrência de frio também em momentos críticos. No entanto, o período de outono apresentou temperaturas médias superiores em praticamente todo o estado e a estiagem que afetou toda a metade sul do estado proporcionou um maior número de dias ensolarados e, consequentemente, maior incidência de radiação solar, resultando numa atenuação dos efeitos negativos do atraso na semeadura. Dessa forma, a tendência de redução na produtividade verificada nos primeiros levantamentos foi revertida, passando-se a ter uma tendência de aumento nos levantamentos mais recentes.



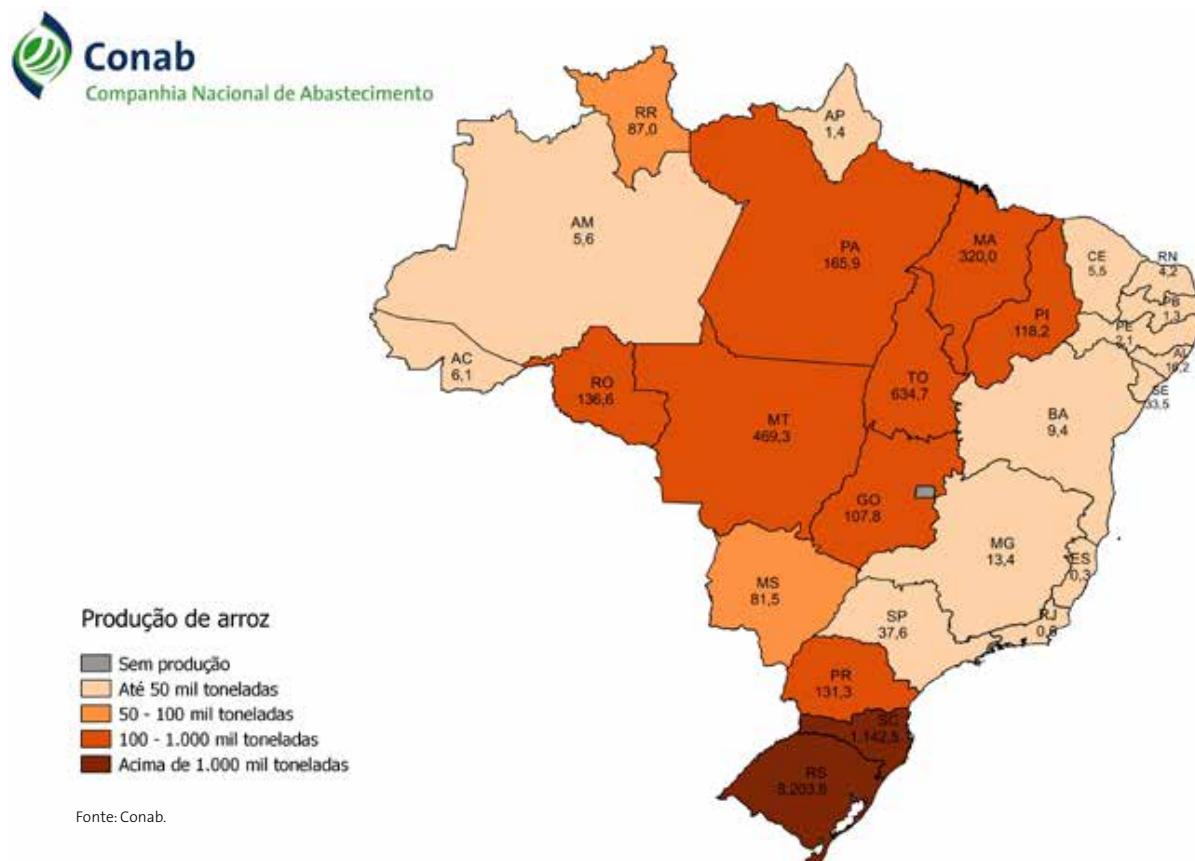
A produtividade média foi ajustada para 7.613 kg/ha, resultando numa produção total superior a 8,2 milhões de toneladas, 3,2% superior ao levantamento anterior e 6% inferior à safra passada. Em Alegrete foi verificado produtividade de 8.800 kg/ha, recorde para o município e bem superior à média alcançada pela Fronteira Oeste, pouco mais de 8.500 Kg/ha. Uma das causas dessa alta produtividade foi o desempenho da cultivar Irga 424 RI, que produziu cerca de 2.000 kg/ha a mais que as demais variedades. A utilização dessa cultivar superou 50% em grande parte dos municípios produtores. Na região sul, a produtividade média foi 8.229 kg/ha, chegando a 9.380 kg/ha em Rio Grande do Sul. A menor produtividade foi verificada na região da Planície Costeira Externa, com 6.819 kg/ha. Em relação à safra passada, observa-se reduções na produtividade em praticamente todas as regiões, com destaque para 8,6% em Bagé, 8,31% em Arroio Grande, 3% em Camaquã e Guaíba.

Quanto à qualidade dos grãos, há uma diferença quanto aos dois roteiros realizados, sendo um, aquele que abrange as regiões da Fronteira Oeste, Campanha e Central e o outro, que abrange as Planícies Costeiras Interna e Externa e Região Sul. No primeiro caso,

em praticamente todos os municípios visitados, foi recorrente o relato da perda de qualidade em relação à diminuição do percentual de grãos inteiros no terço final da colheita. Dois fatores levaram para essa situação, o primeiro, devido a atraso da colheita com várias lavouras sendo colhidas com umidade abaixo do nível ideal e, a segunda, foi a produção das áreas semeadas fora do período recomendado. Com isso, houve uma variação de 30 e 60% no índice de grãos inteiros, com reflexo significativo no preço final. Já, no segundo caso, por ser uma região um pouco mais fria e com maior estabilidade térmica em razão da proximidade com o mar, os relatos são de boa qualidade dos grãos produzidos.

A comercialização continua lenta, com os produtores vendendo somente o necessário para quitar dívidas. Por outro lado, a baixa procura pela AGF, até o momento, está relacionada com a dificuldade dos produtores ao crédito oficial, aos compromissos dos produtores com os financiamentos junto à indústria e fornecedores de insumos, à reação do mercado em alguns municípios e à alternativa de fazer caixa com a venda de soja, que tem liquidez e bons preços.

Figura 12 – Mapa da produção agrícola – Arroz



Quadro 4 - Histórico das condições hídricas gerais e possíveis impactos nas diferentes fases* da cultura nas principais regiões produtoras do país – Arroz

UF	Mesorregiões	Arroz											
		SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO
RO	Leste Rondoniense			P/G	DV	DV/F	FR/M	M/C	C				
TO**	Ocidental do Tocantins		PP	P/G/DV	P/G/DV/F	DV/F/FR/M/C	FR/M/C	M/C	C				
MA	Centro Maranhense					P	P/G	G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C	
MT	Norte Mato-grossense			P/G	DV	DV/F	FR/M	M/C	C				
PR**	Noroeste Paranaense	P	P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C				
SC**	Norte Catarinense	P	P/G	G/DV	DV/F	FR/M/C	M/C	C					
	Vale do Itajaí	P	P/G	G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C					
	Sul Catarinense	P	P/G	G/DV	DV/F	FR/M/C	M/C	C					
RS**	Centro Ocidental Rio-grandense	PP	P	P/G	G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C				
	Centro Oriental Rio-grandense	PP	P	P/G	G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C				
	Metropolitana de Porto Alegre	PP	P	P/G	G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C				
	Sudoeste Rio-grandense	P	P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	C					
RS**	Sudeste Rio-grandense	P	P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	C					

Legendas:

Baixa restrição - falta de chuvas Favorável Média restrição - falta de chuva Baixa restrição - excesso de chuva
 Média restrição - Excesso de chuva

* - (PP)=pré-plantio; (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

** Total ou parcialmente irrigado. O que não elimina, no entanto, a possibilidade de estar havendo restrições por anomalias de temperatura ou indisponibilidade hídrica para a irrigação.

Tabela 8 – Comparativo de área, produtividade e produção – Arroz total

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	263,0	258,5	(1,7)	4.129	4.013	(2,8)	1.085,8	1.037,3	(4,5)
RR	12,3	12,3	-	7.077	7.075	-	87,0	87,0	-
RO	40,6	42,4	4,4	2.956	3.221	9,0	120,0	136,6	13,8
AC	4,3	5,0	16,3	1.399	1.223	(12,6)	6,0	6,1	1,7
AM	3,2	2,5	(21,9)	2.183	2.259	3,5	7,0	5,6	(20,0)
AP	1,5	1,5	-	945	952	0,7	1,4	1,4	-
PA	68,8	62,3	(9,4)	2.728	2.664	(2,4)	187,7	165,9	(11,6)
TO	132,3	132,5	0,2	5.115	4.790	(6,3)	676,7	634,7	(6,2)
NORDESTE	229,2	257,1	12,2	1.908	1.985	4,0	437,3	510,4	16,7
MA	141,6	164,4	16,1	1.807	1.946	7,7	255,9	320,0	25,0
PI	65,2	70,8	8,6	1.629	1.670	2,5	106,2	118,2	11,3
CE	4,7	4,0	(14,9)	2.076	1.369	(34,0)	9,7	5,5	(43,3)
RN	1,0	1,1	10,0	3.766	3.800	0,9	3,8	4,2	10,5
PB	0,9	1,1	22,2	875	1.200	37,1	0,8	1,3	62,5
PE	0,2	0,4	100,0	4.000	5.259	31,5	0,8	2,1	162,5
AL	2,8	2,8	-	6.220	5.796	(6,8)	17,4	16,2	(6,9)
SE	4,7	4,7	-	7.540	7.128	(5,5)	35,4	33,5	(5,4)
BA	8,1	7,8	(3,7)	900	1.200	33,3	7,3	9,4	28,8
CENTRO-OESTE	199,4	179,5	(10,0)	3.672	3.669	(0,1)	732,3	658,6	(10,1)
MT	162,3	143,6	(11,5)	3.266	3.268	0,1	530,0	469,3	(11,5)
MS	15,5	14,3	(7,7)	6.000	5.700	(5,0)	93,0	81,5	(12,4)
GO	21,6	21,6	-	5.059	4.990	(1,4)	109,3	107,8	(1,4)
SUDESTE	16,1	14,3	(11,2)	3.399	3.630	6,8	54,7	51,9	(5,1)
MG	6,0	4,8	(20,0)	2.534	2.791	10,2	15,2	13,4	(11,8)
ES	0,1	0,1	-	2.471	3.468	40,3	0,2	0,3	50,0
RJ	0,3	0,3	-	3.667	1.841	(49,8)	1,1	0,6	(45,5)
SP	9,7	9,1	(6,2)	3.935	4.133	5,0	38,2	37,6	(1,6)
SUL	1.273,2	1.247,4	(2,0)	7.868	7.598	(3,4)	10.017,7	9.477,6	(5,4)
PR	25,1	23,1	(8,0)	6.506	5.684	(12,6)	163,3	131,3	(19,6)
SC	147,4	146,7	(0,5)	7.638	7.788	2,0	1.125,8	1.142,5	1,5
RS	1.100,7	1.077,6	(2,1)	7.930	7.613	(4,0)	8.728,6	8.203,8	(6,0)
NORTE/NORDESTE	492,2	515,6	4,8	3.095	3.002	(3,0)	1.523,1	1.547,7	1,6
CENTRO-SUL	1.488,7	1.441,2	(3,2)	7.258	7.069	(2,6)	10.804,7	10.188,1	(5,7)
BRASIL	1.980,9	1.956,8	(1,2)	6.223	5.997	(3,6)	12.327,8	11.735,8	(4,8)

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em junho/2018.



Tabela 9 – Comparativo de área, produtividade e produção – Arroz de sequeiro

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	140,6	133,8	(4,8)	2.526	2.613	3,5	355,1	349,6	(1,5)
RO	40,6	42,4	4,4	2.956	3.221	9,0	120,0	136,6	13,8
AC	4,3	5,0	16,0	1.399	1.223	(12,6)	6,0	6,1	1,7
AM	3,2	2,5	(21,9)	2.183	2.259	3,5	7,0	5,6	(20,0)
AP	1,5	1,5	-	945	952	0,7	1,4	1,4	-
PA	63,7	56,7	(11,0)	2.592	2.503	(3,4)	165,1	141,9	(14,1)
TO	27,3	25,7	(5,9)	2.036	2.257	10,9	55,6	58,0	4,3
NORDESTE	213,3	239,8	12,4	1.623	1.728	6,5	346,2	414,4	19,7
MA	140,2	161,5	15,2	1.775	1.884	6,1	248,9	304,3	22,3
PI	60,0	65,5	9,2	1.384	1.443	4,3	83,0	94,5	13,9
CE	4,1	3,9	(4,9)	1.516	1.263	(16,7)	6,2	4,9	(21,0)
PB	0,9	1,1	22,0	875	1.200	37,1	0,8	1,3	62,5
BA	8,1	7,8	(3,7)	900	1.200	33,3	7,3	9,4	28,8
CENTRO-OESTE	158,1	144,5	(8,6)	3.187	3.208	0,7	503,8	463,5	(8,0)
MT	151,4	137,8	(9,0)	3.226	3.252	0,8	488,4	448,1	(8,3)
GO	6,7	6,7	-	2.300	2.300	-	15,4	15,4	-
SUDESTE	7,1	5,4	(23,9)	2.093	2.194	4,8	14,8	11,8	(20,3)
MG	4,7	3,5	(25,5)	1.563	1.756	12,3	7,3	6,1	(16,4)
ES	0,1	0,1	-	2.471	3.468	40,3	0,2	0,3	50,0
RJ	0,3	0,3	-	3.667	1.841	(49,8)	1,1	0,6	(45,5)
SP	2,0	1,5	(25,0)	3.082	3.200	3,8	6,2	4,8	(22,6)
SUL	5,3	3,4	(35,8)	2.032	1.973	(2,9)	10,8	6,7	(38,0)
PR	5,3	3,4	(35,8)	2.032	1.973	(2,9)	10,8	6,7	(38,0)
NORTE/NORDESTE	353,9	373,6	5,6	1.982	2.045	3,2	701,3	764,0	8,9
CENTRO-SUL	170,5	153,3	(10,1)	3.105	3.145	1,3	529,4	482,0	(9,0)
BRASIL	524,4	526,9	0,5	2.347	2.365	0,8	1.230,7	1.246,0	1,2

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em junho/2018.



Tabela 10 – Comparativo de área, produtividade e produção – Arroz irrigado

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	122,4	124,7	1,9	5.970	5.515	(7,6)	730,7	687,7	(5,9)
RR	12,3	12,3	-	7.077	7.075	-	87,0	87,0	-
PA	5,1	5,6	9,8	4.433	4.289	(3,2)	22,6	24,0	6,2
TO	105,0	106,8	1,7	5.915	5.400	(8,7)	621,1	576,7	(7,1)
NORDESTE	15,9	17,3	8,8	5.732	5.546	(3,2)	91,1	96,0	5,4
MA	1,4	2,9	107,1	5.020	5.398	7,5	7,0	15,7	124,3
PI	5,2	5,3	2,6	4.453	4.478	0,6	23,2	23,7	2,2
CE	0,6	0,1	(83,3)	5.900	5.500	(6,8)	3,5	0,6	(82,9)
RN	1,0	1,1	10,0	3.766	3.800	0,9	3,8	4,2	10,5
PE	0,2	0,4	100,0	4.000	5.259	31,5	0,8	2,1	162,5
AL	2,8	2,8	-	6.220	5.796	(6,8)	17,4	16,2	(6,9)
SE	4,7	4,7	-	7.540	7.128	(5,5)	35,4	33,5	(5,4)
CENTRO-OESTE	41,3	35,0	(15,3)	5.532	5.575	0,8	228,5	195,1	(14,6)
MT	10,9	5,8	(46,8)	3.815	3.659	(4,1)	41,6	21,2	(49,0)
MS	15,5	14,3	(7,7)	6.000	5.700	(5,0)	93,0	81,5	(12,4)
GO	14,9	14,9	-	6.300	6.200	(1,6)	93,9	92,4	(1,6)
SUDESTE	9,0	8,9	(1,1)	4.429	4.501	1,6	39,9	40,1	0,5
MG	1,3	1,3	-	6.043	5.577	(7,7)	7,9	7,3	(7,6)
SP	7,7	7,6	(1,3)	4.157	4.317	3,8	32,0	32,8	2,5
SUL	1.267,9	1.244,0	(1,9)	7.893	7.613	(3,5)	10.006,9	9.470,9	(5,4)
PR	19,8	19,7	(0,5)	7.704	6.324	(17,9)	152,5	124,6	(18,3)
SC	147,4	146,7	(0,5)	7.638	7.788	2,0	1.125,8	1.142,5	1,5
RS	1.100,7	1.077,6	(2,1)	7.930	7.613	(4,0)	8.728,6	8.203,8	(6,0)
NORTE/NORDESTE	138,3	142,0	2,7	5.943	5.519	(7,1)	821,8	783,7	(4,6)
CENTRO-SUL	1.318,2	1.287,9	(2,3)	7.795	7.536	(3,3)	10.275,3	9.706,1	(5,5)
BRASIL	1.456,5	1.429,9	(1,8)	7.619	7.336	(3,7)	11.097,1	10.489,8	(5,5)

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em junho/2018.

9.1.4. FEIJÃO

9.1.4.1. FEIJÃO PRIMEIRA SAFRA

A área semeada com o feijão primeira safra foi de 1.054,6 mil hectares, 5,1% menor se comparada à safra passada. Entre as causas responsáveis por esta redu-

ção é possível indicar os preços reduzidos durante a semeadura e, consequentemente, boa parte dos produtores optaram por outras culturas mais rentáveis.

Feijão-comum cores

Para essa safra, a área semeada foi de 462,9 mil hectares, redução de 3,2% na área em relação à safra passada. A produtividade está estimada em 1.727 kg/ha, redução de 2,9%. A região Sudeste, se destacou como a maior produtora de feijão-comum cores nessa safra, apresentando pequena diferença em relação aos valores de área, produtividade e produção à safra an-

terior. Na região Sul segunda maior região produtora, o feijão carioca, apresentou redução de área (0,5%), produtividade (13,2%) e produção (13,6%). A redução no rendimento, produção e qualidade do grão se deu, principalmente, pelas condições climáticas adversas durante o ciclo da cultura e pelo excesso de chuva durante a colheita.

Feijão-comum preto

Na safra 2017/18 a região Sul, como principal região produtora, apresentou aumento de área (3,7%) e redução na produtividade (10%) e produção (6,7%), devido à irregularidade das condições climáticas durante o

ciclo da cultura, como falta de chuvas no plantio e seu excesso durante as fases de desenvolvimento, além de dias com temperaturas baixas

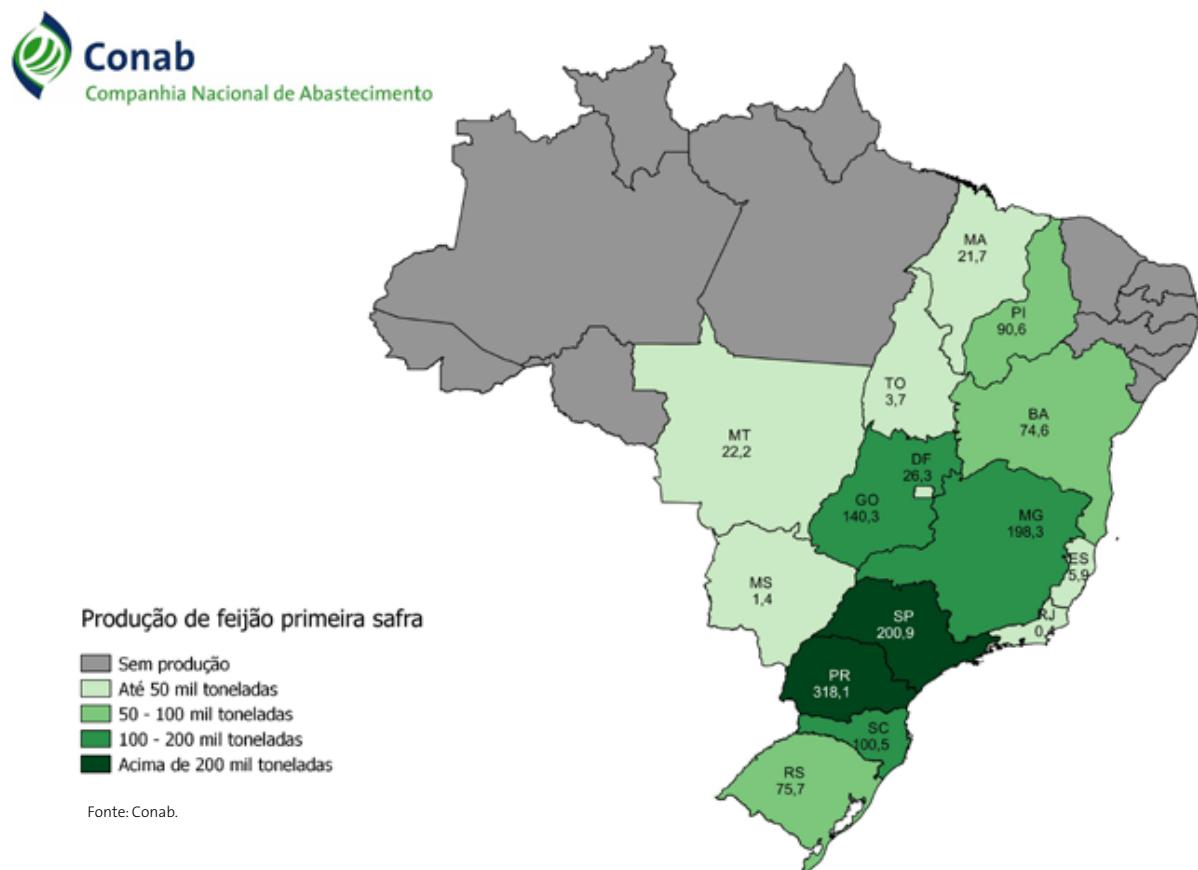


Feijão-caupi

A produção se concentra no Nordeste, mais particularmente no Piauí e Bahia. A área estimada em 411,2 mil hectares, 10,2% menor que na última safra, e

a produtividade é estimada em 449 kg/ha, 7,7% a mais que na safra passada

Figura 13 – Mapa da produção agrícola – Feijão primeira safra



Quadro 5 - Histórico das condições hídricas gerais e possíveis impactos nas diferentes fases* da cultura nas principais regiões produtoras do país – Feijão primeira safra

UF	Mesorregiões	Feijão primeira safra											
		JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN
PI	Centro-Norte Piauiense							P/G	P/G/DV	DV/F	FR/M	M/C	
	Sudoeste Piauiense						P/G	P/G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C	
	Sudeste Piauiense							P/G	P/G/DV	DV/F	FR/M	M/C	
BA	Extremo Oeste Baiano					P/G	P/G/DV	DV/F/FR	F/FR/M	M/C	C		
	Vale São-Franciscano da Bahia					P/G	P/G/DV	DV/F/FR	F/FR/M	M/C	M/C		
	Centro Norte Baiano					P/G	P/G/DV	DV/F/FR	F/FR/M	FR/M/C	M/C		
	Centro Sul Baiano					P/G	P/G/DV	DV/F/FR	F/FR/M	FR/M/C	M/C		
MT	Sudeste Mato-grossense		P/G	DV	F	F/FR/M	M/C						
	Norte Mato-grossense	P/G	DV/F	F/FR	M/C	C							
GO	Leste Goiano		P/G	DV/F	FR/M	M/C	C						
	Sul Goiano		P/G	DV/F	FR/M	M/C	C						
DF	Norte Goiano		P/G	G/FR	F/FR	F/R/M	M/C						
MG	Distrito Federal	PP	P/G/DV	F/FR	M/C	C							
	Noroeste de Minas	P/G	P/G/DV	F/FR	M/C	C							
	Norte de Minas	P/G	P/G/DV	F/FR	M/C	C							
	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba	P/G	P/G/DV	F/FR	M/C	C							
	Oeste de Minas	P/G	P/G/DV	F/FR	M/C	C							
	Sul/Sudoeste de Minas	P/G	P/G/DV	F/FR	M/C	C							
	Campo das Vertentes	P/G	P/G/DV	F/FR	M/C	C							
SP**	Zona da Mata	P/G	P/G/DV	F/FR	M/C	C							
	Bauru	PP	P/G	DV/F	FR	FR/M	M/C	C					
	Assis	P/G	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C						
PR	Itapetininga	P/G	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C						
	Norte Central Paranaense		P/G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C						
	Norte Pioneiro Paranaense		P/G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C						
	Centro Oriental Paranaense		P/G	P/G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C					
	Oeste Paranaense		P/G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C						
	Sudoeste Paranaense		P/G/DV	G/DV	F/FR	FR/M	M/C	C					
	Centro-Sul Paranaense		P/G	P/G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C					
	Sudeste Paranaense		P/G	P/G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C					
	Metropolitana de Curitiba		P/G	P/G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C					
SC	Oeste Catarinense	P/G	P/G/DV	DV/F	DV/F/FR	FR/M/C	M/C						
	Norte Catarinense	P/G	P/G/DV	DV/F	DV/F/FR	FR/M/C	M/C						
	Serrana	P/G	P/G/DV	DV/F	DV/F/FR	FR/M/C	M/C						
RS	Noroeste Rio-grandense	P/G	P/G/DV	DV/F	FR/M/C	C							
	Nordeste Rio-grandense	P/G	P/G/DV	DV/F	DV/F/FR	FR/M	M/C						
	Metropolitana de Porto Alegre	P/G	P/G/DV	DV/F	DV/F/FR	FR/M/C	C						

Legendas:

Baixa restrição - falta de chuvas
 Favorável
 Média restrição - falta de chuva
 Baixa restrição - excesso de chuva

* - (PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

** Total ou parcialmente irrigado. O que não elimina, no entanto, a possibilidade de estar havendo restrições por anomalias de temperatura ou indisponibilidade hídrica para a irrigação.



Tabela 11 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão primeira safra

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	4,8	5,9	22,9	649	627	(3,4)	3,1	3,7	19,4
TO	4,8	5,9	22,9	649	627	(3,4)	3,1	3,7	19,4
NORDESTE	490,2	429,8	(12,3)	453	435	(4,1)	222,1	186,9	(15,8)
MA	36,4	37,8	3,8	570	575	0,9	20,7	21,7	4,8
PI	226,9	235,3	3,7	294	385	31,0	66,7	90,6	35,8
BA	226,9	156,7	(30,9)	594	476	(19,9)	134,7	74,6	(44,6)
CENTRO-OESTE	81,5	81,7	0,2	2.203	2.328	5,7	179,5	190,2	6,0
MT	10,8	12,6	16,7	1.525	1.762	15,5	16,5	22,2	34,5
MS	0,8	0,8	-	1.800	1.800	-	1,4	1,4	-
GO	57,8	56,2	(2,8)	2.400	2.496	4,0	138,7	140,3	1,2
DF	12,1	12,1	-	1.895	2.170	14,5	22,9	26,3	14,8
SUDESTE	247,3	243,7	(1,5)	1.651	1.664	0,8	408,3	405,5	(0,7)
MG	161,0	157,2	(2,4)	1.213	1.261	4,0	195,2	198,3	1,6
ES	4,6	6,1	32,6	1.174	970	(17,4)	5,4	5,9	9,3
RJ	0,6	0,4	(33,3)	1.127	938	(16,8)	0,7	0,4	(42,9)
SP	81,1	80,0	(1,4)	2.552	2.511	(1,6)	207,0	200,9	(2,9)
SUL	287,2	292,7	1,9	1.907	1.689	(11,4)	547,6	494,3	(9,7)
PR	194,1	199,6	2,8	1.880	1.594	(15,2)	364,8	318,1	(12,8)
SC	51,3	53,6	4,5	2.160	1.875	(13,2)	110,8	100,5	(9,3)
RS	41,8	39,5	(5,5)	1.721	1.916	11,3	72,0	75,7	5,1
NORTE/NORDESTE	495,0	435,7	(12,0)	455	437	(3,9)	225,2	190,6	(15,4)
CENTRO-SUL	616,0	618,1	0,3	1.843	1.763	(4,3)	1.135,4	1.090,0	(4,0)
BRASIL	1.111,0	1.053,8	(5,1)	1.225	1.215	(0,8)	1.360,6	1.280,6	(5,9)

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em junho/2018.

Tabela 12 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão-comum preto primeira safra

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
CENTRO-OESTE	1,2	1,2	-	1.850	1.900	2,7	2,2	2,3	4,5
DF	1,2	1,2	-	1.850	1.900	2,7	2,2	2,3	4,5
SUDESTE	9,8	9,2	(6,1)	965	900	(6,8)	9,5	8,3	(12,6)
MG	6,9	6,8	(1,6)	838	868	3,6	5,8	5,9	1,7
ES	2,3	2,0	(13,0)	1.304	1.000	(23,3)	3,0	2,0	(33,3)
RJ	0,6	0,4	(28,0)	1.127	938	(16,8)	0,7	0,4	(42,9)
SUL	163,7	169,8	3,7	1.880	1.691	(10,0)	307,8	287,2	(6,7)
PR	112,0	118,7	6,0	1.929	1.670	(13,4)	216,0	198,2	(8,2)
SC	19,9	21,6	8,4	2.200	1.865	(15,2)	43,8	40,3	(8,0)
RS	31,8	29,5	(7,2)	1.508	1.650	9,4	48,0	48,7	1,5
CENTRO-SUL	174,7	180,2	3,1	1.829	1.652	(9,6)	319,5	297,8	(6,8)
BRASIL	174,7	180,2	3,1	1.829	1.652	(9,6)	319,5	297,8	(6,8)

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em junho/2018.



Tabela 13 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão-comum cores primeira safra

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	0,4	0,8	100,0	1.080	900	(16,7)	0,4	0,7	75,0
TO	0,4	0,8	100,0	1.080	900	(16,7)	0,4	0,7	75,0
NORDESTE	57,0	43,9	(23,0)	862	470	(45,5)	49,1	20,6	(58,0)
BA	57,0	43,9	(23,0)	862	470	(45,5)	49,1	20,6	(58,0)
CENTRO-OESTE	73,9	74,1	0,3	2.296	2.432	5,9	169,6	180,2	6,3
MT	4,4	6,2	40,9	1.998	2.342	17,2	8,8	14,5	64,8
MS	0,8	0,8	-	1.800	1.800	-	1,4	1,4	-
GO	57,8	56,2	(2,8)	2.400	2.496	4,0	138,7	140,3	1,2
DF	10,9	10,9	-	1.900	2.200	15,8	20,7	24,0	15,9
SUDESTE	223,4	220,7	(1,2)	1.752	1.765	0,7	391,5	389,6	(0,5)
MG	140,0	136,6	(2,4)	1.301	1.353	4,0	182,1	184,8	1,5
ES	2,3	4,1	78,0	1.043	955	(8,4)	2,4	3,9	62,5
SP	81,1	80,0	(1,3)	2.552	2.511	(1,6)	207,0	200,9	(2,9)
SUL	123,5	122,9	(0,5)	1.941	1.685	(13,2)	239,8	207,1	(13,6)
PR	82,1	80,9	(1,5)	1.812	1.482	(18,2)	148,8	119,9	(19,4)
SC	31,4	32,0	1,9	2.134	1.881	(11,9)	67,0	60,2	(10,1)
RS	10,0	10,0	-	2.400	2.700	12,5	24,0	27,0	12,5
NORTE/NORDESTE	57,4	44,7	(22,1)	864	478	(44,7)	49,5	21,3	(57,0)
CENTRO-SUL	420,8	417,7	(0,7)	1.903	1.860	(2,3)	800,9	776,9	(3,0)
BRASIL	478,2	462,4	(3,3)	1.779	1.726	(2,9)	850,4	798,2	(6,1)

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em junho/2018.

Tabela 14 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão-caupi primeira safra

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	4,4	5,1	15,9	610	584	(4,3)	2,7	3,0	11,1
TO	4,4	5,1	15,9	610	584	(4,3)	2,7	3,0	11,1
NORDESTE	433,2	385,9	(10,9)	400	431	7,8	173,0	166,2	(3,9)
MA	36,4	37,8	3,8	570	575	0,9	20,7	21,7	4,8
PI	226,9	235,3	3,7	294	385	31,0	66,7	90,6	35,8
BA	169,9	112,8	(33,6)	504	478	(5,2)	85,6	53,9	(37,0)
CENTRO-OESTE	6,4	6,4	-	1.200	1.200	-	7,7	7,7	-
MT	6,4	6,4	-	1.200	1.200	-	7,7	7,7	-
SUDESTE	14,1	13,8	(2,1)	519	548	5,6	7,3	7,6	4,1
MG	14,1	13,8	(2,1)	519	548	5,6	7,3	7,6	4,1
NORTE/NORDESTE	437,6	391,0	(10,6)	402	433	7,7	175,7	169,2	(3,7)
CENTRO-SUL	20,5	20,2	(1,5)	732	755	3,1	15,0	15,3	2,0
BRASIL	458,1	411,2	(10,2)	416	449	7,7	190,7	184,5	(3,3)

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em junho/2018.



9.2.4.2. FEIJÃO SEGUNDA SAFRA

Para o feijão segunda safra está previsto a semeadura de 1.548,2 mil hectares, um incremento de 8,5% quando comparado à safra passada. Observa-se que, para as Regiões Norte/Nordeste, deverá ser semeado 859,1

mil hectares, aumento de 18,5% em relação à safra passada, enquanto na Região Centro-Sul a estimativa é de redução de 1,8%, se comparado à safra passada.

Feijão-comum cores

O feijão-comum cores é o segundo tipo de feijão mais produzidos na segunda safra. A estimativa é de 538,5 mil toneladas para a safra 2017/18, ou seja, 6,5% inferior à safra passada.

Em Rondônia, a área cultivada nesta safra será de 14,4 mil hectares e a produtividade em torno de 851 kg/ha, totalizando uma produção de 12,3 mil toneladas. Muitos são os fatores que fazem com que a área de feijão segunda safra tenha reduzido no estado, quais sejam: custo de produção elevado; susceptibilidade da cultura ao ataque de pragas e doenças, principalmente mela e requeima; valor da saca defasado, recebido pelo produtor e preço atrativo do produto no varejo. Atualmente a cultura se encontra nos seguintes estádios: 30% em florescimento, 55% em enchimento de grãos e 15% em maturação.

Figura 14 - Cultivo consorciado de café clonal irrigado por gotejamento e feijão-comum cores sequeiro segunda safra em Mirante da Serra-RO



Fonte: Conab.

É possível perceber a criatividade e inteligência do produtor rural, que plantou café clonal irrigado por gotejamento em novembro e objetivando ter um Índice de Equivalência de Área satisfatório, reduzir capinas, aproveitar corretivo e fertilizante residual usado na cultura perene, inserindo a cultura de feijão de sequeiro segunda safra nas entre linhas do café. O objetivo principal é atingir maior rentabilidade numa mesma área.

No Acre, o feijão é plantado basicamente por pequenos agricultores. A estimativa de área situa-se em 5,6 mil hectares, de produção em 3,3 mil toneladas e a produtividade média em 592 t/ha. As condições climáticas apresentam-se favoráveis com boa distribuição de chuvas, favorecendo os estádios de desenvolvimento vegetativo e colheita. Em determinadas regiões a colheita já iniciou.

Figura 15 - Feijão comum (carioca), Brasiléia-AC



Fonte: Conab.

Na Paraíba, as cinco últimas safras foram prejudicadas pela insuficiência de chuvas, no entanto a atual safra aponta para um pequeno crescimento da área, com a variação de até 5%, o que corresponderá a 27 mil hectares de feijão-comum cores, com produtividade estimada de 600 kg/ha.

Na Bahia, o Extremo Oeste é a mesorregião onde se cultiva a segunda safra. Os plantios ocorreram em meados de fevereiro, estimando-se o cultivo de 10 mil hectares com manejo irrigado em sistema de pivô central, em sucessão às lavouras de soja. A colheita evolui em 40% da área cultivada e a produção está estimada em 21 mil toneladas. Esse cultivo é caracterizado como de oportunidade, preenchendo a lacuna entre a produção da primeira e terceira safras, abastecendo toda a Região Nordeste do Brasil.

Em Mato Grosso, a colheita estadual teve início na segunda quinzena de maio, registrando 25% da área colhida até o fechamento do mês. O atraso no plantio da leguminosa contribuiu para a queda de produtividade devido à escassez de chuvas no período de granação do feijoeiro. Assim, a produtividade média está estimada em 1.667 kg/ha. O atraso do período ideal



de cultivo também afetou a área semeada da cultura, que totalizou 22,3 mil hectares, queda de 21,5% em relação aos 28,4 mil hectares do ciclo anterior.

Em Mato Grosso do Sul, a área estimada é de 26 mil hectares. Devido à estiagem ocorrida em abril até o dia 11 de maio deste ano, a qual teve duração de aproximadamente 40 dias, no município de Laguna Carapã, a produtividade média desse município pode chegar a 20% de perdas, em Nova Alvorada do Sul a produtividade tende a cair em torno de 33% e Sidrolândia 25%, enfim, as perdas por conta dessa estiagem afetarão a produtividade que está estimada em 1.500 kg/ha no estado.

As lavouras se encontram entre os estádios de floração e frutificação (enchimento de grãos), e estão dependendo da maioria do estado, de regularização dos índices pluviométricos, para o melhor desenvolvimento e maturação dos grãos. Não houve relatos sobre ataques de pragas e ou doenças que comprometessem a produtividade durante o manejo da cultura do feijoeiro até o momento.

No Distrito Federal área semeada com feijão-comum cores foi de 500 mil hectares e estimando-se produtividade de 2.200 kg/ha. As lavouras se encontram em fase final de colheita.

Em Minas Gerais, a área estimada é 103,9 mil hectares, 5,8% menor em relação à safra passada em decorrência do atraso da colheita das lavouras de verão. O bom volume de chuvas no decorrer da safra de verão possibilitou o armazenamento de água no solo e condições favoráveis ao plantio da safrinha.

No entanto, houve escassez de chuvas no período pós semeadura. Relata-se mais de 50 dias de estiagem nas regiões produtoras, e, com isso, redução no potencial da cultura, bem como limitações ao desenvolvimento dos grãos. As se lavouras encontram nos estádios de floração e maturação.

Figura 16 - Lavoura de feijão segunda safra em Passos/MG, com falhas de geminação, baixo desenvolvimento vegetativo, precária formação de grãos, prevalecendo na lavoura o “amarelecimento” precoce das plantas



Fonte: Conab.

Figura 17 - Lavoura de feijão segunda safra em Campos Gerais, com razoável formação de grãos e boa sanidade



Fonte: Conab.

Figura 18 - Lavouras de feijão segunda safra (1º plano) e, em segundo plano, lavouras de milho safrinha e feijão irrigados (pivô), em Campos Gerais-MG



Fonte: Conab.

Figura 19 - Lavoura de feijão segunda safra, em Madre de Deus de Minas-MG



Fonte: Conab.

Em São Paulo, a produção de feijão se apresenta de forma reduzida, pois a mosca-branca tem desestimulado os produtores a cultivarem no estado, principalmente onde houve o cultivo de feijão e soja na primeira safra. A área cultivada deverá ser de 14 mil hectares, redução de 4,8% em relação à última safra.

No Paraná houve redução de área de plantio em 24,5%



em relação à safra passada, atribuída aos baixos preços do produto. A colheita se iniciou neste mês e a produtividade atualmente esperada se situa ao redor de 1.497 kg/ha. A qualidade do produto colhido é boa devido ao tempo seco durante a colheita, embora os grãos estejam pequenos, resultado da estiagem de abril/maio.

Menos da metade das lavouras são consideradas em boas condições, o restante, que será colhido em junho, está em condições ruins a regulares devido à falta de chuvas, que em algumas localidades ficaram ausentes entre 20 e 40 dias. A estimativa de produção é de 181,3 mil toneladas.

Em Santa Catarina, as lavouras já foram colhidas. Ape-

Feijão-comum preto

O feijão-comum preto é o terceiro mais cultivado durante a segunda safra. A estimativa é de uma produção de 176,9,1 mil toneladas em uma área de 121,7 mil hectares, obtendo em média a produtividade de 1.453 kg/ha.

Na Paraíba, esse feijão é explorado em poucos municípios. Na safra passada a cultura foi prejudicada pela insuficiência de chuvas e atual safra supera as perspectivas de crescimento de área, registrando 1,1 mil hectares já implantadas e a produtividade estimada está em 600 kg/ha.

No Distrito Federal, a área de feijão-comum preto segunda safra é pouco expressiva e está estimada em 0,1 mil hectares. As lavouras estão em estádio de maturação e colheita.

No Paraná, observou-se redução de área de plantio em 11,5% em relação à safra passada. O clima foi preponderante na definição da área. Com o atraso na colheita das lavouras de verão, houve um atraso para plantar feijão-comum preto no sul do Paraná, o que resultou na desistência dos produtores em investir na cultura.

A colheita se iniciou em maio e a produtividade atualmente esperada é de aproximadamente 1.493 kg/ha, com quebra de 5,3% em relação à safra passada. Menos da metade das lavouras são consideradas em boas condições, o restante está em condições ruins

Feijão-caupi

O feijão-caupi ocupa a maior área semeada com feijão na segunda safra, com 1.035,7 mil hectares. A produção é estimada em 616,6 mil toneladas, 38,6% superior à safra passada.

sar das condições climáticas menos favoráveis entre abril e maio, a produtividade apresentou manutenção e, em alguns casos, leve aumento em alguns locais, haja vista que muitas lavouras, naquela época, encontravam-se em estádio de desenvolvimento avançado e sua dependência em relação às chuvas era menor.

O retorno do cultivo em alguns municípios que não registraram semeadura na safra passada influenciou no rendimento final em algumas regiões. Assim, a produtividade deve alcançar em torno de 1.728 kg/ha, em uma área de aproximadamente 3,9 mil hectares. A qualidade do produto foi considerada boa em razão da baixa umidade durante a colheita, no entanto, o tamanho do grão ficou aquém do desejado.

a regulares em razão da falta de chuvas. A produção está estimada em 117,1 mil toneladas.

Em Santa Catarina, em torno de 92% das lavouras se encontram colhidas, o restante, distribuídas no Oeste (1%) e Litoral Sul (7%) devem ser colhidas no início de junho. O resultado até agora obtido demonstra a influência negativa das condições climáticas sobre a cultura. A estiagem prolongada durante abril teve impacto direto na produtividade esperada inicialmente em muitas regiões produtoras.

Contudo, em outras, houve manutenção da estimativa, já que a cultura se encontrava em estádio mais avançado e, mesmo que as condições mostrassem melhora, esta não teria grande impacto no resultado final. Assim, até o momento, estima-se que o rendimento possa alcançar em torno de 1.476 kg/ha. A qualidade do produto colhido até o momento é considerada boa, apesar que, em algumas regiões, este apresentou tamanho menor em consequência da falta de água para o enchimento dos grãos das últimas vagens.

No Rio Grande do Sul, a colheita já ultrapassa os 80% da área total, com maior avanço na região noroeste do estado. Na região nordeste foi colhido cerca de 30% e, até o momento, a expectativa é que a segunda safra seja melhor que a primeira, em termos de qualidade e produtividade. Estima-se um rendimento de 1.600 kg/ha, 31,1% superior à safra passada.

Em Tocantins, embora tenha ocorrido redução de 8% na área semeada, as condições pluviométricas favoreceram ao bom desenvolvimento das lavouras que devem responder positivamente em produtividade.



As condições das lavouras são consideradas boas e se encontram na sua maioria em estádio de frutificação e maturação. A cultura vem ganhando espaço no estado, a região sudeste, por exemplo, iniciou o cultivo do grão na safra passada para exportação e poderá ser ótima alternativa em substituição ao milho.

No Maranhão, a área de feijão-caupi segunda safra é estimada em 52,7 mil hectares. Atualmente, as lavouras se encontram em diversos estádios de desenvolvimento, havendo lavouras em floração, frutificação, maturação e em processo de colheita.

Destaca-se os cultivos realizados em algumas unidades produtivas mais tarde a partir dos primeiros dias de abril, motivados principalmente pelo excesso de chuvas em março. A cultura deve ter um sensível aumento na sua área plantada, passando de 51,4 mil hectares para 52,7 mil hectares, o que representa um incremento na ordem de 2,5% e a produtividade estimada é de 702 kg/ha.

Figura 20 - Vista parcial de lavoura de feijão-caupi segunda safra, em Bom Jesus das Selvas - MA



Fonte: Conab.

No Piauí, a expectativa é de redução de área na ordem de 14,9%, com uma área de 5,4 mil hectares, ante às 6,3 mil hectares na safra passada. Essa área se concentra na região sudoeste piauiense (cerrado) e se encontra totalmente plantada, tendo o plantio ocorrido entre o final de março e o início de abril. A cultura se encontra nos estádios de floração a maturação, tendo a colheita prevista para a primeira quinzena de junho.

No Rio Grande do Norte, a área plantada estimada para a presente safra será de 45,3 mil hectares, 26,5% maior em relação à área plantada em 2017, além disso, a produtividade média será maior em 4,6 % se comparada à

safra anterior. Após o veranico de março se constatou o replantio em áreas das regiões oeste e central, bem como o plantio em áreas da região agreste/leste potiguar, que deverá se estender até o final de maio.

Na Paraíba, embora em anos anteriores tenha ocorrido condições climáticas desfavoráveis, para a atual safra estima-se incremento de área com o plantio superior a 83 mil hectares e produtividade de 476 kg/ha.

Em Pernambuco, o feijão-caupi está com sua produção consolidada e a colheita, praticamente finalizada, salvo em algumas lavouras que foram replantadas ou semeadas tarde. Verificou-se estiagem em março, em especial, nas microrregiões do Sertão Central e Sertão de Itaparica, onde, praticamente não choveu, paradoxalmente em menor proporção, o excesso de chuvas também resultou em perdas durante o estádio da colheita.

Contudo, cabe enfatizar que a produção do feijão de segunda safra desponta como uma das maiores dos últimos seis anos safras, visto que nas safras anteriores o volume das precipitações pluviométricas da estação chuvosa ficaram muito aquém do normal e se deram de forma bastante irregular.

Na Bahia, o feijão-caupi é cultivado na mesorregião Extremo Oeste, estima-se o cultivo de 50 mil hectares, com produção de 45 mil toneladas em regime de sequeiro, oportunizando o final da estação chuvosa, e irrigado, em sucessão à soja precoce. Os plantios ocorreram em meados de fevereiro e estima-se que a colheita evolua em 40% da área.

Figura 21 - Lavouras de feijão-caupi segunda safra em fase de colheita, São Desidério-BA



Fonte: Conab.



Figura 22 - Lavouras de feijão-caupi segunda safra em fase de maturação em Barreiras-BA



Fonte: Conab.

Em Mato Grosso, a colheita dos 230 mil hectares teve início na segunda quinzena de maio, com aproximadamente 30% da lavoura estadual colhida até o fim do referido mês. A qualidade do grão é considerada boa, mas se observa pequena queda na produtividade. No ciclo 2017/18, estima-se rendimento médio de 1.065 kg/ha, ante aos 1.079 kg/ha obtidos da última safra, motivada pelo atraso do plantio da cultura.

Figura 23 - Feijão-caupi segunda safra em São José do Rio Claro-MT



Fonte: Conab.

Em Goiás, o feijão-caupi ou macaçar é utilizado como opção de segunda safra, mas com destinação ao mercado externo (países árabes e asiáticos) e principalmente região nordeste. É um excelente produto, que possui em torno de 23 a 25% de proteína vegetal. Na região sudoeste do estado as variedades possuem ciclo em torno de 70 dias, considerado curto. Cultura pouco exigente com relação à necessidade de nutrientes no solo e hídrica (em torno de 300 mm). Porém importante na fixação de nitrogênio do ar, com a utilização de inoculante.

As variedades utilizadas são a Nova Era, Bico de Ouro e Novo Tumucumaque, que estão bem adaptadas aos solos de aluvião e terras mais ácidas. Por isso o feijão recebe também a denominação de feijão “catador”.

Na região leste o feijão-caupi será colhido em junho, sendo esperado pelo menos 1.350 kg/ha. A praga que ocorre na cultura em Goiás é o pulgão preto, mas controlado com a utilização de inseticidas específicos.

As primeiras colheitas na região sul do estado ocorrem em maio, sendo a colheita mecanizada com colheitadoras apenas com rotor, sem esta condição a injúria e quebra de grãos é muito intensa.

Figura 24 - Feijão-caupi na fase de maturação em Palestina de Goiás-GO

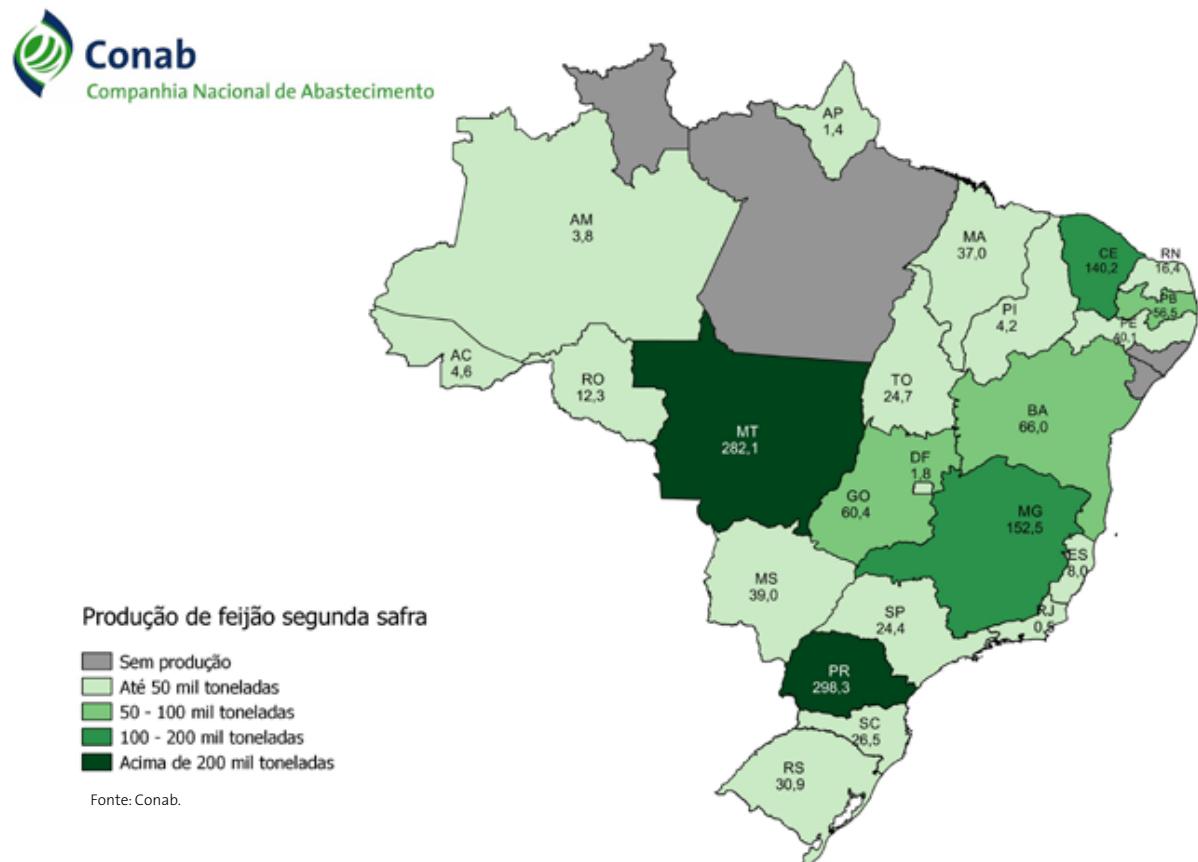


Fonte: Conab.

No Distrito Federal, mais de 40% da área semeada na segunda safra corresponde ao feijão-caupi, que tem como principal mercado comprador a Região Nordeste. A área de semeadura está estimada em 0,5 mil hectares e a produtividade em 1.100 kg/ha.



Figura 25 – Mapa da produção agrícola – Feijão segunda safra



Quadro 6 - Histórico das condições hídricas gerais e possíveis impactos nas diferentes fases* da cultura nas principais regiões produtoras do país – Feijão segunda safra

UF	Mesorregiões	Feijão segunda safra										
		SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL
RO	Leste Rondoniense						P	DV	F	FR	M/C	C
MA	Oeste Maranhense						P	DV	F	FR	M/C	C
	Centro Maranhense						P	DV	F	FR	M/C	C
CE	Sul Maranhense						P	DV	F	FR	M/C	C
	Noroeste Cearense						P/G	DV/F	FR	M/C	C	
	Norte Cearense						P/G	DV/F	FR	M/C	C	
MS	Sertões Cearenses						P/G	DV/F	FR	M/C	C	
	Sudoeste de Mato Grosso do Sul						PP	P/G	DV/F	F/FR	M/C	C
MT	Norte Mato						P/G	DV/F	FR	M/C	C	
	Nordeste Mato						P/G	DV/F	FR	M/C	C	
	Sudeste Mato						P/G	DV/F	FR	M/C	C	
GO	Noroeste Goiano						P/G	DV/F	FR	M/C	C	
	Norte Goiano						P/G	DV/F	FR	M/C	C	
	Leste Goiano						P/G	DV/F	FR	M/C	C	
	Sul Goiano						P/G	DV/F	FR	M/C	C	
MG	Noroeste de Minas						P/G	DV	DV/F	F/FR	M/C	
	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba						P/G	DV	DV/F	F/FR	M/C	
	Central Mineira						P/G	DV	DV/F	F/FR	M/C	
	Vale do Rio Doce						P/G	DV	DV/F	F/FR	M/C	
	Oeste de Minas						P/G	DV	DV/F	F/FR	M/C	
	Sul/Sudoeste de Minas						P/G	DV	DV/F	F/FR	M/C	
	Campo das Vertentes						P/G	DV	DV/F	F/FR	M/C	
	Zona da Mata						P/G	DV	DV/F	F/FR	M/C	
ES	Central Espírito-Santense						P/G	DV	DV/F	M/C	C	
SP	Campinas						P/G	DV/F	FR/M	M/C	C	
	Assis						P/G	DV/F	FR/M	M/C	C	
	Itapetininga						P/G	DV/F	FR/M	M/C	C	
PR	Norte Central Paranaense					P/G	DV	DV/F	F/FR	M/C	C	
	Norte Pioneiro Paranaense					P/G	DV	DV/F	F/FR	M/C	C	
	Centro Oriental Paranaense					P/G	DV	DV/F	F/FR	M/C	C	
	Oeste Paranaense					P/G	DV	DV/F	F/FR	M/C	C	
	Sudoeste Paranaense					P/G	DV	DV/F	F/FR	M/C	C	
	Centro-Sul Paranaense					P/G	DV	DV/F	F/FR	M/C	C	
	Sudeste Paranaense					P/G	DV	DV/F	F/FR	M/C	C	
	Metropolitana de Curitiba					P/G	DV	DV/F	F/FR	M/C	C	
SC	Oeste Catarinense					P/G	DV	DV/F	F/FR/M	M/C	C	
	Norte Catarinense					P/G	DV	DV/F	F/FR/M	M/C	C	
	Sul Catarinense					P/G	DV	DV/F	F/FR/M	M/C	C	
RS	Noroeste Rio-grandense					P/G	DV	DV/F	F/FR/M	M/C	C	

Legendas:

Baixa restrição - falta de chuvas Favorável Média restrição - falta de chuva Baixa restrição - excesso de chuva

* - (PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

** Total ou parcialmente irrigado. O que não elimina, no entanto, a possibilidade de estar havendo restrições por anomalias de temperatura ou indisponibilidade hídrica para a irrigação.



Tabela 15 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão segunda safra

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	55,9	48,5	(13,2)	1.171	963	(17,7)	65,4	46,8	(28,4)
RO	19,3	14,4	(25,4)	971	851	(12,4)	18,7	12,3	(34,2)
AC	7,6	7,6	-	593	605	2,1	4,5	4,6	2,2
AM	3,8	4,1	7,9	1.239	925	(25,3)	4,7	3,8	(19,1)
AP	1,4	1,4	-	944	993	5,2	1,3	1,4	7,7
TO	23,8	21,0	(11,8)	1.520	1.175	(22,7)	36,2	24,7	(31,8)
NORDESTE	669,0	810,6	21,2	307	445	44,6	205,6	360,4	75,3
MA	51,4	52,7	2,5	699	702	0,4	35,9	37,0	3,1
PI	6,3	5,4	(14,3)	572	771	34,8	3,6	4,2	16,7
CE	407,0	404,0	(0,7)	292	347	18,9	118,8	140,2	18,0
RN	35,8	45,3	26,5	347	363	4,6	12,4	16,4	32,3
PB	90,0	111,4	23,8	316	507	60,6	28,4	56,5	98,9
PE	78,5	131,8	67,9	83	304	266,4	6,5	40,1	516,9
BA	-	60,0	-	-	1.100	-	-	66,0	-
CENTRO-OESTE	276,6	319,5	15,5	1.264	1.200	(5,0)	349,6	383,3	9,6
MT	230,7	252,3	9,4	1.172	1.118	(4,6)	270,3	282,1	4,4
MS	26,0	26,0	-	1.692	1.500	(11,4)	44,0	39,0	(11,4)
GO	19,0	40,1	111,1	1.750	1.506	(13,9)	33,3	60,4	81,4
DF	0,9	1,1	22,2	2.189	1.668	(23,8)	2,0	1,8	(10,0)
SUDESTE	138,8	133,7	(3,7)	1.367	1.389	1,6	189,7	185,7	(2,1)
MG	116,8	110,4	(5,5)	1.331	1.382	3,9	155,4	152,5	(1,9)
ES	6,1	8,6	41,0	1.049	924	(11,9)	6,4	8,0	25,0
RJ	1,2	0,7	(41,7)	1.008	1.091	8,2	1,2	0,8	(33,3)
SP	14,7	14,0	(4,8)	1.815	1.745	(3,9)	26,7	24,4	(8,6)
SUL	286,6	236,1	(17,6)	1.363	1.507	10,5	390,6	355,7	(8,9)
PR	249,0	199,5	(19,9)	1.370	1.495	9,1	341,2	298,3	(12,6)
SC	18,3	17,3	(5,5)	1.417	1.533	8,2	25,9	26,5	2,3
RS	19,3	19,3	-	1.220	1.600	31,1	23,5	30,9	31,5
NORTE/NORDESTE	724,9	859,1	18,5	374	474	26,7	271,0	407,2	50,3
CENTRO-SUL	702,0	689,3	(1,8)	1.325	1.342	1,3	929,9	924,7	(0,6)
BRASIL	1.426,9	1.548,4	8,5	842	860	2,2	1.200,9	1.331,9	10,9

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em junho/2018.



Tabela 16 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão-comum preto segunda safra

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORDESTE	1,1	1,1	-	405	600	48,1	0,4	0,7	75,0
PB	1,1	1,1	-	405	600	48,1	0,4	0,7	75,0
CENTRO-OESTE	1,1	0,1	(90,9)	1.555	1.850	19,0	1,7	0,2	(88,2)
MS	1,0	-	(100,0)	1.500	-	(100,0)	1,5	-	(100,0)
DF	0,1	0,1	-	2.100	1.850	(11,9)	0,2	0,2	-
SUDESTE	10,1	9,6	(5,0)	937	881	(6,0)	9,5	8,5	(10,5)
MG	6,4	6,4	-	931	913	(1,9)	6,0	5,8	(3,3)
ES	2,5	2,5	-	920	740	(19,6)	2,3	1,9	(17,4)
RJ	1,2	0,7	(40,8)	1.008	1.091	8,2	1,2	0,8	(33,3)
SUL	122,4	111,1	(9,2)	1.378	1.510	9,6	168,6	167,8	(0,5)
PR	88,6	78,4	(11,5)	1.418	1.493	5,3	125,6	117,1	(6,8)
SC	14,5	13,4	(7,6)	1.343	1.476	9,9	19,5	19,8	1,5
RS	19,3	19,3	-	1.220	1.600	31,1	23,5	30,9	31,5
NORTE/NORDESTE	1,1	1,1	-	405	600	48,1	0,4	0,7	75,0
CENTRO-SUL	133,6	120,8	(9,6)	1.346	1.460	8,5	179,8	176,5	(1,8)
BRASIL	134,7	121,9	(9,5)	1.338	1.452	8,5	180,2	177,2	(1,7)

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em junho/2018.

Tabela 17 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão-comum cores segunda safra

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	32,2	26,5	(17,7)	956	807	(15,6)	30,7	21,4	(30,3)
RO	19,3	14,4	(25,2)	971	851	(12,4)	18,7	12,3	(34,2)
AC	5,6	5,6	-	580	592	2,1	3,2	3,3	3,1
AM	3,8	4,1	8,0	1.239	925	(25,3)	4,7	3,8	(19,1)
AP	1,4	1,4	-	944	993	5,2	1,3	1,4	7,7
TO	2,1	1,0	(52,4)	1.312	625	(52,4)	2,8	0,6	(78,6)
NORDESTE	32,1	47,5	48,0	414	900	117,3	13,3	42,8	221,8
CE	2,8	5,1	82,1	565	663	17,3	1,6	3,4	112,5
PB	25,7	27,0	5,0	447	600	34,2	11,5	16,2	40,9
PE	3,6	5,4	50,0	62	400	545,2	0,2	2,2	1.000,0
BA	-	10,0	-	-	2.100	-	-	21,0	-
CENTRO-OESTE	73,2	67,8	(7,4)	1.769	1.611	(9,0)	129,6	109,2	(15,7)
MT	28,4	22,3	(21,5)	1.831	1.667	(9,0)	52,0	37,2	(28,5)
MS	25,0	26,0	4,0	1.700	1.500	(11,8)	42,5	39,0	(8,2)
GO	19,0	19,0	-	1.750	1.680	(4,0)	33,3	31,9	(4,2)
DF	0,8	0,5	(37,5)	2.200	2.200	-	1,8	1,1	(38,9)
SUDESTE	128,6	124,0	(3,6)	1.401	1.428	2,0	180,1	177,1	(1,7)
MG	110,3	103,9	(5,8)	1.354	1.411	4,2	149,3	146,6	(1,8)
ES	3,6	6,1	69,0	1.139	1.000	(12,2)	4,1	6,1	48,8
SP	14,7	14,0	(4,8)	1.815	1.745	(3,9)	26,7	24,4	(8,6)
SUL	164,2	125,0	(23,9)	1.352	1.504	11,2	222,1	188,0	(15,4)
PR	160,4	121,1	(24,5)	1.344	1.497	11,4	215,6	181,3	(15,9)
SC	3,8	3,9	2,6	1.700	1.728	1,6	6,5	6,7	3,1
NORTE/NORDESTE	64,3	74,0	15,1	685	866	26,4	44,0	64,2	45,9
CENTRO-SUL	366,0	316,8	(13,4)	1.453	1.497	3,1	531,8	474,3	(10,8)
BRASIL	430,3	390,8	(9,2)	1.338	1.378	3,0	575,8	538,5	(6,5)

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em junho/2018.



Tabela 18 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão-caupi segunda safra

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	23,7	22,0	(7,2)	1.463	1.152	(21,3)	34,7	25,4	(26,8)
AC	2,0	2,0	-	630	643	2,1	1,3	1,3	-
TO	21,7	20,0	(8,0)	1.540	1.203	(21,9)	33,4	24,1	(27,8)
NORDESTE	635,8	762,0	19,8	302	416	37,8	191,9	317,0	65,2
MA	51,4	52,7	2,5	699	702	0,4	35,9	37,0	3,1
PI	6,3	5,4	(14,9)	572	771	34,8	3,6	4,2	16,7
CE	404,2	398,9	(1,3)	290	343	18,3	117,2	136,8	16,7
RN	35,8	45,3	26,5	347	363	4,6	12,4	16,4	32,3
PB	63,2	83,3	31,8	261	476	82,4	16,5	39,7	140,6
PE	74,9	126,4	68,8	84	300	257,1	6,3	37,9	501,6
BA	-	50,0	-	-	900	-	-	45,0	-
CENTRO-OESTE	202,3	251,6	24,4	1.079	974	(9,8)	218,3	274,1	25,6
MT	202,3	230,0	13,7	1.079	1.065	(1,3)	218,3	245,0	12,2
GO	-	21,1	-	-	1.350	-	-	28,5	-
DF	-	0,5	-	-	1.100	-	-	0,6	-
SUDESTE	0,1	0,1	-	1.013	1.010	(0,3)	0,1	0,1	-
MG	0,1	0,1	-	1.013	1.010	(0,3)	0,1	0,1	-
NORTE/NORDESTE	659,5	784,0	18,9	344	437	27,1	226,6	342,4	51,1
CENTRO-SUL	202,4	251,7	24,4	1.079	974	(9,8)	218,4	274,2	25,5
BRASIL	861,9	1.035,7	20,2	516	567	9,8	445,0	616,6	38,6

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em junho/2018.

9.2.4.3. FEIJÃO TERCEIRA SAFRA

Para o feijão terceira safra, devido ao calendário de plantio e da metodologia aplicada nas estimativas, foi aplicado um rendimento médio, baseado na aná-

lise estatística da série histórica das safras anteriores. Apontando uma produtividade de 1.252 kg/ha e produção de 765,4 mil toneladas.

Feijão-comum cores

O feijão-comum cores é o mais produzido na terceira safra. A estimativa é de 693,5 mil toneladas para a safra 2017/18, ou seja, 7,8% inferior à safra passada.

Em Pernambuco, as lavouras são semeadas na mesorregião do Agreste Pernambucano, grande parte das lavouras se encontram nos estádios de semeadura e desenvolvimento vegetativo. Devido às baixas precipitações registradas no mês corrente, o plantio está atrasado e as lavouras estão sendo acometidas por estresse hídrico.

Em Sergipe, as áreas de cultivo com propósito comercial ainda não foram semeadas em virtude das incertezas quanto à precipitação. As áreas semeadas são aquelas destinadas predominantemente aos cultivos de subsistência. As estimativas iniciais de área são de 13,6 mil hectares cultivados em todo o estado, com produtividade média de 677 Kg/ha.

Na Bahia, o plantio do feijão-comum cores costuma ser consorciado com o milho nas microrregiões de Serrinha, Riachão do Jacuípe, Paulo Afonso e Feira de Santana, onde se aplica baixo uso de fertilizantes e defensivos, com pouca mecanização agrícola, geralmen-

te cultivados em pequenas áreas e com emprego de mão de obra familiar.

Estima-se que sejam cultivados 201,7 mil hectares, com a produção esperada de 142,2 mil toneladas, atualmente 50% da área está plantada. Por ter um ciclo mais curto, o feijão solteiro é cultivado em regiões com chuvas mais irregulares que as do milho.

Figura 26 - Lavoura de feijão no município de Euclides da Cunha-BA



Fonte: Conab.



Em Mato Grosso, estima-se que até o final de maio aproximadamente 60% do feijão irrigado esteja semeado em Mato Grosso, com término dos trabalhos em junho. Na atual safra, a cultura apresenta potencial de queda de 30% da área cultivada, registrando 37,6 mil hectares. O principal motivo do recuo nas áreas irrigadas é o preço do grão.

Em Goiás, a semeadura ocorreu entre maio e junho, muitas lavouras estão entrando em estádio reprodutivo. Todas as áreas são irrigadas e a estimativa de produtividade está em 2.889 kg/ha.

No Distrito Federal, estima-se uma área de 2,6 mil hectares, a semeadura está em andamento e aproximadamente 10% da área já foi semeada. A colheita está prevista para julho, agosto e setembro. Estima-se uma produtividade média de 3.181 kg/ha. A produção, por sua vez, está estimada em 8,3 mil toneladas, 2,5% menor que a safra anterior.

A normalidade das chuvas ocasionou o enchimento das barragens, tranquilizando, de certa forma, o produtor, levando em conta que o cultivo do feijão terceira safra no Distrito Federal é conduzido inteiramente sob irrigação. Vale destacar que o plantio do feijão terceira safra no Distrito Federal apresenta como vantagens, entre outras, a alta produtividade das lavouras, a redução de riscos, a colocação do produto no mercado em épocas não convencionais, além de possibilitar a produção de sementes de melhor qualidade.

As áreas mais expressivas desse feijão estão localizadas na Região Administrativa de Planaltina, participando com mais de 60% da produção regional. Mais de 84% do feijão cultivado na região é do tipo cores,

Feijão-comum preto

O feijão-comum preto é pouco cultivado durante a segunda safra, sua estimativa de produção é de 9,8 mil toneladas em uma área de 14,3 mil hectares, obtendo um rendimento médio de 687 kg/ha.

Feijão-caupi

O feijão-caupi deverá ocupar uma área de 86,2 mil hectares na terceira safra de feijão. A produção é estimada em 62,1 mil toneladas.

Na Bahia, estima-se que sejam cultivados 10 mil hectares, com produção de 5,3 mil toneladas. Os plantios

que agregam valor à atividade, com importância comercial e no abastecimento regional.

Em São Paulo, o feijão sinaliza um crescimento de área de 2,2%, ou seja, 12,1 mil hectares e a estimativa de produtividade é de 2.363 kg/ha.

Figura 27 - Feijão terceira safra irrigado em São João da Boa Vista-SP



Fonte: Conab.

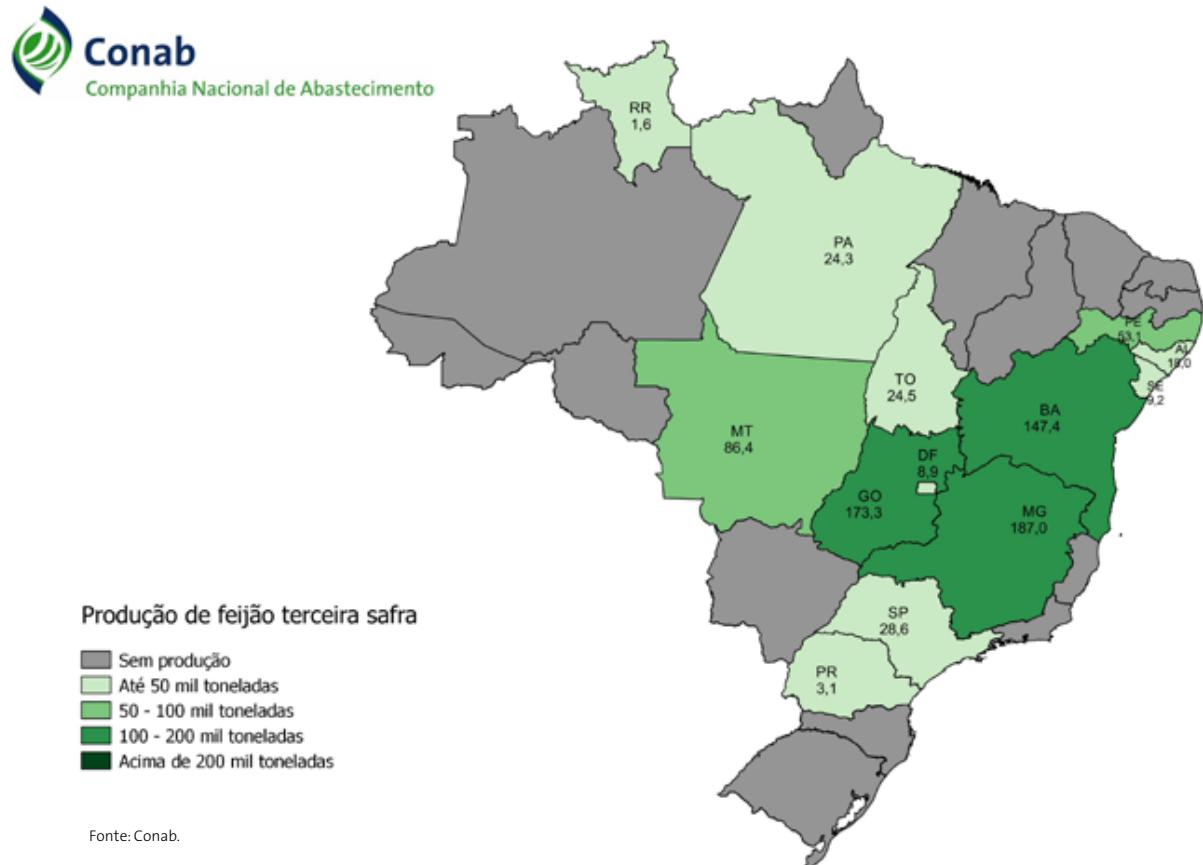
No Paraná, o plantio do feijão está atrasado devido ao clima seco. A área prevista para o plantio é de 3,1 mil hectares, porém, até o momento, pouco mais da metade se encontra plantada, quando no mesmo período do ano passado já estava encerrado o plantio. Na região de Londrina 10% da área já foi colhida e o rendimento obtido muito baixo, resultado da estiagem. A produtividade final esperada é de apenas 997 kg/ha. As lavouras ainda por colher se encontram nos seguintes estádios: desenvolvimento vegetativo (26%), florescimento (18%), frutificação (28%) e maturação (28%). As condições das lavouras são ruins em 20% da área, regulares em 45% e boas em 20%.

No Distrito Federal, a área estimada com plantio de feijão-comum preto terceira safra é de 0,2 mil hectares.

foram iniciados e evoluem em 50% da área. Os cultivos são realizados no nordeste da Bahia, cultivado em pequenas áreas da agricultura familiar e destinado ao mercado local e à subsistência. Se destaca, quando comparado ao feijão-comum cores, pela sua maior resistência ao déficit hídrico.



Figura 28 – Mapa da produção agrícola – Feijão terceira safra



Quadro 7 - Histórico das condições hídricas gerais e possíveis impactos nas diferentes fases* da cultura nas principais regiões produtoras do país – Feijão terceira safra

UF	Mesorregiões	Feijão segunda safra											
		SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO
MT	Norte Mato-grossense	C								P/DV	DV/F	F/FR/M	M/C
	Sudeste Mato-grossense	C								P/DV	DV/F	F/FR/M	M/C
GO	Noroeste Goiano	C								P/DV	DV/F	FR/M/C	M/C
	Norte Goiano	C								P/DV	DV/F	FR/M/C	M/C
	Leste Goiano	C								P/DV	DV/F	FR/M/C	M/C
	Sul Goiano	C								P/DV	DV/F	FR/M/C	M/C
MG	Noroeste de Minas	C								P/DV	DV/F	FR/M/C	M/C
	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba	C								P/DV	DV/F	FR/M/C	M/C
SP	Ribeirão Preto	C								P/DV	F/FR/M	FR/M	M/C
	Araçatuba	C								P/DV	F/FR/M	FR/M	M/C
	Bauru	C								P/DV	DV/F	FR/M	M/C
	Campinas	C								P/DV	DV/F	FR/M	M/C

Legendas:

Baixa restrição - falta de chuvas Favorável Média Restrição - Excesso de Chuvas Média restrição - falta de chuva

* - (PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

** Irrigado. O que não elimina, no entanto, a possibilidade de estar havendo restrições por anomalias de temperatura ou indisponibilidade hídrica para a irrigação.



Tabela 19 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão terceira safra

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	52,2	52,4	0,4	1.190	962	(19,2)	62,2	50,4	(19,0)
RR	2,4	2,4	-	650	650	-	1,6	1,6	-
PA	34,3	34,5	0,6	825	705	(14,6)	28,3	24,3	(14,1)
TO	15,5	15,5	-	2.081	1.581	(24,0)	32,3	24,5	(24,1)
NORDESTE	386,8	373,0	(3,6)	649	611	(6,0)	251,1	227,7	(9,3)
PE	107,6	107,6	-	478	494	3,3	51,4	53,1	3,3
AL	40,1	40,1	-	520	448	(13,7)	20,8	18,0	(13,5)
SE	15,2	13,6	(10,5)	871	677	(22,3)	13,2	9,2	(30,3)
BA	223,9	211,7	(5,4)	740	696	(5,9)	165,7	147,4	(11,0)
CENTRO-OESTE	116,8	100,4	(14,0)	2.632	2.676	1,7	307,4	268,6	(12,6)
MT	53,7	37,6	(30,0)	2.369	2.299	(3,0)	127,2	86,4	(32,1)
GO	60,0	60,0	-	2.850	2.889	1,4	171,0	173,3	1,3
DF	3,1	2,8	(9,7)	2.962	3.180	7,3	9,2	8,9	(3,3)
SUDESTE	82,2	66,1	(19,6)	2.586	2.601	0,6	212,6	171,9	(19,1)
MG	70,4	54,0	(23,3)	2.619	2.654	1,4	184,4	143,3	(22,3)
SP	11,8	12,1	2,5	2.392	2.363	(1,2)	28,2	28,6	1,4
SUL	4,4	3,1	(29,5)	1.009	997	(1,2)	4,4	3,1	(29,5)
PR	4,4	3,1	(29,5)	1.009	997	(1,2)	4,4	3,1	(29,5)
NORTE/NORDESTE	439,0	425,4	(3,1)	714	654	(8,4)	313,3	278,1	(11,2)
CENTRO-SUL	203,4	169,6	(16,6)	2.578	2.616	1,5	524,4	443,6	(15,4)
BRASIL	642,4	595,0	(7,4)	1.304	1.213	(7,0)	837,7	721,7	(13,8)

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em junho/2018.

Tabela 20 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão-comum cores terceira safra

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	6,6	8,0	21,2	655	645	(1,6)	5,3	5,1	(3,8)
PA	6,1	7,5	23,0	638	551	(13,6)	3,9	4,1	5,1
TO	0,5	0,5	-	2.701	2.052	(24,0)	1,4	1,0	(28,6)
NORDESTE	329,5	317,3	(3,7)	706	637	(9,7)	223,8	202,0	(9,7)
PE	72,2	72,2	-	510	527	3,3	36,8	38,0	3,3
AL	29,8	29,8	-	490	423	(13,7)	14,6	12,6	(13,7)
SE	15,2	13,6	(10,5)	871	677	(22,3)	13,2	9,2	(30,3)
BA	212,3	201,7	(5,0)	750	705	(6,0)	159,2	142,2	(10,7)
CENTRO-OESTE	116,3	100,2	(13,8)	3.057	2.675	(12,5)	306,3	268,0	(12,5)
MT	53,7	37,6	(30,0)	2.369	2.299	(3,0)	127,2	86,4	(32,1)
GO	60,0	60,0	-	2.850	2.889	1,4	171,0	173,3	1,3
DF	2,6	2,6	-	3.120	3.181	2,0	8,1	8,3	2,5
SUDESTE	82,0	65,9	(19,6)	3.222	2.605	(19,1)	212,3	171,7	(19,1)
MG	70,2	53,8	(23,4)	2.623	2.660	1,4	184,1	143,1	(22,3)
SP	11,8	12,1	2,2	2.392	2.363	(1,2)	28,2	28,6	1,4
SUL	4,4	3,1	(29,5)	1.432	997	(30,4)	4,4	3,1	(29,5)
PR	4,4	3,1	(29,5)	1.009	997	(1,2)	4,4	3,1	(29,5)
NORTE/NORDESTE	336,1	325,3	(3,2)	704	637	(9,6)	229,1	207,1	(9,6)
CENTRO-SUL	202,7	169,2	(16,5)	3.092	2.617	(15,3)	523,0	442,8	(15,3)
BRASIL	538,8	494,5	(8,2)	1.521	1.315	(13,6)	752,1	649,9	(13,6)

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em junho/2018.



Tabela 21 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão-comum preto terceira safra

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORDESTE	13,9	13,9	-	510	645	26,5	7,1	9,0	26,8
PE	13,9	13,9	-	510	645	26,5	7,1	9,0	26,8
CENTRO-OESTE	0,2	0,2	-	3.100	3.161	2,0	0,6	0,6	-
DF	0,2	0,2	-	3.100	3.161	2,0	0,6	0,6	-
SUDESTE	0,2	0,2	-	1.100	1.116	1,5	0,2	0,2	-
MG	0,2	0,2	-	1.100	1.116	1,5	0,2	0,2	-
NORTE/NORDESTE	13,9	13,9	-	510	645	26,5	7,1	9,0	26,8
CENTRO-SUL	0,4	0,4	-	2.100	2.139	1,8	0,8	0,8	-
BRASIL	14,3	14,3	-	554	687	23,9	7,9	9,8	24,1

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em junho/2018.

Tabela 22 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão-caupi terceira safra

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	45,6	44,4	(2,6)	1.247	1.019	(18,3)	56,9	45,3	(20,4)
RR	2,4	2,4	-	650	650	-	1,6	1,6	-
PA	28,2	27,0	(4,3)	866	748	(13,6)	24,4	20,2	(17,2)
TO	15,0	15,0	-	2.060	1.565	(24,0)	30,9	23,5	(23,9)
NORDESTE	43,4	41,8	(3,7)	466	401	(14,0)	20,2	16,8	(16,8)
PE	21,5	21,5	-	350	285	(18,6)	7,5	6,1	(18,7)
AL	10,3	10,3	-	605	522	(13,7)	6,2	5,4	(12,9)
BA	11,6	10,0	(13,8)	558	525	(5,9)	6,5	5,3	(18,5)
CENTRO-OESTE	0,3	-	(100,0)	1.500	-	(100,0)	0,5	-	(100,0)
DF	0,3	-	(100,0)	1.500	-	(100,0)	0,5	-	(100,0)
NORTE/NORDESTE	89,0	86,2	(3,1)	866	719	(17,0)	77,1	62,1	(19,5)
CENTRO-SUL	0,3	-	(100,0)	1.500	-	(100,0)	0,5	-	(100,0)
BRASIL	89,3	86,2	(3,5)	869	719	(17,2)	77,6	62,1	(20,0)

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em junho/2018.

9.2.4.4. FEIJÃO TOTAL

Considerando as três safras, estima-se para o nono acompanhamento que a área total de feijão será de 3.214 mil hectares, 1,1% maior em relação à safra pas-

sada. A produção nacional de feijão está estimada em 3.380 mil toneladas e é 0,6% maior que a última temporada.



Figura 29 – Mapa da produção agrícola – Feijão total (primeira, segunda e terceira safras)

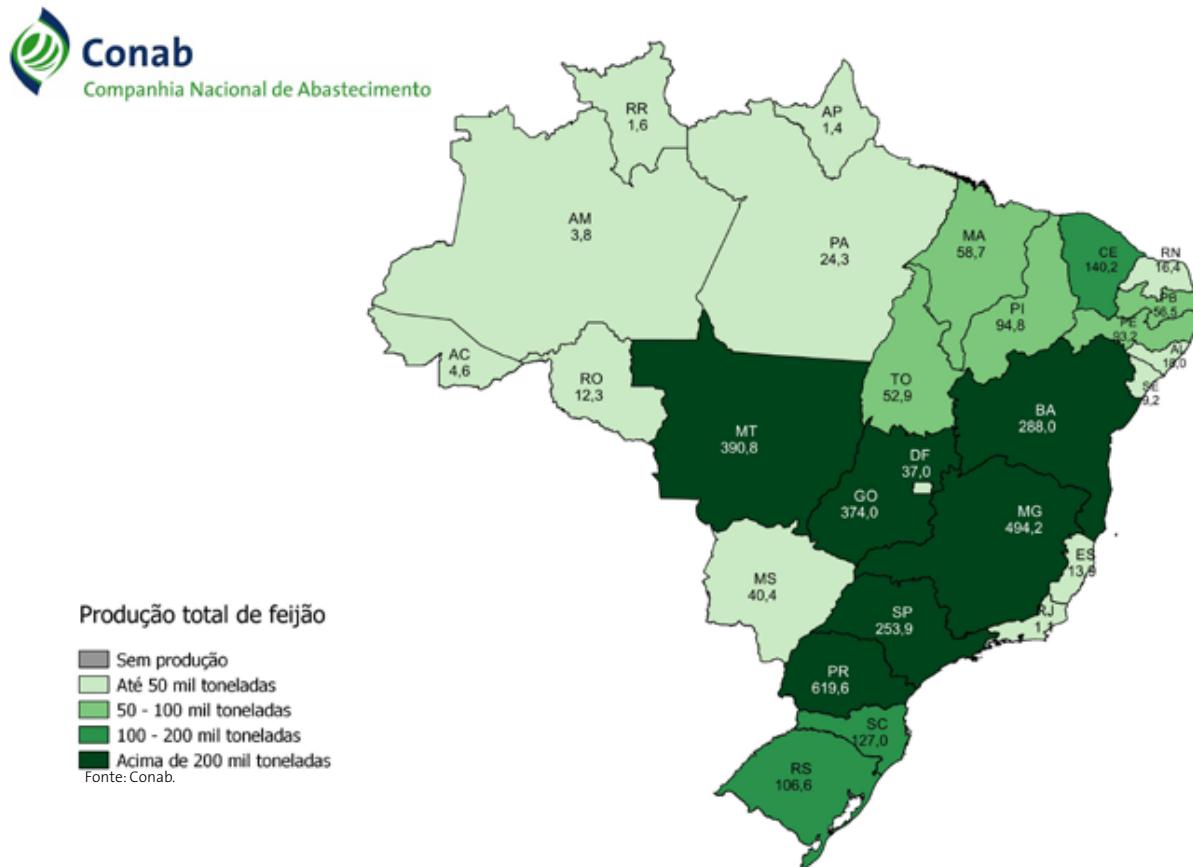


Tabela 23 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão total

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	112,9	106,8	(5,4)	1.158	944	(18,5)	130,6	100,9	(22,7)
RR	2,4	2,4	-	650	650	-	1,6	1,6	-
RO	19,3	14,4	(25,4)	971	851	(12,4)	18,7	12,3	(34,2)
AC	7,6	7,6	-	593	605	2,1	4,5	4,6	2,2
AM	3,8	4,1	7,9	1.239	925	(25,3)	4,7	3,8	(19,1)
AP	1,4	1,4	-	944	993	5,2	1,3	1,4	7,7
PA	34,3	34,5	0,6	825	705	(14,6)	28,3	24,3	(14,1)
TO	44,1	42,4	(3,9)	1.622	1.247	(23,1)	71,5	52,9	(26,0)
NORDESTE	1.546,0	1.613,4	4,4	439	480	9,4	679,1	775,0	14,1
MA	87,8	90,5	3,1	646	649	0,5	56,7	58,7	3,5
PI	233,2	240,7	3,2	302	394	30,6	70,3	94,8	34,9
CE	407,0	404,0	(0,7)	292	347	18,9	118,8	140,2	18,0
RN	35,8	45,3	26,5	347	363	4,6	12,4	16,4	32,3
PB	90,0	111,4	23,8	316	507	60,6	28,4	56,5	98,9
PE	186,1	239,4	28,6	311	389	25,0	58,0	93,2	60,7
AL	40,1	40,1	-	520	448	(13,7)	20,8	18,0	(13,5)
SE	15,2	13,6	(10,5)	871	677	(22,3)	13,2	9,2	(30,3)
BA	450,8	428,4	(5,0)	667	672	0,9	300,5	288,0	(4,2)
CENTRO-OESTE	474,9	501,6	5,6	1.761	1.679	(4,7)	836,5	842,2	0,7
MT	295,2	302,5	2,5	1.402	1.292	(7,9)	414,0	390,8	(5,6)
MS	26,8	26,8	-	1.696	1.509	(11,0)	45,4	40,4	(11,0)
GO	136,8	156,3	14,3	2.507	2.393	(4,6)	343,0	374,0	9,0
DF	16,1	16,0	(0,6)	2.117	2.312	9,2	34,1	37,0	8,5
SUDESTE	468,3	443,5	(5,3)	1.731	1.721	(0,6)	810,6	763,1	(5,9)
MG	348,2	321,6	(7,6)	1.536	1.537	-	535,0	494,2	(7,6)
ES	10,7	14,7	37,4	1.103	943	(14,5)	11,8	13,9	17,8
RJ	1,8	1,1	(38,9)	1.048	1.035	(1,2)	1,9	1,1	(42,1)
SP	107,6	106,1	(1,4)	2.434	2.393	(1,7)	261,9	253,9	(3,1)
SUL	578,2	531,9	(8,0)	1.630	1.604	(1,6)	942,7	853,2	(9,5)
PR	447,5	402,2	(10,1)	1.588	1.540	(3,0)	710,5	619,6	(12,8)
SC	69,6	70,9	1,9	1.964	1.791	(8,8)	136,7	127,0	(7,1)
RS	61,1	58,8	(3,8)	1.563	1.812	15,9	95,5	106,6	11,6
NORTE/NORDESTE	1.658,9	1.720,2	3,7	488	509	4,3	809,7	875,9	8,2
CENTRO-SUL	1.521,4	1.477,0	(2,9)	1.702	1.664	(2,2)	2.589,8	2.458,5	(5,1)
BRASIL	3.180,3	3.197,2	0,5	1.069	1.043	(2,4)	3.399,5	3.334,4	(1,9)

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em junho/2018.

Tabela 24 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão-comum preto total

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORDESTE	15,0	15,0	-	502	642	27,8	7,5	9,7	29,3
PB	1,1	1,1	-	405	600	48,1	0,4	0,7	75,0
PE	13,9	13,9	-	510	645	26,5	7,1	9,0	26,8
CENTRO-OESTE	2,5	1,5	(40,0)	1.820	2.065	13,5	4,5	3,1	(31,1)
MS	1,0	-	(100,0)	1.500	-	(100,0)	1,5	-	(100,0)
DF	1,5	1,5	-	2.033	2.065	1,5	3,0	3,1	3,3
SUDESTE	20,1	19,0	(5,5)	953	893	(6,3)	19,2	17,0	(11,5)
MG	13,5	13,4	(0,7)	886	893	0,8	12,0	11,9	(0,8)
ES	4,8	4,5	(6,3)	1.104	856	(22,5)	5,3	3,9	(26,4)
RJ	1,8	1,1	(38,9)	1.048	1.035	(1,2)	1,9	1,2	(36,8)
SUL	286,1	280,9	(1,8)	1.665	1.619	(2,8)	476,4	455,0	(4,5)
PR	200,6	197,1	(1,7)	1.703	1.600	(6,1)	341,6	315,3	(7,7)
SC	34,4	35,0	1,7	1.839	1.716	(6,7)	63,3	60,1	(5,1)
RS	51,1	48,8	(4,5)	1.399	1.630	16,5	71,5	79,6	11,3
NORTE/NORDESTE	15,0	15,0	-	502	642	27,8	7,5	9,7	29,3
CENTRO-SUL	308,7	301,4	(2,4)	1.620	1.576	(2,7)	500,1	475,1	(5,0)
BRASIL	323,7	316,4	(2,3)	1.568	1.532	(2,3)	507,6	484,8	(4,5)

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em junho/2018.



Tabela 25 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão-comum cores total

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	39,2	35,3	(9,9)	930	772	(17,0)	36,4	27,2	(25,3)
RO	19,3	14,4	(25,4)	971	851	(12,4)	18,7	12,3	(34,2)
AC	5,6	5,6	-	580	592	2,1	3,2	3,3	3,1
AM	3,8	4,1	7,9	1.239	925	(25,3)	4,7	3,8	(19,1)
AP	1,4	1,4	-	944	993	5,2	1,3	1,4	7,7
PA	6,1	7,5	23,0	638	551	(13,6)	3,9	4,1	5,1
TO	3,0	2,3	(23,3)	1.513	1.031	(31,8)	4,6	2,3	(50,0)
NORDESTE	418,6	408,7	(2,4)	684	649	(5,0)	286,2	265,4	(7,3)
CE	2,8	5,1	82,1	565	663	17,3	1,6	3,4	112,5
PB	25,7	27,0	5,1	447	600	34,2	11,5	16,2	40,9
PE	75,8	77,6	2,4	489	518	6,0	37,0	40,2	8,6
AL	29,8	29,8	-	490	423	(13,7)	14,6	12,6	(13,7)
SE	15,2	13,6	(10,5)	871	677	(22,3)	13,2	9,2	(30,3)
BA	269,3	255,6	(5,1)	774	719	(7,0)	208,3	183,8	(11,8)
CENTRO-OESTE	263,4	242,1	(8,1)	2.299	2.303	0,2	605,5	557,4	(7,9)
MT	86,5	66,1	(23,6)	2.173	2.090	(3,8)	188,0	138,1	(26,5)
MS	25,8	26,8	3,9	1.703	1.509	(11,4)	43,9	40,4	(8,0)
GO	136,8	135,2	(1,2)	2.507	2.556	1,9	343,0	345,5	0,7
DF	14,3	14,0	(2,1)	2.139	2.382	11,4	30,6	33,4	9,2
SUDESTE	434,0	410,6	(5,4)	1.806	1.798	(0,4)	783,9	738,4	(5,8)
MG	320,5	294,3	(8,2)	1.609	1.612	0,2	515,5	474,5	(8,0)
ES	5,9	10,2	72,9	1.102	982	(10,9)	6,5	10,0	53,8
SP	107,6	106,1	(1,4)	2.434	2.393	(1,7)	261,9	253,9	(3,1)
SUL	292,1	251,0	(14,1)	1.596	1.586	(0,6)	466,3	398,2	(14,6)
PR	246,9	205,1	(16,9)	1.494	1.484	(0,7)	368,8	304,3	(17,5)
SC	35,2	35,9	2,0	2.087	1.864	(10,7)	73,5	66,9	(9,0)
RS	10,0	10,0	-	2.400	2.700	12,5	24,0	27,0	12,5
NORTE/NORDESTE	457,8	444,0	(3,0)	705	659	(6,5)	322,6	292,6	(9,3)
CENTRO-SUL	989,5	903,7	(8,7)	1.875	1.875	-	1.855,7	1.694,0	(8,7)
BRASIL	1.447,3	1.347,7	(6,9)	1.505	1.474	(2,1)	2.178,3	1.986,6	(8,8)

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em junho/2018.

Tabela 26 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão-caupi total

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	73,7	71,5	(3,0)	1.279	1.029	(19,6)	94,3	73,7	(21,8)
RR	2,4	2,4	-	650	650	-	1,6	1,6	-
AC	2,0	2,0	-	630	643	2,1	1,3	1,3	-
PA	28,2	27,0	(4,3)	866	748	(13,6)	24,4	20,2	(17,2)
TO	41,1	40,1	(2,4)	1.630	1.260	(22,7)	67,0	50,6	(24,5)
NORDESTE	1.112,4	1.189,7	6,9	346	420	21,3	385,1	500,0	29,8
MA	87,8	90,5	3,1	646	649	0,5	56,6	58,7	3,7
PI	233,2	240,7	3,2	302	394	30,6	70,3	94,8	34,9
CE	404,2	398,9	(1,3)	290	343	18,3	117,2	136,8	16,7
RN	35,8	45,3	26,5	347	363	4,6	12,4	16,4	32,3
PB	63,2	83,3	31,8	261	476	82,4	16,5	39,7	140,6
PE	96,4	147,9	53,4	143	298	107,8	13,8	44,0	218,8
AL	10,3	10,3	-	605	522	(13,7)	6,2	5,4	(12,9)
BA	181,5	172,8	(4,8)	507	603	18,8	92,1	104,2	13,1
CENTRO-OESTE	209,0	258,0	23,4	1.083	1.092	0,8	226,5	281,8	24,4
MT	208,7	236,4	13,3	1.083	1.069	(1,3)	226,0	252,7	11,8
DF	0,3	0,5	66,7	1.500	1.100	(26,7)	0,5	0,6	20,0
SUDESTE	14,2	13,9	(2,1)	522	551	5,5	7,4	7,7	4,1
MG	14,2	13,9	(2,1)	522	551	5,5	7,4	7,7	4,1
NORTE/NORDESTE	1.186,1	1.261,2	6,3	404	455	12,5	479,4	573,7	19,7
CENTRO-SUL	223,2	271,9	21,8	1.048	1.064	1,6	233,9	289,5	23,8
BRASIL	1.409,3	1.533,1	8,8	506	563	11,2	713,3	863,2	21,0

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em junho/2018.



9.1.5. GIRASSOL

Em Mato Grosso, a cultura do girassol está predominantemente na fase de frutificação e maturação, e a colheita se iniciará na segunda quinzena de junho, com a maior parte dos trabalhos concentrados em julho. A expectativa de produtividade é positiva, com rendimento médio esperado de 1.518 kg/ha. Estima-se que 90% da oleaginosa esteja comercializada. Historicamente, o cultivo está majoritariamente localizado na região oeste do estado. Os bons preços incentivaram o incremento do espaço dedicado à cultura no estado, saltando de 31,8 mil hectares na safra 2016/17 para 60,5 mil hectares na safra 2017/18. Ademais, parte desse aumento se deve à ampliação do cultivo da oleaginosa na região de Sorriso.

Figura 30 - Lavoura de girassol – Sorriso-MT



Fonte: Conab.

Em Goiás, a cultura foi semeada em março. Apenas uma indústria em Goiás incentiva a produção no estado. A indústria está situada no sul do estado e realiza contratos com os produtores.

As lavouras estão com boa sanidade, porém em algumas regiões os produtores estão fazendo aplicação preventiva contra o mofo branco que é uma das principais doenças da cultura. A cultura está na fase de formação de grãos. A colheita está prevista para o início de julho, na maioria das áreas do estado.

Figura 31 - Lavoura de girassol – Rio Verde/GO



Fonte: Conab.

Em Minas Gerais, a área de plantio de girassol ainda está sujeita a revisões devido à indefinição das contratações pela principal empresa compradora. Caso se confirme a projeção inicial de plantio, a área deverá se manter em 9,2 mil hectares. Com uma produtividade média estimada em 1.326 kg/ha, a produção poderá atingir 12,2 mil toneladas.



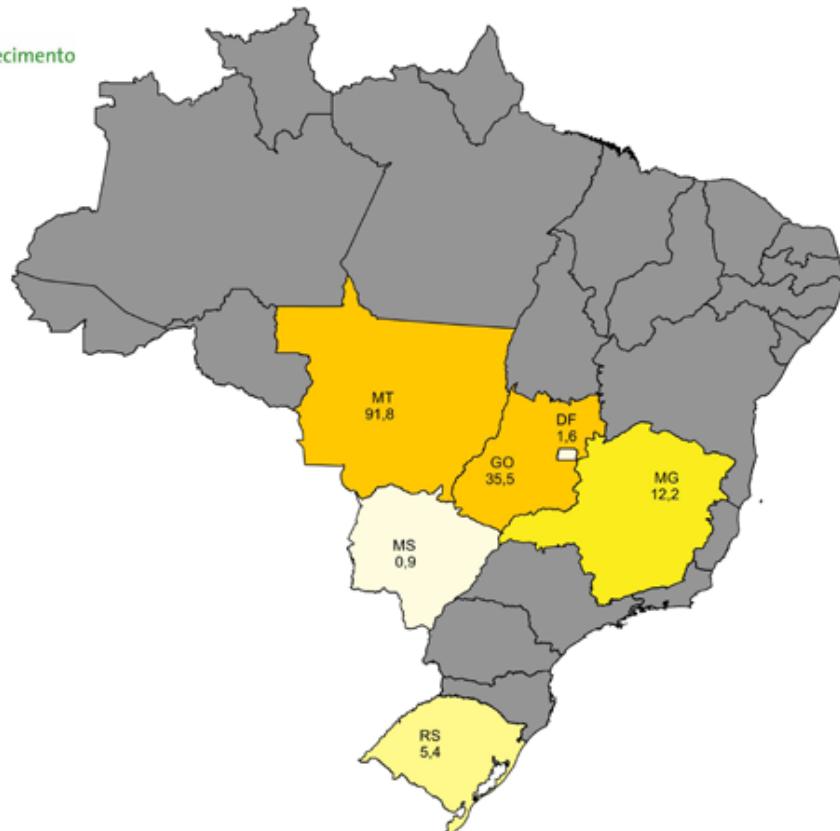
Figura 32 – Mapa da produção agrícola – Girassol



Companhia Nacional de Abastecimento

Produção de girassol

- [Grey square] Sem produção
- [Light yellow square] Até 5 mil toneladas
- [Yellow square] 5 - 10 mil toneladas
- [Darker yellow square] 10 - 20 mil toneladas
- [Orange square] Acima de 20 mil toneladas



Fonte: Conab.

Tabela 27 – Comparativo de área, produtividade e produção – Girassol

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
CENTRO-OESTE	50,1	84,1	67,9	1.702	1.544	(9,3)	85,3	129,8	52,2
MT	31,8	60,5	90,4	1.670	1.518	(9,1)	53,1	91,8	72,9
MS	1,0	0,7	(30,0)	1.500	1.300	(13,3)	1,5	0,9	(40,0)
GO	16,6	22,2	33,7	1.750	1.600	(8,6)	29,1	35,5	22,0
DF	0,7	0,7	-	2.300	2.300	-	1,6	1,6	-
SUDESTE	9,3	9,2	(1,1)	1.400	1.326	(5,3)	13,0	12,2	(6,2)
MG	9,3	9,2	(1,1)	1.400	1.326	(5,3)	13,0	12,2	(6,2)
SUL	3,3	3,3	-	1.626	1.626	-	5,4	5,4	-
RS	3,3	3,3	-	1.626	1.626	-	5,4	5,4	-
CENTRO-SUL	62,7	96,6	54,1	1.653	1.526	(7,7)	103,7	147,4	42,1
BRASIL	62,7	96,6	54,1	1.653	1.526	(7,7)	103,7	147,4	42,1

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em junho/2018.



9.1.6. MAMONA

As estimativas para a safra 2017/18 é de aumento de área, alcançando 31,6 mil hectares, que representa acréscimo de 12,9% em relação à safra passada, que foi de 28 mil hectares.

Para a Bahia, estima-se que a área cultivada seja de 27 mil hectares, com a produção esperada de 17 mil toneladas. As estimativas da safra atual apontam para o crescimento de 28% da área cultivada e 63,5% da produção em relação à safra 2016/17. Os plantios ocorreram de novembro a janeiro, e a colheita evolui em 20% da área cultivada. O aumento de cerca de 30% da área cultivada é atribuído ao clima favorável e às crescentes cotações do valor pago ao produtor.

A mamona é cultivada no centro-norte do estado, tendo como polos produtores a microrregião de Irecê, Ourolândia, Lapão, São Gabriel, Cafarnaum e Canara-

na. As plantas estão em estágio de maturação das bagas, apresentando bom vigor.

Em Minas Gerais, o cultivo da mamona se mantém em declínio, com tendência ao desaparecimento. Estima-se que a área total para o estado, na presente safra, não alcance 100 hectares. A produção em pequenas áreas, pulverizadas na região Norte do estado, apresentam produtividades que quase sempre inviabilizam a colheita devido à escassez de chuvas, típica da região.

As poucas áreas remanescentes têm sua produção voltada para a indústria ricinoquímica, ainda assim com comercialização muito incerta. O plantio foi realizado entre novembro e dezembro. A colheita ocorre entre março e junho.

Figura 33 – Mapa da produção agrícola - Mamona

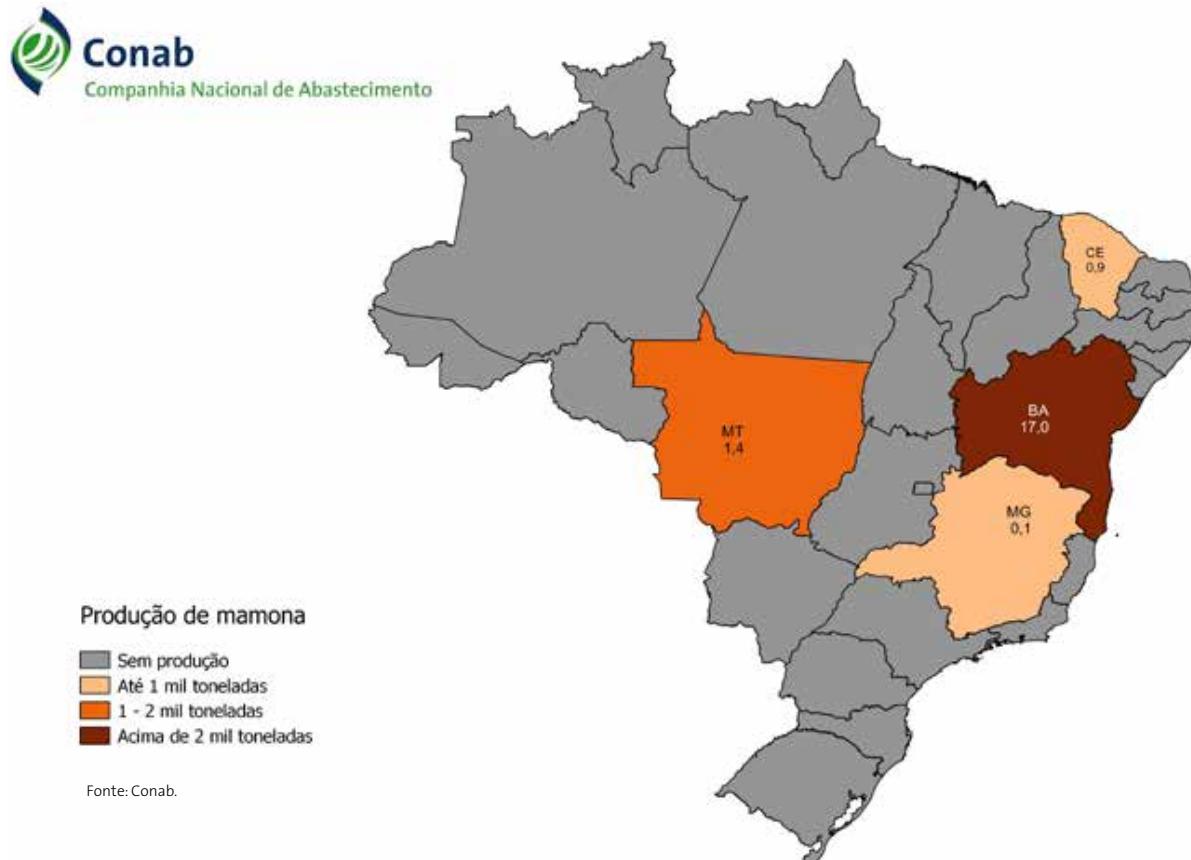


Tabela 28 – Comparativo de área, produtividade e produção – Mamona

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %
(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)	
NORDESTE	26,2	29,9	14,1	444	599	35,0	11,6	17,9	54,3
PI	0,2	-	(100,0)	494	-	(100,0)	0,1	-	(100,0)
CE	4,9	2,9	(40,8)	224	300	33,9	1,1	0,9	(18,2)
BA	21,1	27,0	28,0	494	631	27,7	10,4	17,0	63,5
CENTRO-OESTE	1,6	1,6	-	900	900	-	1,4	1,4	-
MT	1,6	1,6	-	900	900	-	1,4	1,4	-
SUDESTE	0,2	0,1	(50,0)	443	896	102,3	0,1	0,1	-
MG	0,2	0,1	(50,0)	443	896	102,3	0,1	0,1	-
NORTE/NORDESTE	26,2	29,9	14,1	444	599	35,0	11,6	17,9	54,3
CENTRO-SUL	1,8	1,7	(5,6)	849	900	6,0	1,5	1,5	-
BRASIL	28,0	31,6	12,9	470	615	31,0	13,1	19,4	48,1

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em junho/2018.

9.1.7. MILHO

9.1.7.1. MILHO PRIMEIRA SAFRA

Na Região Norte, estima-se redução de 5,5% na área plantada quando comparada ao ano passado. Com a produtividade superior à safra passada em 2,1%, o resultado é uma produção de 961,8 mil toneladas nessa região.

Em Rondônia, a estimativa é de uma área cultivada de 31 mil hectares. A redução de 22,9% na área, se comparada à safra passada, é justificada pelo preço atrativo de aquisição dos grãos por parte dos produtores à época de semeadura, pois preferiam comprar o grão do que implantar a cultura e arcar com os custos de produção.

A produtividade está estimada em 2.466 kg/ha, uma vez que o baixo rendimento é explicado pelo pacote tecnológico utilizado nessa cultura que, de forma geral, não recebe calcário, fertilizantes e poucos produtores fazem o controle de pragas. A produção no estado deve ser de 76,4 mil toneladas. Atualmente a cultura está 100% pronta para ser colhida.

Após a maturação fisiológica parte da produção permanece no campo, quando os colmos são dobrados e a área é então utilizada para a semeadura do feijão segunda safra. O excedente da produção é comercializado em nível local ou municipal.

O material genético mais utilizado para a implantação da cultura no estado são os melhores grãos que o pequeno produtor seleciona por meio de seleção massal, escolhida na colheita da safra anterior. A troca desses grãos, entre produtores em nível municipal é uma atividade comum e recorrente. Esse material é comercializado nas pequenas casas agropecuárias e

adquirido pelos produtores que não possui semente ou querem renovar seu banco de sementes.

O crédito rural para a cultura do milho primeira safra flui de maneira normal, no entanto é pouco acessado pelos produtores rurais, uma vez que o perfil de quem o cultiva é de pequeno produtor rural familiar, objetivando ter matéria-prima para alimentar suínos e aves na sua propriedade. Dessa forma, o recurso para implantação da lavoura é exclusivamente oriundo de recurso próprio.

No Acre houve forte redução na área plantada em relação à safra anterior devido às dificuldades na comercialização do milho da safra 2016/17. A área está estimada em 31 mil hectares e com um rendimento de 2.360 kg/ha, a produção deve ser de 73,2 mil toneladas e o rendimento médio em 2.600 kg/ha.

No Pará, a cultura está em fase de colheita, visto que os plantios da porção sul do sudeste paraense já foram colhidos e comercializados. A região do Baixo Amazonas se encontra em fase de colheita, com aproximadamente 60% de área colhida. Já no polo de Paragominas, o milho primeira safra ainda não está sendo colhido devido à falta de espaço para armazenamento em razão de dificuldades no escoamento da soja. A estimativa é que o estado tenha uma produção de 547,4 mil toneladas. No geral, o estado já colheu aproximadamente 70% da área semeada.

Em Tocantins, a cultura teve aumento na área cultivada nesta safra em 15,2% em relação à safra passada. A área semeada foi estimada em 52,9 mil hectares e o



aumento é em razão de que parte dos produtores não tiveram crédito liberado em tempo hábil para plantar a soja na janela ideal de plantio e, assim, optaram pelo plantio do milho. A cultura se encontra em fase de colheita, com estimativa de produtividade de 4.417 kg/ha e produção de 233,7 mil toneladas.

A Região Nordeste apresenta a maior área cultivada com milho primeira safra do país. O acréscimo nessa safra deverá atingir 7,2% em relação à safra passada. Com produtividade melhores nessa safra, estimada em 2.865 kg/ha (aumento de 16%), a produção deverá ser de 5,5 milhões de toneladas.

No Piauí se observa aumento na área na ordem de 1,7% em relação à safra passada, totalizando uma área de 425,3 mil hectares. A cultura se encontra dividida nas fases de maturação (80%) e colheita (20%). A área colhida se concentra na região sudoeste piauiense, com predominância da agricultura empresarial, e tem confirmado a boa expectativa de produtividade.

As lavouras se encontram em sua maioria em boas condições, com exceção das áreas do semiárido que são consideradas regular ou ruim. A produtividade média deve ficar em 3.309 kg/ha, apresentando uma variação positiva de 9% em relação à safra passada.

No Ceará, a estimativa de área para plantio é 2,9% superior ao semeado na safra passada, totalizando 425,3 mil hectares. Os produtores investiram na semeadura de milho devido à previsão inicial de bom regime de chuvas. Em relação ao rendimento, houve crescimento na estimativa, tendo em vista que o início da colheita tem confirmado o prognóstico de perspectiva de aumento em virtude do bom regime de chuvas no estado.

No Rio Grande do Norte, a produção de milho não é suficiente para atender a necessidade de consumo do estado. Por isso, anualmente o abastecimento do cereal é compensado com as importações de outros estados produtores. Nos anos de seca a dependência ainda é maior, quando aumentam as dificuldades demandadas pelos segmentos de avicultores, suinocultores, bovinocultores e caprino/ovinocultores.

Para 2018 as estimativas apontam que a produção será de 19,3 mil toneladas de milho, representando incremento de 89,2% em relação à safra anterior. As condições climáticas até então apresentadas são melhores que às da safra anterior e estimularam o aumento de 40% na área semeada e a melhora de 35,9% na produtividade. O levantamento indica que serão cultivados 40,9 mil hectares de milho.

Na Paraíba, a cultura do milho vem reduzindo a área plantada em virtude das severas condições climáticas

nas cinco últimas safras, com drásticos prejuízos na produtividade. Na safra passada foram plantados 86,5 mil hectares que, por insuficiência de chuvas, apresentou produtividade de apenas 446 kg/ha. Na presente safra a melhora no regime de chuvas, com registros dentro da média histórica, influenciou o aumento da expectativa de plantio para 109 mil hectares nessa safra e expectativa de produtividade de 875 kg/ha.

Em Pernambuco, a estimativa era que a produtividade pudesse alcançar números próximos do normal, mas a falta de chuvas quando a maior parte das lavouras se encontravam no estádio de enchimento de grãos afetou negativamente o rendimento. Entretanto, devido ao incremento de área e o rendimento das lavouras ainda melhor do que a safra passada, produzem uma estimativa de produção do milho de 69,4 mil toneladas. O milho primeira safra se encontra dividido nas fases de maturação e colheita.

Na Bahia, as lavouras de milho primeira safra são cultivadas pela agricultura familiar e pela agricultura empresarial, sendo destinado à subsistência, manutenção das criações e abastecimento da cadeia granjeira (suínos e aves) de toda a Região Nordeste. O cultivo acontece em todas as regiões produtoras e ocupa 380,3 mil hectares no estado, com a expectativa de produzir 1.879,4 mil toneladas.

Os números desta safra apresentam estabilidade na área cultivada em relação à safra passada (redução de apenas 0,4%). A produção esperada cresce 27,4% em relação à última safra, impulsionado principalmente pelas boas precipitações em todo o estado. A colheita, iniciada em abril, tem previsão de se estender até junho.

No extremo oeste a colheita evolui e já atinge 40% da área cultivada. O ambiente de baixa umidade, criado pela estação seca, permite o produtor colher conforme a demanda, sem haver prejuízos na qualidade do grão e reduzindo os custos de armazenamento. As lavouras nessa região são divididas entre a agricultura familiar, ocupando cerca de 30% da área cultivada com rendimentos de cerca de 1.800 kg/ha, e pela agricultura empresarial, ocupando cerca de 70% da área cultivada, com rendimento de cerca de 9.600 kg/ha. A diferença no pacote tecnológico utilizado por perfil de produtor justifica as diferenças de produtividades.

No Vale do São Francisco e centro-sul, a severidade da restrição hídrica em janeiro impactou na redução da expectativa inicial de produtividade, havendo microrregiões com perdas de até 35%. No entanto, apesar de as lavouras estarem desuniforme por toda região, espera-se aumento de produção em relação à safra passada. Nas duas regiões a colheita está finalizada.



Figura 34 - Lavouras de milho em fase de colheita, com a evolução condicionada à demanda, município de São Desidério



Fonte: Conab.

Figura 35 - Detalhe da espiga de milho em fase de colheita, município de São Desidério



Fonte: Conab.

No centro-norte a colheita está finalizada e em algumas microrregiões as lavouras tiveram perdas produtivas devido ao estresse hídrico por conta de baixas precipitações em janeiro. No entanto, nos territórios que tiveram volumes maiores de chuvas a cultura apresenta bom desenvolvimento vegetativo.

Na Região Centro-Oeste ocorreu forte redução no plantio, uma vez que os produtores optaram pelo plantio da soja, tendo em vista os baixos preços do cereal influenciado pela abundante oferta do milho na entressafra. Isso resultou numa área 18,7% menor do que à safra passada. Com produtividade bem semelhante à safra passada, a estimativa é de uma produção de 2,3 milhões de toneladas. A cultura se encontra totalmente colhida nessa região. Produtores que cultivaram o milho verão estão satisfeitos com os preços praticados no mercado, visto que grande parte dos volumes já foram comercializados.

Na Região Sudeste, a estimativa também é de redução

na área plantada, sendo 8,2% menor do que a safra anterior. Com produtividades melhores do que a safra passada, a produção da região deve atingir 7,7 milhões de toneladas.

Em Minas Gerais, o plantio apresentou uma redução de 9,2% em relação à safra anterior, passando de 909,4 mil hectares para 825,7 mil hectares devido à predileção dos agricultores pela soja, que apresentava preços mais remuneradores na ocasião do plantio e ao atraso das chuvas que acabou tendo influência também no estreitamento da janela de plantio.

As áreas de plantio foram colhidas quase totalmente, restando ainda algumas poucas áreas para finalizar, apresentando bons rendimentos, com média de 6.535 kg/ha. A evolução da colheita sofreu atraso em decorrência do atraso do plantio e da priorização da colheita da soja.

Em São Paulo, após anos de aumento de área, o plantio de milho primeira safra apresentou retração, abrindo espaço para a soja. O que se verifica atualmente é uma recuperação nos preços praticados em nível de produtor. Essa mudança fez com que o produtor acelerasse a colheita para se beneficiar dos preços praticados. Essa valorização do milho tem correlação direta com quebra na produção do milho na Argentina.

Na Região Sul, maior produtora de milho primeira safra do país, a cultura apresentou a maior redução percentual na área plantada (19,6%), estimada agora em 1.377,4 mil hectares, contra os 1.712,9 mil hectares da safra passada. Com produtividades impactadas pela redução das precipitações, a produção deve atingir 10,3 milhões de toneladas, queda de 26,6%.

No Paraná, a colheita já está concluída. A produção chegou a 2,9 milhões de toneladas. O clima ameno durante o verão, com noites mais frias, foi um dos principais motivos para o bom desempenho da cultura, que apresentou rendimento de 8.748 kg/ha, na média.

As vendas seguem em bom ritmo desde a valorização dos preços no início do ano devido à expectativa de redução na produção da segunda safra. O percentual comercializado passa dos 70%, sendo 23% superior ao mesmo período do ano passado. Os preços ora praticados se encontram em cerca de 10% acima do custo de produção, mas ainda não chegam a ameaçar a soberania da soja, como em 2016, quando houve redução na área da oleaginosa.

Em Santa Catarina, a colheita se encontra praticamente encerrada, faltando menos de 2% das lavouras a serem colhidas, e cujo produto deve permanecer, em



grande parte, na propriedade para servir de alimento aos animais de criação. Ainda há lavouras em fase de granação, que devem ser direcionadas à produção de silagem, mas podem ser revertidas para a produção de grãos caso o preço se mantenha atrativo.

A estabilidade climática das últimas semanas favoreceu a operação, haja vista que praticamente não houve precipitações em frequência e volume significativo na maioria das regiões, o que garantiu que o produto fosse retirado da lavoura de forma constante, sem prejudicar sua qualidade.

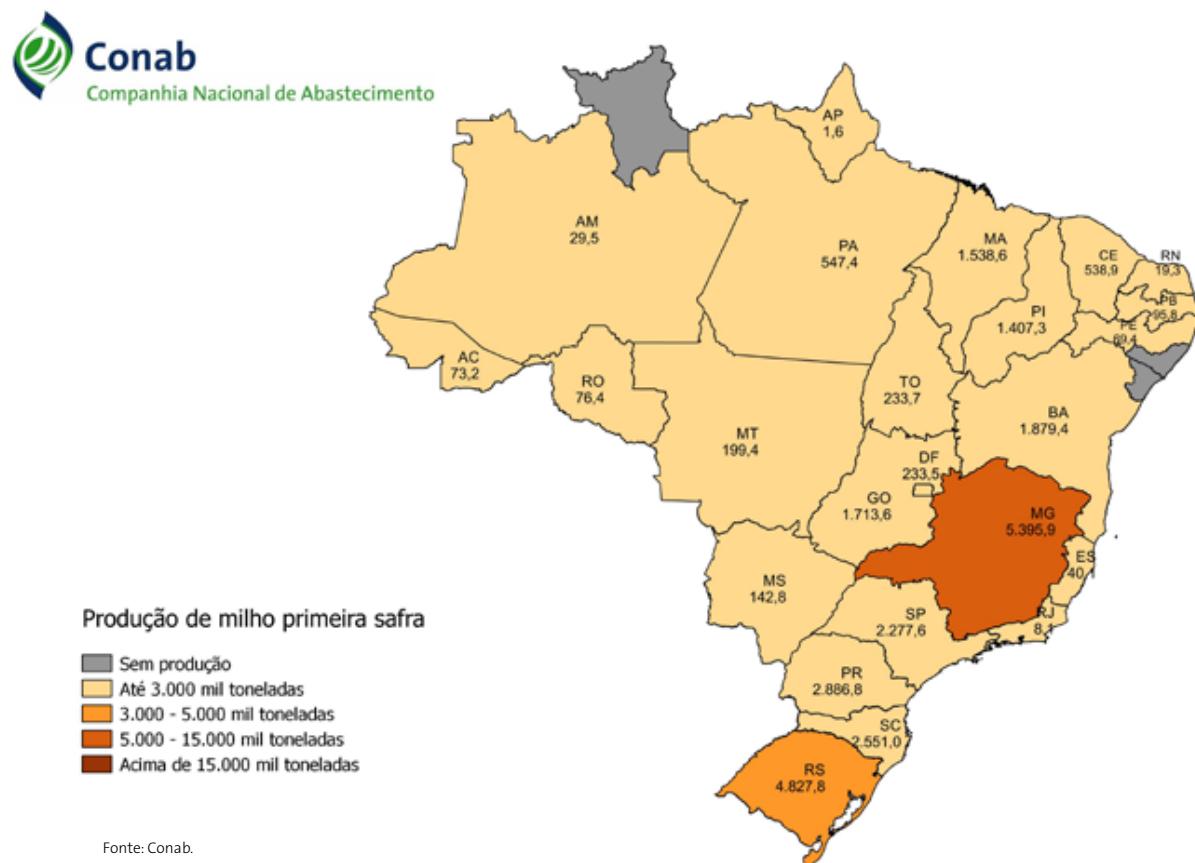
Mesmo com as boas condições climáticas favorecendo a melhora nas estimativas de produtividade, esta ficou abaixo do observado na safra passada, quando as condições climáticas foram mais favoráveis. Para essa safra ela deve alcançar em torno de 7.997 kg/ha. Os preços reagiram positivamente nos últimos dias. Dessa forma, a comercialização do cereal vem avançando ao longo das últimas semanas, não só pelos produtores que necessitam quitar seus contratos com as empresas fornecedoras de insumos, mas também pelos que possuem produto em depósito para acerto futuro.

No Rio Grande do Sul, com 92% da área total colhida, a colheita do milho se encaminha para o final. Restam apenas as áreas mais tardias nas regiões mais frias ou após fumo e milho silagem. Assim, temos Bagé com 10% colhido, Canguçu com 13%, Pelotas com 55% e 5% nas regiões de Soledade, Lajeado e Caxias do Sul. A região noroeste, por sua vez, está praticamente finalizada.

Com o final da colheita e a consolidação das informações, foi mantida a produtividade de 6.628 kg/ha, redução 11% em relação à safra anterior, e produção total de 4,8 milhões de toneladas, 20% a menos que a safra anterior. Embora haja redução na produtividade em relação à safra anterior, ela está entre as maiores já registradas no estado e muito próxima à média das últimas cinco safras.

A metade norte do estado apresentou as maiores produtividades, com destaque positivo para a região de Vacaria, com 9.600 kg/ha. A comercialização do milho segue constante, atingindo os 68% da produção total esperada, reflexo da alta nos preços do cereal.

Figura 36 – Mapa da produção agrícola – Milho primeira safra



Quadro 8 - Histórico das condições hídricas gerais e possíveis impactos nas diferentes fases* da cultura nas principais regiões produtoras do país – Milho primeira safra

UF	Mesorregiões	Milho primeira safra													
		SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT
PA	Sudeste Paraense	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C							
MA	Oeste Maranhense			P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C					
	Sul Maranhense	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C							
PI	Norte Piauense			P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	C				
	Sudoeste Plaiuense	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C								
	Sudeste Piauense			P/G	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C						
	Noroeste Cearense			P/G	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C						
	Norte Cearense			P/G	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C						
CE	Sertões Cearenses			P/G	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C						
	Jaguaribe	P/G	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C								
	Centro-Sul Cearense			P/G	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C						
	Sul Cearense	P/G	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C								
RN	Oeste Potiguar			P/G	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C						
	Agreste Potiguar			P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C						
PB	Sertão Paraibano			PP	P/G/DV	F/FR	FR/M	M/C	C						
	Agreste Paraibano			P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C						
PE	Sertão Pernambucano			PP	P/G/DV	F/FR	FR/M	M/C	C						
	Extremo Oeste Baiano	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C							
BA	Vale São-Franciscano da Bahia	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C							
	Centro Norte Baiano	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C							
	Centro Sul Baiano	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C							
MT	Sudeste Mato-grossense	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C							
	Centro Goiano	PP	P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C						
GO	Leste Goiano	PP	P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C						
	Sul Goiano	PP	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C							
DF	Distrito Federal	PP	P/G	P/G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C							
	Noroeste de Minas	P/G	P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C						
MG	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba	P/G	P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C						
	Metropolitana de Belo Horizonte	P/G	P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C						
	Oeste de Minas	P/G	P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C						
	Sul/Sudoeste de Minas	P/G	P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C						
	Campo das Vertentes	P/G	P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C						
	Zona da Mata	P/G	P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C						
SP	São José do Rio Preto	P/G	G/DV	DV	F/FR	FR/M	M/C	C							
	Ribeirão Preto	P/G	G/DV	DV	F/FR	FR/M	M/C	C							
	Bauru	P/G	G/DV	DV	F/FR	FR/M	M/C	C							
	Campinas	P/G	G/DV	DV	F/FR	FR/M	M/C	C							
	Itapetininga	PP	P/G	G/DV	DV	F/FR	FR/M	M/C	C						
	Macro Metropolitana Paulista	PP	P/G	G/DV	DV	F/FR	FR/M	M/C	C						
PR	Centro Ocidental Paranaense	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	C						
	Norte Central Paranaense	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	C						
	Norte Pioneiro Paranaense	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	C						
	Centro Oriental Paranaense	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	C						
	Oeste Paranaense	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	C						
	Sudoeste Paranaense	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	C						
	Centro-Sul Paranaense	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	C						
	Sudeste Paranaense	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	C						
	Metropolitana de Curitiba	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	C						
SC	Oeste Catarinense	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C							
	Norte Catarinense	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C							
	Serrana	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C							
	Vale do Itajaí	P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	C						
RS	Noroeste Rio-grandense	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C							
	Nordeste Rio-grandense	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C							
	Centro Ocidental Rio-grandense	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C							
	Centro Oriental Rio-grandense	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C							
	Metropolitana de Porto Alegre	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C							
	Sudeste Rio-grandense	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C							

Legendas:

Baixa restrição - falta de chuvas Favorável Média restrição - falta de chuva Baixa restrição - excesso de chuva

* - (PP)=pré-plantio; (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

** Total ou parcialmente irrigado.



Tabela 29 – Comparativo de área, produtividade e produção – Milho primeira safra

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	311,8	294,8	(5,5)	3.194	3.262	2,1	996,0	961,8	(3,4)
RO	40,2	31,0	(22,9)	2.661	2.466	(7,3)	107,0	76,4	(28,6)
AC	34,9	31,0	(11,2)	2.350	2.360	0,4	82,0	73,2	(10,7)
AM	12,2	11,5	(5,7)	2.526	2.563	1,5	30,8	29,5	(4,2)
AP	1,7	1,6	(5,3)	962	988	2,7	1,6	1,6	-
PA	176,9	166,8	(5,7)	3.142	3.282	4,5	555,8	547,4	(1,5)
TO	45,9	52,9	15,2	4.766	4.417	(7,3)	218,8	233,7	6,8
NORDESTE	1.806,6	1.936,5	7,2	2.469	2.865	16,0	4.460,8	5.548,7	24,4
MA	292,8	315,6	7,8	4.240	4.875	15,0	1.241,5	1.538,6	23,9
PI	418,2	425,3	1,7	3.037	3.309	9,0	1.270,1	1.407,3	10,8
CE	514,0	528,9	2,9	815	1.019	25,0	418,9	538,9	28,6
RN	29,2	40,9	40,0	348	473	35,9	10,2	19,3	89,2
PB	86,5	109,5	26,6	446	875	96,2	38,6	95,8	148,2
PE	84,1	136,0	61,7	74	510	589,2	6,2	69,4	1.019,4
BA	381,8	380,3	(0,4)	3.864	4.942	27,9	1.475,3	1.879,4	27,4
CENTRO-OESTE	350,0	284,7	(18,7)	8.060	8.041	(0,2)	2.821,0	2.289,3	(18,8)
MT	33,4	27,2	(18,6)	7.676	7.331	(4,5)	256,4	199,4	(22,2)
MS	28,0	15,5	(44,6)	9.340	9.212	(1,4)	261,5	142,8	(45,4)
GO	260,0	214,2	(17,6)	8.000	8.000	-	2.080,0	1.713,6	(17,6)
DF	28,6	27,8	(2,8)	7.800	8.400	7,7	223,1	233,5	4,7
SUDESTE	1.301,2	1.195,6	(8,1)	6.295	6.458	2,6	8.191,5	7.721,7	(5,7)
MG	909,4	825,7	(9,2)	6.374	6.535	2,5	5.796,5	5.395,9	(6,9)
ES	13,2	13,4	1,5	2.832	2.995	5,8	37,4	40,1	7,2
RJ	2,7	3,5	29,0	2.332	2.318	(0,6)	6,3	8,1	28,6
SP	375,9	353,0	(6,1)	6.255	6.452	3,1	2.351,3	2.277,6	(3,1)
SUL	1.712,9	1.377,4	(19,6)	8.169	7.453	(8,8)	13.992,7	10.265,6	(26,6)
PR	507,7	330,0	(35,0)	9.243	8.748	(5,4)	4.692,7	2.886,8	(38,5)
SC	400,3	319,0	(20,3)	8.152	7.997	(1,9)	3.263,2	2.551,0	(21,8)
RS	804,9	728,4	(9,5)	7.500	6.628	(11,6)	6.036,8	4.827,8	(20,0)
NORTE/NORDESTE	2.118,4	2.231,3	5,3	2.576	2.918	13,3	5.456,8	6.510,5	19,3
CENTRO-SUL	3.364,1	2.857,7	(15,1)	7.433	7.095	(4,5)	25.005,2	20.276,6	(18,9)
BRASIL	5.482,5	5.089,0	(7,2)	5.556	5.264	(5,3)	30.462,0	26.787,1	(12,1)

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em junho/2018.

9.1.7.2. MILHO SEGUNDA SAFRA

A semeadura do milho segunda safra é altamente dependente da velocidade da colheita da soja, tendo em vista que, na grande maioria dos estados, o cultivo é em sucessão. O atraso no início do plantio da soja pôs tergou a época de colheita da oleaginosa e encurtou a janela ideal de semeadura do milho.

No momento da tomada de decisão do produtor ocorreu duas coisas importantes. A primeira foi a redução na área semeada, agora estimada em 11,6 milhões de hectares, redução de 4,4% frente a temporada 2016/17. Além disso, o produtor, nos principais estados produtores, optou em reduzir o pacote tecnológico utilizado na cultura, sobretudo no quesito sementes e nutrição,

o que levou a uma redução na expectativa de produtividade, visto que a cultura teve seu potencial produtivo reduzido.

De modo geral, a produtividade do milho é influenciada pelo número de espigas por hectares (o que tem relação direta com o número de plantas), número de grãos por espiga (número de fileiras multiplicado pelo número de grãos por fileira) e peso do grão. Apesar da redução no pacote tecnológico, a cultura foi favorecida por bons regimes pluviométricos no momento da semeadura, o que garantiu um bom estande de plantas por hectares e, consequentemente, um bom número de espigas por hectares.



Ainda no desenvolvimento vegetativo a planta define o número de fileiras por espiga e o número de grãos por fileiras. Grande parte da produção do país também foi favorecida por boas condições climáticas nesse momento, garantido a manutenção de produtividades próximas do normal, mas algumas lavouras da cultura que ainda se encontra nesse estádio no final de abril começou a ser impactada por deficit hídrico, reduzindo ainda mais o potencial da cultura, sobretudo porque houve encurtamento na janela ideal de plantio.

Em seguida, a cultura entra no estágio reprodutivo, fortemente dependente de condições climáticas, que favorecem a polinização. Os grãos de pólen do milho correm o risco de se tornar inviáveis caso a temperatura do ar esteja muito alta (acima de 40°C) e haja estresse por deficiência de água.

Apesar de a temperatura não ter alcançado valores tão elevados ao longo de abril e maio, o deficit hídrico foi bem relevante no Paraná, São Paulo, Mato Grosso do Sul, em parte de Minas Gerais, Goiás, na região produtora do Maranhão, Piauí e Tocantins, o que reduziu a produtividade média em 7,6% em relação ao levantamento passado e sendo 9,6% menor do que a última safra. A estimativa é que o país colha, em média, 5.029 kg/ha nessa safra, ante aos 5.564 kg/ha na safra 2016/17.

Na Região Norte, permanece a estimativa de diminuição na área plantada, agora em 6%, comparada com o ocorrido na safra passada. A produtividade média deve sofrer um recuo de 2,5% nessa safra, estimada em 4.146 kg/ha, resultando numa produção de 1,56 milhão de toneladas.

Em Roraima, o plantio da safra 2017/18 foi finalizado nas áreas de produção empresarial, sendo confirmada 7,8 mil hectares cultivados, superando em 35% a área empresarial de 2016/17, que foi de 5,8 mil hectares. O aumento na área empresarial tem relação com a alta dos preços e também pelo fato de que já havia áreas de lavrado adubadas, com cerca de três anos com produção de soja, baixando o custo para investir na cultura do milho.

Este ano, além dos motivos acima expostos, houve uma grande demanda de milho em 2017, principalmente no verão, de criadores de gado em confinamento. Ressalte-se que o milho empresarial, em Roraima, não é cultivado em sucessão à soja em vista do período de chuvas muito curto, devendo o produtor escolher entre a soja e o milho. A área de milho da agricultura familiar permanece em 1,8 mil hectares. Portanto, a intenção de plantio para a safra 2017/18 atinge uma área total de 9,6 mil hectares.

A produtividade média, em que pese o setor empresarial reafirmar um alcance de 6.000 kg/ha, sofre redução, já que a agricultura familiar não consegue atingir produtividades tão altas. Portanto, calcula-se um valor médio de 4.857 kg/ha.

Em Rondônia, o perfil do produtor que cultiva essa cultura é de médio a grande produtor, com elevado nível tecnológico, ampla utilização de corretivos, fertilizantes, defensivos e uso de mecanização agrícola, assim, garantindo elevadas produtividades.

A área cultivada está estimada em 151,4 mil hectares, com produtividade em torno de 4.586 kg/ha, resultando em produção de 694,3 mil toneladas. Atualmente o estádio da cultura é de 15% em pondoamento, 45% em enchimento de grão e 40% em maturação.

Não foi observado ainda o início da colheita do milho segunda safra no estado, muito embora no Vale do Guaporé há milho apto a ser colhido na primeira semana de junho. Na prática, os produtores tendem a deixá-lo no campo e colher mais adiante, pois a probabilidade de ocorrência de chuva reduz nessa época do ano e o risco de que o valor da saca reduza não é iminente.

Figura 37 - Linha de leite do milho sequeiro segunda safra, em São Miguel do Guaporé-RO



Fonte: Conab.

No Pará, o milho segunda safra se encontra em fase de desenvolvimento vegetativo, com destaque para a região de Santana do Araguaia, onde a cultura, com 15% já comercializada, encontra-se em fase avançada de desenvolvimento, apesar do atraso na semeadura, reflexo do tardio plantio da soja. No polo de Paragominas, último a plantar no estado, a cultura se encontra nas fases de desenvolvimento vegetativo/enchimento de grãos, na maior parte da área semeada.



Em Tocantins, a expectativa inicial era de uma redução expressiva na área cultivada com milho na segunda safra devido ao atraso do plantio da soja. Porém, com as boas condições pluviométricas no final de fevereiro e em março, os produtores alimentaram a esperança de que essa condição perdurasse até a fase de enchiamento de grãos.

Assim, o plantio foi realizado até um pouco mais tarde da janela ideal para o estado, sendo esse fato registrado em praticamente todo o estado. Mas como também a situação é de um risco um pouco maior, houve redução de investimentos em insumos e aumento no registro de utilização de semente salva. Mesmo assim, a área semeada foi 5,3% inferior à safra 2016/17, totalizando 147,1 mil hectares.

As lavouras se desenvolveram bem durante março e na primeira quinzena de abril, com os bons volumes precipitados ocorridos em todo o estado. Porém, o decréscimo dos volumes de chuva a partir da segunda quinzena de abril e a quase completa ausência delas em maio comprometeram os índices de produtividade da cultura de milho em todo o estado, agora estimada em 3.960 kg/ha. O resultado deve ser uma produção de 582,5 mil toneladas, 14,8% inferior à safra passada.

A Região Nordeste também registrou redução na área semeada, agora estimada em 5,3%, quando comparada à safra anterior. Com produtividade em média de 2.604 kg/ha, a menor do país, a produção deve ser de 1,96 milhão de toneladas.

No Maranhão, as lavouras de milho segunda safra estão marcadas por uma relativa indefinição, notadamente quanto à semeadura, o estabelecimento seguro da lavoura e os demais estágios de desenvolvimento da cultura. O período de semeadura do cereal foi realizado, em sua grande maioria, nos limites máximos da “janela” de plantio, fazendo com que a cultura fosse submetida a condições climáticas adversas, especialmente a um rigoroso estresse hídrico nos últimos meses.

Dois fatores foram preponderantes para a forte redução de produtividade. O primeiro foi o excesso de chuva no período da colheita da soja, o que provocou atraso nesse processo em muitas áreas. Como o milho é plantado basicamente em sucessão à soja nessas áreas, acabou por atrasar o plantio e os produtores,

por apostarem em um período chuvoso mais prolongado, estenderam as operações de plantio do milho até abril, visto que a janela ideal de plantio do milho segunda safra para o estado é entre 20 de fevereiro e 15 de março.

As chuvas cessaram no fim de abril e acumularam um veranico de mais de 30 dias na região. A chuva retornou exatamente no dia 21 de maio, mas um pouco tarde para a recuperação da cultura.

Diante desse cenário evidenciamos que as lavouras devem apresentar perdas de diversas naturezas, tanto na área plantada, diminuindo de 198,9 mil hectares para 172,4 mil hectares cultivados, como na produtividade média, refletindo na reduzida média obtida de 2.800 kg/ha, 21,6% inferior ao observado na safra anterior, que foi de 3.572 kg/ha. Nesse cenário a produção obtida está estimada em 482,7 mil toneladas.

No Piauí, na contramão do restante do país, o milho segunda safra teve um aumento de área na ordem de 28,4% em relação à safra passada, totalizando uma área de 63,2 mil hectares. O plantio iniciou a partir do dia 15 de fevereiro nos municípios de Uruçuí e Baixa Grande do Ribeiro, e mais no final de fevereiro e início de março, nos demais municípios, estendendo-se até o final de março na maior parte das áreas, com exceção de algumas áreas no município de Baixa Grande do Ribeiro onde finalizou dia 4 de abril.

As últimas chuvas que ocorreram na região, com boa intensidade e de abrangência geral, estenderam-se até a primeira quinzena de abril. Após isso houve apenas chuvas isoladas e de baixíssimo volume, o que prejudicou o desenvolvimento da cultura e diminuiu a expectativa de produtividade devido ao estresse hídrico sofrido pelas plantas. As áreas plantadas a partir da segunda quinzena de março estão bastante comprometidas.

Parte da área não será colhida, tornando-se cobertura morta, que será incorporada ao solo no próximo ciclo. Atualmente a cultura se encontra entre as fases de floração e maturação. A previsão é que o início da colheita ocorra na primeira quinzena de junho. A expectativa de produtividade é de 2.900 kg/ha, correspondendo a uma redução de 35,2% em relação ao levantamento anterior. Atualmente não há mais previsão de chuva para a região.

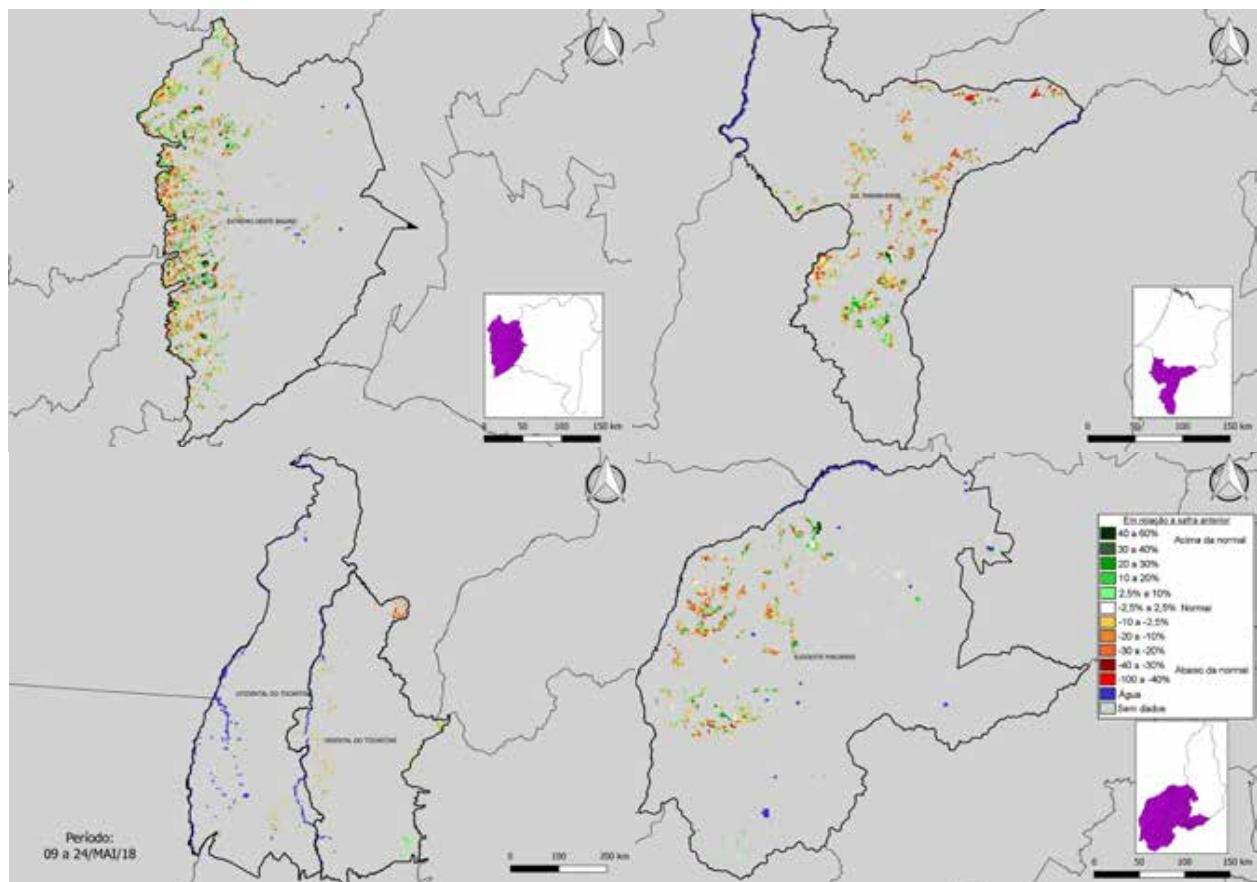


Monitoramento espectral - Matopiba

Nos mapas e nos histogramas, observa-se predominância de áreas com anomalias negativas do Índice de Vegetação (IV) nas principais áreas produtoras de milho segunda safra no Matopiba. Essas anomalias estão associadas a fatores climáticos e diferenças de calendário dessa safra em relação à anterior.

Os gráficos de evolução temporal do IV mostram que a média ponderada do índice da safra atual está, atualmente, abaixo da safra anterior e da média histórica nas quatro regiões monitoradas.

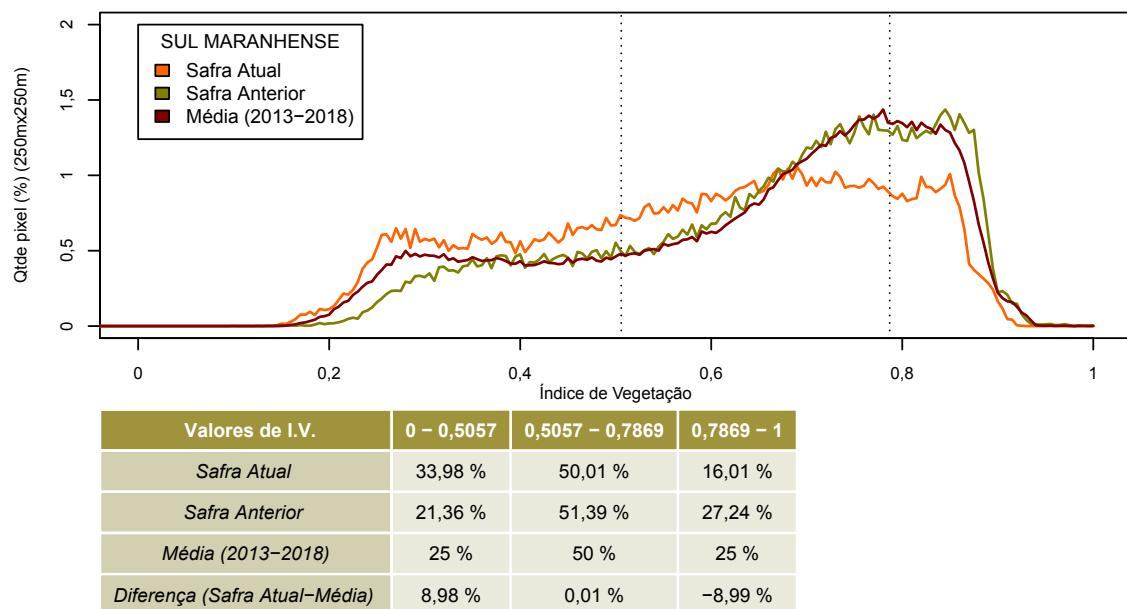
Figura 38 – Mapas de anomalia do IV das lavouras de grãos em relação à safra passada



Fonte: Projeto Glam

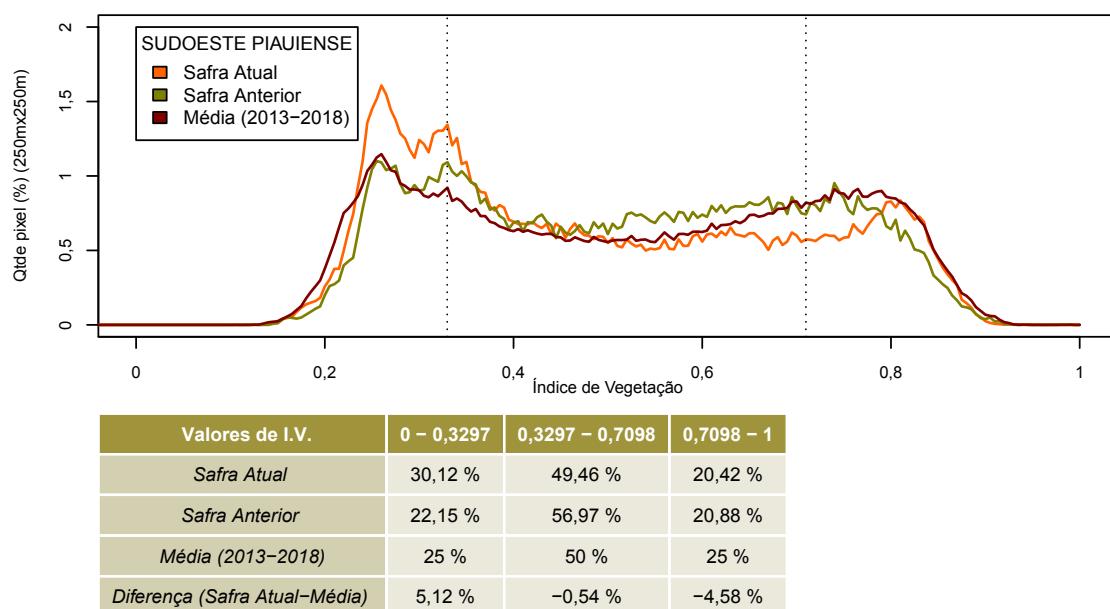


Gráficos 1 - Quantificação de áreas em virtude do IV (histogramas) - Sul maranhense



Fonte: Projeto Glam

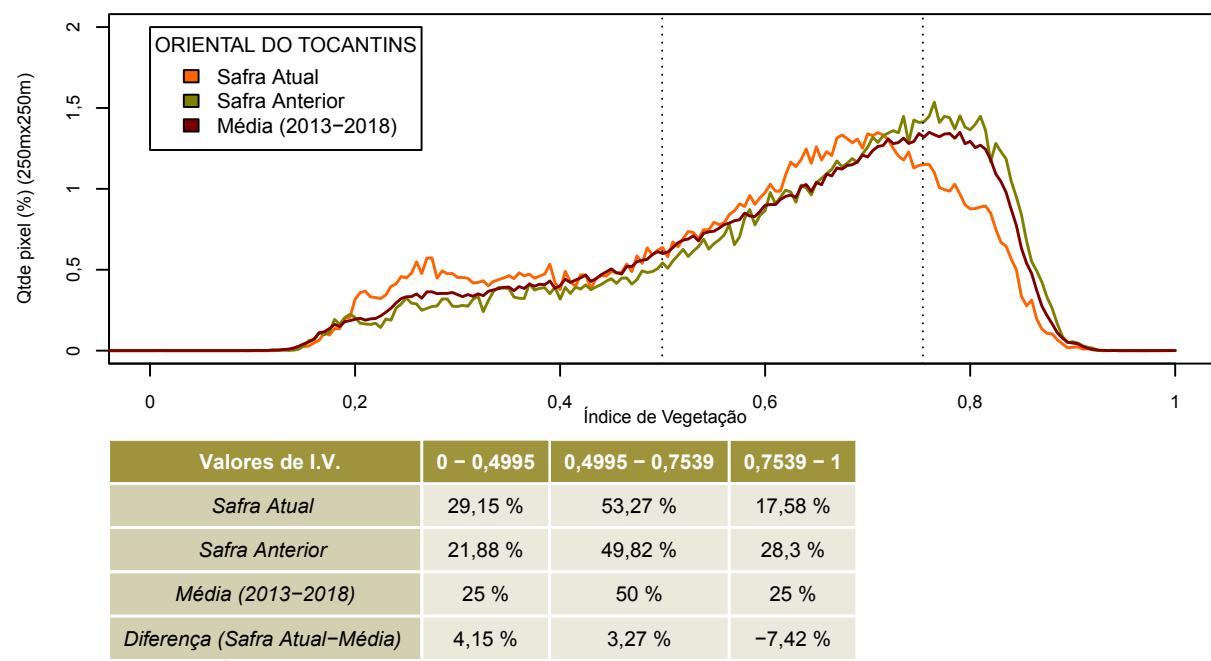
Gráficos 2 - Quantificação de áreas em virtude do IV (histogramas) - Sudoeste piauiense



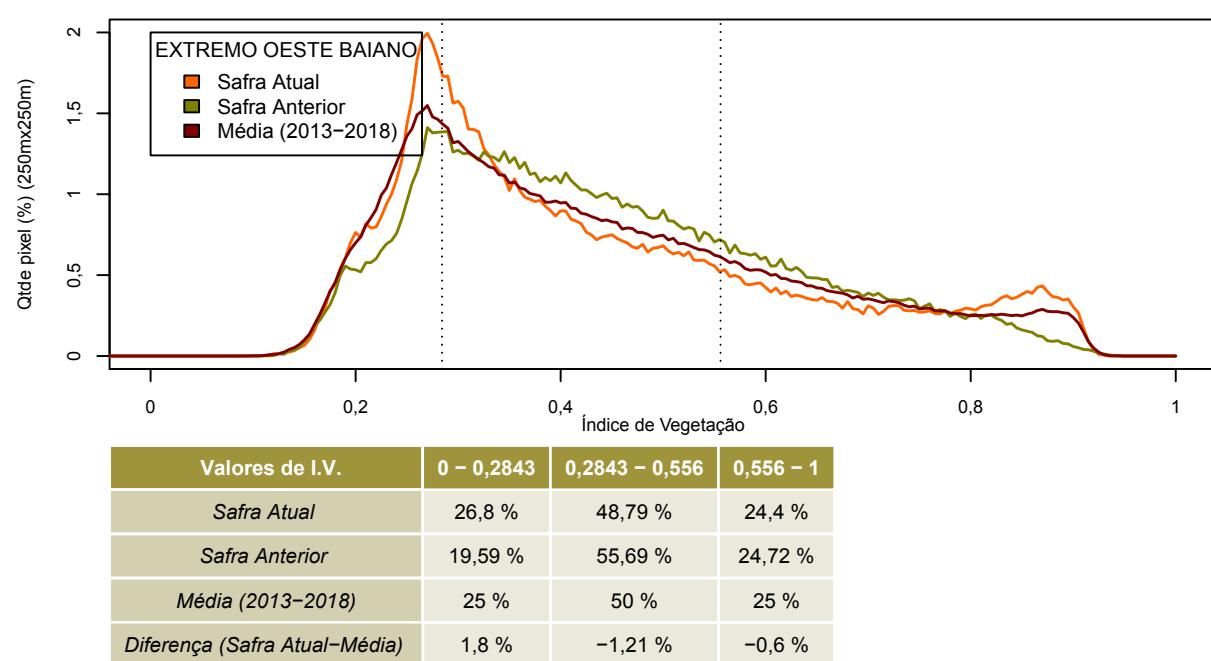
Fonte: Projeto Glam



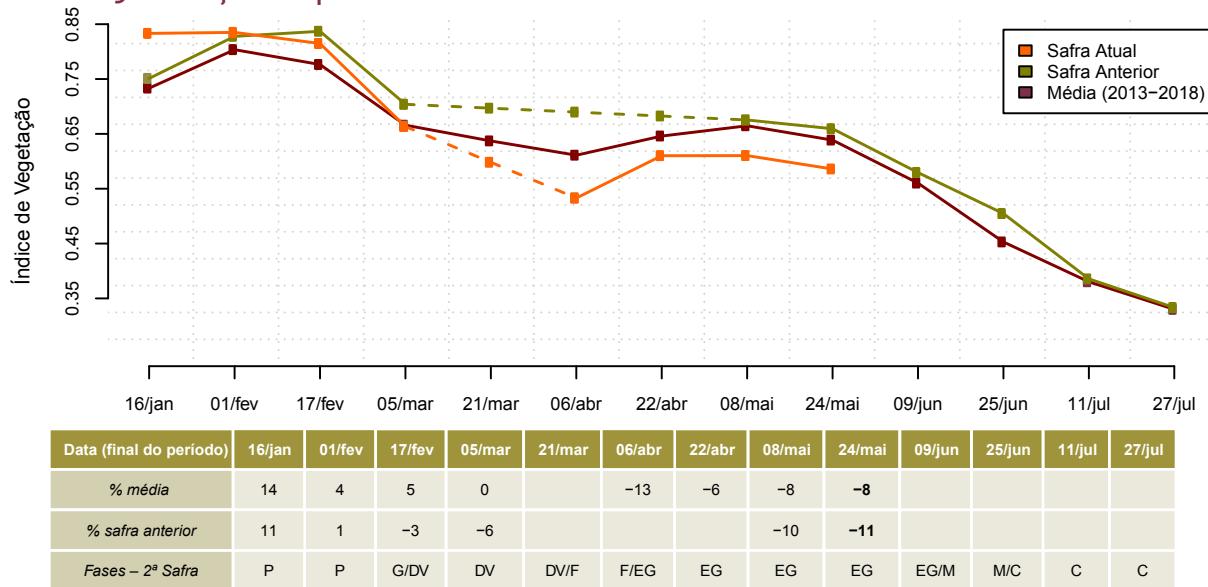
Gráficos 3 - Quantificação de áreas em virtude do IV (histogramas) - Oriental do Tocantins



Gráficos 4 - Quantificação de áreas em virtude do IV (histogramas) - Extremo oeste baiano

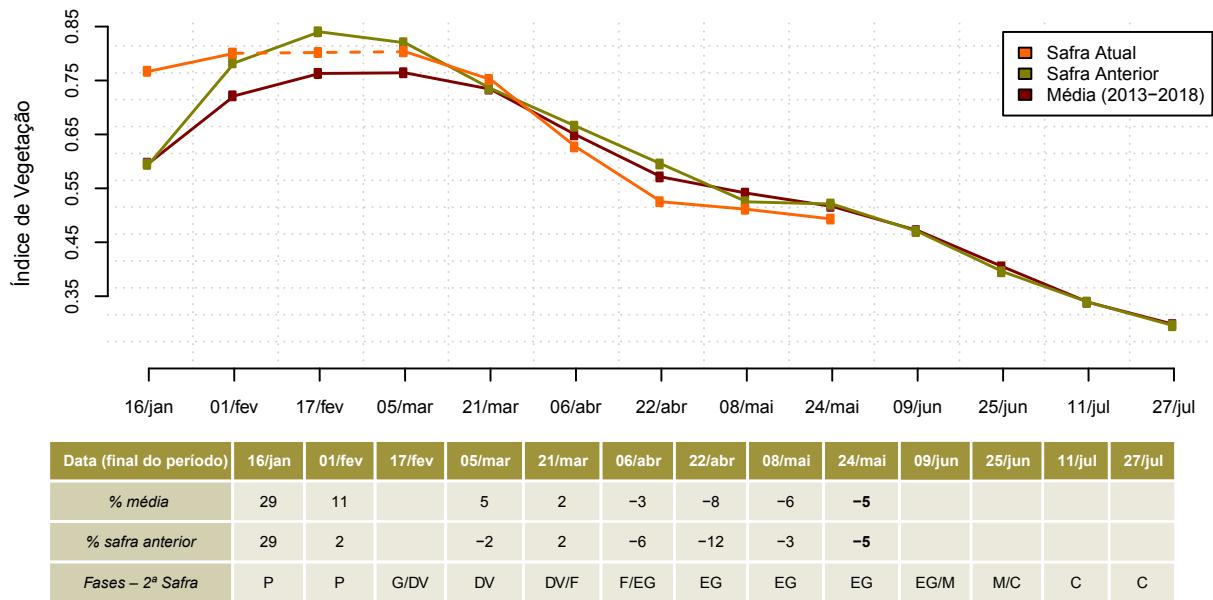


Gráficos 5 - Evolução temporal do IV - Sul maranhense



Fonte: Projeto Glam

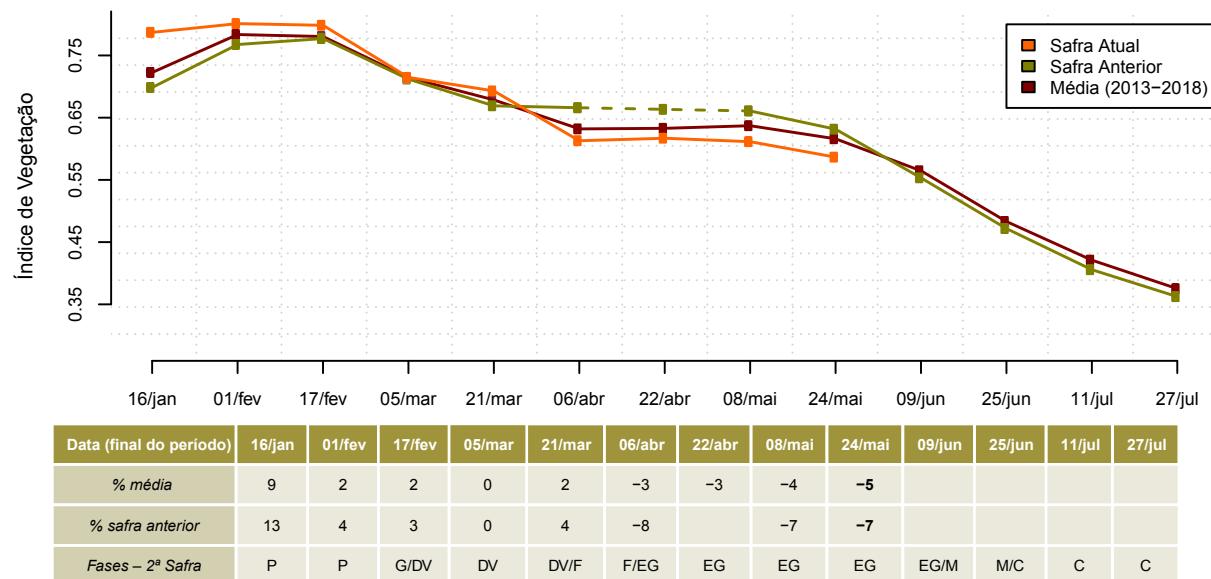
Gráficos 6 - Evolução temporal do IV - Sudoeste piauiense



Fonte: Projeto Glam

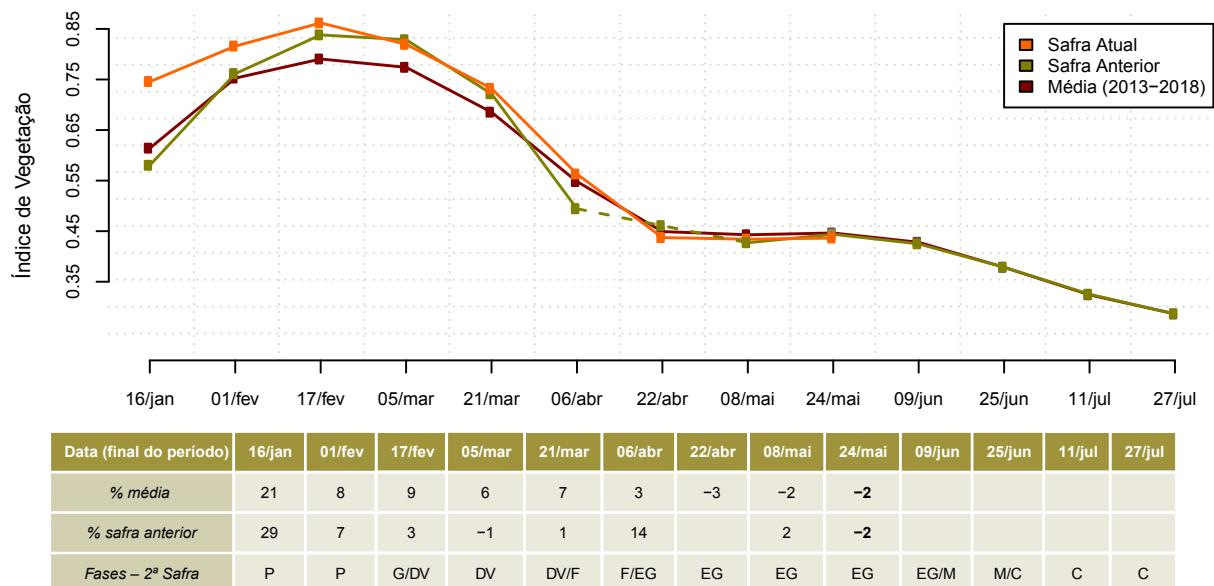


Gráficos 7 - Evolução temporal do IV - Oriental do Tocantins



Fonte: Projeto Glam

Gráficos 8 - Evolução temporal do IV - Extremo oeste baiano



Fonte: Projeto Glam

Em Pernambuco, as lavouras do milho segunda safra são semeadas na mesorregião do Agreste Pernambucano, e grande parte das lavouras se encontram em desenvolvimento vegetativo, restando alguma área ainda a serem plantadas. Em razão das baixas precipitações registradas no mês corrente, o plantio esteja atrasado e as lavouras sendo acometidas por estresse hídrico.

Em Sergipe, apesar de haver precipitações de forma bem distribuída, as quantidades acumuladas até o momento se encontram ainda muito baixas, o que

tem causado preocupação para aqueles produtores que já realizaram a semeadura. As precipitações foram mais abundantes na região sul, tradicionalmente citrícola, mas que nos últimos anos tem aumentado as áreas de cultivo com milho, em substituição às áreas de cultivo de citros. Os prejuízos causados pela mosca-negra e a manutenção e aumento dos preços do milho após a colheita são os grandes responsáveis pelo aumento das áreas de milho nessa região.

Nesse início de safra são esperados o cultivo de milho em cerca de 176,3 mil hectares, cerca de 2,5% superior



aos dados apresentados durante a conclusão da safra 2016/17, com previsão de produzir cerca de 705,2 mil toneladas. Ainda restam cerca de 30% da área para ser semeada, a qual deverá ocorrer até o final de maio em razão das precipitações previstas.

A proporção de área plantada é maior na região sul e centro sul do estado e menor na região do sertão em razão da melhor distribuição de chuvas naquelas regiões. Apesar do veranico que tem preocupado os produtores que já semearam, as expectativas de rentabilidade permanecem dentro da normalidade, uma vez que os preços de milho no mercado internacional seguem com tendência de alta em virtude de alguns eventos como aumento no consumo de proteína animal na China, quebra de safra na Argentina e revisão de safra nos Estados Unidos.

Além desses fatores, a queda no preço de alguns insumos, dentre eles a semente, proporcionou a utilização daquelas mais produtivas. Alguns híbridos foram comercializados com valores cerca de 20% inferior ao comercializado na última safra.

Figura 39 – Área em desenvolvimento vegetativo (V2) em Feira Nova-SE



Fonte: Conab.

Figura 40 – Área em desenvolvimento vegetativo (V5) em Riachão dos Dantas-SE



Fonte: Conab.

Na Bahia, o plantio das lavouras de milho foi iniciado entre o final de abril e início de maio, motivado pela ocorrência de chuvas no início do mês. Estima-se que cerca de 70% da área prevista para cultivo de milho tenha sido semeada. Nas microrregiões de Ribeira do Pombal e Alagoinhas, observou-se maior emprego de mecanização e uso de fertilizantes e defensivos.

A agricultura da região de Adustina e Paripiranga, principal polo de produção de milho da região nordeste baiana, é altamente dependente de recursos de terceiros para o financiamento da atividade agrícola, especialmente do crédito dos bancos públicos.

Nessa safra deveremos verificar uma migração para o cultivo de milho em detrimento do feijão. Essa migração não depende necessariamente das expectativas dos produtores frente aos mercados de milho, mas principalmente da oferta de crédito dos bancos oficiais.

Figura 41 – Lavouras de milho em desenvolvimento vegetativo e em boas condições em Rio Real-BA



Fonte: Conab.

Figura 42 – Lavouras de milho em germinação



Fonte: Conab.

O plantio das lavouras de milho está em fase de finalização, com previsão de término em meados de junho, e os estandes estão muito heterogêneos. Observou-se lavouras recém-germinadas, semeadas e em estágio de desenvolvimento vegetativo. Estima-se que sejam cultivados 230,9 mil hectares, com produção de



521,7 mil toneladas.

Na Região Centro-Oeste, assim como na primeira safra, ocorreu redução no plantio em virtude dos baixos preços do cereal no momento da tomada de decisão do plantio. O resultado é uma área 3,1% menor do que a safra passada. Com produtividade reduzida em razão da diminuição do pacote tecnológico e de condições climáticas desfavoráveis, principalmente no Mato Grosso do Sul, a estimativa é que a região produza 39,7 milhões de toneladas, 6,3 milhões de toneladas a menos do que no período anterior.

Em Mato Grosso, as lavouras estão, predominantemente, no estádio de maturação. A colheita já teve início, porém ainda se restringe a 1% da área estadual de 4.471,2 mil hectares, até o término de maio. De forma geral, o rendimento é próximo à média histórica registrada em Mato Grosso. Estima-se a produtividade média de 5.800 kg/ha, 6,6% inferior à da safra anterior, de 6.212 kg/ha, recorde do estado devido ao plantio

de parcela da safra fora da janela ideal, com emprego de menor tecnologia e susceptibilidade a maior risco climático.

As principais regiões produtoras foram melhores abrangidas pelo regime de chuvas, como o Médio-norte e o Oeste, ao passo que em determinadas regiões no leste de Mato Grosso, em especial no Vale do Araguaia, a ocorrência de maior estiagem limitou o resultado, porém sem impactos generalizados e significativos sobre os números do estado. A produção estadual deverá ser de 25,9 milhões de toneladas, montante 12,6% inferior ao registrado no último ciclo, de 28,6 milhões toneladas.

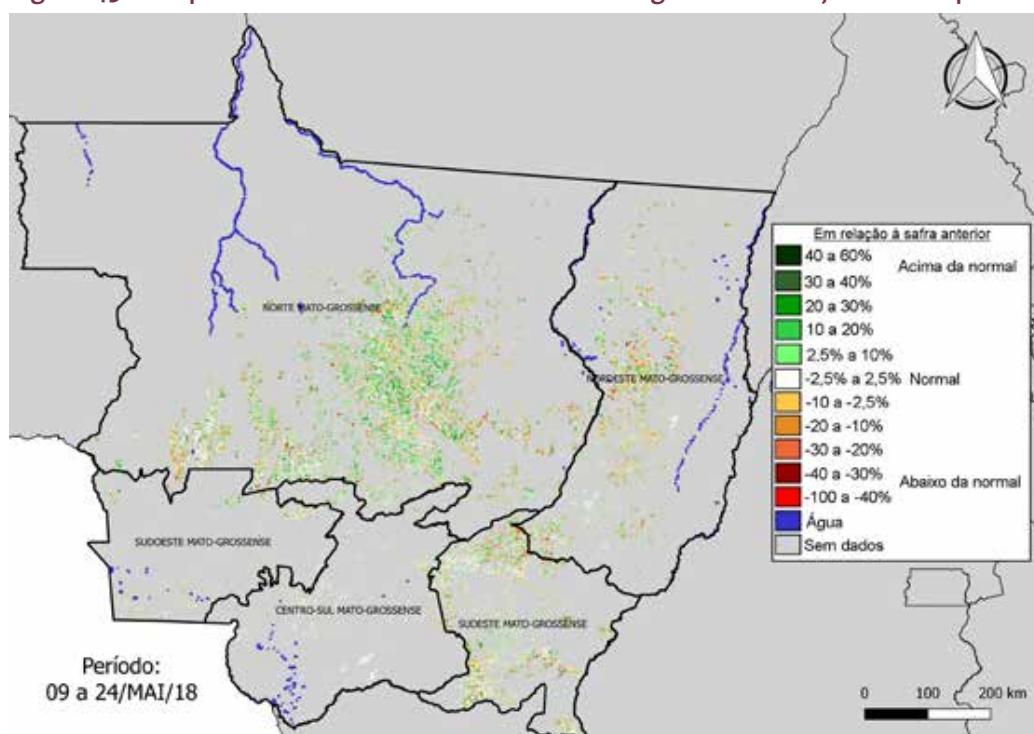
Em termos de mercado, as valorizações do dólar e da bolsa de Chicago, principalmente na primeira quinzena de maio, favoreceram os negócios. A comercialização da safra 2017/18 atinge 60% e os negócios futuros para o ciclo 2018/19 também ganharam fôlego.

Monitoramento espectral - Mato Grosso

No mapa de anomalia do Índice de Vegetação (IV), nos histogramas e nos gráficos de evolução do IV, observa-se atualmente uma condição similar entre os valores do índice da safra atual e da safra anterior no norte e sudeste do estado. As anomalias negativas do mapa,

principalmente na região nordeste do estado, devem-se às condições climáticas e ao atraso no calendário de plantio do milho segunda safra. Essas anomalias são refletidas também no histograma e gráfico de evolução do IV da referida região.

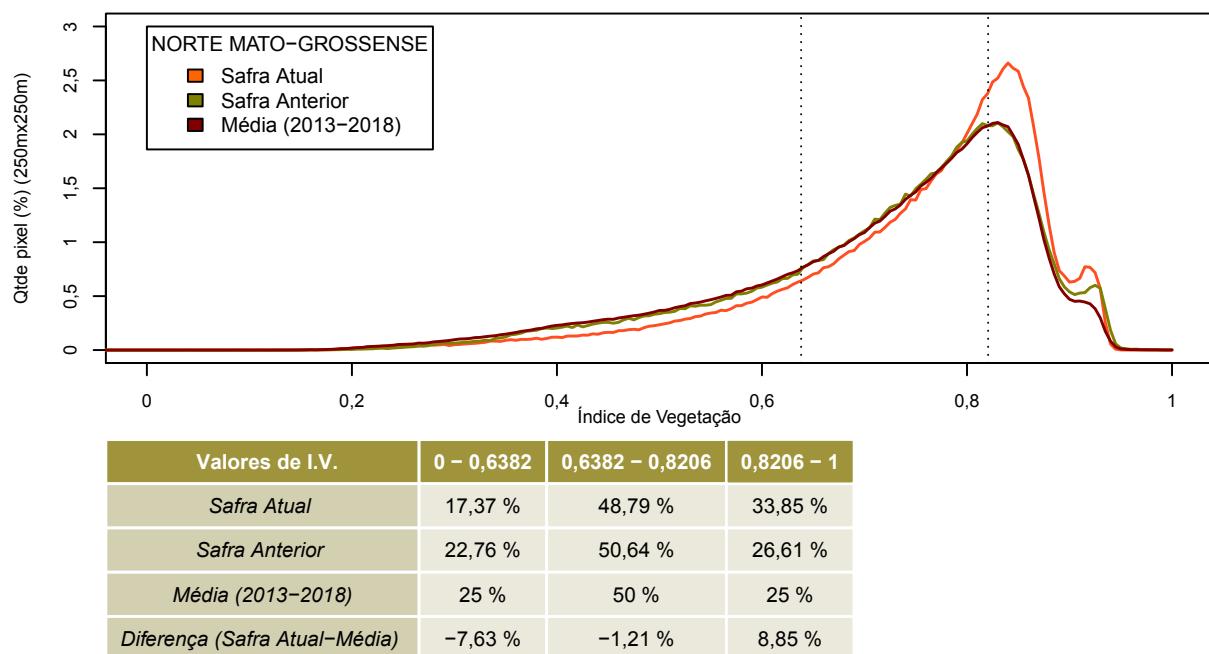
Figura 43 – Mapa de anomalia do IV das lavouras de grãos em relação à safra passada



Fonte: Projeto Glam

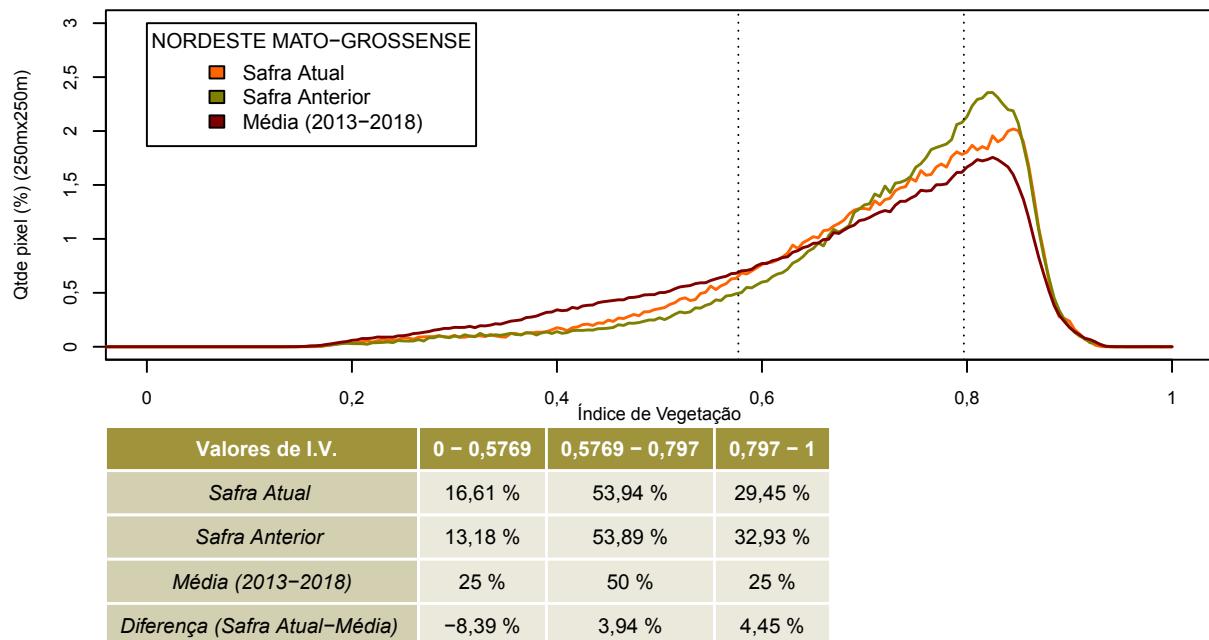


Gráfico 9 - Quantificação de áreas em virtude do IV (histogramas)- Norte mato-grossense



Fonte: Projeto Glam

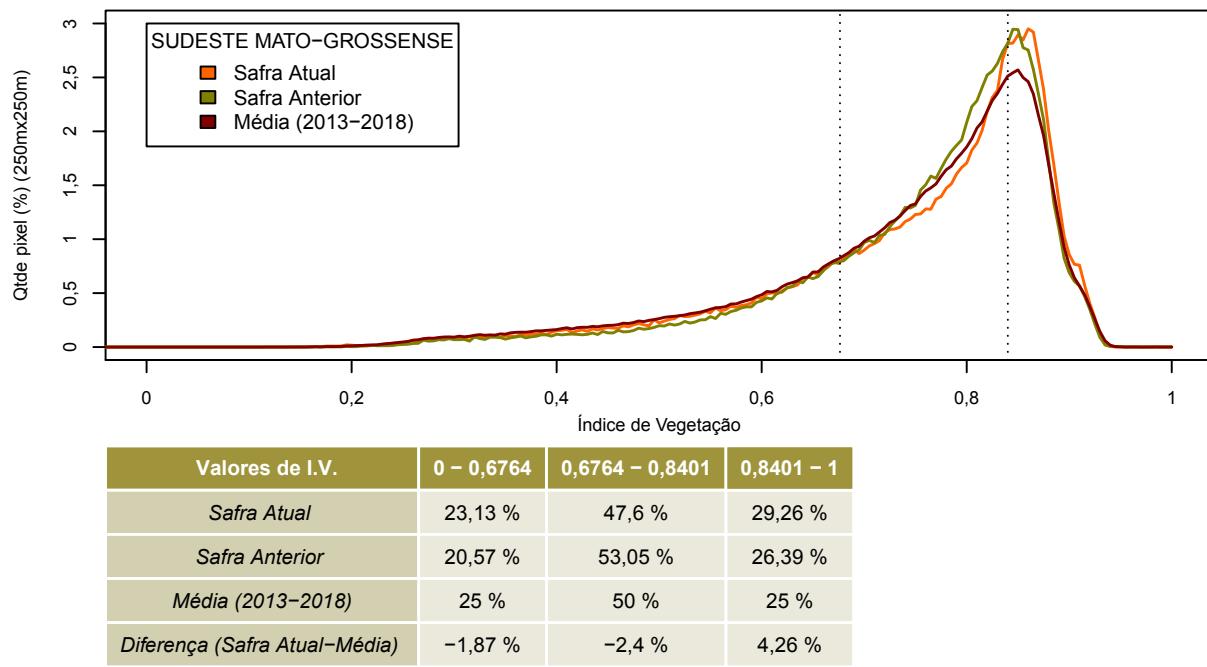
Gráfico 10 - Quantificação de áreas em virtude do IV (histogramas)- Nordeste mato-grossense



Fonte: Projeto Glam

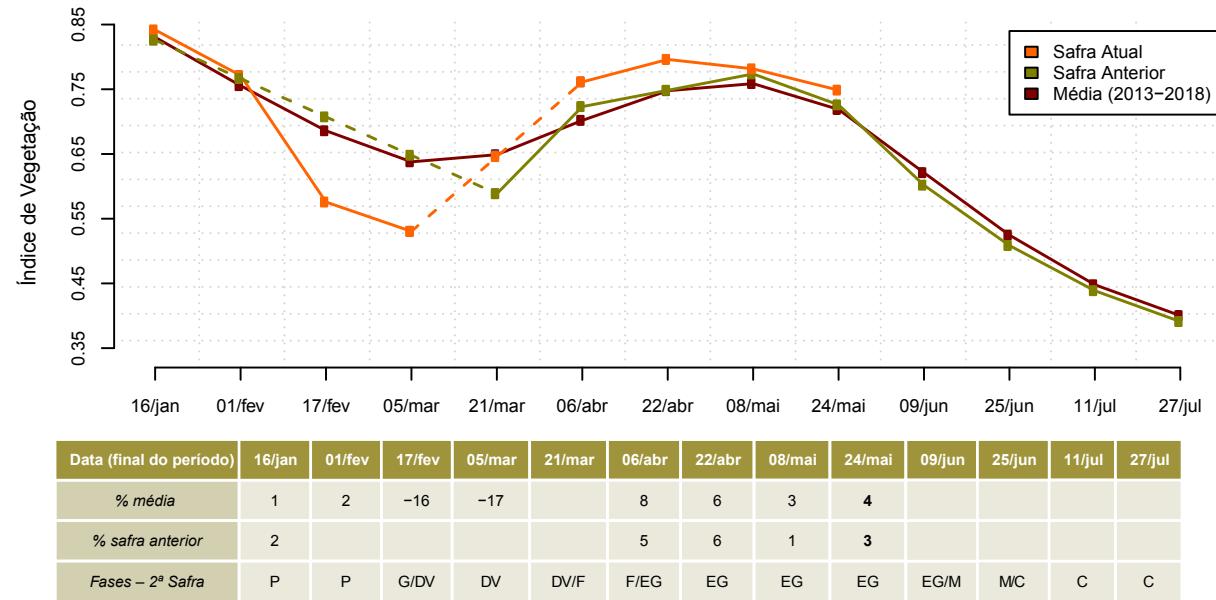


Gráfico 11 - Quantificação de áreas em virtude do IV (histogramas) - Sudeste mato-grossense



Fonte: Projeto Glam

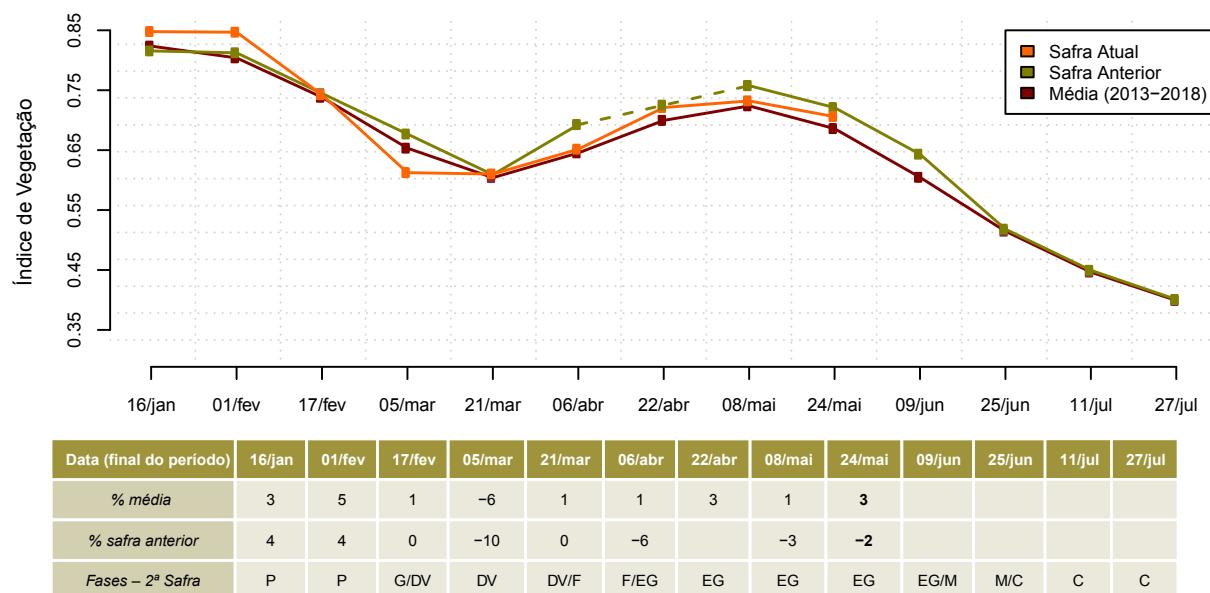
Gráfico 12 - Evolução temporal do IV - Norte mato-grossense



Fonte: Projeto Glam

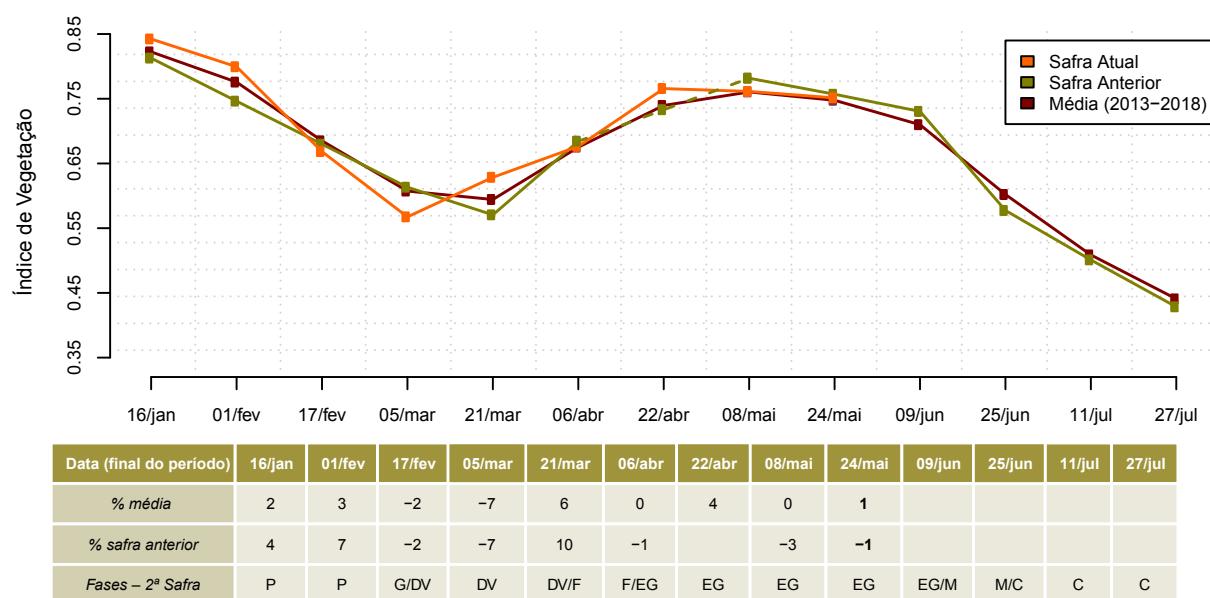


Gráfico 13 - Evolução temporal do IV - Nordeste mato-grossense



Fonte: Projeto Glam

Gráfico 14 - Evolução temporal do IV - Sudeste mato-grossense



Fonte: Projeto Glam

Em Mato Grosso do Sul, a área plantada é de aproximadamente 1,69 milhão de hectares, um valor 4% inferior à safra anterior, com expectativa de produtividade média em torno de 4.000 kg/ha, uma redução estimada de 26,7% em comparação com a safra anterior. A redução da área plantada em relação à safra passada teve como causas o atraso no plantio e

os preços desfavoráveis durante o planejamento do cultivo. O percentual de perda de produtividade varia para cada região produtora, uma vez que a região norte apresentou o menor valor de perda, porém na macrorregião sudoeste as perdas foram maiores do que nas outras regiões.



Figura 44 - Lavoura de milho no município de Maracaju-MS. No detalhe, espiga no estádio leitoso, com a parte superior sem grãos devido à deficiente polinização ou abortamento dos óvulos decorrente do estresse hídrico



Fonte: Conab.

Com o atraso no plantio da cultura da soja em decorrência da falta de chuvas em outubro houve um deslocamento na janela de plantio da leguminosa. Isso, atrelado ao excesso de chuvas na colheita da soja, condicionou o deslocamento da janela de plantio do milho segunda safra.

Figura 45 – Lavoura de milho no município de Maracaju-MS. No detalhe, espiga no estádio pastoso/leitoso e caules de diâmetro normal e finos devido ao estresse hídrico



Fonte: Conab.

Entre abril e maio houve um período de estiagem que em muitas propriedades foi superior a 40 dias, o que causou quebra de produtividade para os produtores nas áreas em estágio de desenvolvimento vegetativo e naquelas em floração e frutificação, também denominadas de embonecamento. Vale ressaltar que no início do desenvolvimento vegetativo a planta necessita de umidade no solo para a definição do potencial produtivo.

Figura 46 - Lavoura de milho no município de Maracaju-MS, com porte baixo e com problemas de crescimento e desenvolvimento devido ao estresse hídrico e vento



Fonte: Conab.

Em meados de abril foram registradas precipitações nas microrregiões do Alto Taquari e Cassilândia, condicionando um melhor crescimento e desenvolvimento das lavouras plantadas na região. Além da maior precipitação, nessas duas microrregiões, a cota (altitude) é superior às demais regiões do estado, condicionando um clima mais ameno, com menor processo de evapotranspiração. Maiores altitudes normalmente também favorecem índices pluviométricos maiores.

Figura 47 - Lavoura de milho plantada com híbrido simples no município de Maracaju-MS. Observa-se um crescimento e desenvolvimento desuniformes devido ao estresse hídrico



Fonte: Conab.



Via de regra, as áreas plantadas mais cedo e/ou onde a textura do solo é mais argilosa, as lavouras foram menos danificadas pela estiagem. Há um alerta para os produtores que fizeram seguro agrícola via contratações de empréstimos de bancos oficiais para a cultura, porém são pouco representativos no estado.

Figura 48 - Lavoura de milho no município de Maracaju-MS. No detalhe, espiga no estádio leitoso recém-polinizada, cuja polinização ocorreu após o período de estresse hídrico de abril e início de maio



Fonte: Conab.

No que diz respeito ao estágio de desenvolvimento da cultura, cerca de 10% está em desenvolvimento vegetativo, 15% em floração, 50% em frutificação e 25% em maturação.

Além do problema da estiagem, vários fatores con-

correm para a produtividade, visto que o diagnóstico da situação requer uma análise multivariada. Outras variáveis são de grande importância para a compreensão desta, por exemplo, o tipo de semente utilizada, muitas localidades utilizaram em maior percentual sementes do tipo convencional, promovendo perdas mais elevadas, pois essas sementes não possuem resistência, diferentemente de variedades transgênicas.

Também o atraso na colheita da soja fez com que mais da metade das lavouras fossem semeadas fora da janela. Além disso, a estiagem prolongada e a baixa umidade relativa do ar impediram a germinação dos grãos de pólen na ocasião da fertilização, comprometendo o potencial produtivo da cultura.

A instabilidade do clima, associada ao manejo inadequado, tem favorecido ao aparecimento de algumas pragas, como percevejo e lagarta. Até então o percevejo tem tido um controle eficaz, porém a lagarta Spodoptera frugiperda começo a gerar preocupações, pois a média de aplicações de inseticida já é maior do que nos anos anteriores, e o alarde é maior quando é sabido que as aplicações não foram eficazes, pois esta prática não é eficiente com o clima quente e seco. Muitos produtores não realizaram as aplicações necessárias, pois alegam que o período de estiagem causou grande perda nas lavouras, não justificando qualquer investimento.

Outro ponto importante é o plantio de sementes não certificadas, isso também tem sido levantado como causa da dificuldade no controle da lagarta, visto que as sementes adquiridas não são resistentes a determinados insetos.

O mercado tem se mostrado aquecido quanto aos preços praticados e futuros, mas existe uma preocupação generalizada com a perda significativa na produtividade. No que diz respeito à comercialização, o estado se encontra com aproximadamente 34% do milho segunda safra comercializado em contratos futuros.



Monitoramento espectral - Mato Grosso do Sul

Figura 49 – Mapa de anomalia do IV das lavouras de grãos em relação à safra passada

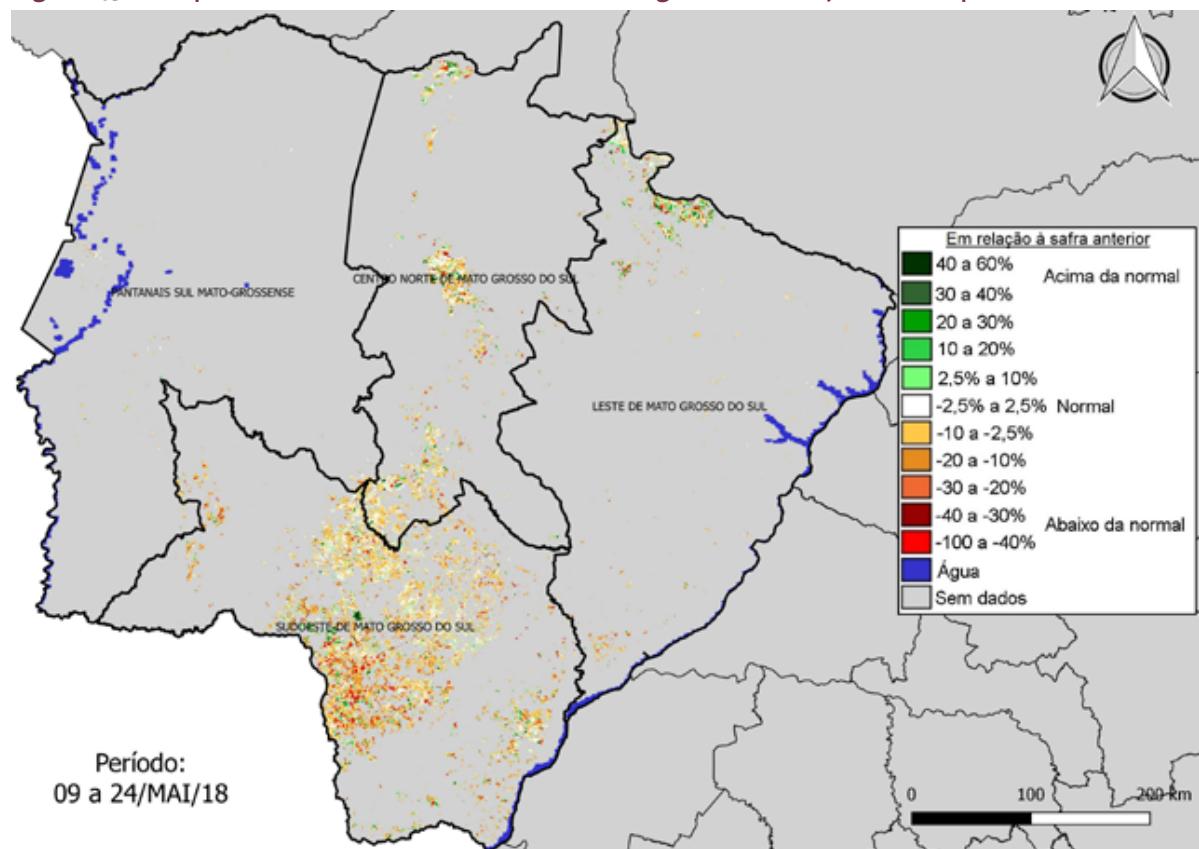
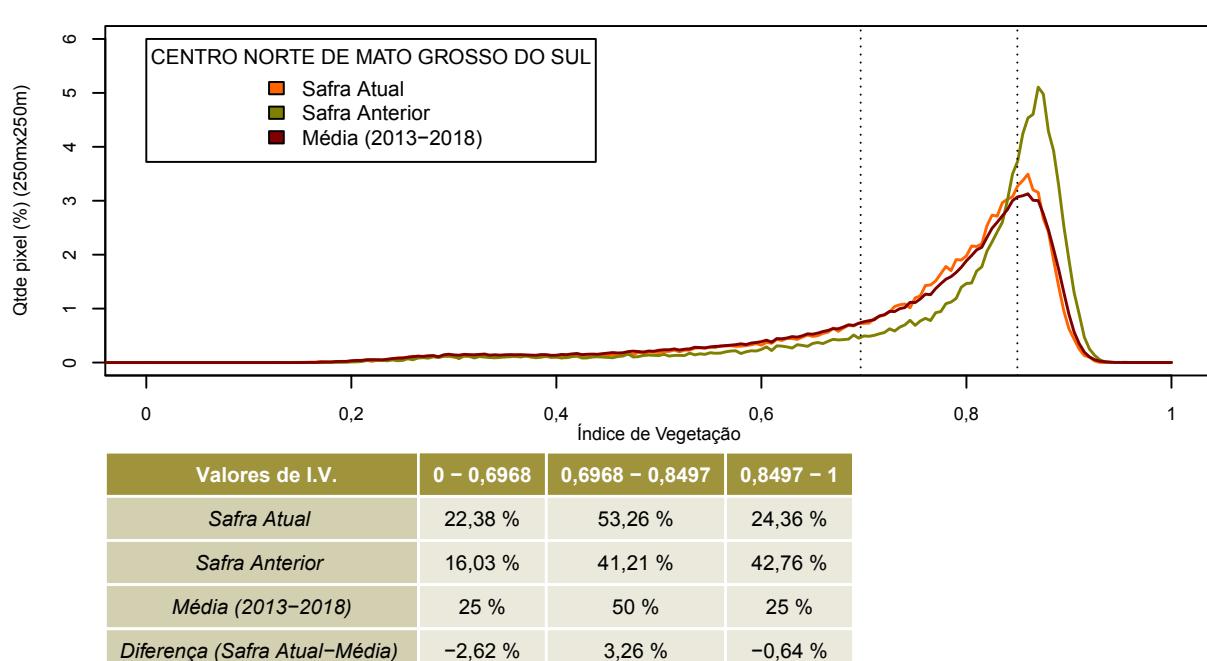


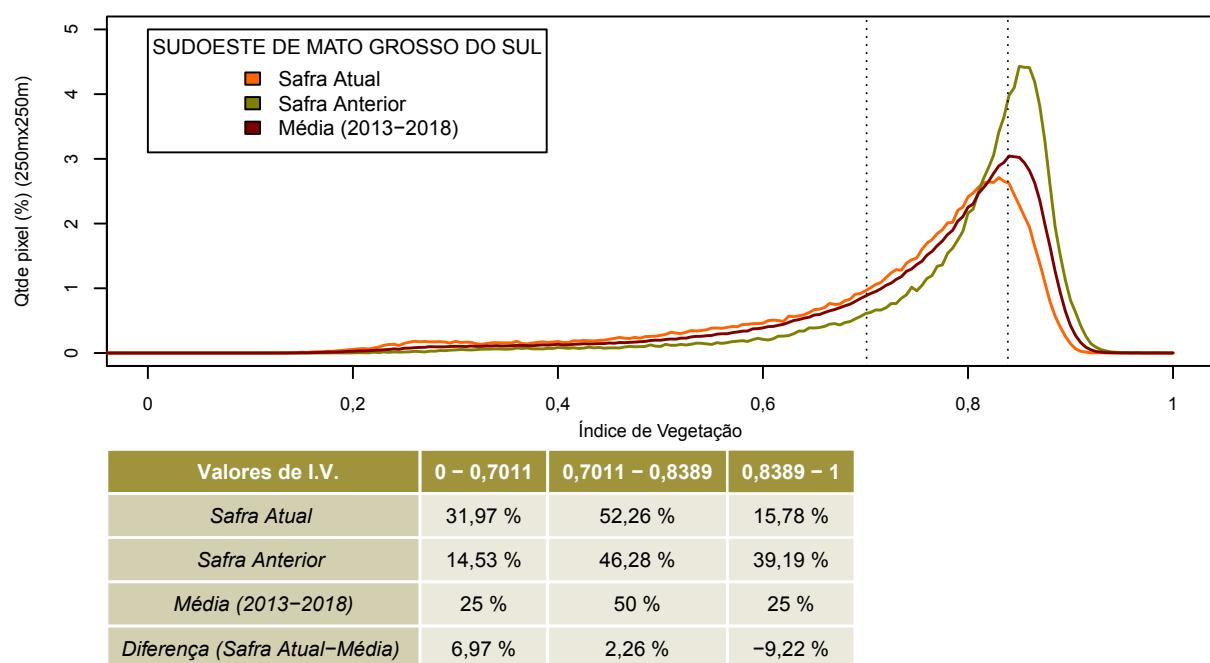
Gráfico 15 - Quantificação de áreas em razão do IV (histogramas) - Centro-Norte de Mato Grosso do Sul



Fonte: Projeto Glam

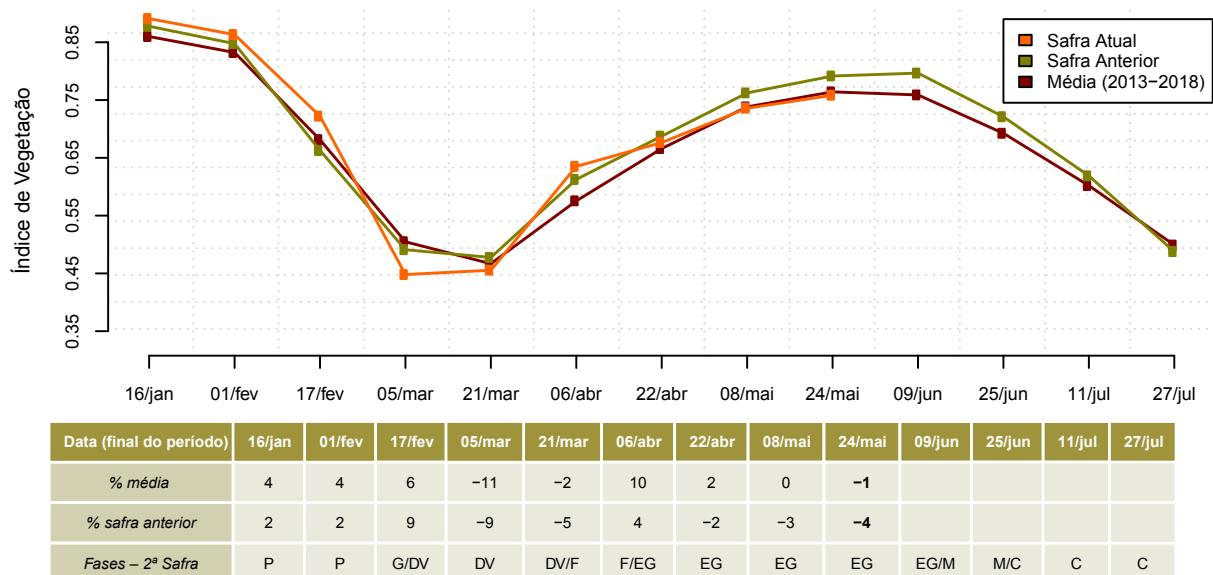


Gráfico 16 - Quantificação de áreas em razão do IV (histogramas) - Sudoeste de Mato Grosso do Sul



Fonte: Projeto Glam

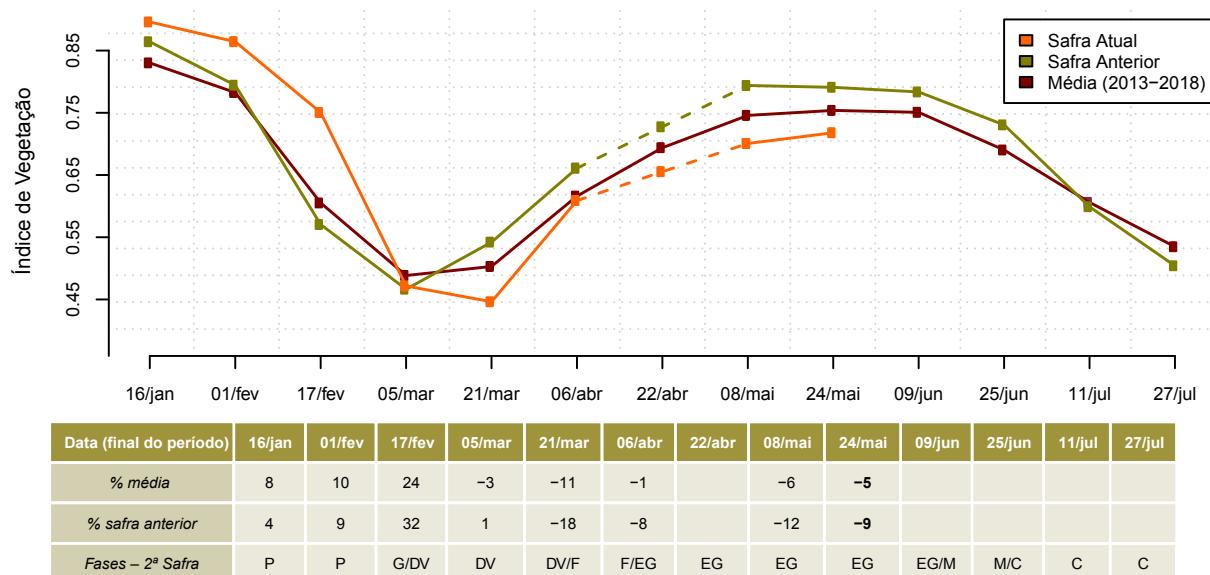
Gráfico 17 - Evolução temporal do IV - Centro Norte de Mato Grosso do Sul



Fonte: Projeto Glam



Gráfico 18 - Evolução temporal do IV - Sudoeste de Mato Grosso do Sul



Fonte: Projeto Glam

Em Goiás, com o atraso do plantio e colheita da soja, a janela de plantio para o milho segunda safra se tornou mais curta, o que justificou uma cautela maior do produtor em manter ou até ampliar a área cultivada com o milho segunda safra, bem como aumentar investimentos em insumos na atual temporada, apesar das boas perspectivas de preços que apontaram para o futuro com as notícias de quebra de safra na Argentina.

Figura 50 – Milho segunda safra em frutificação em Chapadão do Céu-GO



Fonte: Conab.

Chuvas ocorridas em maio colaboraram para amenizar a quebra já prevista, porém junto com as chuvas as temperaturas baixas também chegaram prejudicando um pouco o desenvolvimento da cultura na fase reprodutiva.

Figura 51 – Milho segunda safra em frutificação em Iporá-GO



Fonte: Conab.

Materiais com baixa tecnologia embutida foram menos utilizados nessa safra devido ao atraso e estreitamento da janela de plantio no estado, uma vez que



a utilização de semente convencional aumentou em relação à safra anterior, em algumas regiões em torno de 30%.

A região sul do estado, que representa 90% da produção, cerca de 70% da área foi semeada dentro da

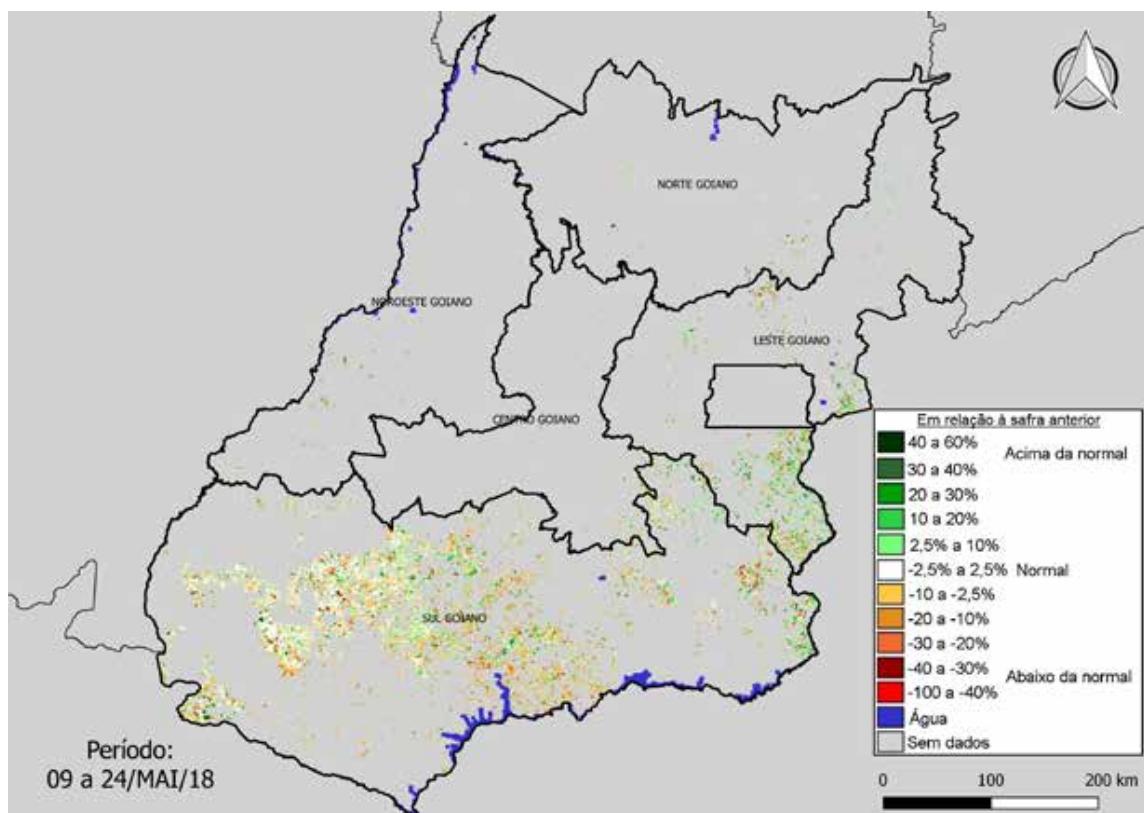
janela de plantio e 30% fora da janela ideal. Nas regiões sul e leste, a quebra estimada na produção está variando entre 10 e 15% em relação à safra anterior devido à falta de chuvas. A estimativa é de redução de 8,3% na produtividade média do estado, passando de 6.000 para 5.500 kg/ha.

Monitoramento espectral -Goiás

No mapa de anomalia do Índice de Vegetação (IV), observa-se atualmente uma condição, no geral, similar ou inferior aos valores do índice da safra anterior. Através dos histogramas e dos gráficos de evolução do IV, percebe-se que no sul do estado, principal região

produtora de milho segunda safra, há mais áreas com médios e baixos valores do índice, quando comparada à safra anterior. Isso é consequência dos fatores climáticos e diferenças de calendário dessa safra em relação à anterior.

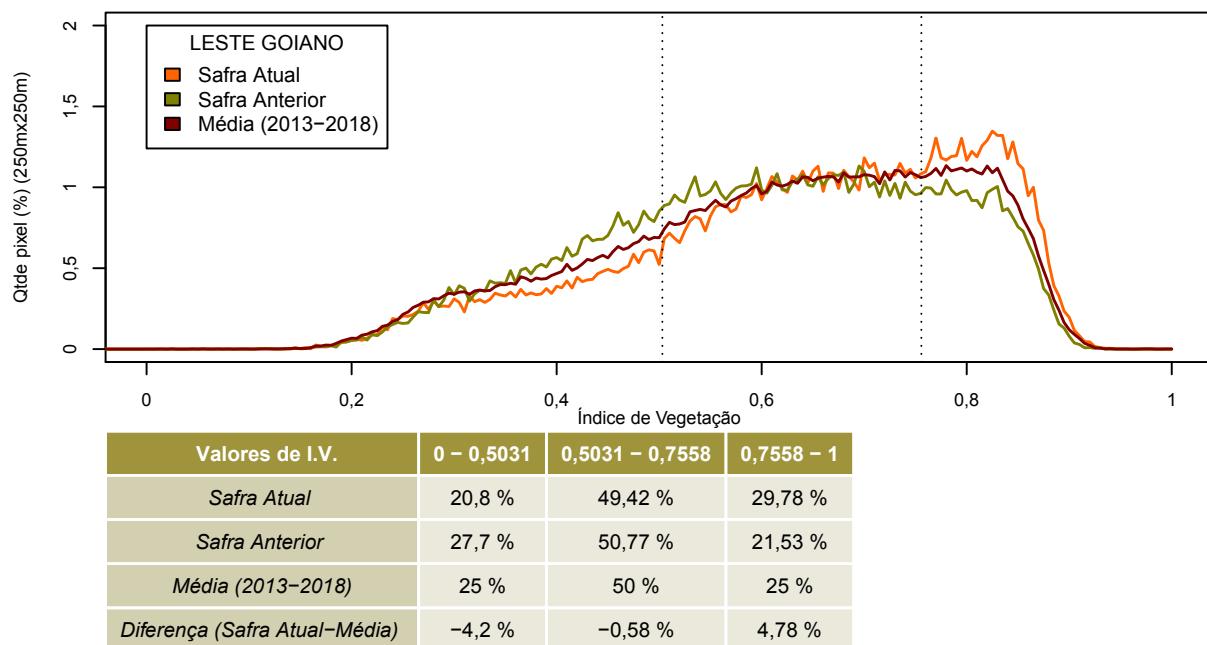
Figura 52 – Mapa de anomalia do IV das lavouras de grãos em relação à safra passada



Fonte: Projeto Glam

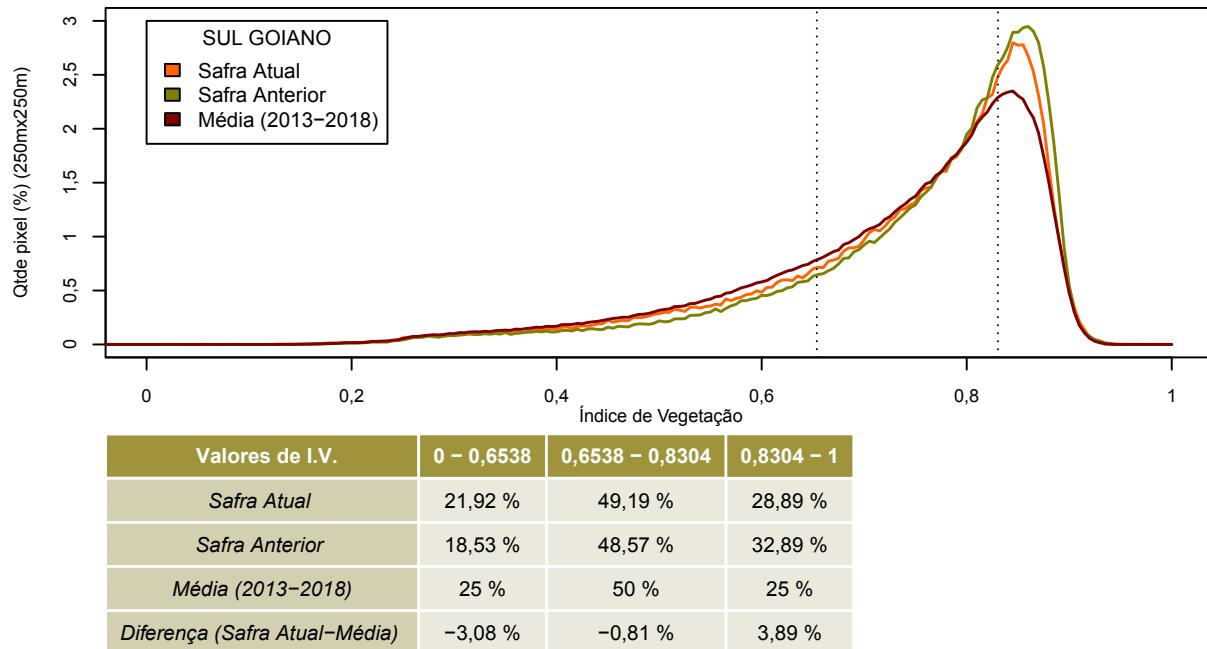


Gráfico 19 - Quantificação de áreas em virtude do IV (histogramas) - Leste goiano



Fonte: Projeto Glam

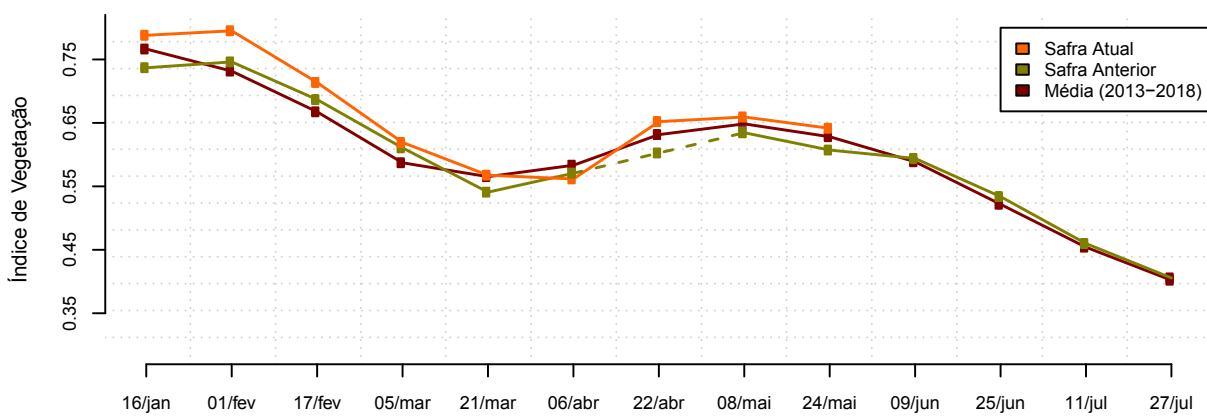
Gráfico 20 - Quantificação de áreas em virtude do IV (histogramas) - Sul goiano



Fonte: Projeto Glam

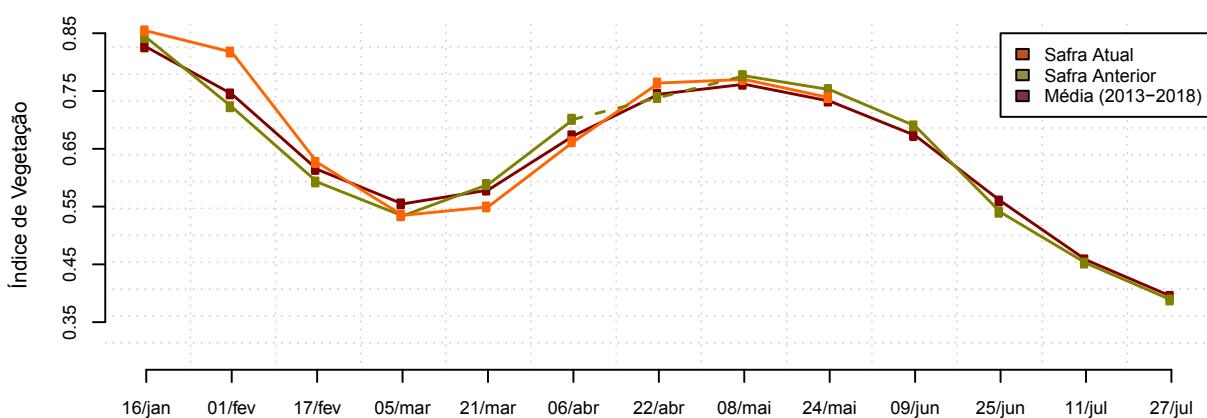


Gráfico 21 - Evolução temporal do IV - Leste goiano



Fonte: Projeto Glam

Gráfico 22 - Evolução temporal do IV - Sul goiano



Fonte: Projeto Glam

No Distrito Federal, a área semeada na segunda safra de milho foi semelhante à cultivada na safra anterior. A produtividade média estimada em 6.800 kg/ha será inferior em 12% à estimada no oitavo levantamento. Fatores como o alongamento de ciclo da safra de soja fazendo com que parte do milho fosse plantado fora da janela ideal, o estresse hídrico que ocorreu no início da temporada, aliado à falta de chuvas na fase de desenvolvimento vegetativo, justificam o recuo na produtividade estimada inicialmente.

Como a janela da segunda safra de milho ficou comprometida, os produtores optaram por culturas alternativas, como o sorgo, que tem menor custo de produção e preços de venda relativamente atrativos. As lavouras se encontram em sua maioria no estádio de maturação. A oferta da segunda safra de milho está estimada em 261 mil toneladas, inferior em 2,9% à produção do exercício anterior.



Na Região Sudeste, diferentemente das demais regiões do país, a cultura deverá apresentar crescimento de 4% em relação à área semeada na temporada 2016/17. Com produtividade média de 4.954 kg/ha, a produção deve ser de 4,3 milhões de toneladas.

Em Minas Gerais, a área de plantio de milho segunda safra está estimada em 342,9 mil hectares, menor em 4,1% em comparação com a safra anterior, em razão dos altos custos de produção e principalmente pelo atraso da colheita das culturas de verão. O clima não

favoreceu as lavouras plantadas a partir de meados de março, cujo desenvolvimento ficou comprometido em razão de prolongado período sem chuvas após a semeadura.

Em algumas situações, produtores devem destinar as lavouras para silagem por não ser viável a colheita. Lavouras predominantemente em floração e frutificação, com início de colheita previsto para junho. Com a produtividade média estimada em 5.500 kg/ha, a produção poderá atingir 1,9 milhão de toneladas.

Monitoramento espectral - Minas Gerais

O mapa de anomalia do Índice de Vegetação (IV) mostra que existe no Noroeste concentração de áreas com anomalias positivas. Já no Triângulo Mineiro existe uma condição inferior entre os valores do índice da safra atual e da safra anterior.

Através dos histogramas e dos gráficos de evolução do IV, percebe-se que no Noroeste as áreas estão mais

concentradas nos médios e altos valores do IV, enquanto no Triângulo Mineiro, maior região produtora de milho segunda safra, existem mais áreas com médios e baixos valores do IV em relação à safra passada. Isso é consequência principalmente a fatores climáticos e diferenças de calendário dessa safra em relação à anterior.

Figura 53 – Mapa de anomalia do IV das lavouras de grãos em relação à safra passada

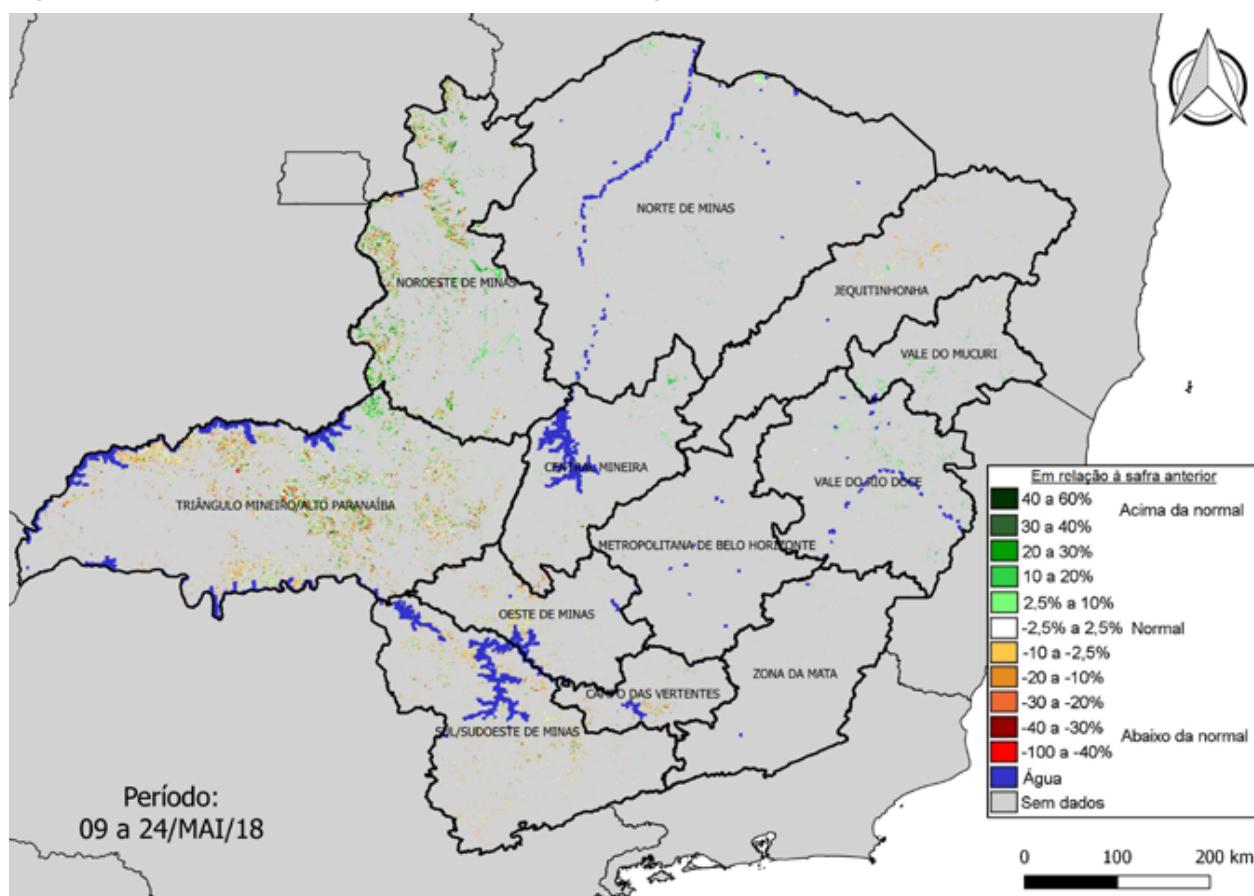
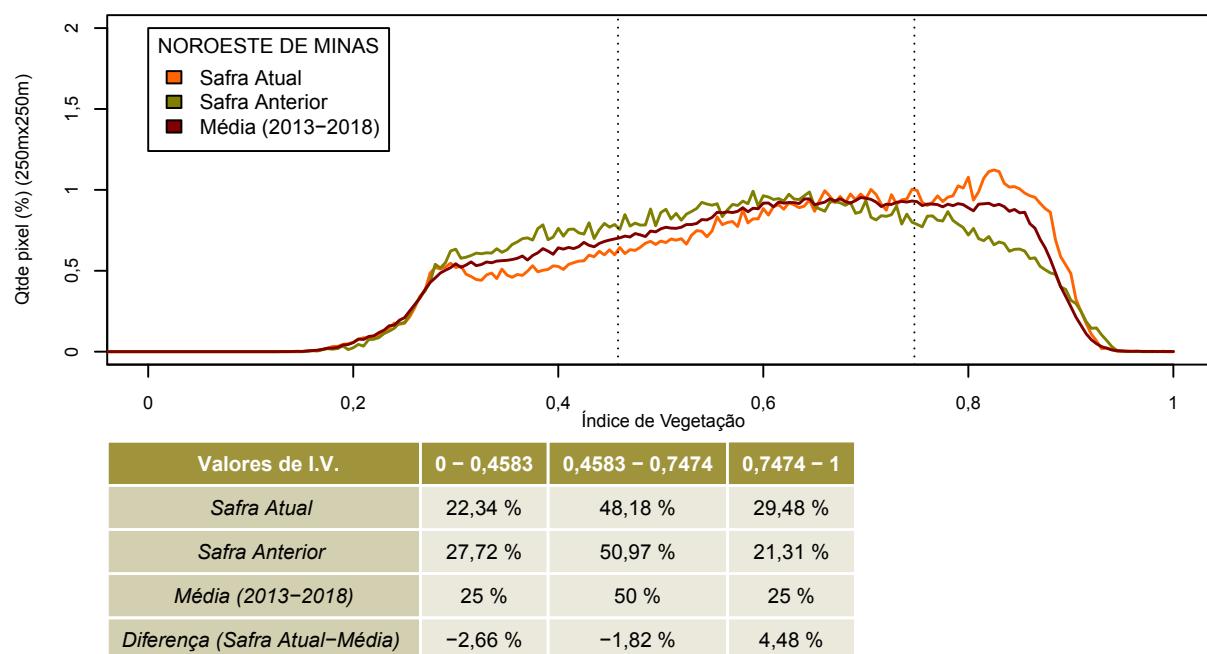
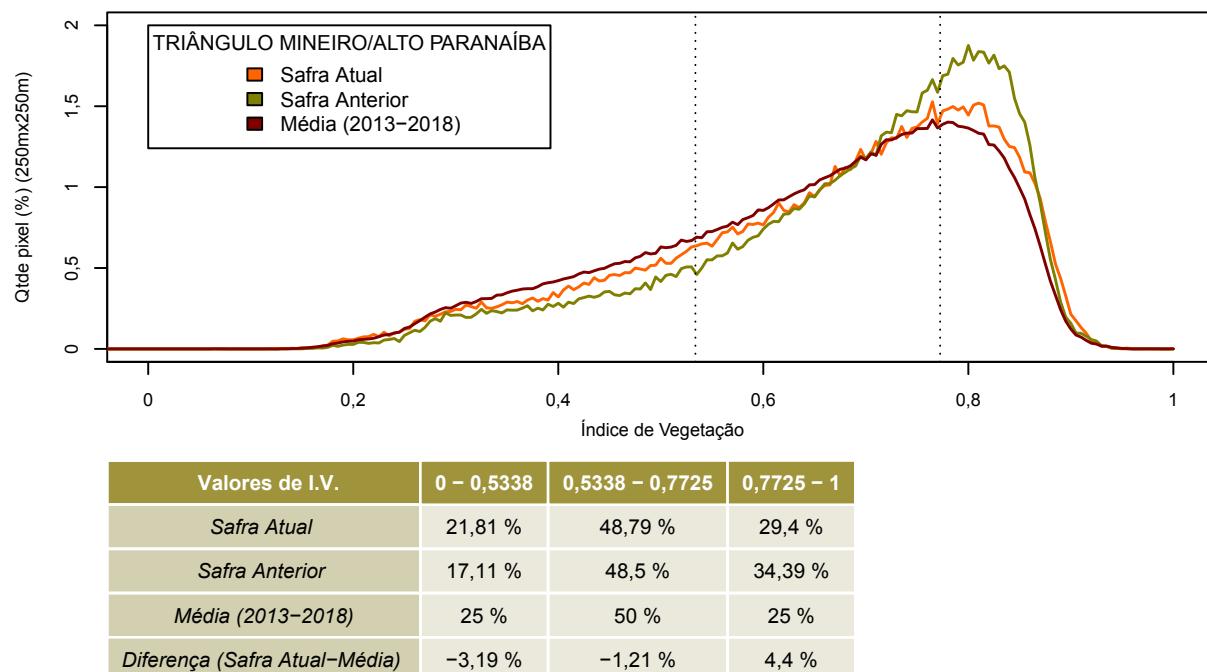


Gráfico 23 - Quantificação de áreas em razão do IV (histogramas) - Noroeste de Minas



Fonte: Projeto Glam

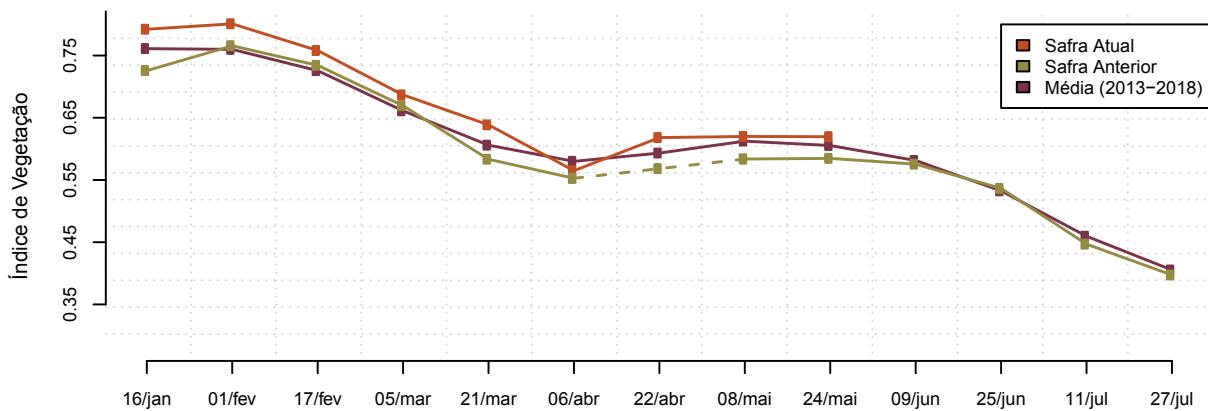
Gráfico 24 - Quantificação de áreas em razão do IV (histogramas) - Triângulo Mineiro / Alto Paranaíba



Fonte: Projeto Glam



Gráfico 25 - Evolução temporal do IV - Noroeste de Minas



Fonte: Projeto Glam

Gráfico 26 - Evolução temporal do IV - Triângulo Mineiro / Alto Paranaíba



Fonte: Projeto Glam

Em São Paulo, as lavouras de milho apresentam duas realidades bem distintas, ou seja, aqueles plantios que foram feitos sob irrigação ou mesmo aquele milho semeado dentro da janela ideal (fevereiro) estão apresentando boas condições de desenvolvimento e devem proporcionar boas produtividades, enquanto que as lavouras de sequeiro estão sofrendo intensamente com a falta das chuvas, o que tem ocasionado redução na produtividade esperada.

Grande parte do plantio do milho segunda safra ocorreu na região sudoeste do estado. Essa região é considerada o “cinturão dos grãos”. Assim sendo, as lavouras no entorno dos municípios de Itapeva, Itaí, Itararé e Itaberá, por causa da ausência hídrica ocasionada pela falta de chuva, as plantações estão sob pivô permanente, fato que conserva a produtividade nesse momento de grande estiagem.



Figura 54 - Milho segunda safra irrigado com produtividade preservada em São Paulo



Fonte: Conab.

Na região norte e noroeste do estado o plantio ocorre, na maioria, em áreas de sequeiro, onde o impacto na produtividade deverá ser maior. No noroeste do estado, o município de Guairá apresenta áreas cobertas por pivôs, com realidades opostas dividindo espaços próximos.

Na região sul do estado, outra grande região produtora, também apresenta um plantio de milho segunda

Monitoramento espectral - São Paulo

O mapa de anomalia do Índice de Vegetação (IV) e o histograma mostram atualmente uma predominância de anomalias negativas do IV na região de Assis. Através do histograma e do gráfico de evolução do IV, percebe-se que existem mais áreas com médios e bai-

Figura 55 - Milho segunda safra de sequeiro com produtividade comprometida em São Paulo



Fonte: Conab.

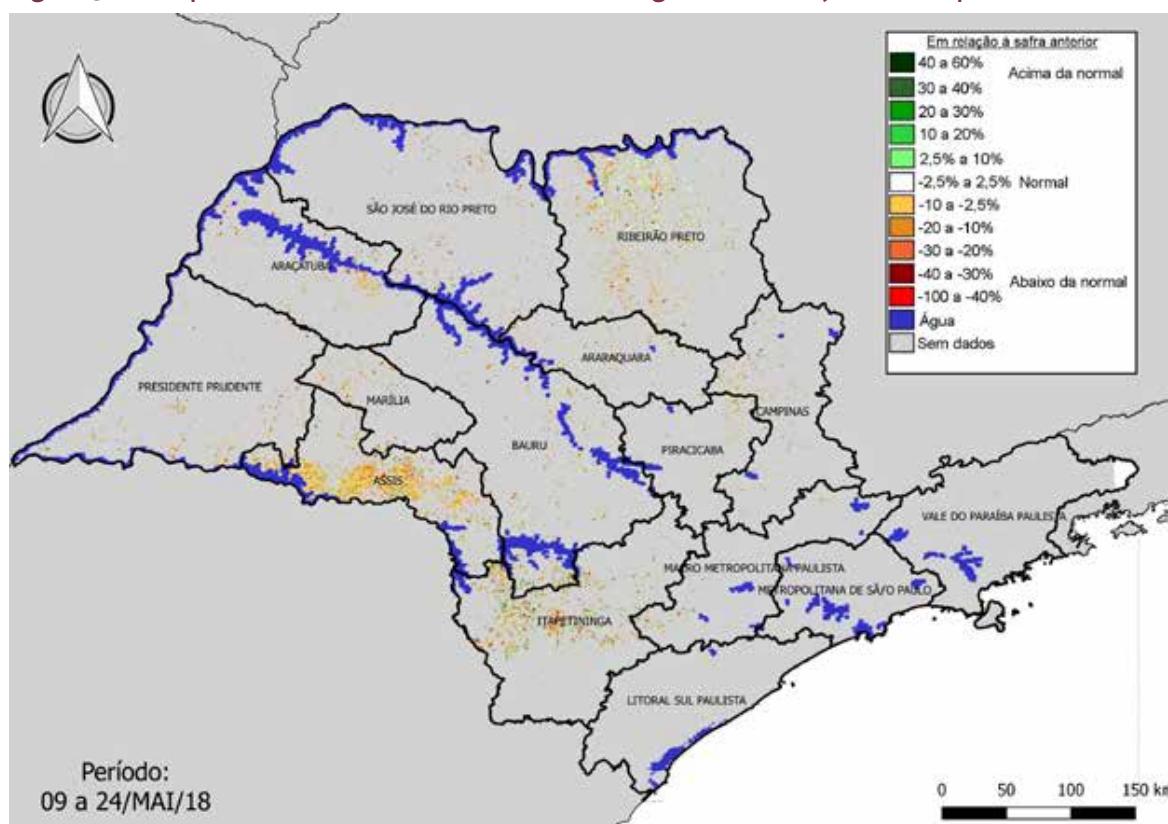
safra mais intenso, onde estão localizados os municípios de Pedrinhas Paulista e Assis. Nessas localidades a utilização de pivô é praticamente inexistente. Nessa região, a quebra da produtividade é mais expressiva do que em outras regiões do estado.

Quanto ao estádio do milho segunda safra este se divide em desenvolvimento vegetativo (20%), floração, (40%) e frutificação (40%).

xos valores do IV em relação à safra passada e à média histórica. Isso é consequência dos baixos índices de precipitação em maio e diferenças de calendário dessa safra em relação à anterior.

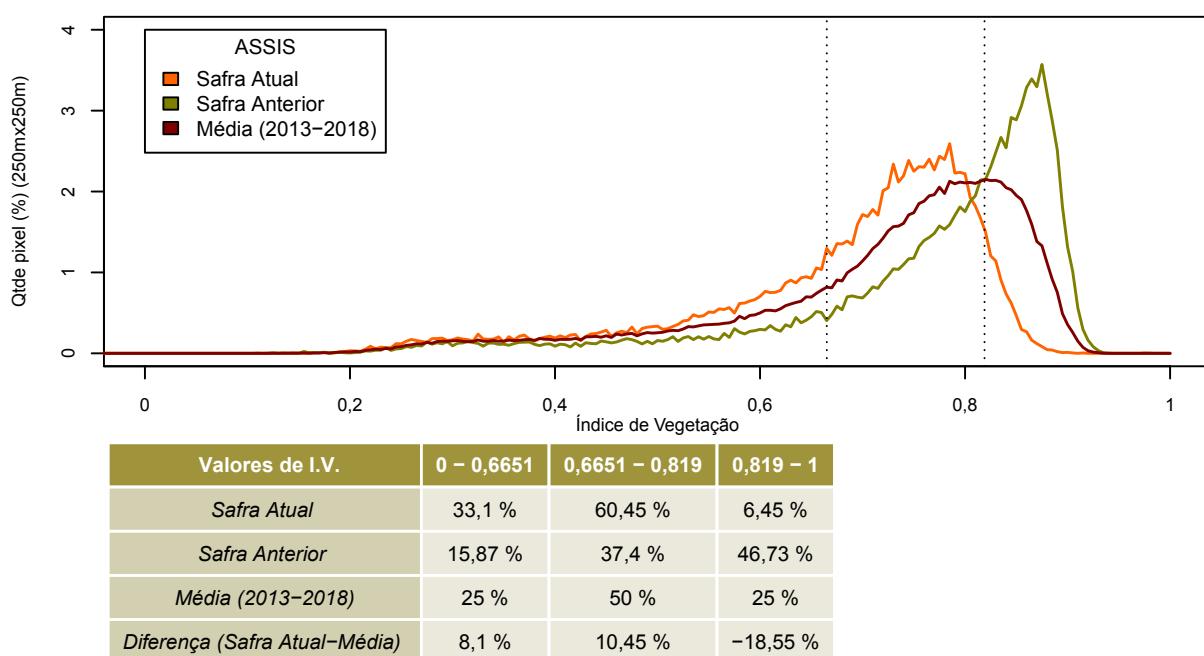


Figura 56 – Mapa de anomalia do IV das lavouras de grãos em relação à safra passada



Fonte: Projeto Glam

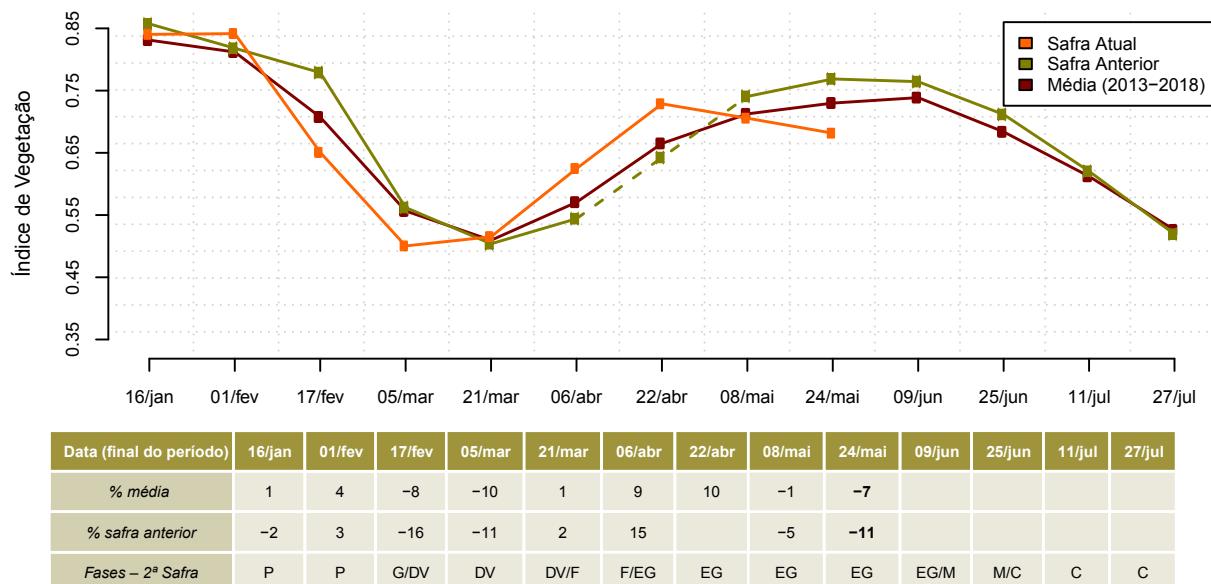
Gráfico 27 - Quantificação de áreas em virtude do IV (histogramas) - Assis



Fonte: Projeto Glam



Gráfico 28 - Evolução temporal do IV - Assis



Fonte: Projeto Glam

Na Região Sul, o milho segundo safra é cultivado somente no Paraná. Nesse estado a área plantada com o milho da segunda safra foi de 2,14 milhões de hectares, 11% menor que a registrada na safra passada. A redução no plantio se deve ao alongamento do ciclo da soja que acabou favorecendo o plantio da safra de trigo, o qual ocorre mais tarde. Muitos produtores perderam a curta janela do zoneamento para o milho segunda safra.

Já ocorreram algumas colheitas pontuais. Entretanto, a maior parte das lavouras foram implantadas com atraso, como se pode notar na comparação com os estádios atuais da cultura contra as fases há um ano. Enquanto na safra passada os estádios estavam divididos em cerca de 1% em desenvolvimento vegetativo, 19% em floração, 71% em frutificação e 9% em maturação, nesta safra, cerca de 2% está em desenvolvimento vegetativo, 23% em floração, 69% em frutificação e 6% em maturação.

Chuvas pontuais foram registradas em algumas regiões em maio, mas o volume não é suficiente para re-

cuperar o potencial produtivo das lavouras. Os efeitos do período prolongado sem chuvas em abril e maio refletem nas condições das lavouras, onde somente 35% foram consideradas boas, uma vez que 45% estão regulares e 20% ruins. O reflexo do clima ruim está na produtividade estimada atualmente em apenas 4.969 kg/ha, 9% inferior ao rendimento da segunda safra de 2016/17.

Ressalta-se que as poucas lavouras que foram implantadas em janeiro, em sucessão ao feijão ou até mesmo de sojas superprecoces, apresentam boas condições e ótimo potencial produtivo e foram moderadamente afetadas pela estiagem. A situação é pior nas áreas plantadas tardivamente que, infelizmente, nessa temporada foi a maioria.

Nesse cenário de baixa oferta (13,5 milhões toneladas, somadas as duas safras), as exportações do Paraná deverão ficar em níveis de 2016, ou seja, menos de 1,5 milhão de toneladas. A produção deverá ser destinada ao consumo doméstico.



Monitoramento espectral - Paraná

O Paraná passou por longo período de estiagem em abril e maio, chegando a superar 40 dias em alguns municípios. Os efeitos se refletem nos baixos índices de vegetação.

Pelo mapa de anomalias é possível verificar que as condições das lavouras em todo o estado estão piores quando comparadas ao ano passado. Somente do centro-sul que se observa alguma ocorrência de anomalias positivas; entretanto deve se tratar de áreas com cobertura verde (não destinada à colheita), pois ainda não havia plantio dos cereais de inverno nessa região no período.

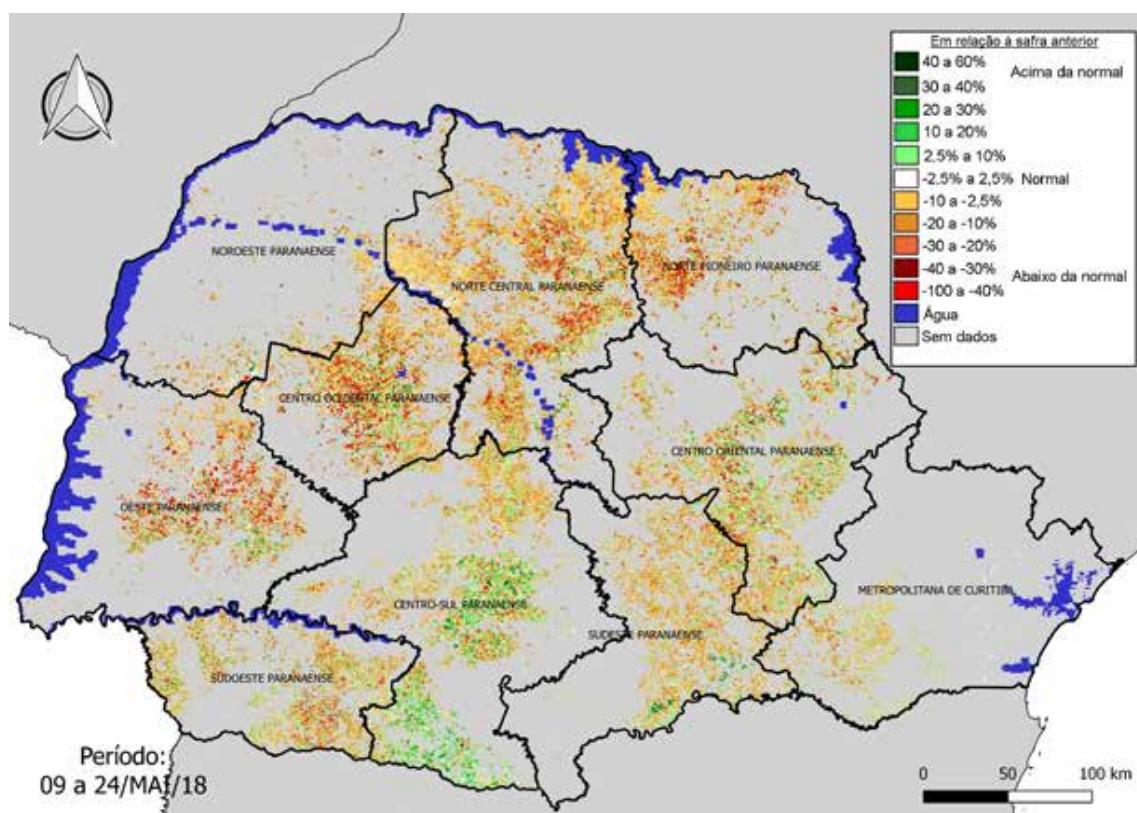
Nos histogramas é possível ver que a ocorrência de lavouras com baixo IV entre 0 e 0,58 é bem superior ao ano passado. Também, em todo o estado, a ocorrência de pixels com altos índices de IV, acima de 0,8, está inferior a 2017. As más condições espetrais são

corroboradas pela quebra de produtividade já relatada e observada nas lavouras de milho segunda safra e feijão segunda safra, que foram as principais culturas afetadas.

A falta de chuvas também causou atraso no plantio do trigo, o que também se reflete em índices de vegetação inferiores à safra passada. Demais cereais de inverno costumeiramente são semeados de junho em diante.

Praticamente todas as regiões atingem o pico do IV na próxima quinzena, conforme se pode observar nos gráficos de evolução do índice. Dadas às atuais condições, não se vislumbra que as lavouras possam mais atingir altos níveis de IV, o que praticamente consolida a quebra de produção relatada nos levantamentos de safra.

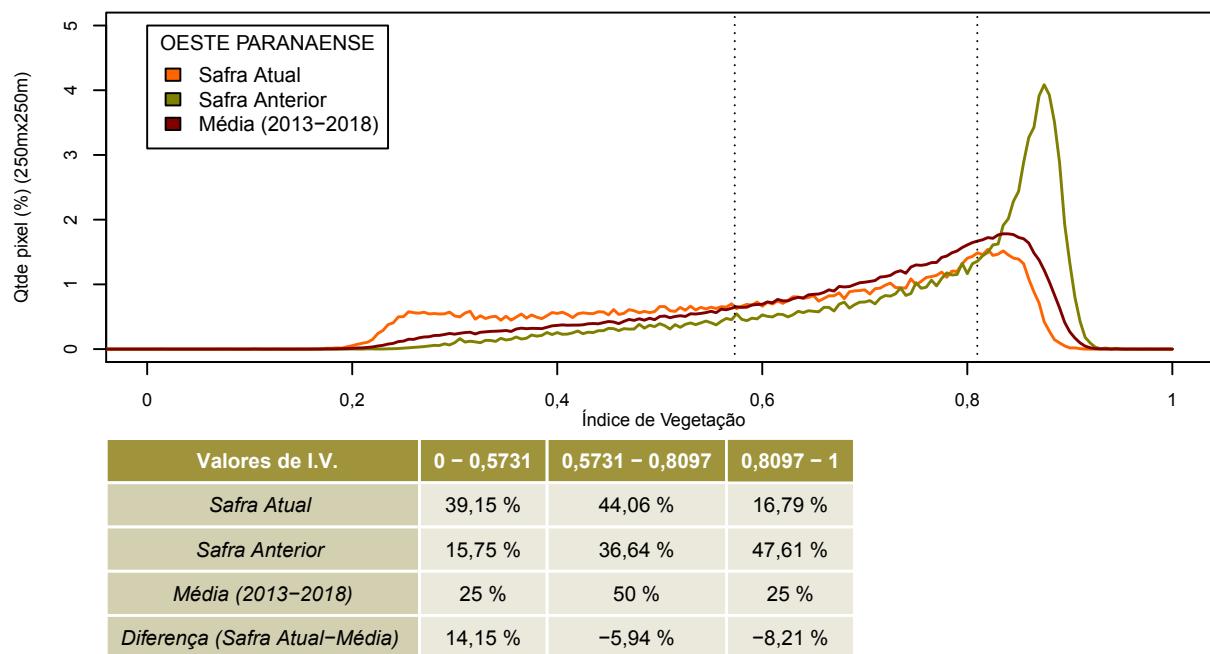
Figura 57 – Mapa de anomalia do IV das lavouras de grãos em relação à safra passada



Fonte: Projeto Glam

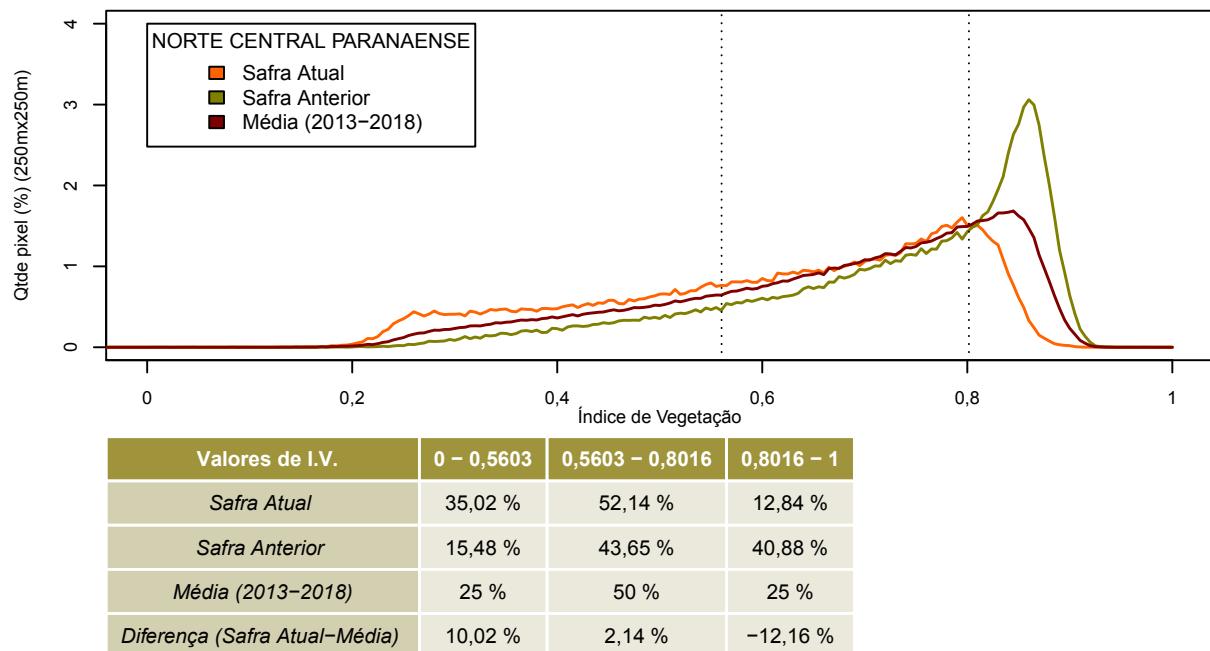


Gráfico 29 - Quantificação de áreas em razão do IV (histogramas) - Oeste paranaense



Fonte: Projeto Glam

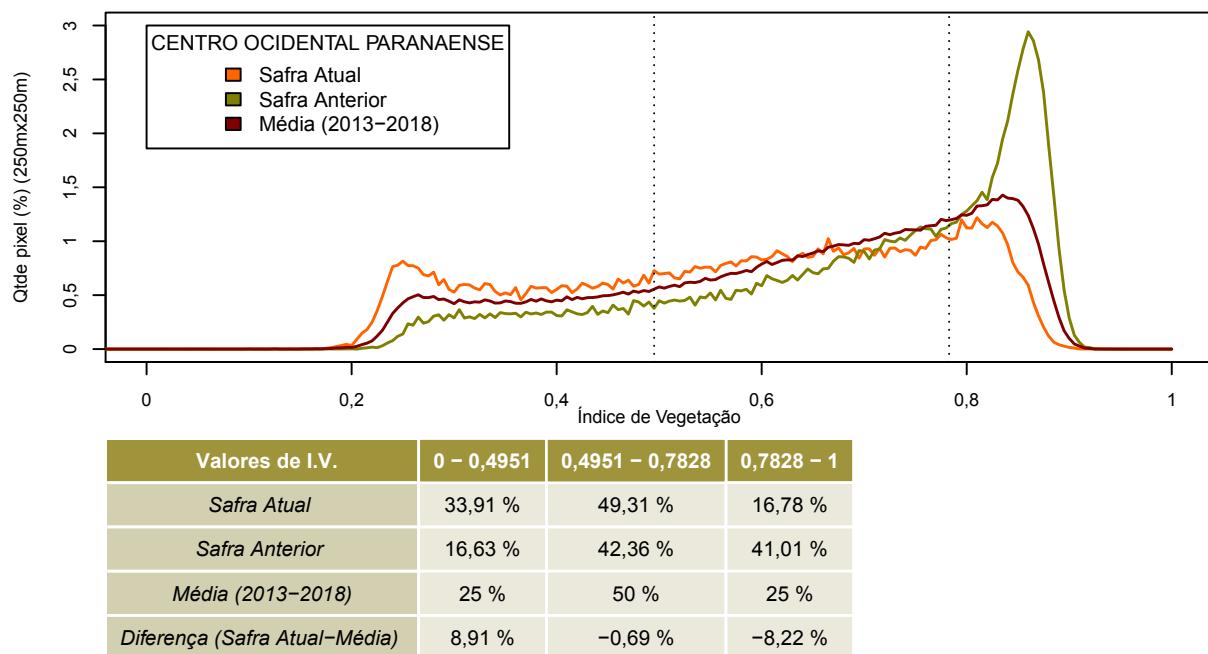
Gráfico 30 - Quantificação de áreas em razão do IV (histogramas) - Norte central paranaense



Fonte: Projeto Glam

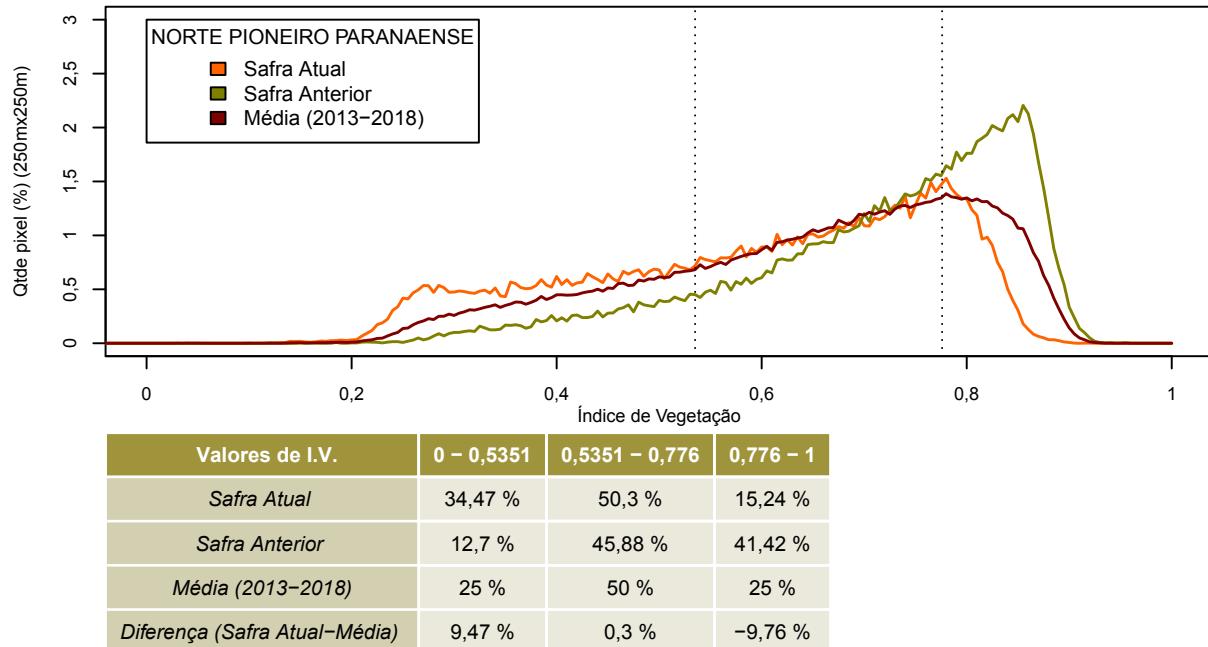


Gráfico 31 - Quantificação de áreas em razão do IV (histogramas) - Centro ocidental paranaense



Fonte: Projeto Glam

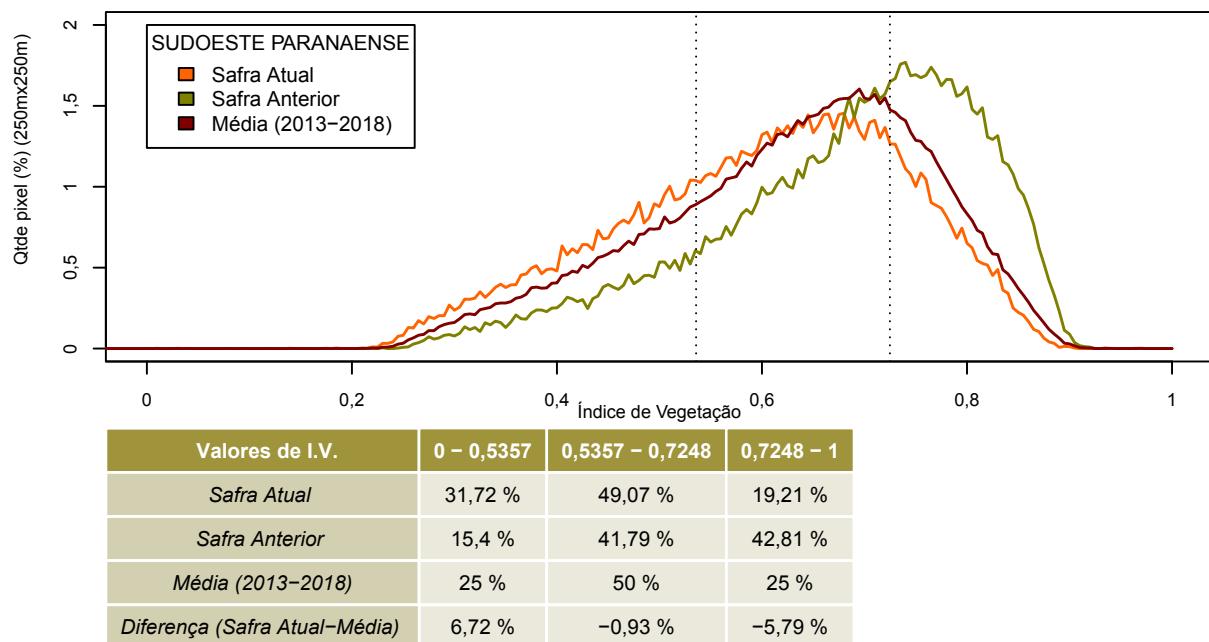
Gráfico 32 - Quantificação de áreas em razão do IV (histogramas) - Norte pioneiro paranaense



Fonte: Projeto Glam

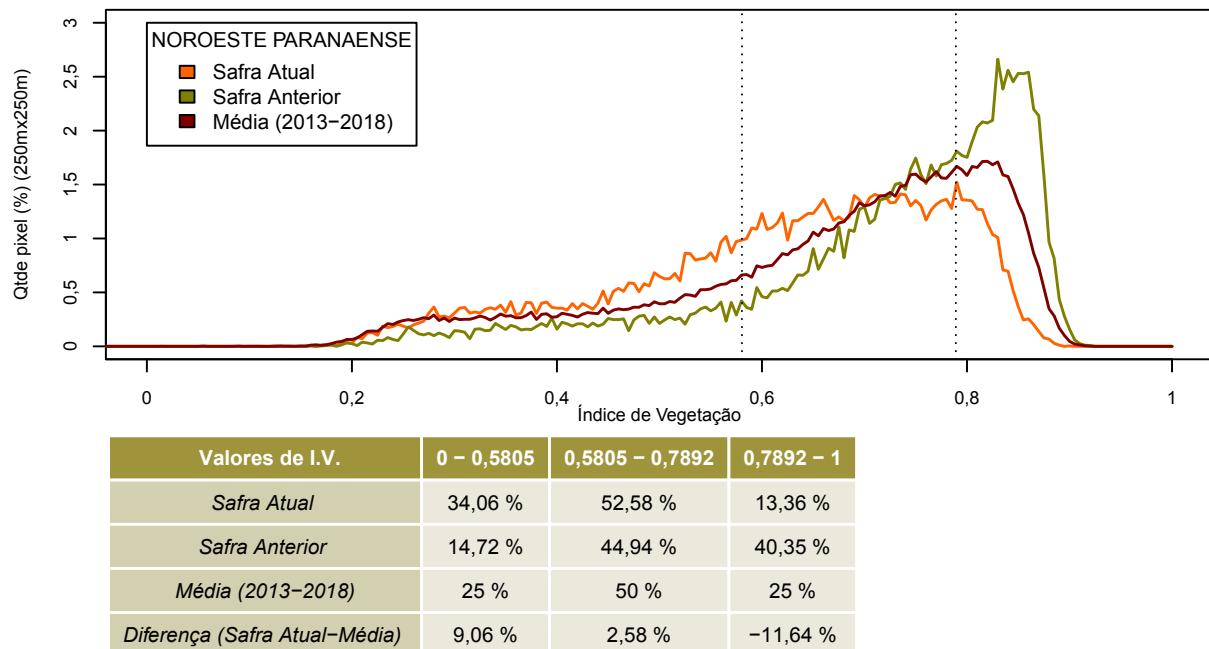


Gráfico 33 - Quantificação de áreas em razão do IV (histogramas) - Sudoeste paranaense



Fonte: Projeto Glam

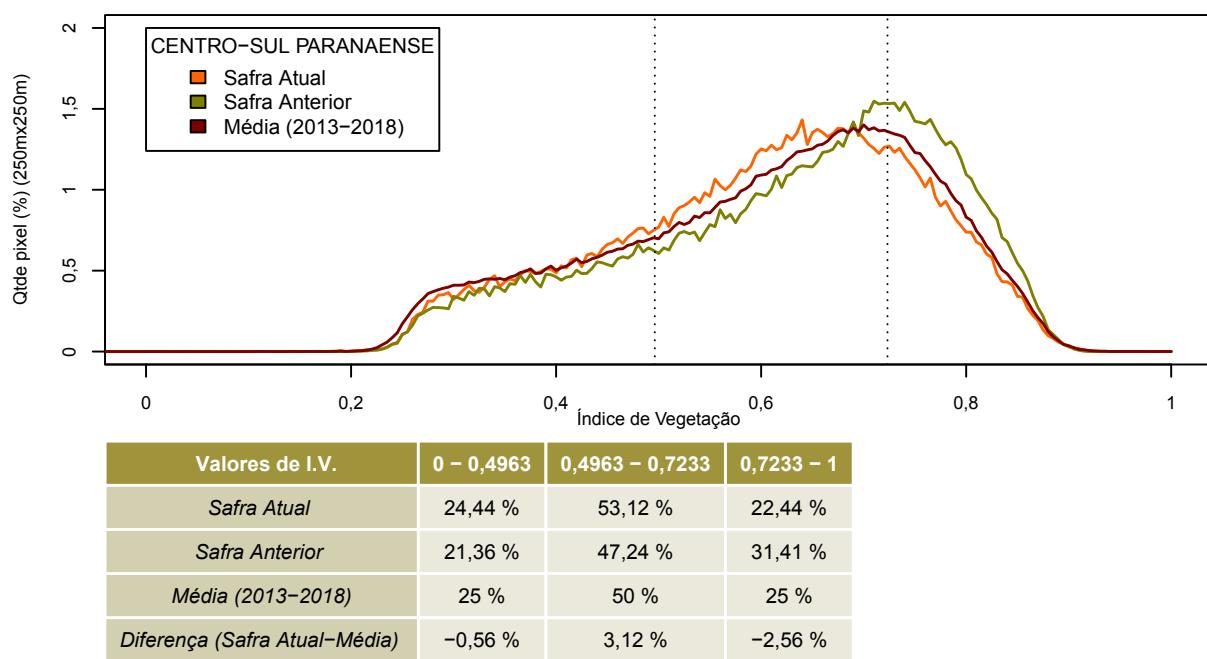
Gráfico 34 - Quantificação de áreas em razão do IV (histogramas) - Noroeste paranaense



Fonte: Projeto Glam

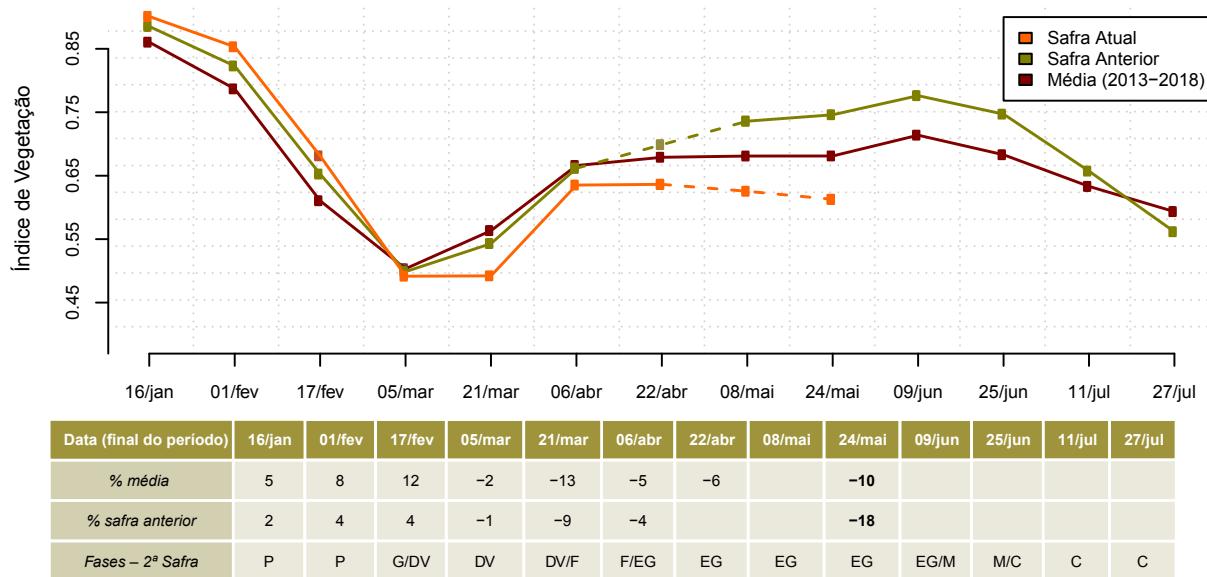


Gráfico 35 - Quantificação de áreas em razão do IV (histogramas) - Centro Sul paranaense



Fonte: Projeto Glam

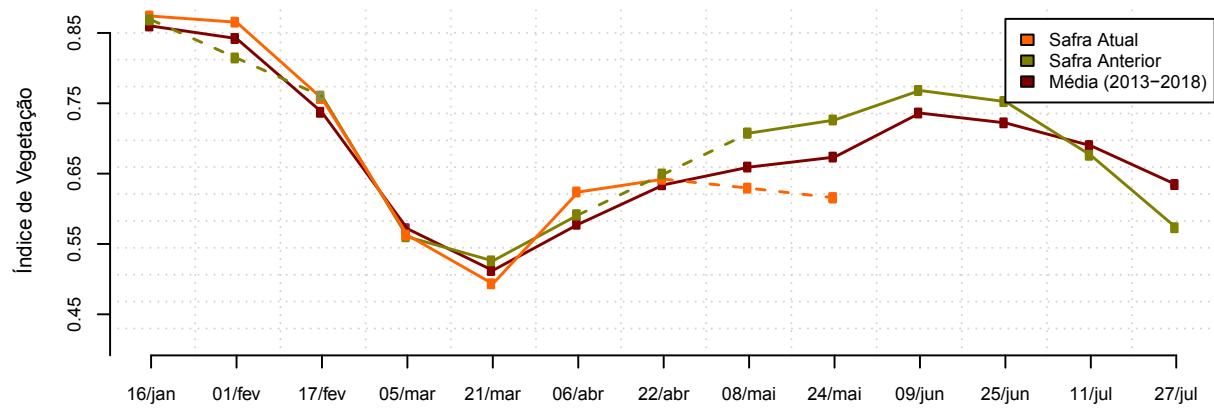
Gráfico 36 - Evolução temporal do IV - Oeste paranaense



Fonte: Projeto Glam

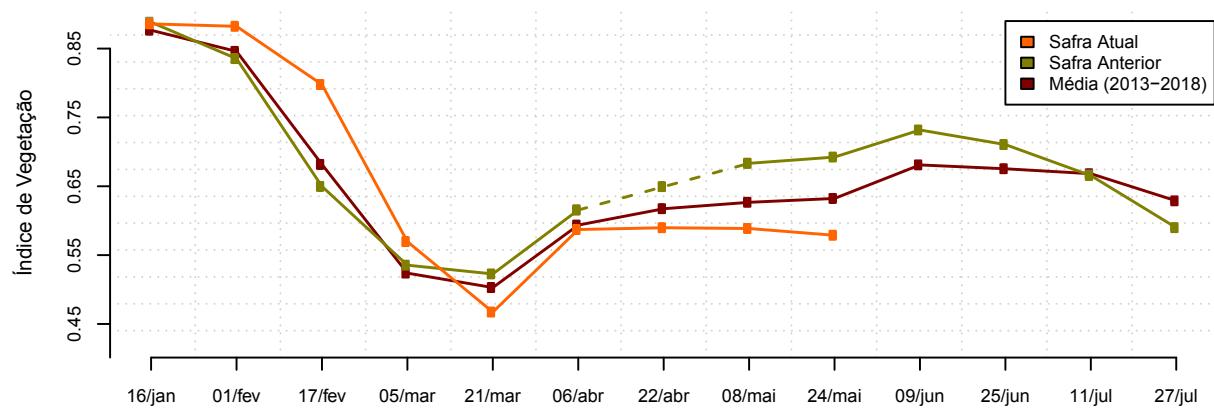


Gráfico 37 - Evolução temporal do IV - Norte central paranaense



Fonte: Projeto Glam

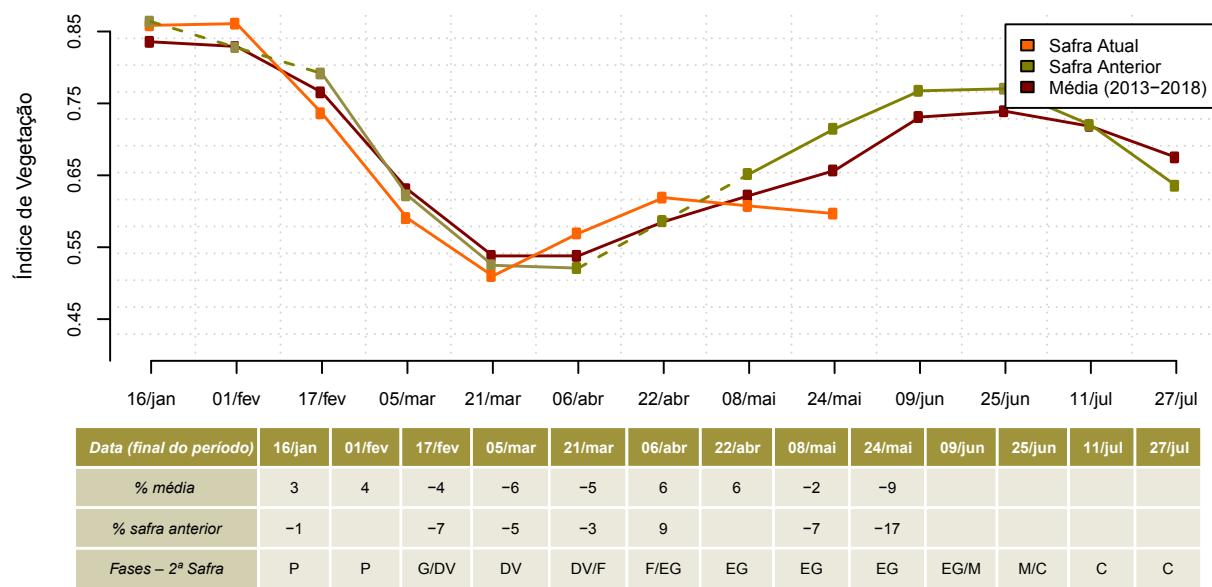
Gráfico 38 - Evolução temporal do IV - Centro ocidental paranaense



Fonte: Projeto Glam

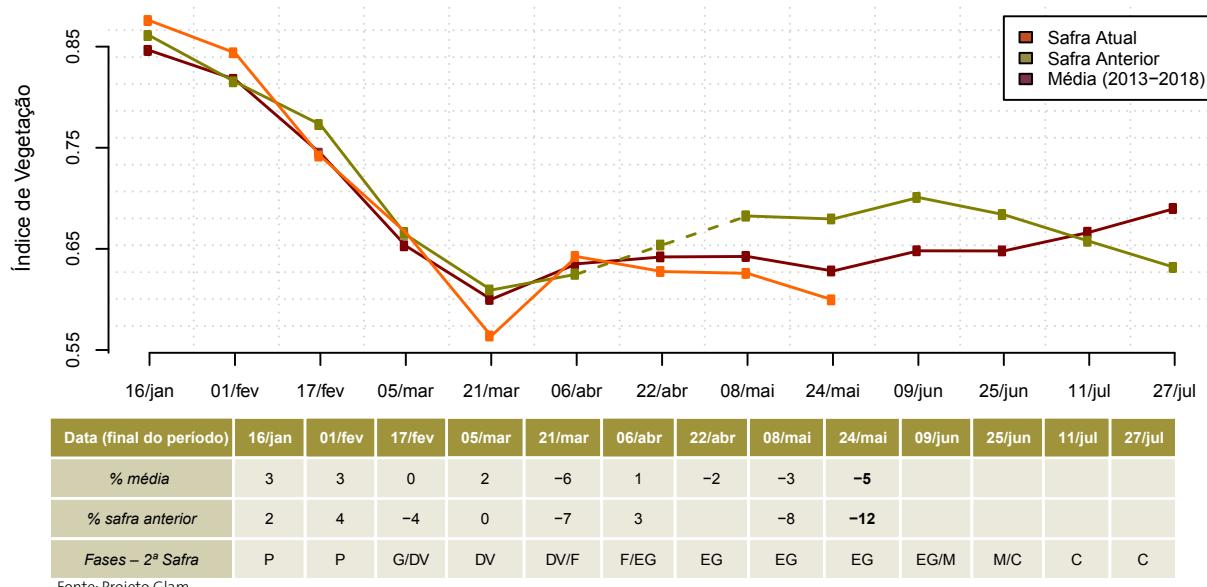


Gráfico 39 - Evolução temporal do IV - Norte pioneiro paranaense



Fonte: Projeto Glam

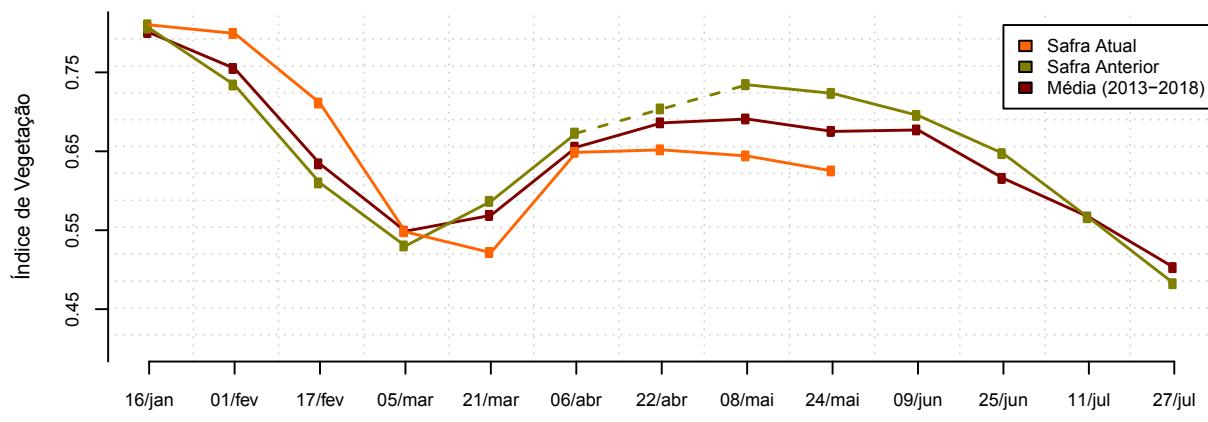
Gráfico 40 - Evolução temporal do IV - Sudoeste paranaense



Fonte: Projeto Glam



Gráfico 41 - Evolução temporal do IV - Noroeste paranaense



Fonte: Projeto Glam

Gráfico 42 - Evolução temporal do IV - Centro-sul paranaense



Fonte: Projeto Glam

Dessa forma, prevê-se para o exercício 2017/18, que a produção nacional de milho atinja 85 milhões de to-

neladas, representando uma redução de 13,1% em relação à oferta observada no exercício passado.



Quadro 9 - Histórico das condições hídricas gerais e possíveis impactos nas diferentes fases* da cultura nas principais regiões produtoras do país – Milho segunda safra

UF	Mesorregiões	Milho segunda safra											
		SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO
RO	Leste Rondoniense - RO					P	P/G/DV	DV/F	FR	FR/M	M/C	C	
TO	Oriental do Tocantins - TO						P	DV	F/FR	FR/M	M/C	C	
MA	Sul Maranhense - MA						P	DV	F/FR	FR/M	M/C	C	
PE	Agreste Pernambucano	M/C	C							P/G	DV/F	F/FR	FR/M
BA	Nordeste Baiano - BA	M/C	C							P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR
MS	Centro Norte de Mato Grosso do Sul - MS					PP	G/DV	DV/F	DV/F/FR	FR/M	M/C	C	C
	Leste de Mato Grosso do Sul - MS					PP	G/DV	DV/F	DV/F/FR	FR/M	M/C	C	C
	Sudoeste de Mato Grosso do Sul - MS					P	G/DV	DV/F	DV/F/FR	FR/M	M/C	C	C
MT	Norte Mato-grossense - MT					PP	P/G/DV	DV/F	FR	FR/M	M/C	C	
	Nordeste Mato-grossense - MT					PP	P/G/DV	DV/F	FR	FR/M	M/C	C	
	Sudeste Mato-grossense - MT					PP	P/G/DV	DV/F	FR	FR/M	M/C	C	
GO	Leste Goiano - GO					PP	G/DV	DV/F	FR	FR/M	M/C	C	
	Sul Goiano - GO					P	G/DV	DV/F	FR	FR/M	M/C	C	
MG	Noroeste de Minas - MG						P	DV	F/FR	FR	M/C	C	
	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba - MG						P	DV	F/FR	FR	M/C	C	
SP	Assis - SP						P	DV	F/FR	FR	FR/M/C	C	C
	Itapetininga - SP						P	DV	F/FR	FR	FR/M/C	C	C
PR	Noroeste Paranaense - PR					PP	G/DV	DV/F	FR	FR/M	FR/M/C	C	C
	Centro Ocidental Paranaense - PR					PP	G/DV	DV	DV/F/FR	F/FR/M	FR/M/C	C	C
	Norte Central Paranaense - PR					PP	G/DV	DV	DV/F/FR	F/FR/M	FR/M/C	C	C
	Norte Pioneiro Paranaense - PR					PP	G/DV	DV	DV/F/FR	F/FR/M	FR/M/C	C	C
	Oeste Paranaense - PR					PP	G/DV	DV	DV/F/FR	F/FR/M	FR/M/C	C	C

Legendas:

Baixa restrição - falta de chuvas Favorável Média restrição - falta de chuva Baixa restrição - excesso de chuva

* - (PP)=pré-plantio; (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

** Total ou parcialmente irrigado. O que não elimina, no entanto, a possibilidade de estar havendo restrições por anomalias de temperatura ou indisponibilidade hídrica para a irrigação.

Figura 58 – Mapa da produção agrícola – Milho segunda safra

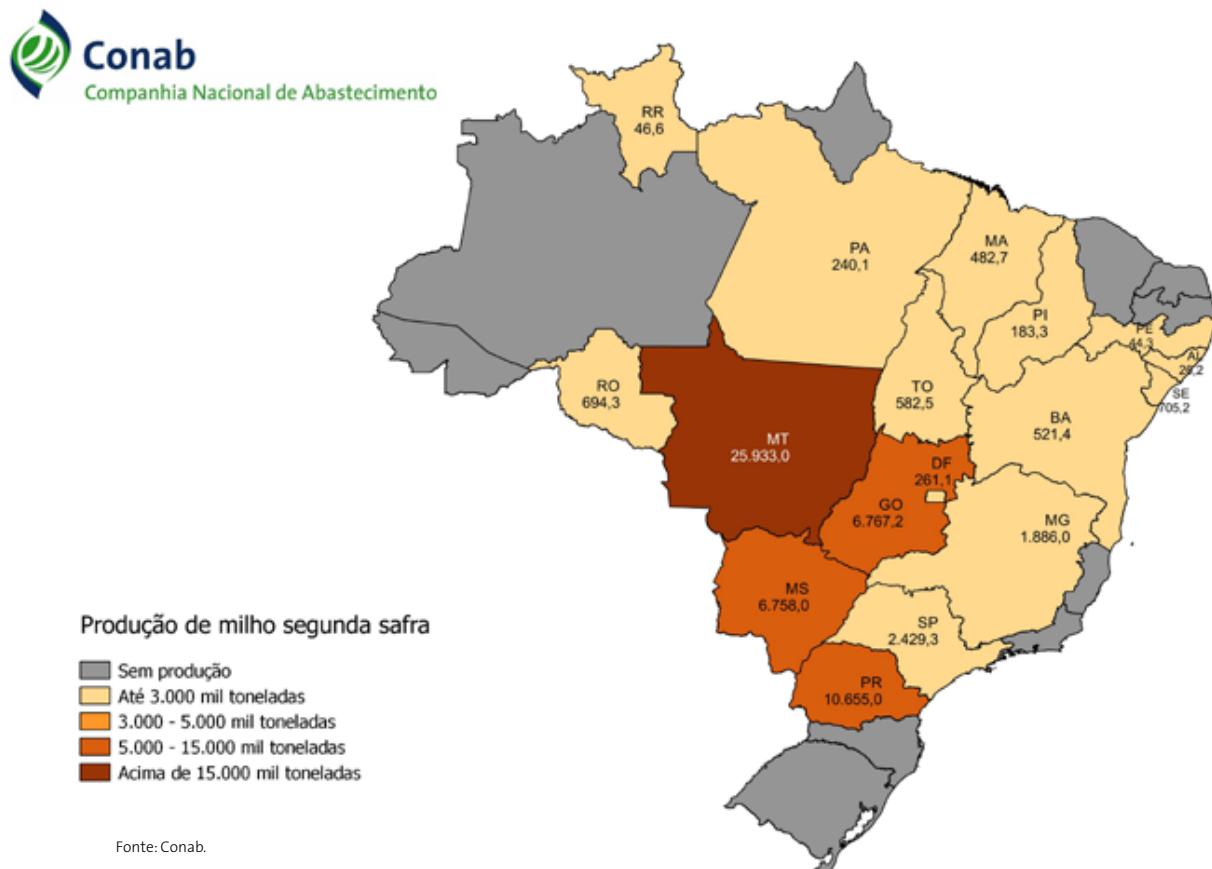


Tabela 30 – Comparativo de área, produtividade e produção – Milho segunda safra

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	401,2	377,1	(6,0)	4.253	4.146	(2,5)	1.706,1	1.563,5	(8,4)
RR	7,6	9,6	26,4	6.000	4.857	(19,1)	45,6	46,6	2,2
RO	156,9	151,4	(3,5)	4.385	4.586	4,6	688,0	694,3	0,9
PA	81,4	69,0	(15,2)	3.549	3.480	(1,9)	288,9	240,1	(16,9)
TO	155,3	147,1	(5,3)	4.402	3.960	(10,0)	683,6	582,5	(14,8)
NORDESTE	796,3	753,9	(5,3)	2.789	2.604	(6,6)	2.220,7	1.963,1	(11,6)
MA	198,9	172,4	(13,3)	3.572	2.800	(21,6)	710,5	482,7	(32,1)
PI	49,2	63,2	28,4	2.363	2.900	22,7	116,3	183,3	57,6
PE	73,9	73,9	-	654	600	(8,3)	48,3	44,3	(8,3)
AL	37,2	37,2	-	674	705	4,6	25,1	26,2	4,4
SE	172,0	176,3	2,5	4.721	4.000	(15,3)	812,0	705,2	(13,2)
BA	265,1	230,9	(12,9)	1.918	2.258	17,7	508,5	521,4	2,5
CENTRO-OESTE	7.664,7	7.429,5	(3,1)	6.008	5.346	(11,0)	46.052,7	39.719,3	(13,8)
MT	4.605,7	4.471,2	(2,9)	6.212	5.800	(6,6)	28.610,6	25.933,0	(9,4)
MS	1.759,9	1.689,5	(4,0)	5.460	4.000	(26,7)	9.609,1	6.758,0	(29,7)
GO	1.260,7	1.230,4	(2,4)	6.000	5.500	(8,3)	7.564,2	6.767,2	(10,5)
DF	38,4	38,4	-	7.000	6.800	(2,9)	268,8	261,1	(2,9)
SUDESTE	837,7	871,0	4,0	5.081	4.954	(2,5)	4.256,3	4.315,3	1,4
MG	357,6	342,9	(4,1)	4.822	5.500	14,1	1.724,3	1.886,0	9,4
SP	480,1	528,1	10,0	5.274	4.600	(12,8)	2.532,0	2.429,3	(4,1)
SUL	2.409,3	2.144,3	(11,0)	5.456	4.969	(8,9)	13.145,1	10.655,0	(18,9)
PR	2.409,3	2.144,3	(11,0)	5.456	4.969	(8,9)	13.145,1	10.655,0	(18,9)
NORTE/NORDESTE	1.197,5	1.131,0	(5,6)	3.279	3.118	(4,9)	3.926,8	3.526,7	(10,2)
CENTRO-SUL	10.911,7	10.444,8	(4,3)	5.815	5.236	(10,0)	63.454,1	54.689,5	(13,8)
BRASIL	12.109,2	11.575,8	(4,4)	5.564	5.029	(9,6)	67.380,9	58.216,2	(13,6)

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em junho/2018.



9.1.7.3. MILHO TOTAL

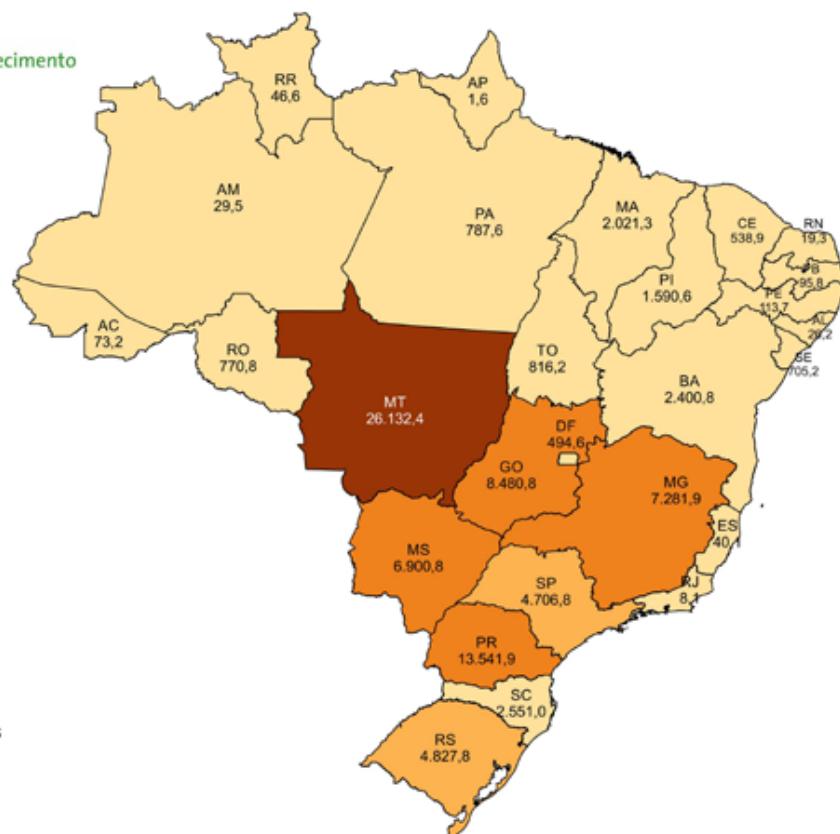
Figura 59 – Mapa da produção agrícola – Milho total (primeira e segunda safras)



Companhia Nacional de Abastecimento

Produção total de milho

- [Grey square] Sem produção
- [Light yellow square] Até 3.000 mil toneladas
- [Orange square] 3.000 - 5.000 mil toneladas
- [Dark orange square] 5.000 - 15.000 mil toneladas
- [Red square] Acima de 15.000 mil toneladas



Fonte: Conab.



Tabela 31 – Comparativo de área, produtividade e produção – Milho total

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	713,0	671,9	(5,8)	3.790	3.759	(0,8)	2.702,1	2.525,5	(6,5)
RR	7,6	9,6	26,3	6.000	4.857	(19,1)	45,6	46,6	2,2
RO	197,1	182,4	(7,5)	4.033	4.226	4,8	795,0	770,8	(3,0)
AC	34,9	31,0	(11,2)	2.350	2.360	0,4	82,0	73,2	(10,7)
AM	12,2	11,5	(5,7)	2.526	2.563	1,5	30,8	29,5	(4,2)
AP	1,7	1,6	(5,9)	962	988	2,7	1,6	1,6	-
PA	258,3	235,8	(8,7)	3.270	3.340	2,1	844,7	787,6	(6,8)
TO	201,2	200,0	(0,6)	4.485	4.081	(9,0)	902,4	816,2	(9,6)
NORDESTE	2.602,9	2.690,4	3,4	2.567	2.792	8,8	6.681,3	7.511,8	12,4
MA	491,7	488,0	(0,8)	3.970	4.142	4,3	1.951,9	2.021,3	3,6
PI	467,4	488,5	4,5	2.966	3.256	9,8	1.386,3	1.590,6	14,7
CE	514,0	528,9	2,9	815	1.019	25,0	418,9	538,9	28,6
RN	29,2	40,9	40,1	348	473	35,9	10,2	19,3	89,2
PB	86,5	109,5	26,6	446	875	96,2	38,6	95,8	148,2
PE	158,0	209,9	32,8	345	542	56,9	54,6	113,7	108,2
AL	37,2	37,2	-	674	705	4,6	25,1	26,2	4,4
SE	172,0	176,3	2,5	4.721	4.000	(15,3)	812,0	705,2	(13,2)
BA	646,9	611,2	(5,5)	3.067	3.928	28,1	1.983,7	2.400,8	21,0
CENTRO-OESTE	8.014,7	7.714,2	(3,7)	6.098	5.446	(10,7)	48.873,7	42.008,6	(14,0)
MT	4.639,1	4.498,4	(3,0)	6.223	5.809	(6,6)	28.867,0	26.132,4	(9,5)
MS	1.787,9	1.705,0	(4,6)	5.521	4.047	(26,7)	9.870,6	6.900,8	(30,1)
GO	1.520,7	1.444,6	(5,0)	6.342	5.871	(7,4)	9.644,2	8.480,8	(12,1)
DF	67,0	66,2	(1,2)	7.341	7.472	1,8	491,9	494,6	0,5
SUDESTE	2.138,9	2.066,6	(3,4)	5.820	5.825	0,1	12.447,9	12.036,9	(3,3)
MG	1.267,0	1.168,6	(7,8)	5.936	6.231	5,0	7.520,9	7.281,9	(3,2)
ES	13,2	13,4	1,5	2.832	2.995	5,8	37,4	40,1	7,2
RJ	2,7	3,5	29,6	2.332	2.318	(0,6)	6,3	8,1	28,6
SP	856,0	881,1	2,9	5.705	5.342	(6,4)	4.883,3	4.706,8	(3,6)
SUL	4.122,2	3.521,7	(14,6)	6.583	5.941	(9,8)	27.137,8	20.920,7	(22,9)
PR	2.917,0	2.474,3	(15,2)	6.115	5.473	(10,5)	17.837,8	13.541,9	(24,1)
SC	400,3	319,0	(20,3)	8.152	7.997	(1,9)	3.263,2	2.551,0	(21,8)
RS	804,9	728,4	(9,5)	7.500	6.628	(11,6)	6.036,8	4.827,8	(20,0)
NORTE/NORDESTE	3.315,9	3.362,3	1,4	2.830	2.985	5,5	9.383,4	10.037,3	7,0
CENTRO-SUL	14.275,8	13.302,5	(6,8)	6.196	5.636	(9,1)	88.459,4	74.966,2	(15,3)
BRASIL	17.591,7	16.664,8	(5,3)	5.562	5.101	(8,3)	97.842,8	85.003,5	(13,1)

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em junho/2018.

9.2.8. Soja

No nono levantamento foi detectado aumento na área plantada de 3,6%, saindo de 33.909,4 mil hectares na safra 2016/17 para 35.139,6 mil hectares, na atual. A produção deverá atingir 118.048,1 mil toneladas, contra 114.075,3 mil observada na safra passada, representando um aumento de 3,5%.

Na Região Norte, praticamente todas as áreas já foram colhidas, restando, principalmente, aquelas em que houve o plantio de uma segunda safra de soja ou em estados que se localizam acima da linha do Equador e seguem o calendário de plantio do Hemisfério Norte.

Em Roraima, o plantio da safra 2017/18 atingiu 80% de

área plantada. A estimativa total de área plantada é de 40 mil hectares, incremento de 33% em relação à safra passada referente à expansão da fronteira agrícola, com novas áreas sendo incorporadas à produção de soja.

A previsão é que até a metade de junho seja finalizada a etapa de plantio. A previsão inicial era de conclusão do plantio em maio, mas o excesso de chuvas atrasou um pouco esse processo.

A paralisação de caminhões no final de maio bloqueou cargas contendo cloreto de potássio e supersimples, que serão aplicados a lanço em etapas iniciais de ins-



talação da cultura, podendo comprometer cerca de 20% da área de soja, caso não sejam normalizadas as entregas de cargas no estado.

Em Rondônia, a área cultivada de soja foi de 333,4 mil hectares. As lavouras de soja se encontram praticamente todas colhidas, no entanto, uma segunda safra de soja foi plantada. De forma geral, a semeadura se concentra maciçamente de outubro a dezembro. Com o advento da soja safrinha, a semeadura ocorre entre o fim de janeiro e início de fevereiro, com a colheita em junho.

A primeira safra está toda colhida. No caso da segunda safra, temos os seguintes estádios de desenvolvimento da cultura: 10% em enchimento de grãos; 75% em maturação e 15% colhido.

A produtividade estimada é de 3.275 kg/ha e o aumento de 4,2% em relação à safra passada se deve a fatores como: quantitativo e melhor distribuição das chuvas, comparada à safra passada; o tamanho dos talhões nas propriedades de Rondônia, que são menores e faz que o monitoramento de pragas e doenças seja mais preciso com as aplicações ocorrendo no momento exato e as lavouras, em sua maior parte, são circundadas por florestas ou outro tipo de vegetação nativa, que abriga uma diversidade de inimigos naturais promovendo melhor sanidade das plantas.

No Pará, 85% da área total semeada com soja, estimada em 545,1 mil hectares, está colhida. Na região de Santana do Araguaia, toda a soja já foi colhida e já conta com aproximadamente 95% da produção negociada.

Já na região de Paragominas, que responde por algo em torno de 56% da produção do estado, foram colhidas 70% da soja e 80% da safra da região já foi negociada.

Em Tocantins, a colheita está finalizada, com uma área estimada em 992 mil hectares e uma produtividade média de 3.086 kg/ha.

A cultura teve um incremento mais modesto na área cultivada em relação às safras anteriores. Isso ocorreu devido à grande frustração da safra 2015/16 e à repetição do quadro em algumas regiões na safra 2016/17. Esse fato levou vários produtores a um elevado comprometimento financeiro e, consequentemente, uma restrição de acesso ao crédito.

As chuvas nessa temporada foram bastante regulares em praticamente todo o estado. As condições das lavouras, no geral, foram muito boas tanto em sanidade quanto em produção, o que garantiu uma produtivi-

dade 5,3% maior que na safra passada.

Na região nordeste, o plantio ocorreu a partir de outubro, com a consolidação do período chuvoso. Esse quadro estimulou o produtor local a ampliar sua área plantada em 5,2% em relação à safra passada.

No Maranhão, as lavouras de soja devem encerrar a colheita nos próximos dias. No momento do levantamento em campo, cerca de 90% da área semeada já tinha sido colhida.

A área cultivada com essa oleaginosa deve atingir a expressiva marca de 942,5 mil hectares, o que representa um aumento de 14,7% em relação à safra anterior, que foi de 821,7 mil hectares.

Ficou evidenciado ainda, nessa avaliação, uma produção expressiva do grão, atingindo 2.931,2 mil toneladas, volume 18,5% superior ao produzido na safra 2016/17, reflexo da obtenção de rendimento médio de 3.110 kg/há, o que confirma, de certo modo, as sucessivas previsões dos levantamentos anteriores, sobretudo quanto às condições climáticas favoráveis à cultura.

No Piauí, nessa safra, ocorreu aumento na área de soja em 2,4%, se comparado à última safra, devido ao retorno das áreas ocupadas por milho na safra passada. Dessa forma, a área total plantada é estimada em 710,5 mil hectares. A colheita das lavouras de soja já está praticamente finalizada em todo o estado, apresentando cerca de 98% da área total já colhida e restando colher apenas a soja plantada na região norte e centro-norte do estado.

Na região norte e centro-norte do estado, as lavouras se encontram predominantemente na fase de frutificação e estão em boas condições. Apesar de ter ocorrido uma diminuição do acumulado de chuvas em todas as regiões do estado em março, isso não prejudicou o desenvolvimento da lavoura nem impactou na produtividade.

Durante todo o período de desenvolvimento da lavoura, houve baixíssima incidência de pragas e doenças, o que permitiu um controle relativamente fácil, com poucas aplicações. A utilização da tecnologia em sua plenitude, além do excelente regime climático, contribuiu para os ótimos resultados alcançados na safra atual.

A expectativa de produtividade é de 3.484 Kg/ha, o que representa um incremento de 18% em relação à produtividade alcançada na safra anterior. Tal expectativa sinaliza para um recorde na produtividade e consequentemente na produção para o Piauí, reflexo de uma safra sem grandes problemas climáticos ou fitossanitários.



Na Bahia, estima-se que a área de cultivo atinja 1.602,4 mil hectares, representando aumento de 1,4% em relação à área cultivada na safra anterior. Essa estimativa de crescimento da área se deve aos bons resultados da safra passada e às condições climáticas favoráveis neste exercício.

Os plantios irrigados foram realizados em outubro e os de sequeiro em novembro e dezembro. Os cultivos irrigados ocuparam 40 mil hectares sob pivô central e foram colhidos em fevereiro, enquanto que as lavouras de sequeiro tiveram a colheita finalizada em meados de maio. Com a colheita finalizada, estima-se a produtividade média de 3.540 kg/há.

Na Região Centro-Oeste, principal região produtora do país, a área plantada apresentou incremento de 3% em relação ao exercício anterior e a produção deve ser 6,7% maior que na safra passada. A colheita está praticamente concluída, restando apenas algumas áreas no norte de Goiás.

Em Mato Grosso, o encerramento da colheita da soja ocorreu na primeira quinzena de abril e a produtividade média se consolidou em 3.350 kg/ha, rendimento 2,4% superior aos 3.273 kg/ha obtidos na temporada anterior.

O patamar recorde é em decorrência de uma confluência de fatores, entre eles o clima bastante favorável, melhorias nas sementes e o plantio em momento mais propício, no que diz respeito ao calendário agrícola, uma vez que ele foi relativamente postergado devido ao atraso do início das chuvas.

Dessa forma, Mato Grosso colheu 31.887,3 mil toneladas na safra 2017/18, montante inédito de produção, e 4,5% superior às 30.513,5 mil toneladas obtidas no último ciclo.

Com a janela de oportunidades de bons preços, decorrente da alta do dólar frente ao real e da menor oferta mundial da commodity, os produtores rurais têm aumentado o volume de negócios de soja. A estimativa é que 85% da safra estadual esteja comercializada e já teve início a comercialização da safra 2018/19, que já supera 10% no estado.

Em Mato Grosso do Sul, com a colheita já finalizada, o ciclo da cultura está praticamente encerrado, faltando apenas concluir a comercialização, que se encontra em torno de 75% do total produzido.

Em maio, a comercialização da soja enfrentou uma paralisação por conta da greve dos caminhoneiros. Como a logística do produto é praticamente toda realizada por meio do transporte rodoviário, o produto

não teve como chegar aos portos e nas indústrias processadoras, produtoras de farelos, óleos e derivados de soja.

O produto teve uma gradativa alta nos últimos três meses, influenciada pela estiagem que atingiu a Argentina, como também pelas altas na cotação e valorização do dólar.

Já existem créditos disponíveis, provenientes das cooperativas e agências bancárias para o custeio da próxima safra.

Em Goiás, a colheita da soja está praticamente concluída, até agora apresentando grãos de ótima qualidade. A produtividade média é estimada em 3.480 kg/ha.

Na região norte do estado ainda existe áreas para serem colhidas, com rendimentos próximos a 56 scs/ha. Os produtores estão comercializando o produto colhido.

Na região sul do estado, a colheita terminou, mas a comercialização do produto está entre 80 e 90%. Dificuldades na obtenção e preço dos fretes têm sido os principais gargalos encontrados.

No Distrito Federal, a colheita está concluída e está praticamente toda comercializada.

A área plantada na safra 2017/18 foi estimada em 71,5 mil hectares, ante aos 70 mil cultivados na safra 2016/17. Os sinais de demanda firme nos mercados interno e externo, aliados à forte alta do dólar, no início do plantio, justificaram tal incremento.

A produtividade estimada foi de 3.540 kg/ha, um incremento de 2,6% em relação à safra passada.

Na Região Sudeste, a área plantada apresentou incremento de 4,2%, comparada com o exercício anterior e a produção deverá ser 7,7% superior à registrada na última safra. Em São Paulo, a área foi totalmente colhida e em Minas Gerais restam poucas áreas para serem colhidas.

Em Minas Gerais, a área de soja está estimada em 1.508,5 mil hectares, 3,6% superior à safra passada, mantendo a tendência dos últimos anos.

As lavouras apresentaram excelente desenvolvimento em razão das condições climáticas favoráveis e, com isso, houve superação da produtividade média, que passou de 3.480 kg/ha, na safra passada, para 3.676 kg/ha na safra atual. A colheita já está praticamente concluída, restando algumas poucas áreas para finalizar.

Na Região Sul, apesar da área plantada maior em 3,1%, a produção deverá ser 5,5% inferior à safra passada,



reflexo, sobretudo, das condições climáticas enfrentados pela região. A colheita está finalizada no Paraná e caminhando para o encerramento em Santa Catarina e no Rio Grande do Sul.

No Paraná, a colheita da safra está finalizada. A produção obtida não conseguiu superar à da safra 2016/17, apesar da maior área plantada. Encerra-se a safra com área plantada de 5.464,8 mil de hectares, com crescimento de 4,1% em relação à safra passada, em detrimento, principalmente, do milho. A produtividade média de 3.508 kg/ha é a segunda maior da série histórica do estado e, se não fosse o excesso de chuvas, falta de luz e baixas temperaturas na fase de desenvolvimento vegetativo, poderia ter sido melhor ainda. Os preços pagos ao produtor estavam com a cotação considerada baixa até início de fevereiro, quando chegou no menor patamar desde dezembro. A partir de então, os grãos começaram a valorizar constantemente. Atualmente 61% da safra está comercializada, contra 44% na mesma data há um ano.

Em Santa Catarina 99% das lavouras se encontram colhidas, sendo o restante representado pela soja tardia, semeada no início de 2018, e que deve ser colhida até o começo de junho. O clima mais estável favoreceu o avanço da operação nas últimas semanas e proporcionou a manutenção da qualidade dos grãos e sementes, principalmente na região oeste do estado, onde se localiza o município de Abelardo Luz.

Embora a colheita não tenha sido encerrada, os dados atuais permitem concluir que a produtividade deverá ficar abaixo do obtido na safra passada, quando as condições climáticas foram muito favoráveis e proporcionaram que os materiais expressassem seu potencial produtivo. Assim, a produtividade atual deve atingir 3.400 kg/ha, uma redução de 5% em relação à safra passada.

A redução na produtividade tem como causas principais as más condições climáticas apresentadas durante parte do ciclo da cultura (estriagens em dezembro, excesso de chuva e sombreamento em janeiro) e pelo

aparecimento de doenças, como a podridão de esclerotinia, favorecidas pelas instabilidades climáticas. As lavouras semeadas tarde foram afetadas, em parte, pela estriagem ocorrida durante praticamente todo o mês de abril e parte de maio, principalmente na região oeste, fazendo que a colheita fosse antecipada em alguns locais.

No Rio Grande do Sul, a colheita está bastante adiantada, chegando a 96,5% da área total. Restam apenas algumas áreas nas regiões mais frias, por exemplo, Vacaúra ou soja semeada tarde.

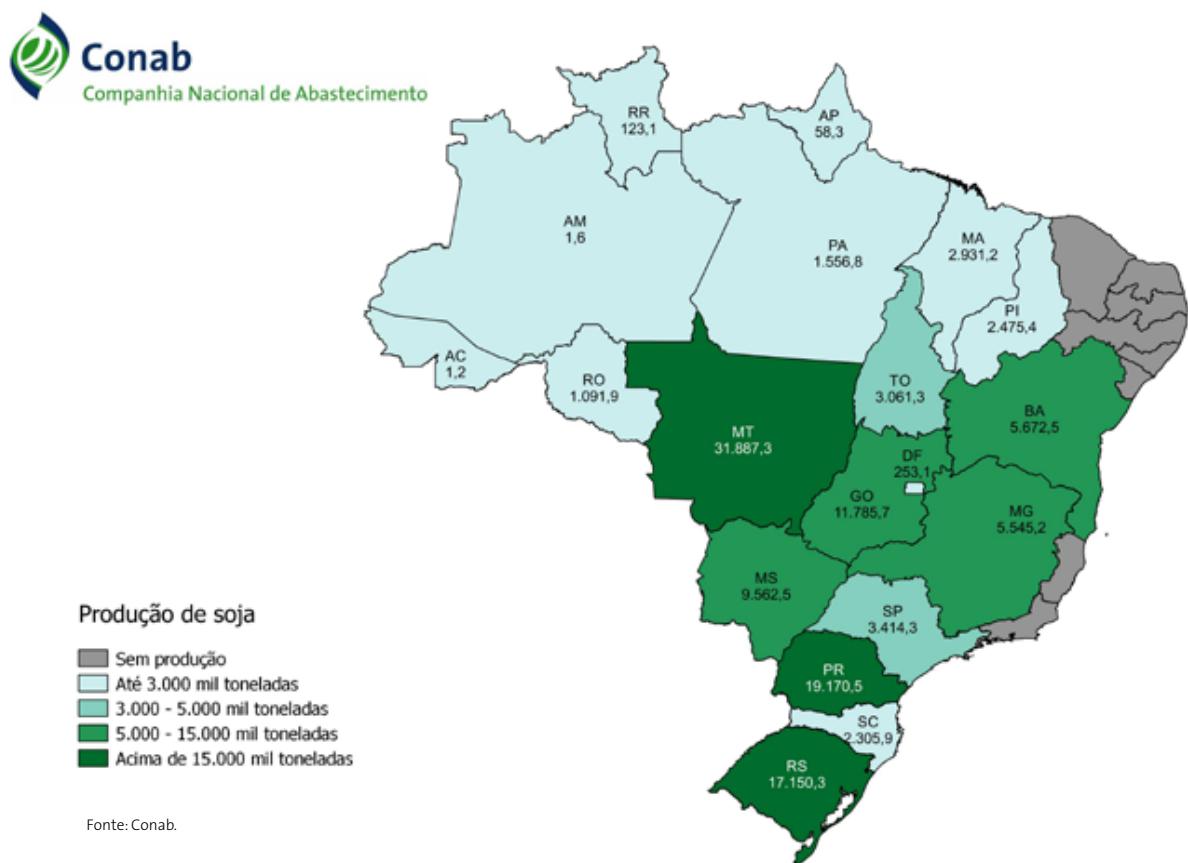
A produtividade, novamente, foi ajustada para cima. Isso ocorreu após a verificação que as condições de temperatura e pluviosidade no final do ciclo foram muito boas, favorecendo a soja tardia e também a revisão das perdas ocorridas na metade sul do estado, que em alguns lugares foram um pouco menores. Com isso, a produtividade foi aumentada para 3.013 kg/ha, 1,1% superior ao levantamento anterior, com produção de 17.150,3 mil toneladas.

Em razão da estriagem ocorrida em novembro, dezembro e janeiro, as produtividades, principalmente no sul do estado, foram menores em relação à safra passada. Houve registro de alguns grãos miúdos e arridos. O retorno das chuvas em março também foi prejudicial para certas lavouras que tiveram plantas rebrotando e vagens verdes junto com algumas já maduras, o que dificultou na colheita. Na metade norte, por outro lado, as produtividades são muito próximas àquelas verificadas na safra anterior e, até mesmo, superiores, como alguns municípios localizados na região do planalto.

Embora a cotação da soja tem se mantido alta, a comercialização não tem evoluído muito. Cerca de 55% foi comercializada pelos agricultores. Algumas cooperativas não registram mais de 30% comercializadas, até o momento. Os agricultores apenas vendem o necessário para quitar suas dívidas com o financiamento da lavoura.



Figura 6o – Mapa da produção agrícola – Soja



Quadro 10 - Histórico das condições hídricas gerais e possíveis impactos nas diferentes fases* da cultura, nas principais regiões produtoras do país – Soja (safra 2016/17)

UF	Mesorregiões	Amendoim primeira safra											
		SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO
RO	Leste Rondoniense		P	P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C			
PA	Sudeste Paraense			PP	P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C		
TO	Ocidental do Tocantins		PP	P/G/DV	P/G/ DV/F	DV/F/ FR/M	F/FR/M/C	FR/M/C	M/C	C			
	Oriental do Tocantins		PP	P/G/DV	P/G/ DV/F	DV/F/ FR/M	F/FR/M/C	FR/M/C	M/C	C			
MA	Sul Maranhense		PP	P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C			
PI	Sudoeste Piauiense			P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C			
BA	Extremo Oeste Baiano		PP	P/G	G/DV	DV/F/FR	F/FR/M	FR/M/C	M/C	C			
MT	Norte Mato-grossense	P/G	P/G	DV	F/FR	FR/M/C	M/C	C					
	Nordeste Mato-grossense	PP	P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C				
	Sudeste Mato-grossense	PP	P/G	DV	F	FR/M/C	M/C	C					
MS	Centro Norte de Mato Grosso do Sul	PP	P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C				
	Leste de Mato Grosso do Sul	PP	P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C				
	Sudoeste de Mato Grosso do Sul	P/G	P/G	DV	F	FR/M/C	M/C	C					
GO	Leste Goiano		P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C				
	Sul Goiano		P/G	DV	F	FR/M/C	M/C	C					
DF	Distrito Federal			P/G	DV/F	FR/M/C	FR/M/C	M/C	C				
MG	Noroeste de Minas		P	P/G	DV	F/FR	FR/M/C	M/C	C				
	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba		P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C				
SP	Itapetininga	PP	P/G	G/DV	DV/F	F/FR/M	FR/M/C	M/C	C				
PR	Centro Ocidental Paranaense	P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C					
	Norte Central Paranaense	PP	P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C				
	Norte Pioneiro Paranaense	PP	P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C				
	Centro Oriental Paranaense		P	P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C			
	Oeste Paranaense	P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C					
	Sudoeste Paranaense	P/G	G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C				
	Centro-Sul Paranaense		P	P/G	G/DV	DV/F/FR	F/FR	FR/M/C	M/C	C			
SC	Sudeste Paranaense		P	P/G	G/DV	DV/F/FR	F/FR	FR/M/C	M/C	C			
	Oeste Catarinense		P	P/G	G/DV	DV/F/FR	F/FR	FR/M/C	M/C	C			
	Norte Catarinense		P	P/G	G/DV	DV/F/FR	F/FR	FR/M/C	M/C	C			
RS	Serrana		P	P/G	G/DV	DV/F/FR	F/FR	FR/M/C	M/C	C			
	Noroeste Rio-grandense		P	P/G	G/DV	DV/F/ FR/M	F/FR/M/C	FR/M/C	M/C	C			
	Nordeste Rio-grandense		P	P/G	G/DV	DV/F/FR	F/FR	FR/M/C	M/C	C			
	Centro Ocidental Rio-grandense		P	P/G	G/DV	DV/F/FR	F/FR	FR/M/C	M/C	C			
RS	Sudoeste Rio-grandense		P	P/G	G/DV	DV/F/FR	F/FR	FR/M/C	M/C	C			

Legendas:

- Baixa restrição - falta de chuvas
- Favorável
- Média restrição - falta de chuva
- Baixa restrição - excesso de chuva

* - (PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

** Total ou parcialmente irrigado. O que não elimina, no entanto, a possibilidade de estar havendo restrições por anomalias de temperatura ou indisponibilidade hídrica para a irrigação.

Fonte: Conab.



Tabela 32 – Comparativo de área, produtividade e produção – Soja

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	1.809,0	1.932,0	6,8	3.061	3.051	(0,3)	5.536,4	5.894,2	6,5
RR	30,0	40,0	33,3	3.000	3.077	2,6	90,0	123,1	36,8
RO	296,0	333,4	5,3	3.143	3.275	4,2	930,3	1.091,9	17,4
AC	-	0,6	-	-	2.055	-	-	1,2	-
AM	-	0,7	-	-	2.250	-	-	1,6	-
AP	18,9	20,2	6,9	2.878	2.884	0,2	54,4	58,3	7,2
PA	500,1	545,1	9,0	3.270	2.856	(12,7)	1.635,3	1.556,8	(4,8)
TO	964,0	992,0	2,9	2.932	3.086	5,3	2.826,4	3.061,3	8,3
NORDESTE	3.095,8	3.255,4	5,2	3.115	3.403	9,2	9.644,7	11.079,1	14,9
MA	821,7	942,5	14,7	3.010	3.110	3,3	2.473,3	2.931,2	18,5
PI	693,8	710,5	2,4	2.952	3.484	18,0	2.048,1	2.475,4	20,9
BA	1.580,3	1.602,4	1,4	3.242	3.540	9,2	5.123,3	5.672,5	10,7
CENTRO-OESTE	15.193,6	15.647,9	3,0	3.301	3.418	3,6	50.149,9	53.488,6	6,7
MT	9.322,8	9.518,6	2,1	3.273	3.350	2,4	30.513,5	31.887,3	4,5
MS	2.522,3	2.671,1	5,9	3.400	3.580	5,3	8.575,8	9.562,5	11,5
GO	3.278,5	3.386,7	3,3	3.300	3.480	5,5	10.819,1	11.785,7	8,9
DF	70,0	71,5	2,1	3.450	3.540	2,6	241,5	253,1	4,8
SUDESTE	2.351,4	2.469,2	5,0	3.467	3.629	4,7	8.151,5	8.959,5	9,9
MG	1.456,1	1.508,5	3,6	3.480	3.676	5,6	5.067,2	5.545,2	9,4
SP	895,3	960,7	7,3	3.445	3.554	3,2	3.084,3	3.414,3	10,7
SUL	11.459,6	11.835,1	3,3	3.542	3.264	(7,9)	40.592,8	38.626,7	(4,8)
PR	5.249,6	5.464,8	4,1	3.731	3.508	(6,0)	19.586,3	19.170,5	(2,1)
SC	640,4	678,2	5,9	3.580	3.400	(5,0)	2.292,6	2.305,9	0,6
RS	5.569,6	5.692,1	2,2	3.360	3.013	(10,3)	18.713,9	17.150,3	(8,4)
NORTE/NORDESTE	4.904,8	5.187,4	5,8	3.095	3.272	5,7	15.181,1	16.973,3	11,8
CENTRO-SUL	29.004,6	29.952,2	3,3	3.410	3.375	(1,0)	98.894,2	101.074,8	2,2
BRASIL	33.909,4	35.139,6	3,6	3.364	3.359	(0,1)	114.075,3	118.048,1	3,5

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em junho/2018.

9.1.9. SORGO

A cultura do sorgo deverá ter uma área plantada de 6575 mil hectares e uma produtividade de 2.850 kg/ha. O sorgo é uma cultura bastante resistente à seca e climas quentes e, por isso, muito utilizado em sucessão de culturas na segunda safra. Entretanto, observa-se que a escolha do sorgo pelo produtor varia muito em virtude do mercado, e seu plantio só é definido após a conclusão do plantio do milho segunda safra.

Em Tocantins, para esta safra não houve crescimento de área cultivada, retração de 6,1% em relação à safra 2016/17. O motivo para a desaceleração do crescimento da cultura no estado é o resultado econômico, já que a cultura tem apresentado um resultado inferior ao do milho, por exemplo, e devido às produtividades alcançadas nas safras anteriores que têm frustrado a expectativa dos agricultores.

As lavouras já se encontram em fase de floração e frutificação e as condições são consideradas razoáveis. A apreensão dos produtores se deve à redução drástica dos volumes precipitados, especialmente na segunda quinzena de abril e maio, que comprometerá a produtividade da cultura em todo o estado.

Na Bahia, as lavouras de sorgo foram cultivadas em 100,1 mil hectares, com a expectativa de produzir 94,3 mil toneladas, com previsão de rendimento médio de 942 kg/ha. Os grãos de sorgo são destinados às criações nos cultivos conduzidos pela agricultura familiar e para as granjas (suínos e porcos) em substituição ao milho nos cultivos da agricultura empresarial. Os produtores estão distribuídos por toda o estado, havendo cultivo no extremo oeste, no Centro-Norte, no Centro-Sul e no Vale do São Francisco. No extremo oeste



espera-se a produtividade de 1.380 Kg/ha em 39,1 mil hectares, com plantio em sucessão à lavoura de soja. As lavouras de sorgo se encontram em fase de frutificação e maturação.

No centro-norte, espera-se a produtividade de 720 kg/ha em 2.070 mil hectares. As plantas estão apresentando bom desenvolvimento, não havendo registro de danos devido a pragas e doenças ou pelo veranico ocorrido em janeiro. As condições climáticas para a cultura estão favoráveis devido sua alta adaptação ao estresse hídrico. As lavouras estão em fase de maturação dos grãos e colheita.

No centro-sul e Vale do São Francisco, a severidade da restrição hídrica impactou na redução da expectativa da produção em 45%, reduzindo a produtividade média esperada de 1.200 Kg/ha para 660 kg/ha em 59 mil hectares. As lavouras estão em fase de maturação dos grãos e colheita.

**Figura 61 - Lavouras de sorgo em fase de enchi-
mento dos grãos e apresentando bom desenvol-
vimento vegetativo em São Desidério-BA**



Fonte: Conab.

**Figura 62 - Lavoura de sorgo cultivada em regime
de sequeiro, em fase de colheita em Malhada-BA**



Fonte: Conab.

Na Paraíba, em virtude de fatores econômicos, o produtor paraibano tradicionalmente explora o sorgo forrageiro, destinado à formação de silagem para consumo dos seus rebanhos. Essa cultura registrou na safra 2016/17 área de 1,3 mil hectares e produtividade média de 1.600 Kg/ha. Do total da área plantada, têm-se 900 hectares realizado por empresa especializada na produção de sementes, com a utilização de pacote tecnológico avançado. Diante da frustração na qualidade das sementes ocorrida na safra passada, resultante do estresse hídrico na lavoura, a empresa na presente safra decidiu reduzir as áreas de cultivo, portanto, nesta safra, o total de área está em 1,2 mil hectares e, em razão da melhora no regime de chuvas, espera-se incremento na produtividade para 1.700 Kg/ha.

No Piauí, a expectativa da área plantada de sorgo é de 16,5 mil hectares, representando um aumento na área de 44,3% em relação à safra 2016/17. Esse aumento se justifica, principalmente, pela substituição de área inicialmente planejada para o milho safrinha, já a produtividade prevista é de 1.800 kg/ha, inferior em 11,9% em relação à alcançada na safra anterior. Essa redução se justifica devido à suspensão das chuvas durante o ciclo de desenvolvimento das culturas de segunda safra.

No Rio Grande do Norte, a cultura do sorgo com dupla aptidão vem se tornando uma das principais alternativas de alimentos volumosos para os rebanhos, sobretudo os bovinos, já que a maior parte da produção da planta vai para ração animal (forragem). A área do sorgo forrageiro cresceu nesta safra, porém, como o levantamento considera somente o sorgo granífero, estima-se na presente safra uma área de 1,7 mil hectares em relação a 1,3 mil hectares da safra passada, ou seja, incremento de 30,8%. A produção estimada do grão será maior em 31,3% do que a safra 2017.

Em Mato Grosso, no atual ciclo, houve menor plantio de sorgo no estado devido à competição de espaço com outras culturas de segunda safra, tais como o milho e o feijão-caupi. Os 32 mil hectares de lavoura estadual estão, predominantemente, em floração e maturação. A previsão é que a colheita ocorra em junho e julho. A cultura, essencialmente, tem papel de cobertura vegetal.



Figura 63 - Lavoura de sorgo em Nova Mutum-MT



Fonte: Conab.

Em Mato Grosso do Sul, a estimativa de área a ser cultivada é de aproximadamente 7 mil hectares, uma redução de aproximadamente 9,1% em relação à safra anterior, com perspectiva de produtividade em torno de 3.300 Kg/ha. Atualmente, aproximadamente 100% da área destinada à cultura já foi plantada e se encontra principalmente em desenvolvimento vegetativo e floração.

O sorgo é plantado nas regiões norte e nordeste do estado e muitos produtores plantam o cereal após a colheita da soja e plantio do milho segunda safra. Tal como o milho, a cultura tende a ter quebra de produtividade em decorrência do estresse hídrico.

Em Goiás, grande parte das áreas já estão na fase reprodutiva, com variedades de ciclo curto em torno de 125 a 130 dias. A maioria das áreas estão na fase de enchimento de grãos e outra menor parte está com as panículas em formação, ou seja, abertura. Boa sanidade das lavouras devido aos materiais utilizados serem resistentes às doenças como antracnose e ferrugem. Em muitas áreas se observou as folhas enroladas devido à baixa quantidade de chuvas, sendo uma característica de latência, em que as plantas apresentam um mecanismo para não perder água. Embora a cultura apresente boa tolerância à falta de chuvas, mesmo assim ocorrerá uma redução na produtividade média geral do estado, 7,1% em relação à safra anterior.

Pelo fato do sorgo se apresentar mais tolerante à escassez de umidade no solo, vem sendo uma opção de cultivo de segunda safra no estado. A previsão de colheita para sorgo é a partir de julho ou agosto, com a prática da dessecação sendo realizada em torno de 45 dias antes da colheita.

Figura 64 - Lavoura de sorgo em Goiás



Fonte: Conab.

Em Minas Gerais, a área de sorgo segunda safra está estimada em 215 mil hectares, 17,4% superior à safra passada em razão do fechamento da janela de plantio para o milho segunda safra bem como da situação de escassez de chuvas, melhor tolerada pelo sorgo. A produtividade inicialmente estimada para essa cultura é de 3.530 Kg/ha, podendo resultar numa produção de 759 mil toneladas. Colheita prevista para julho e agosto.

Em São Paulo, o sorgo é bastante tolerante à seca em comparação com outros cereais. Ele também apresenta menor custo de produção e, além disso, o cultivo do sorgo fornece matéria residual rica em carbono e nitrogênio, para as culturas sucessivas. A estimativa aponta recuo na área de 1,9% nesse nono levantamento. A produtividade deverá ter retração de 5% em relação à safra anterior devido à grande estiagem.

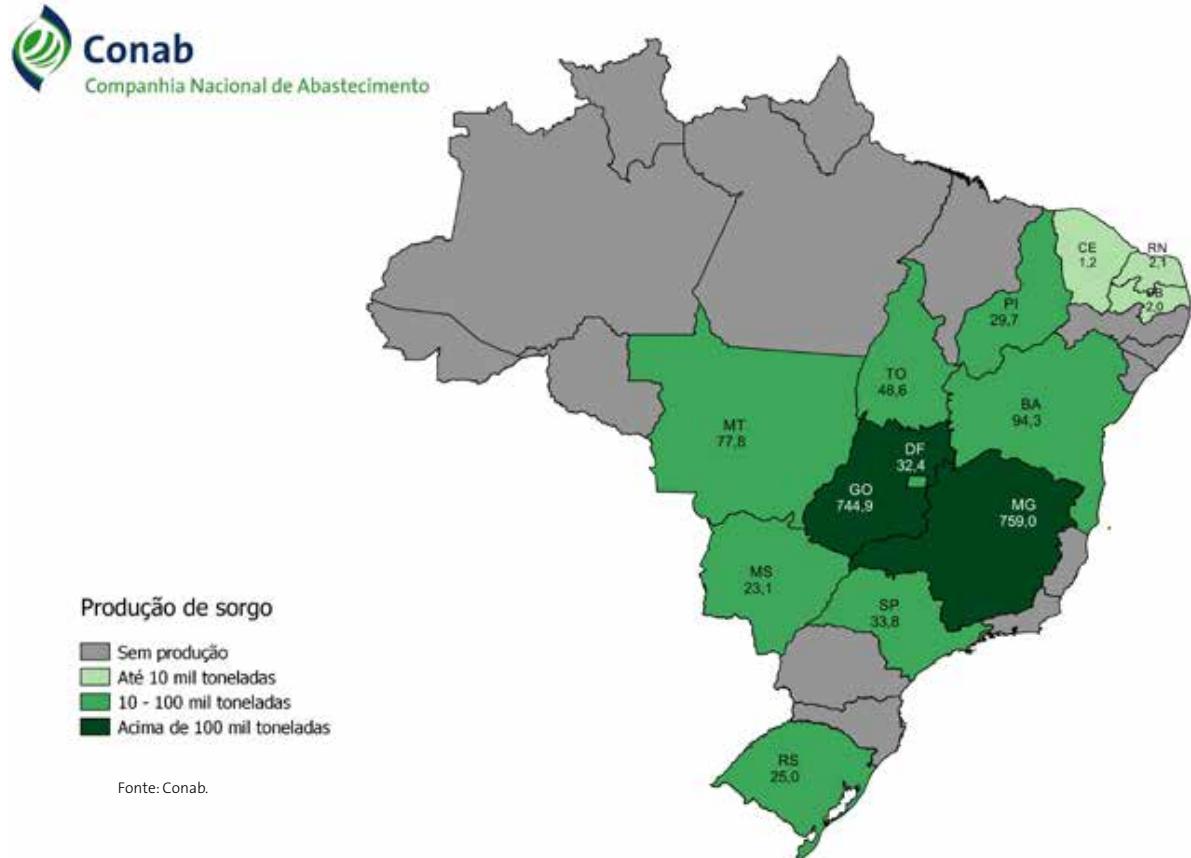
Figura 65 - Lavoura de sorgo em Orlândia-SP



Fonte: Conab.



Figura 66 – Mapa da produção agrícola – Sorgo



Quadro 11 - Histórico das condições hídricas gerais e possíveis impactos nas diferentes fases* da cultura nas principais regiões produtoras do país – Sorgo

UF	Mesorregiões	Sorgo											
		SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO
TO	Oriental do Tocantins					P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	
PI	Sudoeste Piauiense					P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	
BA	Extremo Oeste Baiano					P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	
	Vale São-Franciscano da Bahia		P	P/G/DV	DV	DV/F	FR	M/C	C				
MS	Leste de Mato Grosso do Sul					P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	
	Nordeste Mato-grossense					P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	
MT	Sudeste Mato-grossense					P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	
	Norte Mato-grossense					P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	
	Centro Goiano					P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	
GO	Leste Goiano					P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	
	Sul Goiano					P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	
DF	Distrito Federal					P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	
	Noroeste de Minas					P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	
MG	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba					P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	
SP	Ribeirão Preto					P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	

Legendas:

- Baixa restrição - falta de chuvas
 - Favorável
 - Média restrição - falta de chuva
 - Baixa restrição - excesso de chuva
- Média restrição - Excesso de chuva

* - (PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

** Total ou parcialmente irrigado. O que não elimina, no entanto, a possibilidade de estar havendo restrições por anomalias de temperatura ou indisponibilidade hídrica para a irrigação.

Fonte: Conab.



Tabela 33 – Comparativo de área, produtividade e produção – Sorgo

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 2016	Safra 2017	VAR. %	Safra 2016	Safra 2017	VAR. %	Safra 2016	Safra 2017	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	29,4	27,6	(6,1)	1.889	1.760	(6,8)	55,5	48,6	(12,4)
TO	29,4	27,6	(6,1)	1.889	1.760	(6,8)	55,5	48,6	(12,4)
NORDESTE	113,2	120,2	6,2	1.180	1.076	(8,7)	133,5	129,3	(3,1)
PI	11,4	16,5	44,3	2.044	1.800	(11,9)	23,3	29,7	27,5
CE	0,7	0,7	-	1.915	1.767	(7,7)	1,3	1,2	(7,7)
RN	1,3	1,7	30,8	1.244	1.248	0,3	1,6	2,1	31,3
PB	1,3	1,2	(7,7)	1.600	1.700	6,3	2,1	2,0	(4,8)
BA	98,5	100,1	1,6	1.068	942	(11,8)	105,2	94,3	(10,4)
CENTRO-OESTE	283,3	275,4	(2,8)	3.373	3.189	(5,5)	955,6	878,2	(8,1)
MT	38,5	32,0	(16,9)	2.353	2.431	3,3	90,6	77,8	(14,1)
MS	7,7	7,0	(9,1)	3.650	3.300	(9,6)	28,1	23,1	(17,8)
GO	230,1	229,2	(0,4)	3.500	3.250	(7,1)	805,4	744,9	(7,5)
DF	7,0	7,2	2,9	4.500	4.500	-	31,5	32,4	2,9
SUDESTE	193,6	225,3	16,4	3.581	3.519	(1,7)	693,2	792,8	14,4
MG	183,1	215,0	17,4	3.588	3.530	(1,6)	657,0	759,0	15,5
SP	10,5	10,3	(1,9)	3.452	3.280	(5,0)	36,2	33,8	(6,6)
SUL	9,0	9,0	-	3.000	2.777	(7,4)	27,0	25,0	(7,4)
RS	9,0	9,0	-	3.000	2.777	(7,4)	27,0	25,0	(7,4)
NORTE/NORDESTE	142,6	147,8	3,6	1.326	1.204	(9,2)	189,0	177,9	(5,9)
CENTRO-SUL	485,9	509,7	4,9	3.449	3.327	(3,5)	1.675,8	1.696,0	1,2
BRASIL	628,5	657,5	4,6	2.967	2.850	(3,9)	1.864,8	1.873,9	0,5

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em junho/2018.

9.2. CULTURAS DE INVERNO

9.2.1. AVEIA

No Mato Grosso do Sul, muitas áreas foram identificadas para a colheita de grãos no estado, representando uma área de aproximadamente de 30 mil hectares e produtividade estimada de 1.600 kg/ha. Como há indefinição em relação às áreas destinadas para produção de grãos ou para cobertura do solo, o total da área de produção será estipulado com maior precisão nos levantamentos posteriores.

A aveia branca não está entre as principais culturas no estado, porém é de grande importância em relação às práticas de manejo cultural, tais como: rotação de culturas, incremento de palhada e manejo de plantas invasoras através da alelopatia.

O mercado do cereal é muito instável e vários produtores cultivam a aveia após a colheita do milho safrinha, para a cobertura de solo, pastagens anuais de inverno e, caso haja preços favoráveis na ocasião da colheita, é feita a comercialização de grãos para indústrias e nutrição animal. Parte da produção é destinada para outros estados e atualmente o Mato Grosso é um dos principais compradores de aveia branca do Mato Grosso do Sul.

O plantio após a colheita do milho safrinha ocorre através do sistema de plantio direto, aproveitando a palhada. A semeadura ocorre a lanço, porque a cultura não é exigente em relação aos solos, pragas e doenças, além da rusticidade climática.

No Paraná, a área de aveia terá incremento de quase 10% em relação à safra anterior e deverá alcançar os 69,2 mil hectares. O aumento na área é consequência na queda de área do milho segunda safra, mas ainda insignificante, ante aos mais de 300 mil hectares que não foram semeados com milho. A maior parte das áreas foi destinada à cobertura verde, com aveia preta, principalmente. Apesar do incremento, o plantio está atrasado (apenas 45% semeados), resultado da estiagem, que não propicia umidade adequada ao solo para semeadura. As lavouras já semeadas se encontram em emergência (66%) e perfilhamento (34%).

No Rio Grande do Sul, a estimativa é de manutenção na área de aveia em relação à safra passada, estimada em 248,2 mil hectares. Incremento na produtividade e na produção em 23,7%, respectivamente. Aveia no estado está em substituição ao trigo e cevada.

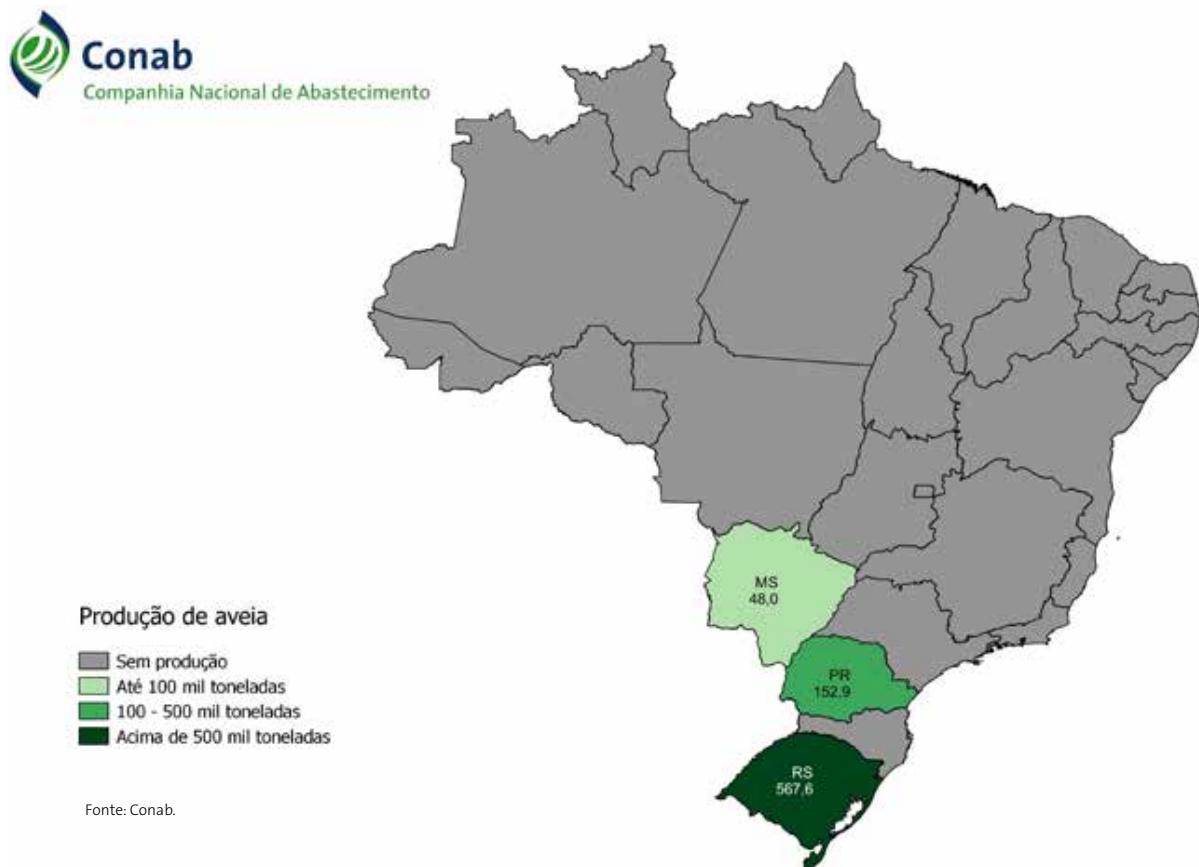


Figura 67 - Lavoura de aveia em germinação em Campo Novo-RS



Fonte: Conab.

Figura 68 – Mapa da produção agrícola – Aveia



Quadro 12 – Histórico das condições hídricas gerais e possíveis impactos nas diferentes fases* da cultura nas principais regiões produtoras do país – Aveia (safra 2016/17)

UF	Mesorregiões	Aveia											
		JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ
MS	Sudoeste de Mato Grosso do Sul				P	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C			
PR	Centro Ocidental Paranaense				P	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C			
	Norte Central Paranaense				P	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C			
	Centro Oriental Paranaense				P	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C		
RS	Oeste Paranaense				P	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C			
	Centro-Sul Paranaense						P	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C
	Noroeste Rio-grandense					P	G/DV	DV/F	F/FR	M/C	C		
RS	Nordeste Rio-grandense						P	G/DV	DV/F	F/FR	M/C	C	
	Centro Ocidental Rio-grandense				P	G/DV	DV/F	F/FR	M/C	C			

Legendas:

 Baixa restrição - falta de chuvas
  Favorável
  Média restrição - falta de chuva
  Baixa restrição - excesso de chuva

 Restrição por falta de chuva e geadas

* - (PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

** - Irrigado. O que não elimina, no entanto, a possibilidade de estar havendo restrições por anomalias de temperatura ou indisponibilidade hídrica para a irrigação.

Fonte: Conab.

Tabela 34 – Comparativo de área, produtividade e produção – Aveia

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 2017	Safra 2018	VAR. %	Safra 2017	Safra 2018	VAR. %	Safra 2017	Safra 2018	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
CENTRO-OESTE	29,0	30,0	3,4	1.552	1.600	3,1	45,0	48,0	6,7
MS	29,0	30,0	3,4	1.550	1.600	3,2	45,0	48,0	6,7
SUL	311,3	317,4	2,0	1.891	2.270	20,0	588,8	720,5	22,4
PR	63,1	69,2	9,7	2.058	2.209	7,3	129,9	152,9	17,7
RS	248,2	248,2	-	1.849	2.287	23,7	458,9	567,6	23,7
CENTRO-SUL	340,3	347,4	2,1	1.862	2.212	18,8	633,8	768,5	21,3
BRASIL	340,3	347,4	2,1	1.862	2.212	18,8	633,8	768,5	21,3

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em junho/2018.



9.2.2. CANOLA

No Paraná, a cultura da canola, que depende completamente de fomento por parte da indústria de óleo, foi a que apresentou maior declínio de área semeada, 64,6% em relação à safra anterior. Nas últimas safras os produtores tiveram bastante prejuízo com a canola, vítimas das intempéries climáticas típicas do inverno paranaense, o que explica a brusca redução na intenção de plantio. Apenas 23% da área de 1,7 mil hectares

foram semeados até então.

No Rio Grande do Sul, a semeadura da canola se encontra com cerca de 20% semeado. As regiões mais adiantadas, no caso da canola, eram as de Ijuí (40%) e Santa Rosa (30%). A tendência é que a área seja mantida, o que só deve se confirmar com a finalização da semeadura.

Figura 69 – Mapa da produção agrícola – Canola

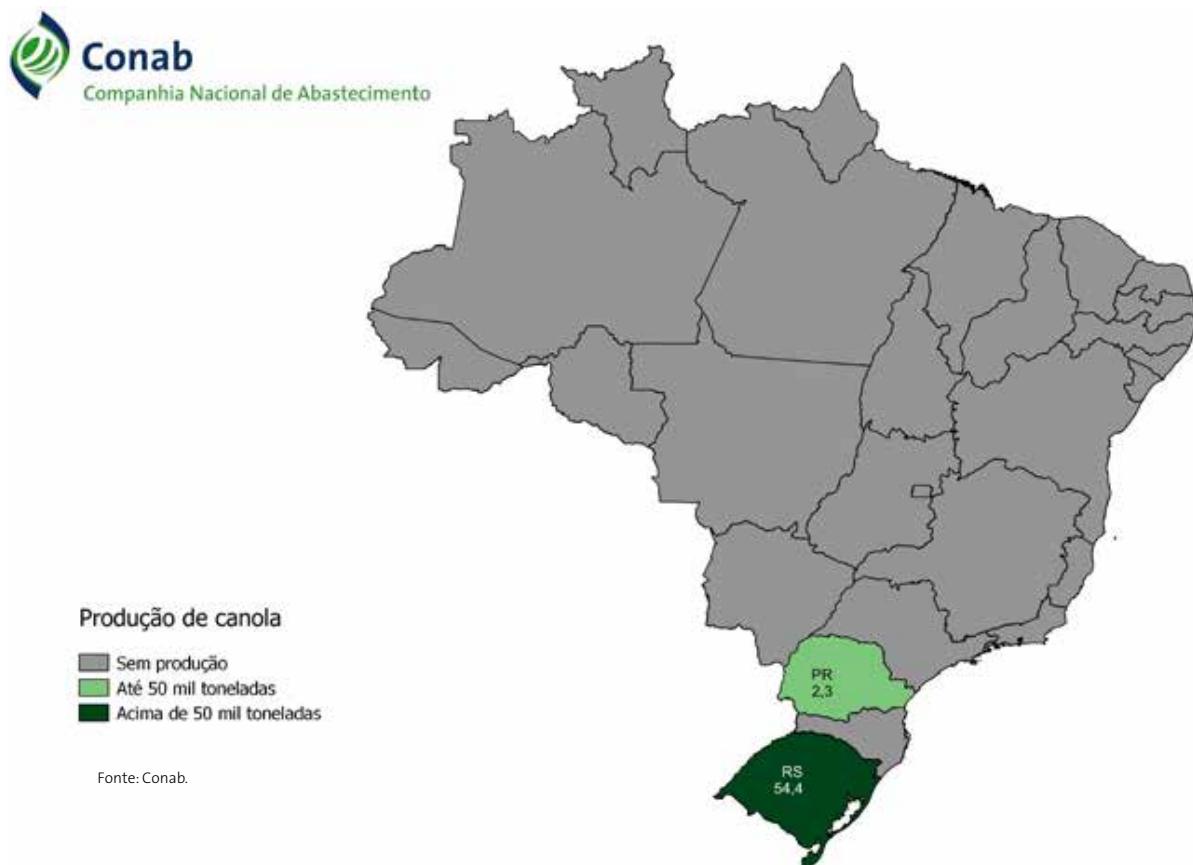


Tabela 35 – Comparativo de área, produtividade e produção – Canola

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 2017	Safra 2018	VAR. %	Safra 2017	Safra 2018	VAR. %	Safra 2017	Safra 2018	VAR. %
(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)	
SUL	48,1	45,0	(6,4)	848	1.260	48,6	40,8	56,7	39,0
PR	4,8	1,7	(64,6)	1.286	1.343	4,4	6,2	2,3	(62,9)
RS	43,3	43,3	-	799	1.257	57,3	34,6	54,4	57,2
CENTRO-SUL	48,1	45,0	(6,4)	848	1.260	48,6	40,8	56,7	39,0
BRASIL	48,1	45,0	(6,4)	848	1.260	48,6	40,8	56,7	39,0

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em junho/2018.



9.2.3. CENTEIO

No Paraná, cultura sem muita expressão econômica, tem sua produção destinada à produção de farinhas especiais, fabricação de broas ou outros quitutes arte-

sanais. A área prevista de 2,2 mil hectares começará a ser semeada em junho, com estimativa de produzir 4,4 mil toneladas de grãos.

Figura 70 - Mapa da produção agrícola - Centeio

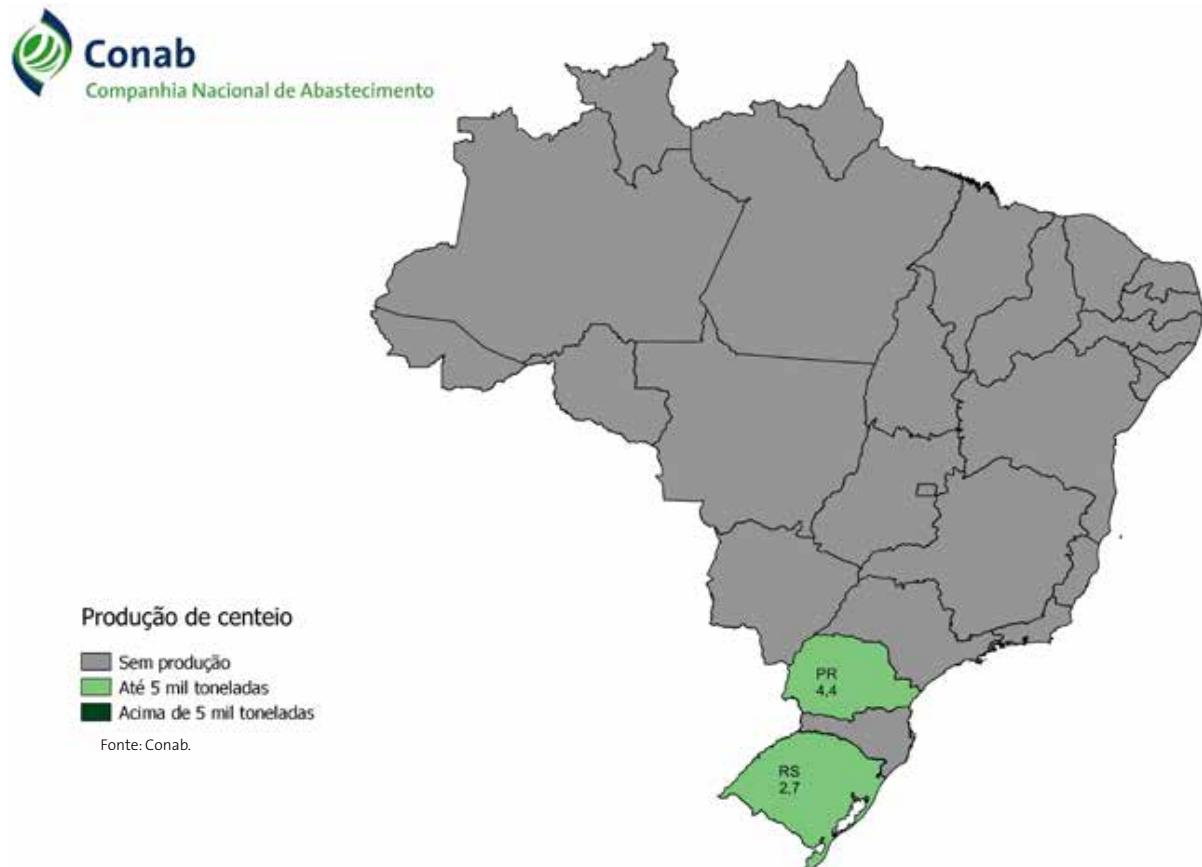


Tabela 36 – Comparativo de área, produtividade e produção – Centeio

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 2017	Safra 2018	VAR. %	Safra 2017	Safra 2018	VAR. %	Safra 2017	Safra 2018	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
SUL	3,6	3,7	2,8	1.722	1.919	11,4	6,2	7,1	14,5
PR	2,1	2,2	4,8	1.678	1.994	18,8	3,5	4,4	25,7
RS	1,5	1,5	-	1.826	1.806	(1,1)	2,7	2,7	-
CENTRO-SUL	3,6	3,7	2,8	1.722	1.919	11,4	6,2	7,1	14,5
BRASIL	3,6	3,7	2,8	1.722	1.919	11,4	6,2	7,1	14,5

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em junho/2018.



9.2.4. CEVADA

A intenção de plantio com a cultura da cevada no Paraná é de 54,6 mil hectares, 8,8% superior à temporada passada. O aumento ocorre em função do maior fomento por parte das maltarias. O plantio, ainda incipiente, se concentra nas regiões dos campos gerais e terceiro planalto e está em fase de implantação, devendo se estender até meados de julho. A produção prevista é de 207,8 mil toneladas de grãos.

Em Santa Catarina, apenas o município de Campos Novos, na região Meio-Oeste, apresentou registro de intenção de plantio de cevada, a qual deve ser desti-

nada à produção de malte para cooperativa do Paraná. Essa tem a intenção de financiar 610 hectares em 2018, 48,8% a menos que a safra anterior, quando foram plantados 1,2 mil hectares. O plantio deve iniciar em meados de junho e a colheita em novembro.

No Rio Grande do Sul, a estimativa é de manutenção na área de cevada, em 57 mil hectares, em virtude de algumas mudanças de procedimentos tecnológicos da principal compradora, a Ambev, e deve promover algumas adaptações dos produtores.

Figura 71- Mapa da produção agrícola - Cevada

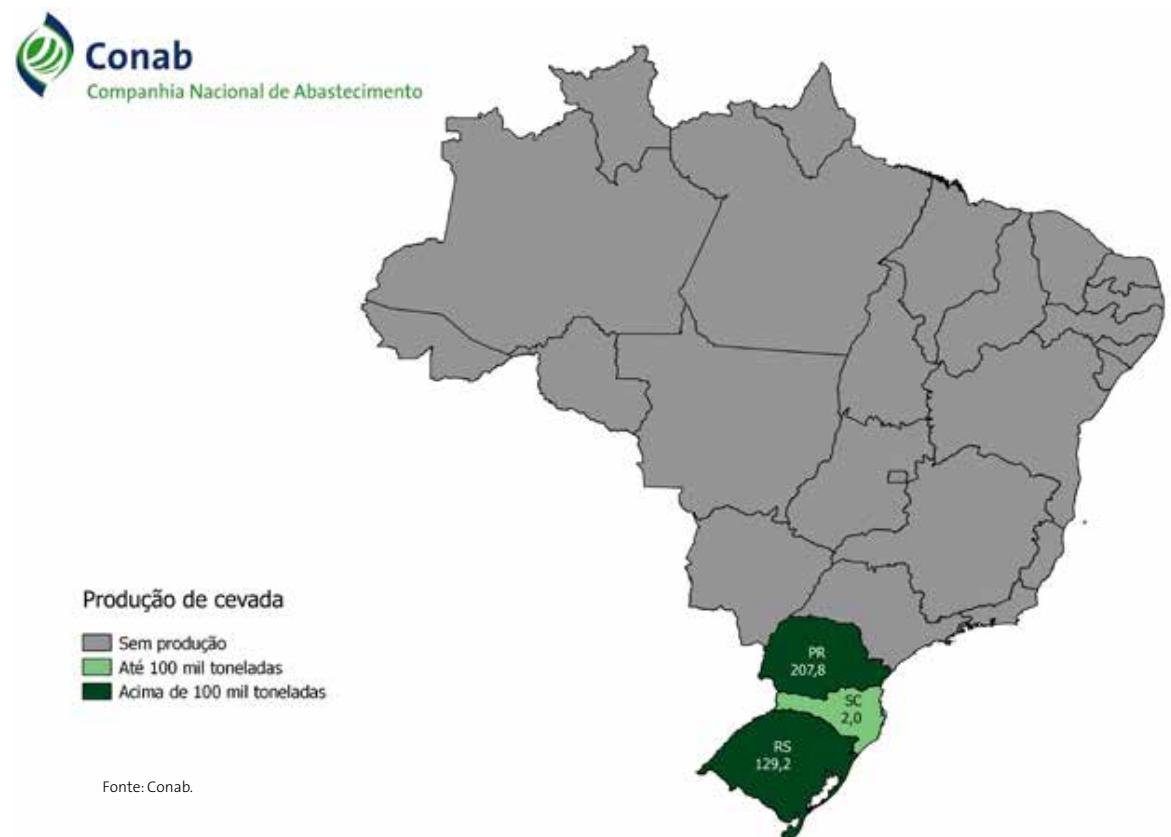


Tabela 37 – Comparativo de área, produtividade e produção – Cevada

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 2017	Safra 2018	VAR. %	Safra 2017	Safra 2018	VAR. %	Safra 2017	Safra 2018	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
SUL	108,4	112,2	3,5	2.602	3.018	16,0	282,1	338,6	20,0
PR	50,2	54,6	8,8	3.301	3.806	15,3	165,7	207,8	25,4
SC	1,2	0,6	(50,0)	1.700	2.628	54,6	2,0	1,6	(20,0)
RS	57,0	57,0	-	2.006	2.266	13,0	114,3	129,2	13,0
CENTRO-SUL	108,4	112,2	3,5	2.602	3.018	16,0	282,1	338,6	20,0
BRASIL	108,4	112,2	3,5	2.602	3.018	16,0	282,1	338,6	20,0

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em junho/2018.



9.2.5. TRIGO

Na Bahia estima-se que sejam cultivados 5 mil hectares desse cereal. De acordo com as informações do Conselho Técnico da Aiba, as lavouras estão distribuídas em cinco propriedades entre os municípios de Barreiras, Luís Eduardo Magalhães, Riachão das Neves, São Desidério e Formosa do Rio Preto.

A motivação dos pioneiros com a introdução do trigo na região esteve ligada aos benefícios como a redução da incidência de doenças como Fusariose e Esclerotinia, por não ser o trigo seu hospedeiro, diminuição na ocorrência de nematoides e plantas daninhas, na diversificação e cobertura do solo, segundo consultor Pedro Júnior, integrante do Conselho técnico da Aiba.

O cultivo é irrigado e deve ser realizado em meados de maio, quando a temperatura noturna atinge 17º C, e a colheita em agosto e setembro.

No Mato Grosso do Sul a estimativa de área a ser cultivada no estado é de aproximadamente 23 mil hectares, um aumento de 15% em relação à safra anterior, com perspectiva de produtividade em torno de 2.000 kg/ha. Atualmente, aproximadamente 80% da área destinada ao trigo já foi plantada e a maioria das lavouras estão no estádio de desenvolvimento vegetativo.

A cultura se adapta tanto a solos arenosos quanto argilosos. Porém, nos solos com alto teor de argila, há relatos de dificuldades para a germinação das plântulas. O uso de grades aradoras e aplicações de defensivos em lavouras com restos culturais do milho segunda safra são práticas comuns no cultivo do cereal. Nos solos onde a cultura é plantada em pós-colheita da soja, os restos culturais se decompõem e o produtor mantém um período em pousio, facilitando a semeadura nessas áreas, realizando apenas análise de solo para correções com adubações e posterior plantio do cereal.

Algumas áreas apresentaram ataques de pulgão em plântulas e aplicações corretivas com defensivos, apresentaram-se eficientes ao controle do inseto. Os monitoramentos constantes têm apresentado resultados esperados pelos produtores.

O câmbio apresentou alta neste semestre e desfavoreceu as tradings a importarem o cereal dos países vizinhos, como o Paraguai e Argentina, gerando expectativas de melhores preços aos produtores locais por ocasião da colheita.

O trigo em Goiás é todo irrigado (sistema pivô central). A safra ocorre em regiões altas como Cristalina, Luziâ-

nia e Água Fria de Goiás, justamente na entre safra de outros países.

No Distrito Federal, o cenário para a próxima safra define uma área semelhante à cultivada na safra anterior em 900 hectares. O rendimento médio estimado é de 6.200 kg/ha, 3,3% superior ao obtido na safra anterior, ocasionado, sobretudo, pelas boas condições de clima observadas até o momento.

O plantio foi efetivado e as lavouras ultrapassam o bom estádio de germinação e desenvolvimento vegetativo. A maior parte do trigo cultivado é com irrigação, e as barragens se encontram em seu potencial máximo de abastecimento.

O triticultor da região central do Brasil tem a vantagem de ser o primeiro colhido no país, o que favorece a comercialização. Além dos preços atrativos de mercado, favorece também o período de escassez do produto por ser a entressafra da produção nacional.

A desvalorização do real ajudou apenas a frear o movimento de alta dos preços internos. Daqui a diante, e até a nova colheita, a variação cambial no Brasil definirá o rumo dos preços do trigo.

Em Minas Gerais o plantio de trigo teve início no final de março e deve se estender até o julho. A área de plantio está estimada em 81,3 mil hectares, 3,9% inferior em relação à safra anterior. As lavouras de sequeiro respondem negativamente ao período de estiagem e baixas temperaturas, prenunciando baixas produtividades para esta safra. As lavouras irrigadas apresentam bom desenvolvimento vegetativo e estimativas de rendimento normais.

Figura 72 - Lavoura de trigo de sequeiro em Boa Esperança (baixa germinação baixo desenvolvimento vegetativo)



Fonte: Conab.



Figura 73 - Lavoura de trigo em São João del-Rei - Sureg-MG



Fonte: Conab.

Em São Paulo, diante deste levantamento realizado à campo, ficou evidenciado com relação ao trigo safra 2018 que o plantio está significativamente atrasado devido à ausência de chuvas no estado. O estado vem atravessando forte estiagem, perfazendo praticamente 50 dias sem chuva.

Conforme relata as cooperativas locais e também as casas de agricultura, os produtores estão plantando sem maiores expectativas. Muitos deles, semearam o trigo no pó, ou seja, jogaram a semente do cereal nas lavouras, cientes da possibilidade de não haver boa colheita. Essa realidade se faz presente para aqueles produtores que plantam no sequeiro.

Situação já bastante diferente do produtor que planta sob pivô de irrigação. Esse produtor semeou o trigo na janela agrícola recomendável, efetuou o plantio em meados de maio, e está com suas lavouras permanentemente irrigadas. (Caso específico da região de Itapeva e Paranapanema).

Para detalhar melhor geograficamente a posição do trigo no estado de São Paulo, podemos considerar que as áreas de maior produção se encontram na região sudoeste do estado, municípios de Itapeva, Itaberá e Itararé. Pois nesses municípios a presença de produtores tecnificados é maior que as demais regiões. Cabe ainda ressaltar, que os produtores que se dedicam ao cultivo desse cereal de inverno, são tradicionais e acabam plantando, pois é uma maneira eficaz de proteção do solo. A colheita do trigo ocorre em setembro e outubro, período em que os produtores começam a planejar o plantio da soja.

A palhada do trigo que fica sob as lavouras contribui positivamente para a semeadura das culturas de verão (milho e soja). As áreas de trigo deverão sofrer redução, se comparada com a safra passada, pois o produtor que cultiva o trigo se mantém tradicional à cultura em função das razões elencadas acima.

A área de trigo no Paraná está estimada em 1.046 mil

hectares. Até o momento aproximadamente 52% foram semeados e a maioria (78%) das lavouras se encontra em fase de emergência. Devido à escassez de chuvas, o plantio está atrasado e a germinação está desuniforme. Com o retorno das precipitações o plantio deve acelerar e praticamente finalizar em junho. A previsão é que a produção supere a de 2017 em 26%.

Outro motivo para o atraso no plantio é a falta de combustíveis devido à greve dos caminhoneiros. Os produtores dão preferência à colheita do feijão que está pronto para ceifa. Caso haja muita demora na normalização do abastecimento, existe grande chance de não se confirmar a área prevista, pois os produtores preferem não comprometer a janela de plantio da soja 2018/19.

Em Santa Catarina, as estimativas para a safra atual ainda não estão consolidadas, pois a semeadura só deve ocorrer a partir de meados de junho, prolongando-se até agosto nas regiões do Planalto Sul. Dados iniciais apontam para uma redução da área em vários municípios, enquanto outros apresentam tendência de aumento. Em alguns, não há intenção de plantio. Há um certo consenso de que pode haver redução do pacote tecnológico aplicado à cultura nesta safra, principalmente em relação aos fertilizantes, na tentativa de diminuir os custos de produção, os quais, junto aos riscos inerentes à cultura, principalmente o clima, vêm desestimulando o cultivo pela baixa rentabilidade.

Ainda, a coincidência da colheita do cereal com o início do plantio da safra de verão, principalmente da soja, cuja rentabilidade tem se mostrado positiva nos últimos anos, tem influenciado na decisão do produtor em investir nessa cultura de inverno.

Algumas empresas já elevaram os preços do cereal para estimular o plantio, principalmente aquelas que possuem moinhos ou fornecem trigo com determinada característica para outras empresas, como é o caso das indústrias confeiteiras. Desta forma, os preços são diferenciados de acordo com o interesse da empresa por determinado produto, com características específicas (pão, brando, melhorador).

Os recursos necessários para o plantio desta safra estão sendo buscados em instituições de crédito oficiais e empresas fornecedoras de insumos, na proporção aproximada de 36% e 40%, respectivamente. O restante dos recursos deve ser bancado pelo próprio agricultor (24%). Contudo, esse cenário pode apresentar mudanças ao longo dos próximos meses, haja vista que muitos ainda estão com seus projetos em análise.

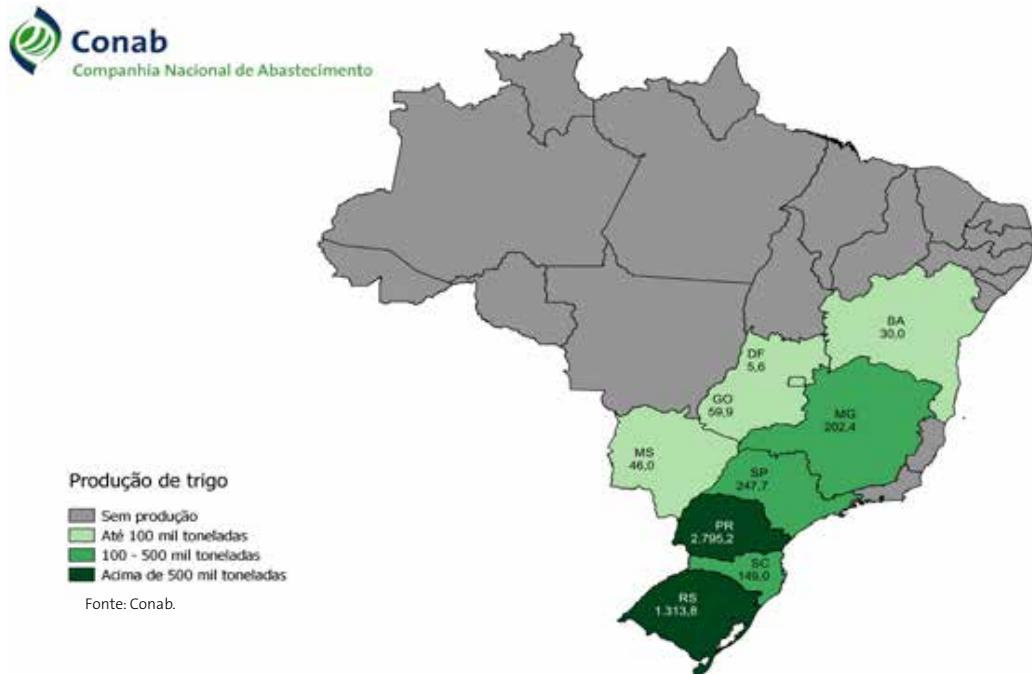
No Rio Grande do Sul ainda não foi iniciada a semeadura das lavouras de inverno no estado. Porém, espera-se que haja a repetição da área de trigo ou uma variação



bem pequena em relação ao ano anterior. Por outro lado, como o preço do milho tende a se manter estável e alto durante todo o ano, em razão da safra menor no estado e à expectativa de deficit na oferta, há uma

previsão de que a área na próxima safra de milho possa aumentar e, em detrimento da lavoura de trigo, que tem a colheita por volta de outubro, prejudicando sua implantação.

Figura 74 - Mapa da produção agrícola - Trigo



Quadro 13 – Histórico das condições hídricas gerais e possíveis impactos nas diferentes fases* da cultura nas principais regiões produtoras do país – Trigo (Safra 2016/17)

UF	Mesorregiões	Trigo											
		JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ
MG	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba		P	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C				
SP	Itapetininga				P	DV	F	FR	M/C	C			
PR	Centro Ocidental Paranaense				P	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C			
	Norte Central Paranaense				P	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C			
	Norte Pioneiro Paranaense				P	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C			
	Centro Oriental Paranaense					P	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	
	Oeste Paranaense				P	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C		
	Sudoeste Paranaense					P	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	
	Centro-Sul Paranaense					P	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	
	Sudeste Paranaense					P	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	
SC	Oeste Catarinense					P	G/DV	F/FR	FR	M/C	C		
	Norte Catarinense					P	G/DV	F/FR	F/FR	M/C	C		
	Serrana					P	G/DV	F/FR	F/FR	M/C	C		
RS	Noroeste Rio-grandense					P	P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C
	Nordeste Rio-grandense					P	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	
	Sudoeste Rio-grandense				P	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C		

Legendas:

- Baixa restrição - falta de chuvas
 - Favorável
 - Média restrição - falta de chuva
 - Baixa restrição - excesso de chuva
- Restrição por falta de chuva e geadas

* - (P)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

** - Irrigado. O que não elimina, no entanto, a possibilidade de estar havendo restrições por anomalias de temperatura ou indisponibilidade hídrica para a irrigação.

Fonte: Conab.



Tabela 38 – Comparativo de área, produtividade e produção – Trigo

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 2017	Safra 2018	VAR. %	Safra 2017	Safra 2018	VAR. %	Safra 2017	Safra 2018	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORDESTE	5,0	5,0	-	6.000	6.000	-	30,0	30,0	-
BA	5,0	5,0	-	6.000	6.000	-	30,0	30,0	-
CENTRO-OESTE	31,9	34,9	9,4	3.229	3.195	(1,1)	103,0	111,5	8,3
MS	20,0	23,0	15,0	1.950	2.000	2,6	39,0	46,0	17,9
GO	11,0	11,0	-	5.330	5.446	2,2	58,6	59,9	2,2
DF	0,9	0,9	-	6.000	6.200	3,3	5,4	5,6	3,7
SUDESTE	164,5	155,8	(5,3)	2.996	2.938	(1,9)	492,9	457,8	(7,1)
MG	84,6	81,3	(3,9)	2.662	2.584	(2,9)	226,6	210,1	(7,3)
SP	79,9	74,5	(6,8)	3.333	3.325	(0,2)	266,3	247,7	(7,0)
SUL	1.714,6	1.796,8	4,8	2.122	2.370	11,7	3.637,6	4.258,0	17,1
PR	961,5	1.046,1	8,8	2.308	2.672	15,8	2.219,1	2.795,2	26,0
SC	53,9	51,5	(4,5)	2.630	2.893	10,0	141,8	149,0	5,1
RS	699,2	699,2	-	1.826	1.879	2,9	1.276,7	1.313,8	2,9
NORTE/NORDESTE	5,0	5,0	-	6.000	6.000	-	30,0	30,0	-
CENTRO-SUL	1.911,0	1.987,5	4,0	2.215	2.429	9,7	4.233,5	4.827,3	14,0
BRASIL	1.916,0	1.992,5	4,0	2.225	2.438	9,6	4.263,5	4.857,3	13,9

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em junho/2018.

9.2.6. TRITICALE

Em Santa Catarina, a cultura do triticale também apresentou incremento de intenção de plantio, assim como os demais cereais de inverno. Os bons preços praticados atualmente pelo trigo influencia o preço dos de-

mais cereais, incentivando o plantio. A área deverá ultrapassar os 10 mil hectares, e produzir mais de 26 mil toneladas de grãos. O plantio foi efetuado em 14% da área e deve se estender até julho.



Figura 75 – Mapa da produção agrícola – Triticale

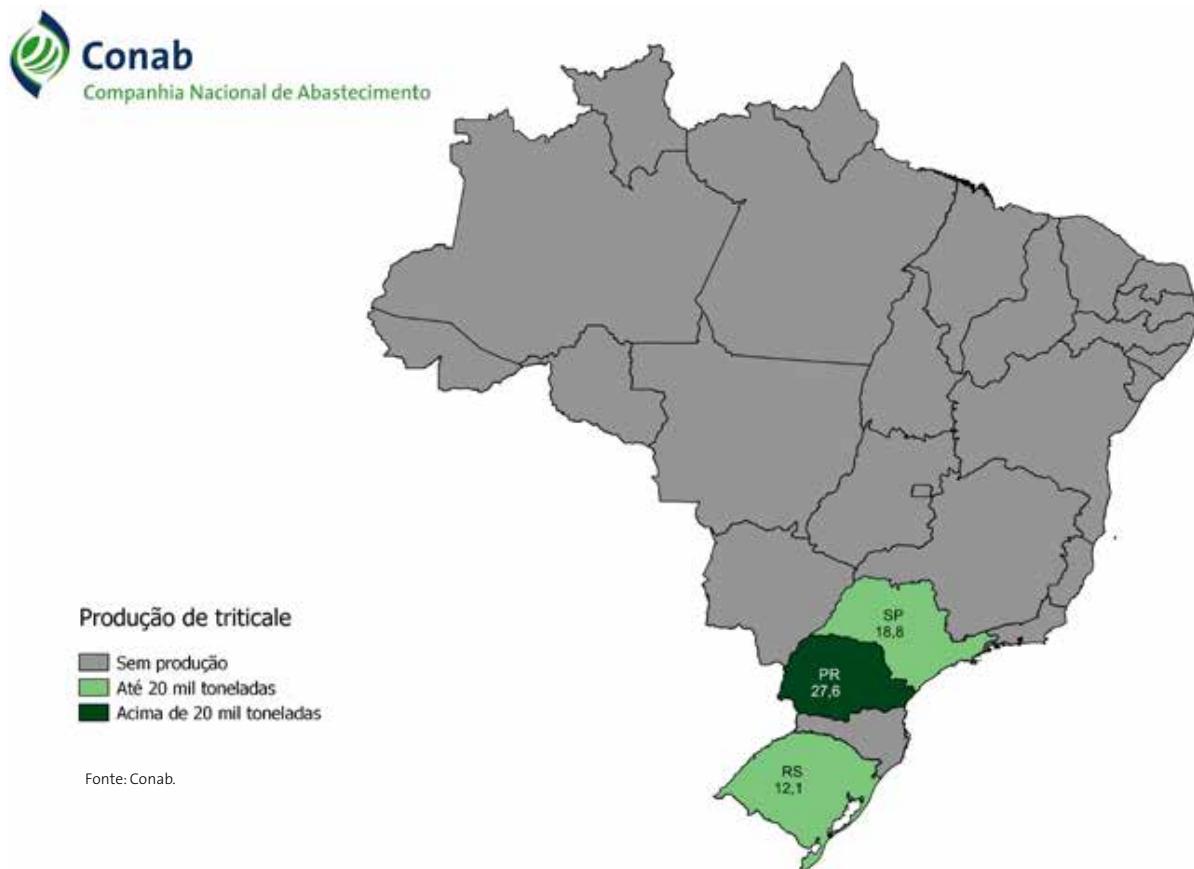


Tabela 39 – Comparativo de área, produtividade e produção – Triticale

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 2017	Safra 2018	VAR. %	Safra 2017	Safra 2018	VAR. %	Safra 2017	Safra 2018	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
SUDESTE	7,5	6,6	(12,0)	2.773	2.848	2,7	20,8	18,8	(9,6)
SP	7,5	6,6	(12,0)	2.779	2.847	2,4	20,8	18,8	(9,6)
SUL	15,5	15,8	1,9	2.110	2.513	19,1	32,7	39,7	21,4
PR	9,8	10,1	3,1	2.277	2.733	20,0	22,3	27,6	23,8
RS	5,7	5,7	-	1.826	2.123	16,3	10,4	12,1	16,3
CENTRO-SUL	23,0	22,4	(2,6)	2.326	2.612	12,3	53,5	58,5	9,3
BRASIL	23,0	22,4	(2,6)	2.326	2.612	12,3	53,5	58,5	9,3

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em junho/2018.





10. RECEITA BRUTA

A receita bruta dos produtores rurais das lavouras de algodão, arroz, feijão, milho e soja da safra 2017/18, estimada com base nos dados do nono levantamento e nos preços recebidos pelos produtores em maio de 2018, atinge o total de R\$ 211,10 bilhões de reais. Esse número é 25,1% superior ao registrado na temporada anterior, quando a soma atingiu R\$ 168,80 bilhões. O percentual de acréscimo supracitado pode ser explicado pela alta dos preços da soja, com crescimento na produção e principalmente nos preços praticados, pela maior produção do algodão e sua valorização no mercado e, por fim, a cultura do milho apresenta queda na produção, mas a valorização do produto é elevada.

Tabela 1 – Receita bruta dos produtores rurais – Produtos selecionados

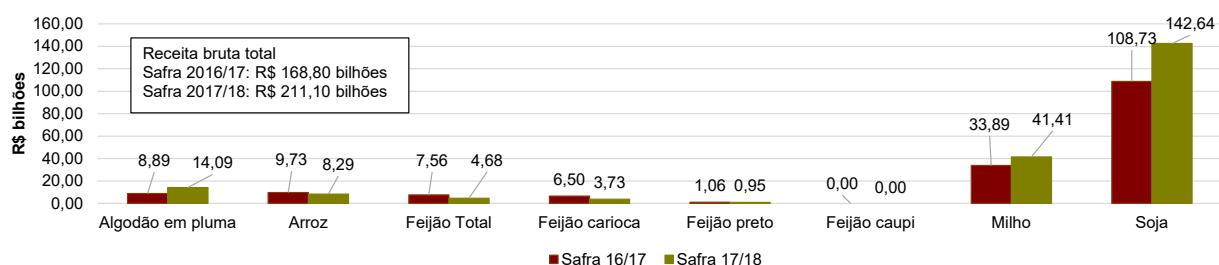
PRODUTO	PRODUÇÃO (Em mil t)			PREÇO MÉDIO - R\$/unidade			VALOR DA PRODUÇÃO - R\$ Milhões			
	Safra 16/17	Safra 17/18	Variação	Unid.	03/2017	03/2018	Variação	03/2017	03/2018	Variação
	(a)	(b)	(b/a)	kg	(c)	(d)	(d/e)	(f)	(g)	(g/f)
Algodão em pluma	1,53	1,96	28,1%	15	87,20	107,89	23,7%	8,89	14,09	58,4%
Arroz	12,33	11,74	-4,8%	60	47,34	42,36	-10,5%	9,73	8,29	-14,8%
Feijão Total	3,40	3,38	-0,6%	60	133,40	83,10	-37,7%	7,56	4,68	-38,1%
Feijão carioca	2,18	2,03	-6,7%	60	179,09	110,21	-38,5%	6,50	3,73	-42,6%
Feijão preto	0,51	0,49	-4,4%	60	124,76	117,43	-5,9%	1,06	0,95	-10,0%
Feijão caupi	0,71	0,86	21,0%	60	0,00	0,00	-	0,00	0,00	-
Milho	97,84	84,94	-13,2%	60	20,78	29,25	40,8%	33,89	41,41	22,2%
Soja	114,08	118,05	3,5%	60	57,19	72,50	26,8%	108,73	142,64	31,2%
TOTAL	-	-	-	-	-	-	-	168,80	211,10	25,1%

Fonte: Conab.

Nota 1: Estimativa de produção em junho/2018 e preços de maio de 2017 e 2018.

Nota 2: Devido à inexistência dos preços em maio/2017 - entressafra- para o feijão caupi, a receita bruta relacionada à esse produto não foi calculada.

Gráfico 1 – Receita bruta dos produtores rurais – Produtos selecionados – Safras 2016/17 e 2017/18



Fonte: Conab.

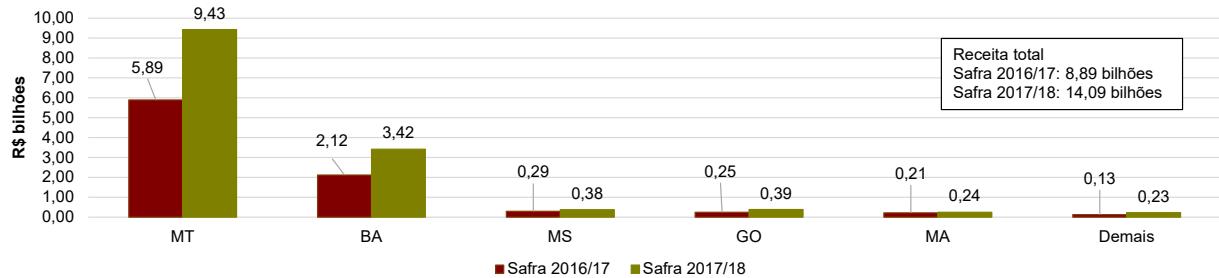
Nota: preços de maio/2017 a maio/2018

10.1. ALGODÃO

A produção do algodão apresenta incremento de 28,1% no escopo nacional. Paralelamente, o preço médio nacional para a fibra apresenta aumento de 23,7%. Essas duas grandezas culminaram no aumento do valor da receita bruta dos produtores, que apresenta um

valor de R\$ 14,09 bilhões para a safra em questão, um aumento de 58,5% em relação à safra anterior, ou seja, tanto o aumento da produção como o incremento do preço médio impactaram na receita bruta.

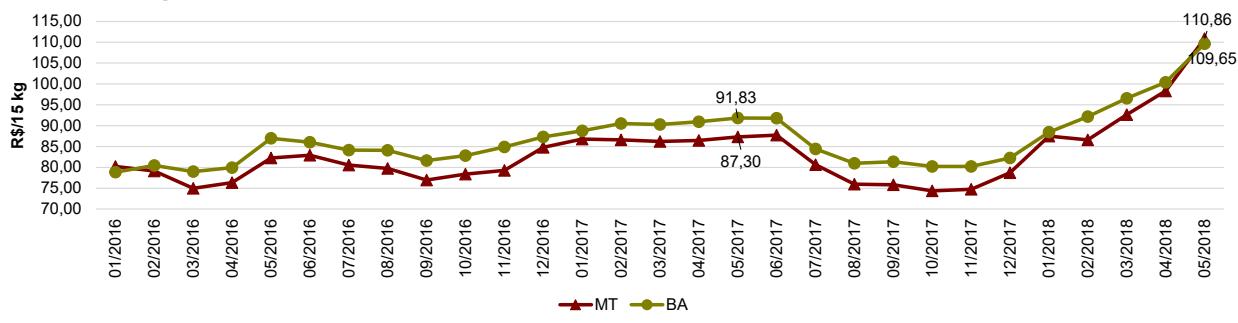
Gráfico 2 – Algodão em pluma – Preços recebidos pelo produtor – maio/2017 a maio/2018



Fonte: Conab.



Gráfico 3 – Algodão em pluma – Preços nominais recebidos pelos produtores



Fonte: Conab.

As Unidades da Federação com maior produção da fibra supracitada são o Mato Grosso e a Bahia. O valor da receita bruta para o maior estado produtor, Mato Grosso, foi de R\$ 9,43 bilhões e para a Bahia R\$ 3,42 bilhões, aumentos de 60,2% e 61,3%, respectivamente.

É importante ressaltar os grandes avanços na produção na Bahia, a qual passou de 346 mil toneladas para 468 mil, e no Mato Grosso, a qual passou de 1.011 mil toneladas para 1.275 mil, aumentos de 35,1% e 26,1%, respectivamente.

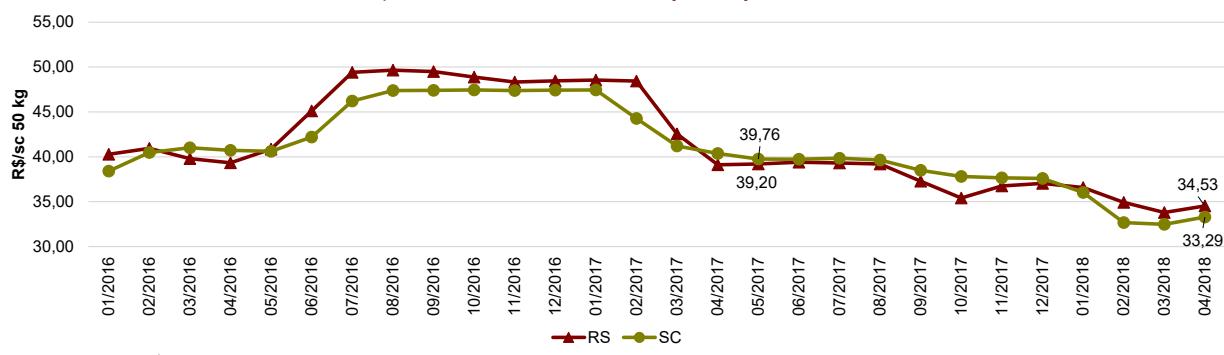
10.2. ARROZ

O arroz tem a produção concentrada na Região Sul, fator que indica forte participação dos estados produtores como Rio Grande do Sul e de Santa Catarina, para a formação da receita bruta dos produtores do arroz. O maior estado produtor, Rio Grande do Sul, apresenta decréscimo na produção de 6% e para San-

ta Catarina, observa-se aumento de 1,5%.

Além disso, quando comparados os valores de maio de 2017 a maio de 2018, verifica-se decréscimo no valor médio nacional de 10,5%, influenciado pela queda média de 11,4% nas Unidades da Federação supracitadas.

Gráfico 4 – Arroz em casca – Preços nominais recebidos pelos produtores

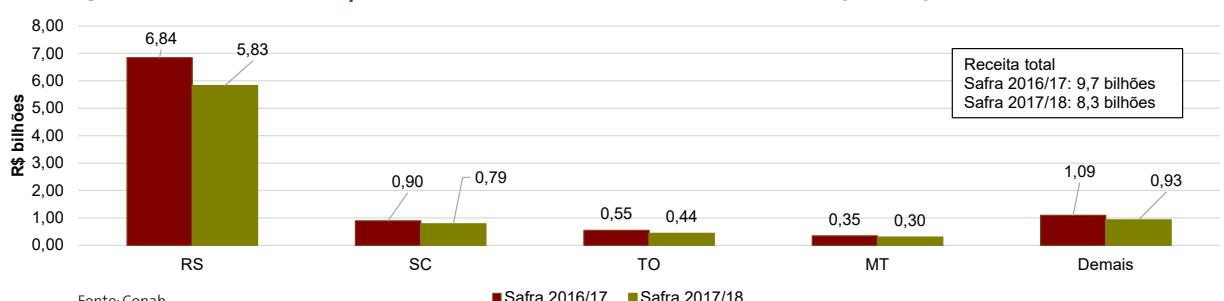


Fonte: Conab.

Esses dois fenômenos culminaram na diminuição da estimativa da receita bruta para os produtores de ar-

roz. Ao ser comparado com o mesmo período do ano anterior, o decréscimo foi de 14,8%.

Gráfico 5 – Receita bruta dos produtores rurais – Arroz – Safras 2016/17 e 2017/18



Fonte: Conab.

Nota: preços de maio/2017 a maio/2018

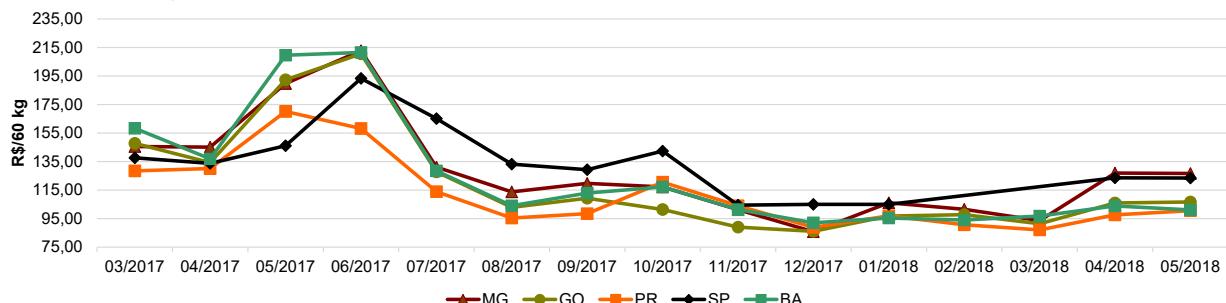


10.3. FEIJÃO-CARIOSA

O feijão é uma cultura permanente no Brasil, possuindo três distintas safras, que incorrem em plantio e colheita simultâneos em diversas localidades no Brasil. Para o feijão-carioca, observa-se decréscimo na produção em distintos produtores, na safra em

análise, inclusive para o Paraná, com queda de 17,5%. O maior estado produtor – Minas Gerais – apresenta estabilidade, com incremento de 0,5%. Além disso, há queda nos preços praticados com o produtor ao compararmos os valores de maio de 2017 e maio de 2018.

Gráfico 6 – Feijão carioca – Preços nominais recebidos pelos produtores

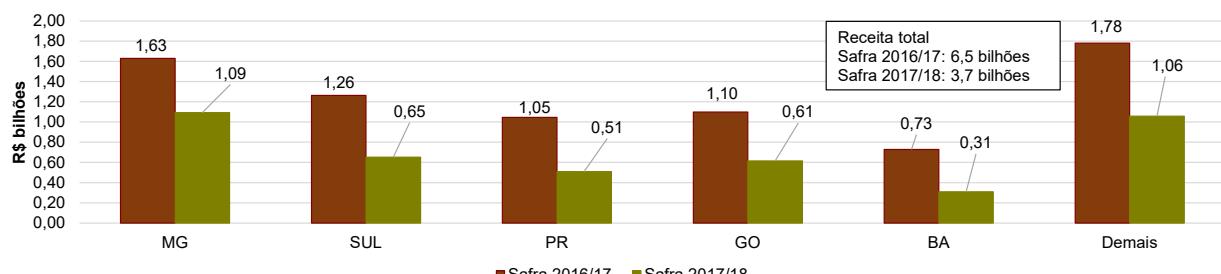


Fonte: Conab.

Essa diminuição nos preços acarretou em queda na estimativa da receita bruta total para o feijão-carioca, apresentando valor de 3,73 bilhões para 2017/2018;

42,6% menor que o observado na safra anterior, de 6,5 bilhões em 2016/17.

Gráfico 7 – Receita bruta dos produtores rurais– Feijão-carioca – Safras 2016/17 e 2017/18



Fonte: Conab.

Nota: preços de maio/2017 a maio/2018

10.4. FEIJÃO-COMUM PRETO

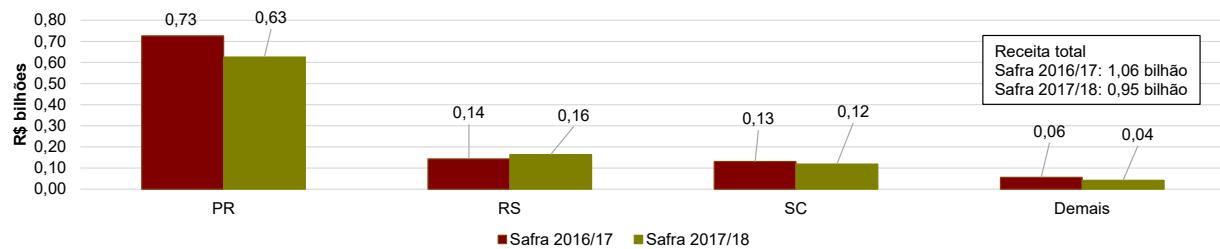
A cultura de feijão-comum preto, fortemente concentrada na Região Sul do Brasil, apresenta comportamento semelhante ao feijão carioca. O Paraná, Rio Grande do Sul e Santa Catarina, juntos, correspondem a 94% da produção do feijão-comum preto. O Paraná apresenta queda na produção e decréscimo de 6,6% nos preços recebidos pelos produtores, situação semelhante ocorre com Santa Catarina. Já para o Rio

Grande do Sul, observa-se incremento na produção – 11,3% - e decréscimo médio no preço de 2%.

A partir desse cenário de queda nos preços praticados e na produção, a estimativa total da receita bruta para o feijão-comum preto, na safra 2017/18, foi de 0,95 bilhão de reais, esse valor é 10% menor que o observado na safra 2016/17 de 1,06 bilhão.



Gráfico 8 – Receita bruta dos produtores rurais– Feijão-comum preto – Safras 2016/17 e 2017/18

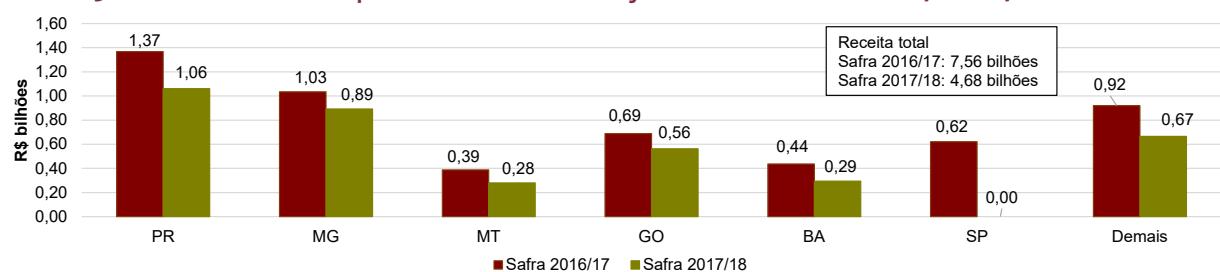


10.5. FEIJÃO (CARIOCA E PRETO)

Consolidando os valores estimados para a receita bruta do feijão-carioca e do preto, obteve-se a receita bruta

ta do total de feijão de R\$ 7,56 bilhões na temporada 2016/17 e R\$ 4,68 bilhões em 2017/18, queda de 38,1%.

Gráfico 9 – Receita bruta dos produtores rurais – Feijão total – Safras 2016/17 e 2017/18

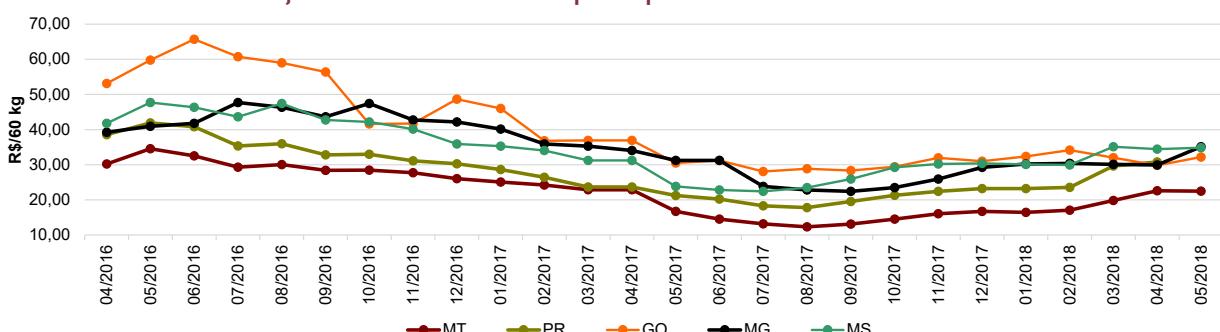


10.6. MILHO

O milho apresenta duas safras no Brasil e, com isso, observa-se plantio e colheita simultâneos em distintas regiões brasileiras. Além dessa característica, a cultura do milho está presente em todas as Unidades da Federação. Os dois maiores produtores são o Mato Grosso e o Paraná.

Os preços internos apresentam tendência de recuperação nos períodos recentes. Nesse sentido, na comparação de maio de 2017 e maio de 2018, os preços recebidos pelos produtores apresentam incremento médio de 40,8%.

Gráfico 10 – Milho – Preços nominais recebidos pelos produtores



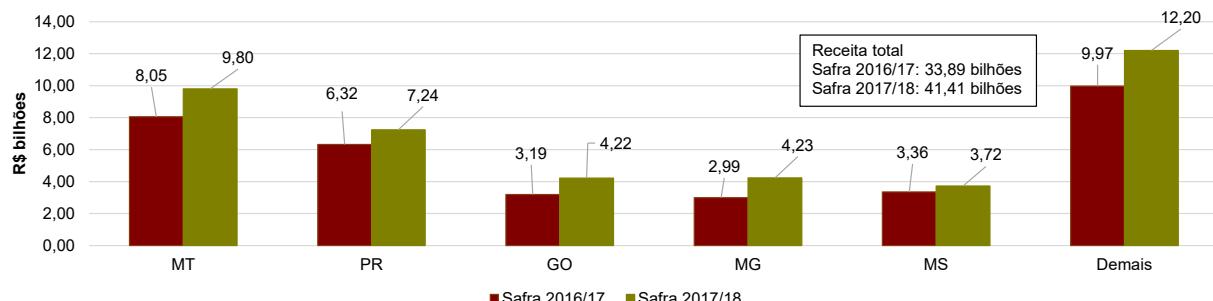
Fonte: Conab.



Os preços praticados apresentaram incremento no âmbito nacional e apresentou diminuição na produção nacional inclusive nos maiores estados produtores. A estimativa da receita bruta total para o milho

foi de 41,41 bilhões de reais para a safra 2017/18, já para a safra de 2016/17 observa-se a estimativa de 33,89 bilhões, ou seja, um aumento no valor da receita de 22,2%.

Gráfico 11– Receita bruta dos produtores rurais– Milho – Safras 2016/17 e 2017/18



Fonte: Conab.

Nota: preços de maio/2017 a maio/2018

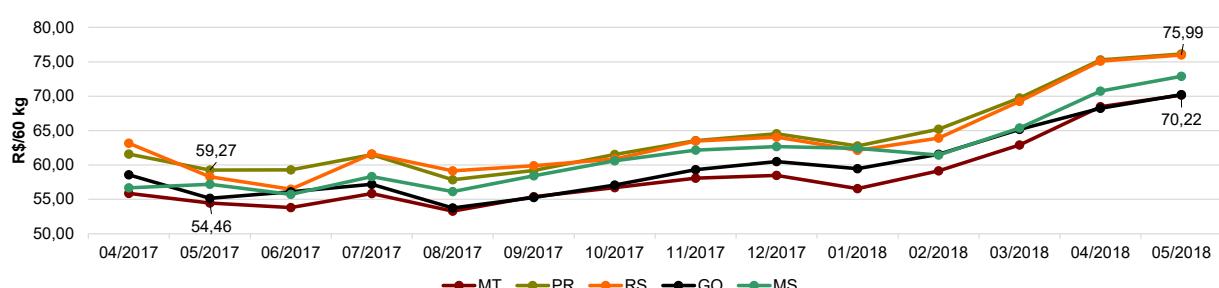
10.7. Soja

A produção da safra 2016/17 foi calculada em 114 milhões de toneladas, já para a safra 2017/18, espera-se a produção de 118 milhões de toneladas, um incremento de 3,5%. Todavia, as Unidades da Federação, caracterizadas como grandes produtores, como o Paraná e Rio Grande do Sul, experimentam quedas de 2,1% e 8,4%, respectivamente. Por outro lado, o maior estado

produtor – Mato Grosso – apresenta estimativa de incremento de 4,5%.

Além disso, os preços da oleaginosa apresentam aumento em todos os 16 estados produtores, com incremento médio de 26,8% nos preços recebidos pelos produtores.

Gráfico 12 – Soja – Preços nominais recebidos pelos produtores



Fonte: Conab.

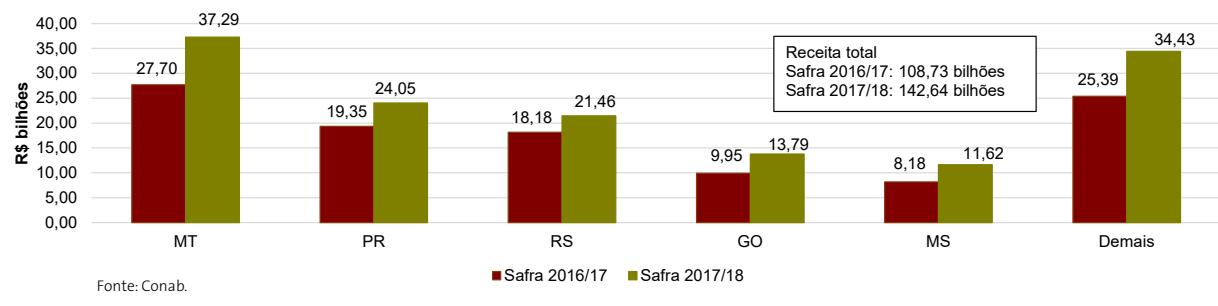
Isso posto, o movimento de aumento na produção e o incremento nos preços recebidos pelo produtor culminaram na majoração da estimativa da receita bruta total para a soja na safra 2017/18. De forma particular, o Mato Grosso apresenta estimativa de receita bruta para a oleaginosa de 37,29 bilhões de reais para a temporada 2017/18. Já, para a safra imediatamente anterior, a estimativa ficou em 27,7 bilhões, com acréscimo relativo de 34,6%. A Unidade da Federação produtora que apresentou maior incremento percentual na receita bruta estimada para a soja foi o Piauí, com 45,9% de aumento, resultado de 20,9% de aumento na produção e 20,7% no valor recebido pelo produtor para a saca de 60 quilos. Esse fenômeno é mais

um indicativo da consolidação da região do Matopiba para a produção de soja. Isso posto, a produção desses quatro estados, em conjunto, apresentou crescimento médio de 14,6%, incremento médio no preço recebido pelo produtor de 20% e, por fim, experimentou a majoração média de 37,8% para a receita bruta dos produtores dessa região, ao compararmos os preços praticados em maio de 2017 e maio de 2018.

Isso posto, a estimativa total para a receita bruta da soja na safra 2017/18 foi de 142,64 bilhões de reais, frente à estimativa de 108,73 bilhões da safra anterior, um aumento de 31,2%.



Gráfico 13– Receita bruta dos produtores rurais – Soja – Safras 2016/17 e 2017/18





11. BALANÇO DE OFERTA E DEMANDA

11.1. ALGODÃO

11.1.1. PANORAMA MUNDIAL

De acordo com o Comitê Consultivo Internacional do Algodão (Icac), em seu relatório semanal de 8 de maio de 2018, a produção mundial de pluma estimada para a safra 2017/18 é de 25,95 milhões de toneladas, aumento de 12,3% em relação ao período anterior. E, segundo as primeiras projeções para a safra 2018/19, a expectativa é de uma produção de 25,67 milhões de toneladas.

Ainda de acordo com o Icac, o consumo mundial estimado para a safra 2017/18 é de 25,49 milhões de toneladas, volume quase igual ao do período anterior. Conforme as projeções iniciais, para o período 2018/19, o consumo esperado seria de 26,71 milhões de toneladas. Em se confirmando as previsões expostas acima, haveria um superavit de 460 mil toneladas na safra 2017/18 e um déficit esperado de pouco mais de 1 milhão de tonelada no período 2018/19.

A boa demanda mundial, principalmente pelo algodão norte-americano, e a queda dos estoques chineses deverão dar sustentabilidade aos preços externos, mesmo com o superavit esperado para a safra 2017/18. Para o próximo período, o panorama é que os preços continuem firmes, pois a projeção inicial é de déficit. Problemas climáticos nos Estados Unidos e na China têm deixado os agentes atentos no início do plantio.

11.1.2. PANORAMA NACIONAL

Segundo o nono levantamento, a produção brasileira de algodão, estimada para a safra 2017/18, é de 1.959,4 mil toneladas de pluma, esse volume é 28,1% superior ao produzido na safra anterior, que foi de 1.529,5 mil toneladas. Apesar do aumento estimado para a produtividade ser de 2,3%, a companhia estima um aumento de 25,2% na área.

O mercado brasileiro do algodão fechou maio com ganhos no atacado de 11,5% em relação ao mês anterior. A desvalorização do real e a alta mensal de 8,84% nos preços futuros de Nova Iorque foram os principais res-

ponsáveis por essa alta dos preços. Além da escassez interna de pluma nesta entressafra.

Com a iminência da entrada da safra brasileira 2017/18, a indústria só adquire a matéria-prima que for estritamente necessária. Com a alta dos custos dessas indústrias, o setor têxtil terá dificuldade de adquirir metade dos quase 2 milhões de toneladas esperadas para serem colhidas. Com isso, o setor terá que se esforçar para exportar mais de 1 milhão de toneladas de pluma. O dólar valorizado e a alta da Ice Futures deverão contribuir para isso.

11.2. ARROZ

Em abril, o Brasil exportou 95,8 mil toneladas de arroz base casca e importou 67,7 mil toneladas. Sobre os preços comercializados, o Brasil vendeu o arroz branco beneficiado em uma média de US\$ 506,21 a tonelada, enquanto os preços de aquisição, principalmente dos nossos parceiros de Mercosul, mantiveram-se em patamar inferior.

Sobre as compras brasileiras de arroz internacional em novembro, o Paraguai, maior exportador para o mercado brasileiro, comercializou 61,1 mil toneladas de arroz base beneficiado em uma média de US\$ 329,65 a tonelada de arroz polido. Cabe destacar que o arroz paraguaio continua sendo direcionado, em sua maioria, para os mercados do sudeste brasileiro, com destaque para São Paulo e Minas Gerais. Para o final da comercialização da safra 2016/17, já consolidada, a importação identificada foi de 1.042 mil toneladas e exportação de 1.064,7 mil toneladas.

Acerca do consumo, esse foi consolidado nesta atual publicação em 12 milhões de toneladas para a safra 2016/17. Esse dado é estimado por meio do fechamento do quadro de suprimento, com a publicação do levantamento dos estoques privados de 689,25 mil toneladas, somados aos estoques públicos de 22,36

mil toneladas no dia, 28 de fevereiro de 2018. Para a safra 2017/18, projeta-se uma manutenção do consumo interno por volta de 12 milhões de toneladas, volume semelhante à média identificada nos últimos dez períodos comerciais.

Sobre a produção nacional, a safra brasileira de arroz 2017/18 deverá ser 4,8% inferior em relação à safra 2016/17, atingindo 11,7 milhões toneladas. Essa retração da produção ocorre em razão do atraso de parte das áreas no Rio Grande do Sul, do frio intenso em fevereiro, que prejudicou a formação dos grão e da menor capitalização dos produtores, que reduziram a quantidade de insumos nas lavouras. Sobre a balança comercial, a expectativa é de equilíbrio na próxima safra, com uma possível valorização do arroz brasileiro no segundo semestre e, consequentemente, uma desaceleração das exportações.

Com base no cenário descrito no quadro de suprimento, espera-se uma redução dos estoques de passagem ao longo de 2018, sendo estimado um estoque final de 711,6 mil toneladas para a safra 2016/17 (fevereiro de 2018) e de 447,4 mil toneladas para a safra 2017/18 (fevereiro de 2019).

11.3. FEIJÃO

11.3.1. FEIJÃO-COMUM CORES

No atacado em São Paulo, o mercado permanece calmo com sucessivas reduções de preços, principalmente dos tipos superiores. Esse comportamento é atribuído à maior oferta do produto, por conta da continuidade das colheitas na Região Centro-Sul do país e da retração nas compras pelos empacotadores.

Nota-se que em vários dias o mercado operou com poucas ofertas e, na maior parte, com sobras de mer-

cadorias. Mesmo assim, os preços recuaram, mostrando que a oferta continua sobrepondo às necessidades da demanda.

A expectativa dos agentes de mercado para junho é de sucessivas quedas dos preços à medida que vai avançando a colheita na Região Centro-Sul do país. Diante desse quadro, os compradores estão mais precavidos, adquirindo pequenos lotes ou buscando algum dife-



rencial de preço nas fontes de produção.

No Sul do país, o clima frio e seco está permitindo o avanço da colheita que atinge cerca de 90% da superfície cultivada. No Paraná, estima-se que 80% da área foi colhida com a leguminosa da segunda safra, e 30% da produção comercializada pelos produtores. As lavouras se encontravam nas seguintes fases: 10% em frutificação e 90% em maturação. Quanto à terceira safra, ou safra de inverno, as áreas irrigadas começam a ser colhidas em julho e, posteriormente, as conduzidas no regime de sequeiro.

Cabe esclarecer que, mesmo com a greve dos caminhoneiros limitando a disponibilidade de mercadorias para os estabelecimentos comerciais, a demanda não reage, e nas redes de supermercados o giro do produ-

to continua lento, significando menor reposição do produto no varejo. Dessa maneira, a sustentação dos preços continua ameaçada pela quantidade ofertada do grão, que segue acima do interesse de compras.

Portanto, nesse foco é difícil estimar o comportamento dos preços devido às dificuldades que as indústrias de empacotamento vão encontrar em repassar aumentos ao setor varejista e este aos consumidores. Os compradores estão mais precavidos, adquirindo pequenos lotes ou buscando algum diferencial de preço nas fontes de produção. Contudo, tomando-se como parâmetro o quadro de suprimento, nota-se que o volume total disponível para alcançar a primeira safra da próxima temporada, 2018/19, talvez não seja suficiente para manter, a contento, o abastecimento interno, a não ser que o consumo caia ainda mais.

11.3.2. FEIJÃO-COMUM PRETO

No atacado em São Paulo, a expectativa era de queda nas cotações em virtude da intensificação da colheita no Paraná, só que os preços seguem estáveis em razão, basicamente, da forte valorização do dólar.

Já nas zonas de produção, mesmo com a redução no volume estimado na segunda safra, em virtude da menor área plantada, os preços oferecidos aos produtores recuaram. No entanto, por se tratar de produtores familiares, sem condições de segurar o produto, muitos acabam vendendo sua mercadoria para saldar dívidas.

A segunda safra está praticamente concluída, e a temporada dessa variedade se encerra nesse segundo plantio, cuja colheita gira em torno de 35% da área prevista. Doravante, o país passará a depender de importações, majoritariamente da Argentina, que

encerrou o seu cultivo em março. Do volume a ser produzido naquele país, cerca de 70% da produção de feijão-comum preto são destinados ao Brasil.

Nas redes de supermercados, as diversas promoções a preços realmente baixos não estão sendo suficientes para atrair os consumidores. Diante dessa situação, muitos empacotadores estão com dificuldades em negociar sua mercadoria junto ao setor varejista, já que muitas vezes a oferta fica aquém de suas “pedidas” que, segundo eles, já está no limite, inviabilizando, em muitos casos, a operação.

O nono levantamento registra, para a segunda safra, queda de 9,7% na área a ser cultivada na Região Centro-Sul do país. A produção, por sua vez, até o momento, é de 176,2 mil toneladas, ou 3,6 mil toneladas a menos que à registrada em 2017.

Nesse cenário, partindo-se do estoque inicial de 302,6 mil toneladas, o consumo em 3,3 milhões de toneladas, as importações em 120,0 mil toneladas e as exportações de 120 mil toneladas, o resultado será um estoque de passagem na ordem de 382,6 mil toneladas, correspondendo, aproximadamente, a um mês e meio de consumo.

11.3.3. SUPRIMENTO

Para a temporada 2017/18, prevê-se o seguinte cenário, computando as três safras: o trabalho de campo realizado por técnicos da Conab em maio chega em um volume médio de produção estimado em 3,9 milhões de toneladas, o mesmo registrado na temporada anterior.

11.4. MILHO

11.4.1. ANÁLISE DA OFERTA E DEMANDA

O quadro de oferta e demanda deste mês começa a refletir os efeitos da forte estiagem que atingiu, sobretudo, o Paraná, Mato Grosso do Sul, Maranhão e

São Paulo, para o milho segunda safra, com redução da estimativa de produção de quase 5 milhões de toneladas, se comparada ao levantamento anterior.



Cabe salientar que a colheita do milho ainda é pouco significativa e os próximos meses podem apresentar um cenário um pouco mais complicado, o que reduziria mais o estoque final, agora estimado em 10,9 milhões de toneladas.

Vale lembrar que a Conab vem mostrando, desde o início da safra, uma expectativa de diminuição do milho segunda safra devido ao atraso no plantio da soja e a possibilidade de plantio de milho fora da janela ideal, bem como as perspectivas climáticas para a safra vigente.

Ressalta-se que esse estoque permite um cenário ainda confortável em relação ao abastecimento, para a safra 2018/19, mas não algo que diminua os preços do cereal drasticamente no início do ano, ou seja, uma redução mais acentuada nesses estoques começa a ser um problema, sobretudo para os demandantes internos.

Isso se prende ao fato de que a paridade de exportação do milho spot e futuro estiveram em maio e continua bastante favorável às negociações para exportações. Tal cenário permitiu um volume grande de negócios, mesmo para a segunda safra de 2019, fato inédito no mercado de milho.

No entanto, dois fatos travaram o ímpeto dos negócios: as incertezas do tamanho dos efeitos da seca, o que levou os produtores a terem cautela, evitando negociar além da sua capacidade de produção, bem

como a greve dos caminhoneiros, que atrasou a distribuição do cereal para as granjas, causando mortalidade de animais e interrompeu o embarque de soja nos portos, o que pode atrasar o embarque de milho, além da expectativa de elevação acentuada nos fretes.

Mesmo assim, o volume negociado, até então, leva a crer que a estimativa de 32 milhões de toneladas é bem factível.

No que se refere ao consumo doméstico, houve algumas alterações nos dados das últimas três safras, tendo em vista os dados mais atualizados do plantel de animais, segundo informação dos setores de proteína animal.

Para a safra 2017/18, ainda é incerto o quanto há de mortalidade de aves e suínos e o quanto isso impactará em volume de consumo de milho, no entanto, a demanda do cereal para a produção de etanol tende a crescer mais significativamente nesta safra, por isso, um valor de 59,8 milhões de toneladas.

Por fim, os preços internos foram favorecidos pela paridade de exportação, com valores de milho em Chicago acima de US\$ 4/bushel e câmbio acima de R\$ 3,70, além do mercado também precisar os efeitos da estiagem na segunda safra brasileira. Assim, as cotações do milho no médio norte do Mato Grosso chegaram a trabalhar entre R\$ 21 e 23 a saca de 60 quilos e no Paraná de R\$ 35 a 40 a saca de 60 quilos.

11.5. Soja

11.5.1. MERCADO INTERNACIONAL

A notícia de que a China poderá taxar em 25% a soja importada dos Estados Unidos foi o principal fator de variação de preços internacionais em maio de 2018.

Ainda sem solução, o mercado continua determinando os preços internacionais, baseado em uma possível guerra comercial entre Estados Unidos e China. Por esse motivo, os preços “spot” na Bolsa de Valores de Chicago (CBOT), em maio de 2018 variaram entre US\$ 994,60/bu e US\$ 10,43/bu, com a média de US\$ 10,21/bu, esse valor médio é menor que o cotado em abril de 2018, que foi de US\$ 10,37/bu.

Outros fatores de variação de preços CBOT foi o possível aumento de área de soja nos Estados Unidos, possíveis problemas climáticos também dos Estados Unidos, baixas exportações americanas, aumento do consumo americano de farelo, variação do preço do barril de petróleo e outros fatores pontuais e específicos de bolsa.

11.5.2. MERCADO NACIONAL

Apesar da baixa ocorrida nos preços internacionais, os preços nacionais continuam encontrando suporte principalmente no dólar e na alta demanda internacional.

Em maio de 2018, o dólar foi cotado em média no valor de R\$ 3,64, chegando ao valor de R\$ 3,75. Os prêmios de porto continuam positivos e também deram suporte aos preços nacionais.



Conforme a Secretaria de Comércio Exterior (Secex), as exportações de maio foram estimadas em mais de 12,35 milhões de toneladas. E, a pesar da greve dos caminhoneiros, esse foi o maior valor exportado historicamente.

Caso não tivesse ocorrido a greve dos caminhoneiros o valor esperado seria de 13,67 milhões de toneladas, ou seja, um valor 1,32 milhão de toneladas menor que o esperado.

O consumo interno é estimado em 47,4 milhões de toneladas. Devido aumento está relacionado ao cres-

cimento do uso do biodiesel proveniente da soja e também do possível aumento de exportação de farelo de soja (17%) e de óleo de soja (8%), oriundos de uma redução das exportações dessas commodities na Argentina.

Finalmente, a produção de soja no Brasil foi estimada pela Conab em, aproximadamente, 118 milhões de toneladas. Já as exportações em 72 milhões de toneladas, além de um consumo de 47,4 milhões de toneladas, gerando um estoque de passagem de 650 mil toneladas, que, apesar de baixo, ainda dentro da normalidade.

11.6. TRIGO

Os negócios no mercado tritícola se mantiveram lentos ao longo de maio, com produtores retendo a oferta do grão na expectativa de obtenção de melhores condições comerciais. Somada a isso, a greve dos caminhoneiros ocorrida em todo o país impossibilitou a entrega de produtos e, mais severamente, o recebimento de insumos pelos produtores, resultando num maior atraso no plantio do cereal de inverno nos estados da Região Sul.

De acordo com a Secretaria de Estado da Agricultura e do Abastecimento do Paraná (Seab), até o dia 28 de maio 68% da área destinada para o trigo foi plantada no estado, onde 40% se encontravam em fase de germinação e 60% em desenvolvimento vegetativo. Segundo o órgão, 70% do que foi plantado estava em boas condições, enquanto 24% apresentavam condições medianas e 6% do total semeado se encontrava em condições ruins.

Na comparação com o mesmo período do ano anterior, ainda que o plantio tenha registrado um atraso de apenas dois pontos percentuais, o estágio de desenvolvimento da cultura, que determinará o momento da colheita, preocupa produtores e agentes de mercado. Em 2017, dos 70% do total cultivado 90% já se encontravam em desenvolvimento vegetativo, enquanto apenas 10% se mantinham no estágio de germinação e, naquele momento, 100% das lavouras apresentavam boas condições.

Dados da Emater/RS relatam o início do semeio do trigo no Rio Grande do Sul, que até o final de maio havia atingido 5% do esperado. De acordo com o órgão, o normal para o período seria que o cultivo já houvesse atingido 12% do total, todavia o atraso na entrega de insumos ocasionado pela paralisação dos caminhoneiros impossibilitou o avanço nos trabalhos.

A baixa disponibilidade de trigo no mercado interno fez com que o Brasil importasse, ao longo de maio, o equivalente a 397,5 mil toneladas de trigo, sendo a Argentina responsável pelo fornecimento de 94,29% do total, seguida pelos Estados Unidos e Paraguai, com 4,15% e 1,56%, respectivamente. Essa redução de 40,3% no volume mensal importado se deu por conta da elevação no câmbio, altos preços internacionais e menor disponibilidade do trigo argentino. No mesmo período foram exportadas 125 toneladas do grão, tendo como único destino o Paraguai.

Uma vez que o ano-safra do trigo brasileiro se dá entre agosto e julho, a Conab revisa periodicamente os dados acerca da produção, importação, exportação e moagem industrial, com vistas a definir, de maneira mais fidedigna, os volumes de suprimento, consumo interno e do estoque de passagem para a safra seguinte. Dessa forma, diante da atual conjuntura do setor tritícola, de preços internacionais ainda mais elevados, valorização cambial e menor disponibilidade do trigo no mercado interno, tornou-se necessário revisar as estimativas de importação e exportação para a safra 2017/18.

Apesar da necessidade de se internalizar um maior volume de trigo estrangeiro nos próximos meses, os altos custos deverão limitar as negociações entre os agentes. Dessa forma, espera-se que o volume de importações atinja um volume total de 6,1 milhões de toneladas até o final de julho. Com a menor disponibilidade de trigo no mercado interno, o volume a ser exportado não deverá superar 210 mil toneladas no mesmo período.

Em relação à previsão para a safra 2018/19, espera-se que haja um aumento de 4% na área cultivada, totalizando 1.992,5 mil hectares, que deverá resultar numa produção de 4.849,6 mil toneladas do grão.



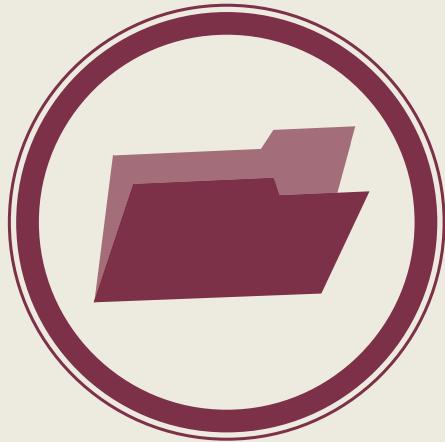
Tabela 1 - Balanço de oferta e demanda - Em mil toneladas

PRODUTO	SAFRA	ESTOQUE INICIAL	PRODUÇÃO	IMPORTAÇÃO	SUPRIMENTO	CONSUMO	EXPORTAÇÃO	ESTOQUE FINAL
Algodão em pluma	2011/12	521,7	1.893,3	3,5	2.418,5	895,2	1.052,8	470,5
	2012/13	470,5	1.310,3	17,4	1.798,2	920,2	572,9	305,1
	2013/14	305,1	1.734,0	31,5	2.070,6	883,5	748,6	438,5
	2014/15	438,5	1.562,8	2,1	2.003,4	820,0	834,3	349,1
	2015/16	349,1	1.289,2	27,0	1.665,3	660,0	804,0	201,3
	2016/17	201,3	1.529,5	33,6	1.764,4	685,0	834,1	245,3
	2017/18	245,3	1.959,4	15,0	2.219,7	720,0	1.010,0	489,7
Arroz em casca	2011/12	2.569,5	11.599,5	1.068,0	15.237,0	11.656,5	1.455,2	2.125,3
	2012/13	2.125,3	11.819,7	965,5	14.910,5	12.617,7	1.210,7	1.082,1
	2013/14	1.082,1	12.121,6	807,2	14.010,9	11.954,3	1.188,4	868,2
	2014/15	868,2	12.448,6	503,3	13.820,1	11.495,1	1.362,1	962,9
	2015/16	962,9	10.603,0	1.187,4	12.753,3	11.428,8	893,7	430,8
	2016/17	430,8	12.327,8	1.042,0	13.800,6	12.024,3	1.064,7	711,6
	2017/18	711,6	11.735,8	1.000,0	13.447,4	12.000,0	1.000,0	447,4
Feijão	2011/12	686,4	2.918,4	312,3	3.917,1	3.500,0	43,3	373,8
	2012/13	373,8	2.806,3	304,4	3.484,5	3.320,0	35,3	129,2
	2013/14	129,2	3.453,7	135,9	3.718,8	3.350,0	65,0	303,8
	2014/15	303,8	3.210,2	156,7	3.670,7	3.350,0	122,6	198,1
	2015/16	198,1	2.512,9	325,0	3.036,0	2.800,0	50,0	186,0
	2016/17	186,0	3.399,5	137,6	3.723,1	3.300,0	120,5	302,6
	2017/18	302,6	3.334,4	120,0	3.757,0	3.300,0	120,0	337,0
Milho	2011/12	4.459,6	72.979,5	774,0	78.213,1	51.894,0	22.313,7	4.005,4
	2012/13	4.005,4	81.505,7	911,4	86.422,5	53.263,8	26.174,1	6.984,6
	2013/14	6.984,6	80.051,7	790,7	87.827,0	54.503,1	20.924,8	12.399,1
	2014/15	12.399,1	84.672,4	316,1	97.387,6	56.611,1	30.172,3	10.604,2
	2015/16	10.604,2	66.530,6	3.338,1	80.472,9	54.972,4	18.883,2	6.617,3
	2016/17	6.617,3	97.842,8	953,6	105.413,7	57.330,5	30.836,7	17.246,5
	2017/18	17.246,5	85.003,5	500,0	102.750,0	59.844,8	32.000,0	10.905,2
Soja em grãos	2011/12	3.020,4	66.383,0	266,5	69.669,9	36.754,0	32.468,0	447,9
	2012/13	447,9	81.499,4	282,8	82.230,1	38.694,3	42.791,9	743,9
	2013/14	743,9	86.120,8	578,7	87.443,5	40.200,0	45.692,0	1.551,5
	2014/15	1.551,5	96.228,0	324,1	98.103,6	42.850,0	54.324,2	929,4
	2015/16	929,4	95.434,6	400,0	96.764,0	43.700,0	51.581,9	1.482,1
	2016/17	1.482,1	114.075,3	300,0	115.857,4	46.100,0	68.154,6	1.602,8
	2017/18	1.602,8	118.048,1	400,0	120.050,9	47.400,0	72.000,0	650,8
Farelo de Soja	2011/12	3.176,7	26.026,0	5,0	29.207,7	14.051,1	14.289,0	867,6
	2012/13	867,6	27.258,0	3,9	28.129,5	14.350,0	13.333,5	446,0
	2013/14	446,0	28.336,0	1,0	28.783,0	14.799,3	13.716,3	267,4
	2014/15	267,4	30.492,0	1,1	30.760,5	15.100,0	14.826,7	833,8
	2015/16	833,8	30.954,0	0,8	31.788,6	15.500,0	14.443,8	1.844,8
	2016/17	1.844,8	32.186,0	1,0	34.031,8	17.000,0	14.177,1	2.854,7
	2017/18	2.854,7	33.110,0	1,0	35.965,7	17.500,0	16.500,0	1.965,7
Óleo de soja	2011/12	988,0	6.591,0	1,0	7.580,0	5.172,4	1.757,1	650,5
	2012/13	650,5	6.903,0	5,0	7.558,5	5.556,3	1.362,5	639,7
	2013/14	639,7	7.176,0	0,1	7.815,8	5.930,8	1.305,1	579,9
	2014/15	579,9	7.722,0	25,3	8.327,2	6.359,2	1.669,9	298,1
	2015/16	298,1	7.839,0	66,1	8.203,2	6.380,0	1.254,2	569,0
	2016/17	569,0	8.151,0	40,0	8.760,0	6.800,0	1.342,5	617,5
	2017/18	617,5	8.385,0	40,0	9.042,5	7.100,0	1.450,0	492,5
Trigo	2011	2.201,6	5.788,6	6.011,8	14.002,0	10.144,9	1.901,0	1.956,1
	2012	1.956,1	4.379,5	7.010,2	13.345,8	10.134,3	1.683,9	1.527,6
	2013	1.527,6	5.527,8	6.642,4	13.697,8	11.381,5	47,4	2.268,9
	2014	2.268,9	5.971,1	5.328,8	13.568,8	10.713,7	1.680,5	1.174,6
	2015	1.174,6	5.534,9	5.517,6	12.227,1	10.367,3	1.050,5	809,3
	2016	809,3	6.726,8	7.088,5	14.624,6	11.517,7	576,8	2.530,1
	2017	2.530,1	4.263,5	6.100,0	12.893,6	11.287,4	210,0	1.396,2
	2018	1.396,2	4.857,3	6.500,0	12.753,5	11.298,9	300,0	1.154,6

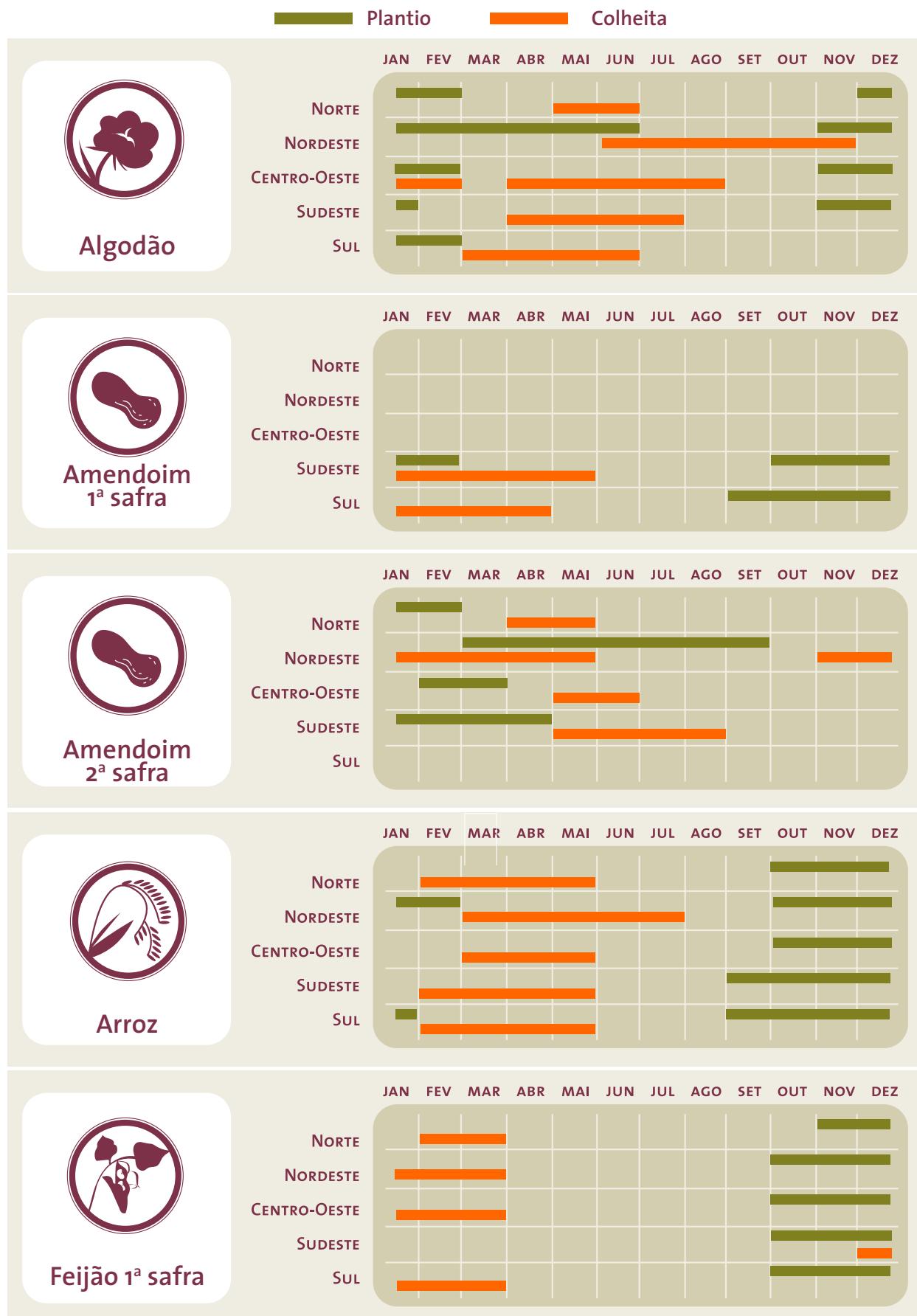
Fonte: Conab.

Notas: Estimativa em junho 2018/ Estoque de Passagem - Algodão, Feijão e Soja: 31 de Dezembro - Arroz 28 de Fevereiro - Milho 31 de Janeiro - Trigo 31 de Julho.



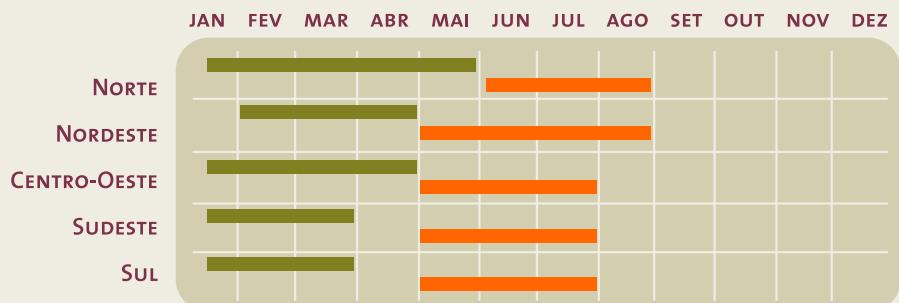


12. CALENDÁRIO AGRÍCOLA DE PLANTIO E COLHEITA

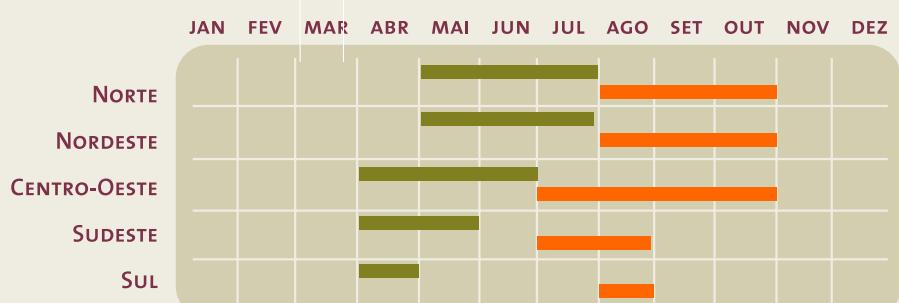




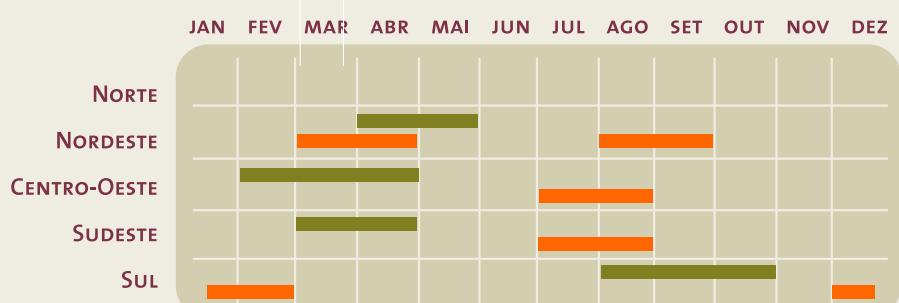
Feijão 2ª safra



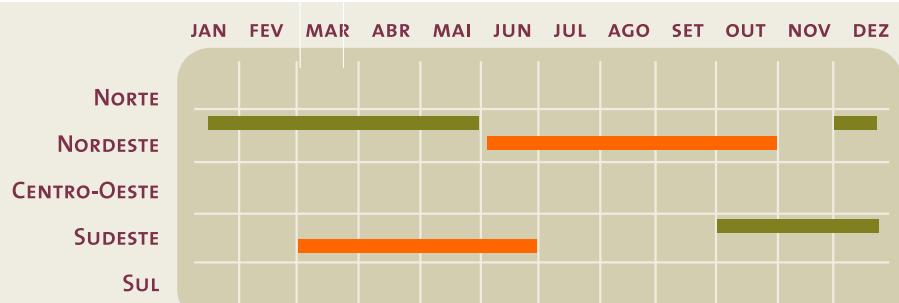
Feijão 3ª safra



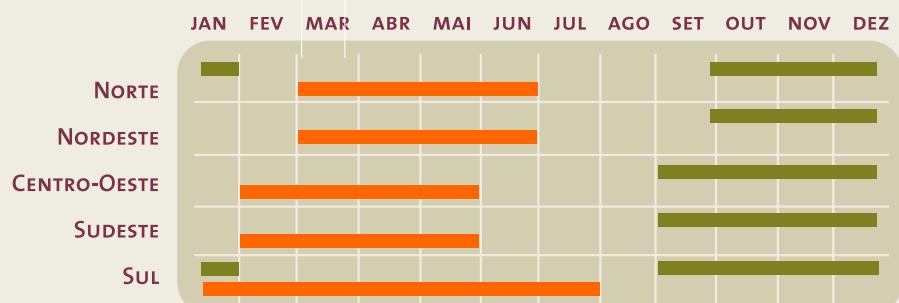
Girassol

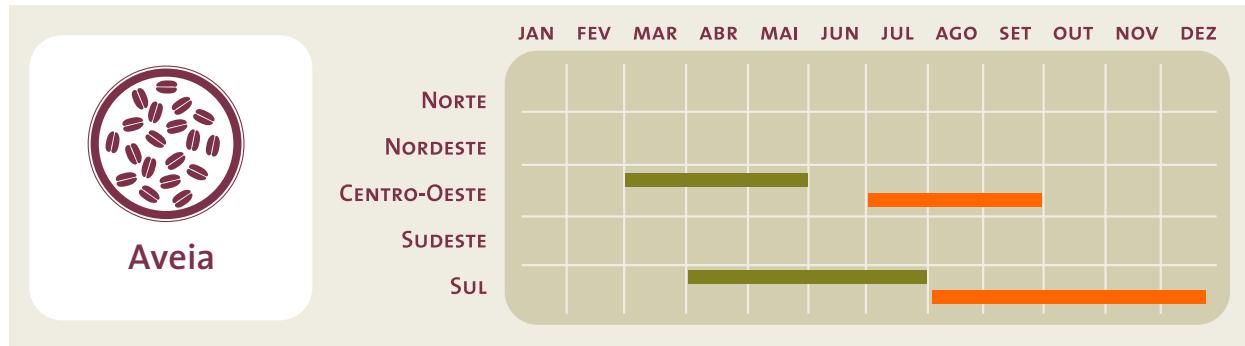
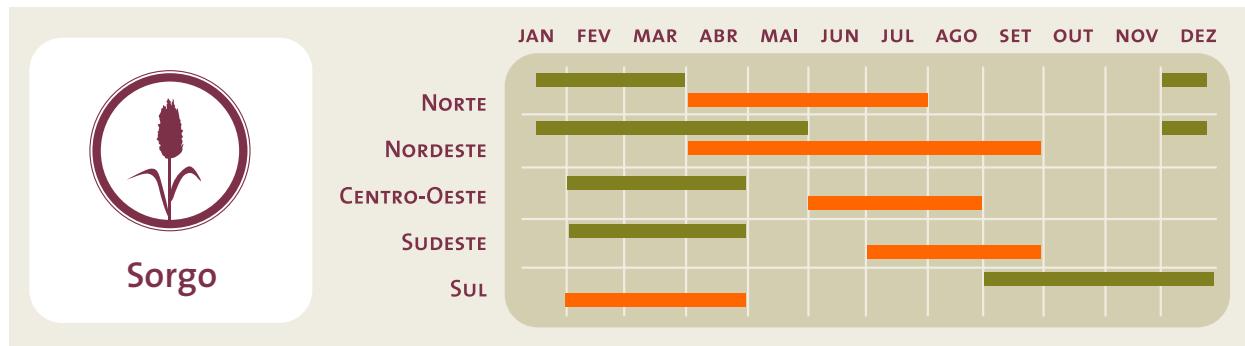
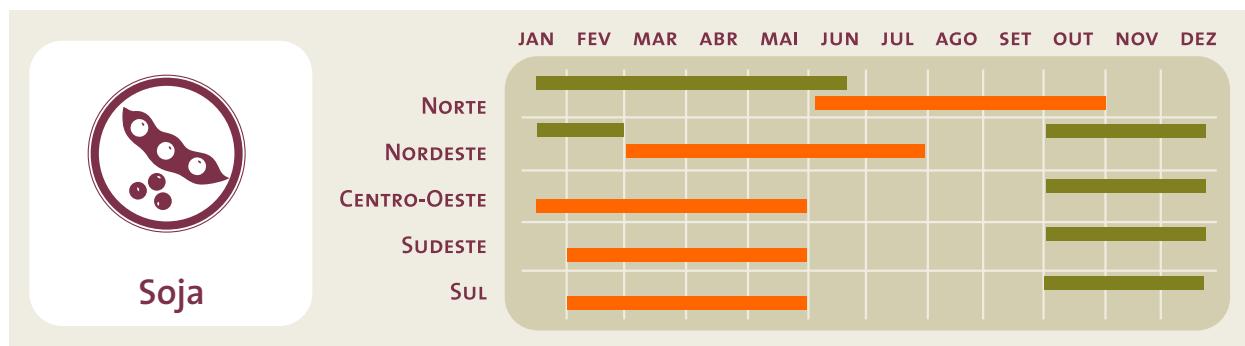
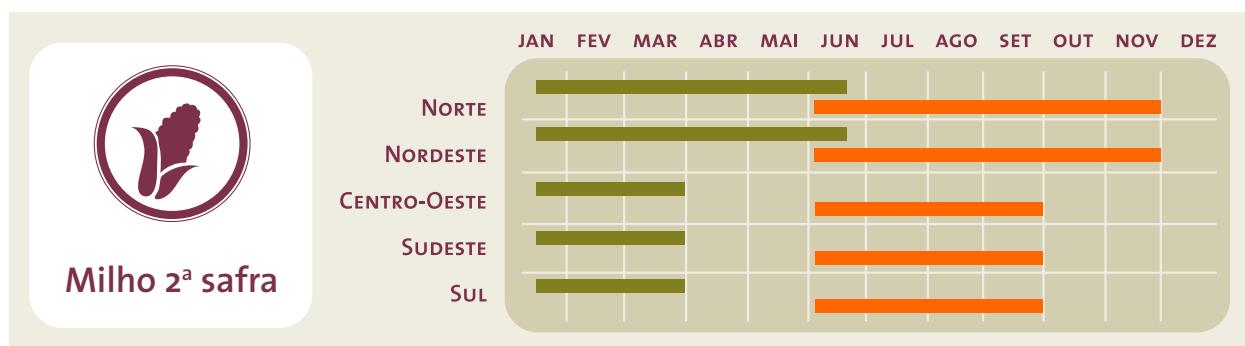


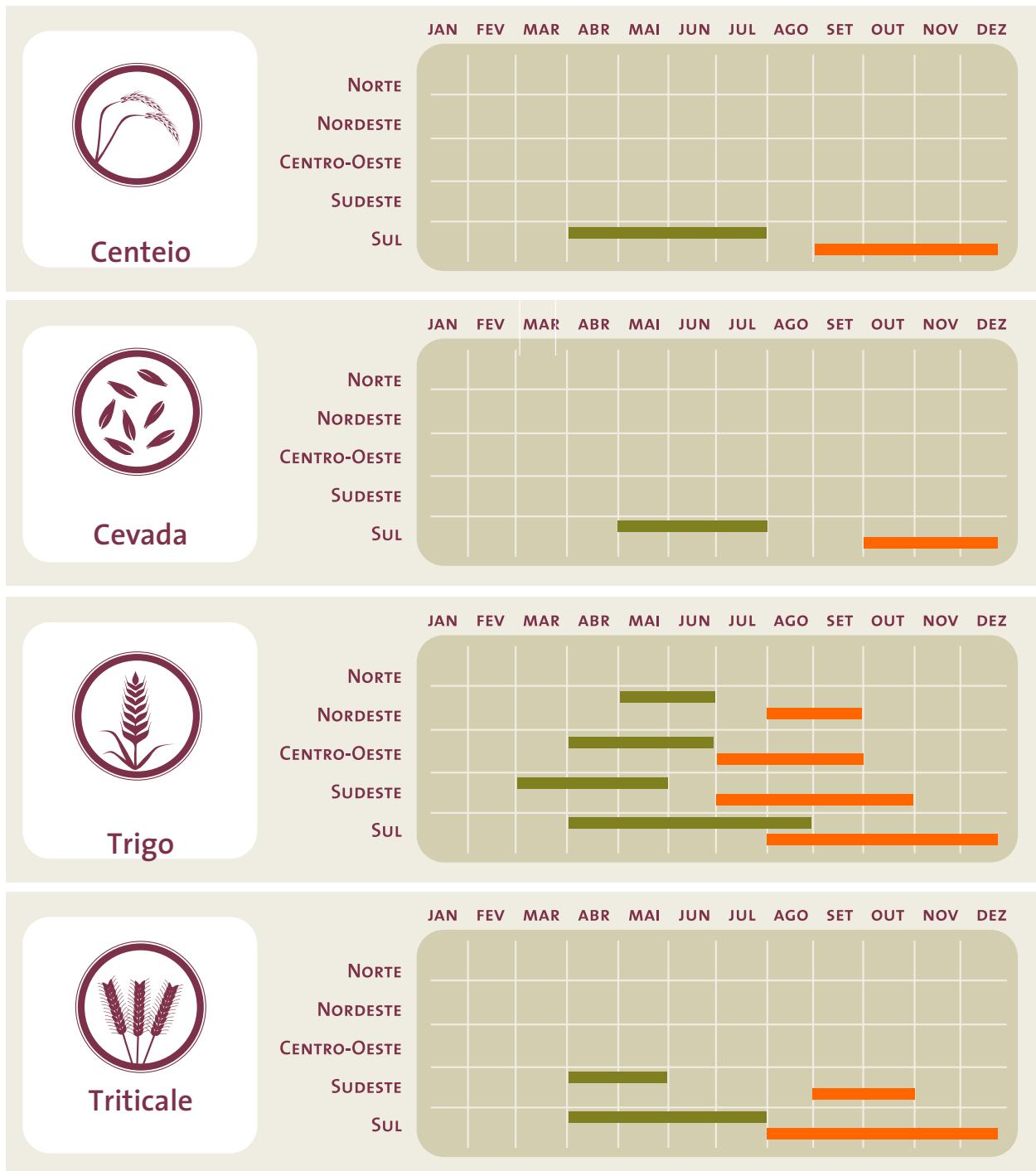
Mamona



Milho 1ª safra









Distribuição:

Companhia Nacional de Abastecimento (Conab)

Diretoria de Política Agrícola e Informações (Dipai)

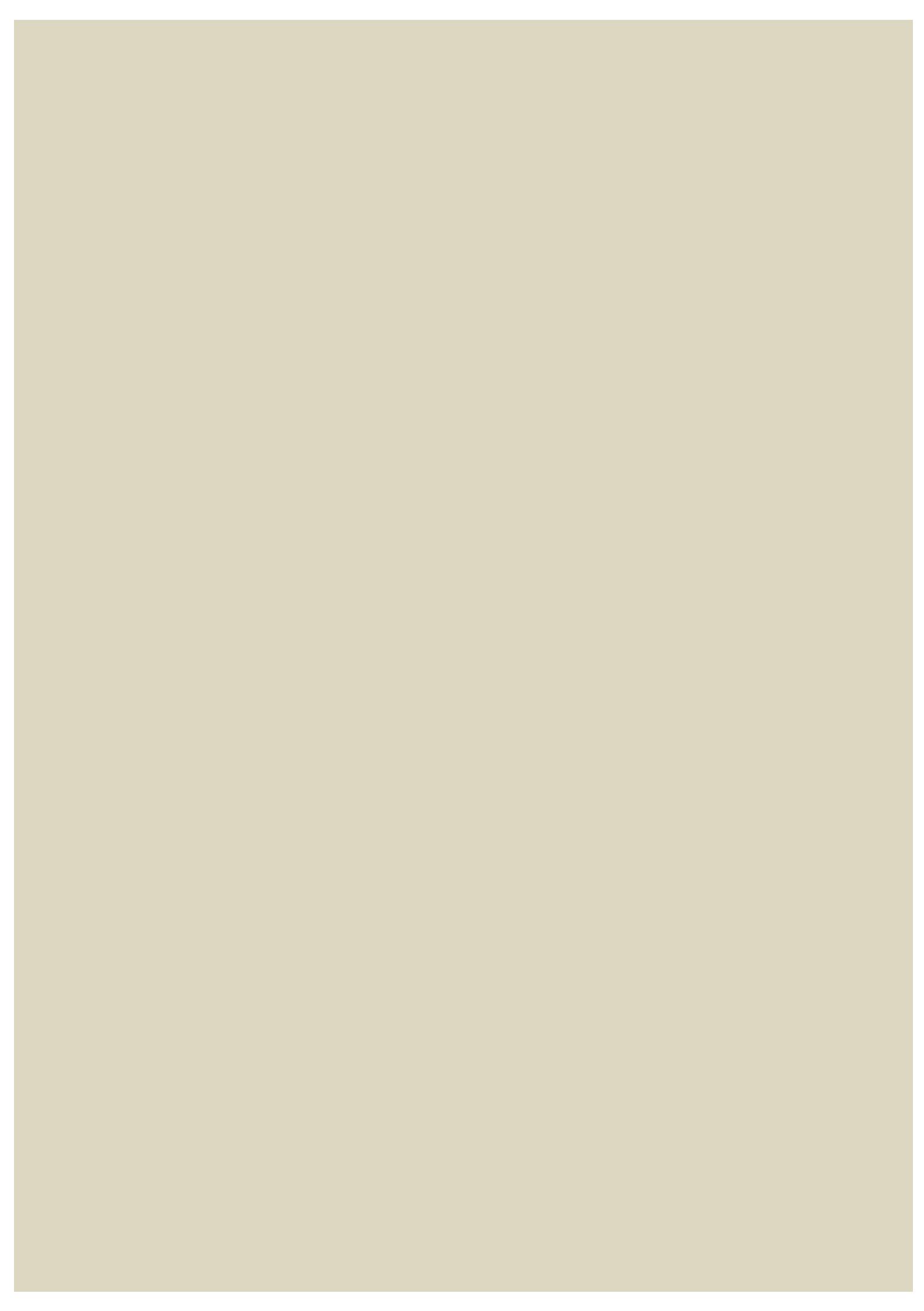
Superintendência de Informações do Agronegócio (Suinf)

Gerência de Levantamento e Avaliação de Safras (Geasa)

SGAS Quadra 901 Bloco A Lote 69, Ed. Conab - 70390-010 – Brasília – DF

(61) 3312-6277

<http://www.conab.gov.br> / geasa@conab.gov.br





MINISTÉRIO DA
AGRICULTURA, PECUÁRIA
E ABASTECIMENTO

